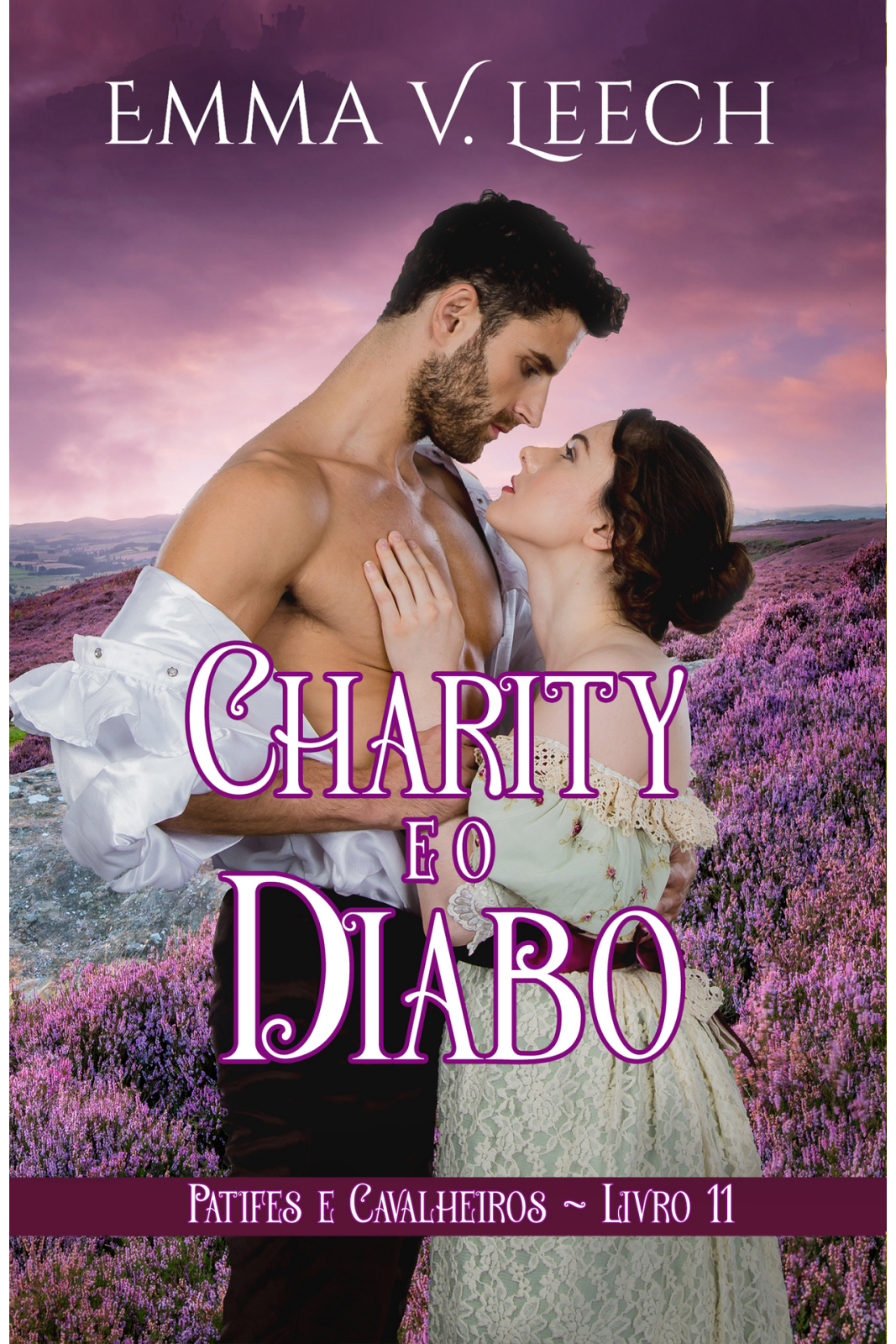


A romantic scene between a man and a woman in a field of purple flowers. The man is shirtless, wearing a white shirt with puffed sleeves, and the woman is wearing a light green lace dress. They are looking at each other and about to kiss. The background is a field of purple flowers under a sunset sky.

EMMA V. LEECH

CHARITY
E O
DIABO

PATIFES E CAVALHEIROS ~ LIVRO 11

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

EMMA V. LEECH

A romantic scene between a man and a woman in a field of purple flowers. The man is shirtless, wearing a white shirt with puffed sleeves, and has a beard. The woman is wearing a light green lace dress. They are looking at each other and about to kiss. The background is a field of purple flowers under a sunset sky.

CHARITY
E O
DIABO

PATIFES E CAVALHEIROS ~ LIVRO 11

Charity e o Diabo

Por Emma V. Leech

Charity e o Diabo

Por Emma V. Leech

Publicado por: Emma V. Leech.

Arte da capa por: Victoria Cooper

Título original: *Charity and the Devil*

Tradução: Inês Vanmuysen

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Direitos autorais (c) Emma V. Leech 2018

ASIN No.: B0CW1M51ND

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), locais, edifícios e produtos é inferida.

Índice

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Epílogo

Uma Leve Indiscrição

Capítulo 1

Sobre Mim!

Audiobooks (títulos disponíveis apenas em inglês)

Agradecimentos

Desafiando um Duque

Ousando Seduzir

Acertando as Contas com o Diabo

Filhos Ousados – Livro 1

O Lorde Indomável

A Chave para Erebus

O Príncipe Sombrio

Quer mais Emma?

Capítulo 1

“No qual o diabo encontra-se em um lugar sombrio.”



O Senhor Phillip Ogden vinha servindo à família Devlin durante toda a sua vida adulta. Ele havia alcançado a posição de administrador, o auge de sua carreira. O visconde anterior tinha sido um homem admirável, do tipo que fazia alguém orgulhoso de trabalhar para ele. Ele tinha sido politicamente ativo e muito respeitado em toda a Inglaterra. A voz da razão na Câmara dos Lordes.

O Senhor Ogden olhou para o atual visconde e suspirou interiormente. Estampando um sorriso no rosto, esperava que sua expressão demonstrasse simpatia, embora simpatia não fosse uma emoção que passasse por sua cabeça.

— Compreendo a sua situação, milorde. No entanto, como já expliquei, a família Kendall vive na Fazenda Brasted. — O Senhor Ogden olhou para os papéis que tinha na mão, registrando o fato de os ter amassado em sua agitação. — Eles são excelentes inquilinos e a família vive lá há quase um século.

Ele lembrou-se da devastação que a adorável Senhorita Kendall sentiu ao explicar as intenções do visconde quando as percebeu pela primeira vez, duas semanas antes. Ele preferia ser um consolo para ela. Mas tinha feito tudo ao seu alcance para lhes avisar do destino que os aguardava.

— Eles não têm para onde ir e...

— E daí? — As palavras eram frias, cruéis, desprovidas de interesse na situação de uma família que já tinha experimentado uma boa dose de sofrimento. — Eu preciso do dinheiro e aquele velho e gordo proprietário tem estado de olho naquela fazenda desde que eu era menino. Será uma venda rápida – como você mesmo disse – e ficarei longe das garras de Blackehart de uma vez por todas.

Até à próxima vez. O Senhor Ogden reprimiu as palavras com dificuldade. Luke Linton, o sexto Visconde Devlin, tinha um temperamento diabólico. Ele não aceitaria tais observações. Não era a primeira vez que Ogden se perguntava se a esposa do velho visconde tinha feito o sujeito de bobo, pois não havia dois homens mais diferentes em toda a Inglaterra do que o atual e o falecido visconde. Enquanto seu pai tinha sido prudente, sério e o modelo de decoro, seu filho...

Ogden cerrou os dentes. Ele tinha trabalhado cada segundo de sua maldita vida por aquilo que podia reivindicar agora, enquanto as circunstâncias tinham entregado tudo a esse homem em uma bandeja de ouro... e ele tinha destruído tudo que seu pai havia construído.

Devlin virou-se para ele e Ogden teve que lutar para encarar seu olhar. Era enervante: azul cristalino, frio e cruel.

— Eles terão pouco mais de dois meses para desocupar — disse Devlin, as palavras cortantes, indicando que outras observações sobre o bem-estar dos habitantes de Brasted Farm não seriam bem-vindas. — Saio logo pela manhã. Vou fazer a primeira etapa a cavalo e dar uma passada em Lorde Jenson, antes de acompanhá-lo até a cidade. O meu criado foi a Londres esta manhã e também pode enviar imediatamente os meus pertences. O homem de Jenson cuidará de mim por um ou dois dias. Voltarei dentro de oito semanas, altura em que espero que este assunto esteja resolvido. Está claro?

O Senhor Ogden inclinou a cabeça para reconhecer que era de fato claro. A esta altura, quanto menos ele dissesse, melhor. Pelo menos ele poderia dizer à Senhorita Kendall que tinha feito de tudo para ajudá-la, com a consciência limpa. Ele esperava que ela ficasse grata a ele por seus esforços e suspirou, lembrando-se de seu rosto adorável.

O visconde virou-se para olhar através da janela do escritório, mostrando ao Senhor Ogden a parte de trás de um casaco do melhor alfaiate do país, ajustado aos amplos ombros e ao corpo magro e musculoso. O ciúme se avivou, e Ogden resistiu, com dificuldade. Lorde Devlin tinha tudo: dinheiro, título e boa aparência que faziam as mulheres suspirarem de desejo, e o que ele tinha feito com isso? O tolo tinha gastado a sua fortuna em pouco mais de uma década, com mulheres, bebidas e jogo. Às vezes, Ogden acreditava que ele fazia isso de propósito, por despeito ao velho, sabendo que ele estaria se revirado no túmulo, mas nem mesmo Devlin era tão vingativo... ou era?

O visconde virou-se para trás, com um sorriso zombeteiro em seus lábios cruéis sugerindo que ele sabia exatamente o que Ogden estava pensando. Ogden lutou contra o rubor que subiu às suas bochechas e desejou que Devlin, treze anos mais novo, não conseguisse irritá-lo com tanta facilidade.

— O que você está esperando? — desafiou Devlin, a irritação evidente em sua voz precisa e cortante. — Já tem suas instruções, agora saia.

Ogden engoliu sua raiva e seu orgulho, curvou-se e se retirou para remoer em privacidade.

Lorde Devlin bufou quando Ogden fechou a porta do escritório atrás dele. Pobre Ogden, tentando tanto dar bons conselhos e torcendo as mãos enquanto tudo desmoronava. O homem de seu pai. Fiel até seu último suspiro e ainda tentando transmitir o conselho do velho bastardo do além-túmulo. Dev se perguntou por que ele ainda o mantinha. Alguma tendência masoquista, talvez, ou talvez ele apenas gostasse de observar a angústia do homem enquanto ele descendia ainda mais para as sombras. Seu pai tinha perdido tudo isso; ele tinha morrido assim que Dev estava começando a se destacar, embora a maioria das pessoas tivesse culpado seus excessos pela morte do velho visconde. Uma pena. Ele adoraria ter visto o horror e a angústia nos olhos de seu pai ao ver o pouco que restava de grande fortuna que ele havia trabalhado tanto para acumular.

Dev serviu-se de uma bebida. Ele levou o elegante copo de cristal aos lábios e saboreou a qualidade do licor. Quanto tempo até ele se perder em bebidas baratas em algum bar decadente? Ele quase podia sentir. Quase. Um desentendimento com o Senhor Blackehart fez com que questionasse a sua própria procura pela autodestruição. Talvez ele valorizasse a vida um pouco mais do que imaginava. Blackehart não era um homem a ser subestimado. A verdade é que ele fazia o sangue de Dev gelar, e isso não era uma tarefa fácil, daí a necessidade repentina de se desfazer da propriedade. O homem havia exigido o pagamento integral e Dev tinha que cumprir com o prometido, ou ele poderia cumprir a profecia de seu pai sobre sua morte inevitável mais cedo do que esperado. A única maneira de obter tal quantia rapidamente seria vendendo terras e propriedades, com a vantagem adicional de que seu pai o teria desprezado por isso.

A Fazenda Brasted não era grande, mas tinha um bom solo. Bom o suficiente para o cultivo de trigo e cevada, algo raro em torno de Dartmoor, que só servia para o pastoreio.

No dia seguinte, Dev iria encontrar-se com o terrível Blackehart, para lhe mostrar os papéis que tinham sido redigidos por ele e o proprietário. Quando a ideia lhe ocorreu, Dev removeu o pesado anel de sinete de ouro que continha o selo Devlin e o colocou na gaveta de sua mesa. Não duvidaria que Blackehart pegasse a camisa de seu corpo como pagamento, mas ele não poderia levar o que não existia. Ele só esperava que a prova da venda sendo posta em marcha fosse suficiente para fazer o homem esperar um pouco mais, sabendo que o pagamento seria feito na íntegra.

Livrar-se do controle do homem sobre sua vida era tentador. Ele vinha olhando por cima do ombro há semanas. Talvez depois desse encontro pudesse respirar novamente. Dev bufou. Talvez não. Ele não era tolo a ponto de acreditar que suas dívidas por si só haviam

causado sua miséria. Eram apenas sintomas de tudo.

Ele ainda não tinha certeza do que esperava alcançar, ou o que deixava a dor oca aberta em seu peito. Um desejo de destruir as esperanças e sonhos de seu pai? Oh, sim. Ele queria isso. No entanto, era mais do que isso, pela primeira vez.

Uma batida soou na porta e Dev deu meia-volta. Ele gritou para quem quer que fosse tolo o suficiente para perturbá-lo, para entrar. Para sua irritação, Ogden entrou mais uma vez. Havia uma expressão estranha e desafiadora nos olhos do sujeito que Dev quase poderia admirar.

— Uma carta para você, milorde — disse ele, imutavelmente. — Eu pensei que talvez você devesse lê-la antes de sair pela manhã.

— Deixe-a na minha mesa — murmurou Dev, servindo-se de outra bebida. Ele suspeitava que sabia de quem era a carta e sabia muito bem que Ogden reconheceria exatamente a letra da mulher em questão. Não era a primeira vez que a recebia. Sem dúvida, a Senhorita Kendall tinha pensado em outra sequência notória de ofensas com as quais assassinar seu caráter. Era preciso admirar seu vocabulário, no mínimo. Ela própria já tinha aparecido na casa em mais de uma ocasião. Dev tinha se recusado a recebê-la. A última coisa de que precisava era de uma mulher transtornada oscilando entre a fúria e as lágrimas. Além disso, não mudaria nada. O coração de Dev estava morto, enegrecido e enrugado por falta de uso. Nenhuma lágrima feminina tinha o poder de movê-lo, como muitos haviam descoberto às suas próprias custas.

Ele ficou sentado remoendo por horas. A bandeja trazida a ele para o jantar estava intacta, já o decantador em seu cotovelo, vazio. Sua cabeça girava, repassando o passado como costumava fazer e alimentando seu desespero. Quando os primeiros vislumbres da luz do dia iluminaram os céus, seu humor estava tão sombrio e impiedoso quanto um mar congelado.

Mais por tédio do que por interesse, Dev pegou a carta da Senhorita Kendall. A última o tinha feito rir alto de sua audácia, e entretenimento de qualquer tipo seria bem-vindo neste momento. Ele pegou a missiva, deslizando o dedo sob o lacre e acomodando-se para ler as palavras da terrível criatura. Ele se perguntou como ela era. Como a experiência de Dev com as mulheres era da variedade perfumada e mimada, uma mulher que viveria isolada e administrasse uma pequena fazenda estava além de sua experiência usual. Ele imaginou uma figura baixa e rechonchuda, com mãos grandes e habilidosas, um olhar vesgo e um bigode. O Senhor Ogden a conhecia, mas nunca tinha comentado sobre ela, a não ser expressado simpatia

por ela e pela situação da sua família. Se ela fosse bonita, o sujeito teria se casado com ela, não? Ele devia estar perto dos quarenta. Além disso, não era também como se houvesse muitas opções para um sujeito neste fim de mundo.

Dev examinou a missiva em sua mão e qualquer diversão que ele pudesse ter sentido sumiu quando a Senhorita Kendall analisou seu caráter com a destreza de um cirurgião. Um certo tipo de fúria incendiou seu sangue. Como ela se atrevia? Como se atrevia a escrever tal... tal...

Dev respirou profundamente, controlando-se. Ao levantar-se, cambaleou um pouco quando o conteúdo do decantador fez-se presente. Que embusteira insolente. Ora, não aguentava mais aquilo. Ela queria vê-lo, apresentar-lhe pessoalmente o seu caso e ele com certeza iria dar-lhe a oportunidade. Desta vez, no entanto, ele teria uma palavrinha com ela.

Ele causou caos nos estábulos, gritando furiosamente para que alguém preparasse seu cavalo, mesmo que ainda estivesse escuro. Homens cambaleavam no pátio, com os olhos sonolentos, enquanto vestiam calções e botas e corriam para cumprir as suas ordens.

Dev não ia à Fazenda Brasted desde criança, arrastado pelo pai para lhe mostrar as responsabilidades que um dia enfrentaria. Ele tinha uma vaga lembrança de um belo edifício de pedra e achava que se lembrava de onde era. Já fazia um bom tempo, mas ele havia cavalgado pelas charnecas quando jovem e tinha um bom senso de direção. Levaria pelo menos duas horas de viagem daqui até lá, seguindo pela estrada. Se ele atravessasse as charnecas selvagens, talvez conseguisse fazer o percurso em uma hora. Ele chegaria cedo o suficiente para surpreender a mulher até o talo. Ela ainda estaria de camisola a essa hora, e se ela pensasse que ele esperaria que ela se vestisse e se arrumasse para enfrentá-lo, ficaria muito desapontada. O pensamento o satisfez.

Com fúria e indignação ainda queimando em seu sangue, assim como a cabeça cheia de conhaque, Dev partiu para encontrar sua nêmesis.

Charity Kendall encarava o teto de seu quarto. Era o mesmo teto que encarava desde menina, sonhando com todas as coisas com que as meninas sonhavam. Pelo menos, ela achava que tinha sonhado desse jeito. Era difícil lembrar. Parecia que fazia uma eternidade desde que fora uma menina. Ela sabia que já devia estar acordada, mas sentia-se esgotada. O peso de suas preocupações parecia mais árduo a esta hora da manhã, preenchendo o quarto nas horas antes do amanhecer tomar

conta. As preocupações se infiltraram pelas cortinas diante dos primeiros raios de luz do dia, roubando o ar do quarto, esganando-a em seu abraço sufocante, pressionando-a para baixo. Ela respirou fundo, forçando o ar a entrar em seus pulmões, embora seu peito protestasse, sem vontade de se expandir. Essa lamentação toda não era típica dela. O drama e a histeria nunca foram o seu estilo. Ela deixava isso para o seu irmão gêmeo, Kit. Ele era o dramático da família, cheio de romance, fogo e reflexões sombrias. Charity não tinha energia suficiente para considerar o que deveria fazer para o jantar, muito menos encontrar raiva suficiente para que sua “arte” fosse mal compreendida. Não que ela tivesse algo artístico dentro de si. Ela não tinha um osso criativo no corpo.

Em seus momentos livres, entre administrar uma fazenda e criar uma família, ela considerava suas opções. Havia duas fazendas abandonadas na região. Charity esperava transferir a família para a que mais se adequasse. Ao visita-las, porém, descobriram os edifícios em estado de decadência, a terra doente por negligência, e uma série de tarefas tão avassaladoras que levaria anos para dar a volta por cima. Anos e muito dinheiro que eles não tinham.

A única solução era ir a Bristol, como o tio lhes implorava. Ele morava lá com sua família, mas gostava de suas sobrinhas e sobrinhos. Ela sabia que o homem se preocupava com eles. Como era médico, ele poderia ficar de olho nos problemas de saúde de Kit também. No entanto, viver em uma cidade, deixar para trás as charnecas e este lugar que tinha sido a sua casa desde o nascimento... partia-lhe o coração.

O punho de Charity bateu no travesseiro enquanto ela o deixava em um formato mais confortável e se virava de lado com um bufar. Havia uma coisa que *poderia* deixá-la com raiva, não importava o quão exausta ela estivesse. A raiva era uma descrição desesperada e frágil da fúria que enchia as suas veias. Muito mais do que uma mera raiva. Era possível que ela pudesse até mesmo causar danos corporais ao odioso homem, caso os dois estivessem juntos em uma mesma sala. Lorde Devlin devia saber disso também, pois ele se recusou a vê-la, apesar das muitas vezes que ela o visitou.

A frustração queimava tão intensamente que ela se viu reduzida a escrever cartas cruéis para extravar a raiva. Sua última carta a mantinha acordada. Ela suspeitava que poderia ter ido longe demais.

Só um pouquinho.

Ela engoliu em seco, incapaz de mover a sensação de tijolo pesado que parecia estar em algum lugar em sua garganta. Está bem, mais do que um pouquinho. Ela pressionou as mãos nas bochechas. Eles

estavam aquecendo sob suas palmas bastante suadas. Oh, meu Deus. O que ela tinha feito? Não era como se o homem odioso se importasse com o que acontecia com ela e com aqueles que ela amava. Nenhuma raiva, lágrimas, súplica ou gritos teriam feito com que ele mudasse de ideia. Ela sabia disso, mas a impotência de não poder fazer nada enquanto ele jogava sua família na rua como lixo... bem, isso tinha desequilibrado sua mente. Temporariamente, é claro, acrescentou Charity, imaginando levar seu caso perante um magistrado. O que era muito provável se Devlin alguma vez visse essa carta. A náusea a revolia e seu estômago se contraía e retorcia, mas antes que ela pudesse se entregar a uma rara demonstração de autopiedade e chorar copiosamente, a porta do seu quarto se abriu abruptamente.

— Charity, oh, Charity!

Charity se assustou e jogou para trás as cobertas quando sua irmã de sete anos voou para seus braços, agarrando-a pela cintura. Seu irmão, John, três anos mais velho de Jane, estava parado, pálido e sério, ao passo que a menina chorava intensamente.

— O que foi que aconteceu agora? — quis saber Charity — O que houve?

— Oh, oh, não deixe que eles o levem embora, Charity — implorou Jane, segurando a camisola de Charity em suas mãos. — Foi um acidente! Ele não queria matá-lo.

— O que foi? — ofegou Charity, notando com horror que John apenas engoliu em seco em vez de intervir e dizer a Jane para não ser tão boba como ela esperava. — Matar quem? O que foi que aconteceu?

— Foi um acidente, Charity — disse John, sua voz trêmula com o esforço de manter a calma. — Eu juro.

— Bem, é claro que foi — murmurou Charity. — Não há dúvida disso.

Ela sentou-se, com a mente trabalhando a mil, movendo as pernas para fora da cama, preparando-se para se levantar e agarrando uma peça desbotada para colocar por cima do seu vestido de dormir.

— O que vocês estavam fazendo lá fora a uma hora dessas? Espere... não. Não quero saber.

Ela levantou a mão para interromper sua resposta e gemeu. Ela conseguia enxergar agora. John estava determinado a ser o homem da família, pois Kit passava a maior parte do tempo com a cabeça nas nuvens e a mente na poesia. Ela conseguia enxergar agora. O menino havia saído sorratamente para caçar coelhos, e sua dedicada irmãzinha o tinha obrigado a levá-la com ele apesar de suas protestos.

— Eu peguei dois — respondeu John, um pouco insolente, apesar das circunstâncias e do fato de que ela o proibiu expressamente de deixar a fazenda antes do amanhecer e nunca, nunca, sozinho.

Charity suspirou e sentou-se novamente, enquanto Jane cruzava os braços ao redor da cintura, agarrando-se como um molusco, soluçando. Ela acariciou o cabelo da irmã mais nova. — É melhor você me dizer, e rápido.

— Ele apareceu do nada — disse John, parecendo que poderia passar mal a qualquer momento. — Eu estava prestes a mirar e, de repente, esse enorme cavalo apareceu por trás do rochedo. Assustou-nos tanto que o meu dedo apertou o gatilho.

Jane chorou com mais intensidade enquanto John contava a triste história. — O cavalo empinou, gritando e o sujeito tentou controlá-lo, mas não conseguiu. Ele caiu e-e b-b-bateu a cabeça em uma rocha e havia sangue por toda parte e-ele era ficou t-t-tão imóvel, Charity. — John engoliu em seco, com lágrimas nos olhos, seu peito estreito arfando.

Charity se levantou e deu a John um abraço reconfortante, sua expressão era calma. — Não se preocupe. As feridas na cabeça podem sangrar prodigiosamente, não significa que o sujeito esteja morto. Jane, vá buscar Kit, diga-lhe para ir buscar o Senhor Baxter e trazer a carroça, e depois vá terminar as suas tarefas, vai ficar tudo bem. John, é melhor você ir me mostrar.

John assentiu, parecendo um pouco mais corajoso enquanto a levava para fora do cômodo e descia as escadas.

Capítulo 2

“No qual um corpo jaz sozinho na charneca.”



Charity não era uma garota fantasiosa. Lendas abundavam esta parte de Dartmoor, cheias de fantasmas, fadas e espíritos, mas nenhuma delas jamais despertou sua imaginação. Ela estava muito ocupada tentando manter sua família alimentada e a fazenda funcionando para ter tempo para um ataque de nervos ou se entregar a devaneios. Enquanto caminhava pela charneca agora, no entanto, à procura de um corpo possivelmente morto enquanto a neblina subia nas primeiras horas da manhã, sua pele formigava com crescente apreensão. Havia algum sexto sentido pesando sua consciência, avisando-a de que o que aconteceu hoje teria consequências além de qualquer coisa que ela pudesse imaginar.

Ela estremeceu, embora não estivesse frio, segurando firmemente o casaco ao redor de si mesma. Quando John deu um grito, Charity se virou e gesticulou para Kit, que estava seguindo mais atrás com a carroça. O seu irmão gêmeo não devia estar fora de casa na umidade da manhã, a sua saúde era demasiado frágil, mas não havia outra opção. Se houvesse um corpo, ela não seria capaz de colocá-lo na carroça apenas com a ajuda do Senhor Baxter, o seu faz-tudo.

Para sua consternação, enquanto se apressava em direção ao irmão mais novo, descobriu que suas palavras não eram as de um menino histérico, assustado com a escuridão e uma imaginação hiperativa.

Ele era um homem grande, bonito também, apesar do sangue e da sua aparência desarrumada. Seu cabelo era preto, sua pele possuía uma tez verde-oliva que era impressionante, mesmo com sua palidez atual. Com alívio, Charity encontrou seu coração batendo forte e regular sob seu peito largo.

— Ele está longe de estar morto, John — disse ela, dando ao irmão um sorriso reconfortante.

John sentou-se no chão úmido com um baque e colocou a cabeça nas mãos. Charity bagunçou seu cabelo, mas não disse nada, dando ao jovem um momento para se recompor.

— Nocauteou o sujeito, hein? — disse Kit, observando o corpo ao se aproximar.

Charity assentiu quando Kit e o Senhor Baxter se aproximaram. Ralph Baxter e sua esposa Beryl estavam na Fazenda Brasted desde

antes do nascimento de Charity e trabalharam para seus avós e pais. A fazenda era tudo o que conheciam. O Senhor Baxter era magro e esguio, já sua mulher era redonda, e a sua sombra em um dia ensolarado. Eles eram um casal estranho, mas faziam parte da vida da Charity e da fazenda tanto quanto as pedras antigas do próprio edifício. Ela se perguntou o que aconteceria com eles agora, mas afastou os pensamentos sentimentais e voltou sua atenção para o problema em questão.

— Senhor Baxter, pegue os ombros dele, Kit e eu vamos pegar uma perna, cada.

Baxter franzindo a testa para o corpo. — O sujeito causará problemas, marque minhas palavras — disse ele, com a voz carregada de presságios enquanto cuspiu no chão aos seus pés. — Havia um corvo morto no pátio ontem à noite. É um baita *dum* mau presságio.

Charity reprimiu, com dificuldade, o desejo de revirar os olhos e praguejar. Ela olhou para cima e viu os cantos dos lábios de Kit se contorcerem com diversão. Seu irmão sabia de seu ceticismo por qualquer coisa que ela não pudesse ver com seus próprios olhos. — Ótimo — disse ela, rapidamente. — Agora, vamos levá-lo para casa e ver se não podemos tratá-lo.

Eles tiveram um trabalho dos diabos para colocá-lo na carroça que usavam para ir ao mercado. O sujeito pesava uma tonelada e entre Charity, a estrutura magra de Baxter e a saúde precária de Kit, tiveram um trabalho e tanto. Com pesar, Charity observou que se o homem não teve uma concussão antes de ser colocado na carroça, ele certamente teria uma depois.

— Charity — disse Kit, olhando para o estranho a seus pés enquanto voltavam para a fazenda. — Olhe para suas roupas.

Charity assentiu. O elegante colete de seda e o casaco lindamente costurado que o homem usava não passaram despercebido por ela. Ela também notou as mãos dele: mais macias que as dela, apesar de ele ser musculoso. Não se tratava de um homem que trabalhava para viver. Ele era um verdadeiro cavalheiro, quem quer que fosse. Ela esperava que ele não fosse do tipo vingativo, determinado a causar problemas.

— O que diabos ele estava fazendo aqui a esta hora da manhã? — perguntou-se ela.

Isolada, a Fazenda Brasted era a única residência na região e situava-se em uma estrada que não levava a lugar algum, com a vila mais próxima a uma hora de distância. Eles tinham vizinhos a apenas meia hora de distância, quando o casal de idosos tinha desistido e se mudado para estar mais perto dos seus filhos e da civilização. A vida

em Dartmoor era difícil e implacável, e os invernos eram cruéis. Era preciso ser forte para sobreviver aqui. Forte, teimoso e estúpido, Kit diria com seu sorriso torto.

— Provavelmente, perdeu-se — disse Kit, com a expressão pensativa. — Você sentiu o cheiro da respiração dele? O sujeito estava bêbado como um gambá, provavelmente por isso que ele não pôde controlar aquela montaria chamativa dele. — Ele lançou um olhar bastante cobiçoso na direção do enorme cavalo preto amarrado na parte de trás da velha carroça. Não era de se admirar que tivesse assustado John, emergindo das névoas como um monstro negro. — O cavalo mais bonito que já vi — acrescentou Kit, com um suspiro. — Deve ter custado os olhos da cara.

— Você também poderá pagar por essas coisas, quando for um poeta famoso — disse Charity, solenemente.

Kit sorriu para ela, seu rosto bonito iluminando-se com a piada familiar, e o coração dela doeu por ele. Os poetas passavam suas vidas famintos vivendo em sótãos e ambos sabiam disso muito bem – isto e morriam jovem. O fato de que Kit provavelmente estava condenado a fazer exatamente isso era algo que Charity se recusava a contemplar, daí as piadas sobre ele ser rico e bem-sucedido. Seria diferente com Kit. Tinha de ser.

Quando a Fazenda Brasted despontou, pela primeira vez, os céus mostraram um azul glorioso. A vastidão da charneca era uma paisagem dramática, com vistas de longo alcance, e a fazenda era uma construção de granito imponente, com telhado de ardósia cinza. Ela se aninhava no campo, teimosa e um pouco sombria, presidindo um conjunto de anexos, desafiando as charnecas a mostrarem sua força máxima. Alguns pinheiros atrofiados se agrupavam no escasso abrigo do murinho de pedra cinzenta, torcido e rugoso, que cercava a fazenda, desafiando o vento ao norte.

Charity adorava aquilo ali.

— Veja só! — gritou John, de sua posição na frente da carroça ao lado do Senhor Baxter. — Há alguém na fazenda.

Charity inclinou o pescoço para olhar e exclamou de alegria. — Tio Edward!

— Quem mais poderia ser? — questionou Kit, de pé na parte de trás da carroça para ter uma visão melhor. — Ora, ora, diabos me levem.

Baxter bufou, virando a cabeça para dar ao corpo ainda inconsciente na carroça um olhar de profunda desconfiança. — Sim, todos nós seremos levados pelo diabo, eu acho. Quem quer que esse

sujeito seja, tem a sorte do diabo.

Depois de cuidar de seu paciente, tio Edward — que por feliz coincidência era médico — sentou-se para tomar um café da manhã animado com seus sobrinhos e sobrinhas.

— Ora, ora, isso que eu chamo de ser bem recebido — disse ele, com os pelos brancos nas bochechas eriçando enquanto ele sorria para o prato carregado de bacon, ovos e pão frito que a Senhora Baxter colocou diante dele.

— Ninguém faz o café da manhã como a velha Batty — concordou Kit, enchendo a boca com bacon enquanto a senhora em questão batia em sua orelha com força.

— Cuidado com a língua, seu terrível patifezinho — repreendeu ela, embora houvesse diversão em seus olhos e nenhum afeto por trás das palavras.

— Desculpe-me, Batty — murmurou Kit, com a boca cheia de bacon, seus olhos castanhos brilhando de alegria.

Baxter bufou e voltou sua atenção para fritar mais bacon enquanto Charity enchia a xícara de chá de seu tio.

— Você realmente acha que ele vai ficar bem? — perguntou ela, ainda ansiosa porque seu visitante não tinha acordado.

Edward lançou-lhe um olhar simpático antes de pegar seu chá. — Ferimentos na cabeça são coisas complicadas — disse ele, repetindo as palavras ditas de manhã cedo. — Eles podem fazer coisas estranhas a um sujeito, mas ele é jovem, em forma e forte. Como eu disse, ele machucou gravemente o braço e o ombro na queda. Nada foi quebrado, pelo que pude perceber, mas ele vai sentir um baita de um arrependimento quando acordar. Deixei láudano por causa da dor e as instruções escritas para o seu tratamento. — Ele abaixou sua xícara de chá e pegou sua faca e garfo novamente, espetando outro pedaço de bacon. — Receio que você terá um hóspede por alguns dias, dependendo de como ele se recupera.

Charity assentiu, mordendo o lábio. Eles tiveram a sorte de o homem ter caído nas mãos deles durante uma das visitas de seu tio. Foi uma longa viagem de Bristol para o seu parente mais próximo, que não era mais tão jovem como antigamente. Ele era um homem gentil e se preocupava com Kit, depositando tanta fé quanto eles no médico local.

— E como você está, Kit? — indagou Edward, esforçando-se para parecer indiferente. — Eu terei que partir novamente amanhã, mas irei te avaliar antes de ir.

Houve um lampejo de irritação nos olhos escuros de Kit antes de ele colocar um sorriso no rosto.

— Estou pronto para enfrentar qualquer desafio, tio — respondeu ele, seu sorriso se transformando em uma careta. — Você sabe que o verão é sempre melhor para mim.

— *Hmph* — respondeu Edward com a voz hesitante. — Até que as coisas fiquem difíceis.

Kit suspirou e gesticulou para o céu sem nuvens do lado de fora da janela. — Eu soube de fontes seguras de que será um verão longo e quente — disse ele, piscando para Charity.

Outra das previsões do Senhor Baxter, embora tivesse dito que seria demasiado quente e demasiado seco, os frutos não passariam de balinhas e o sua horta morreria de sede. Ralph Baxter sempre foi uma luz brilhante na escuridão.

— Há uma primeira vez para tudo, suponho — disse Edward, rindo enquanto voltava sua atenção, com entusiasmo, para o café da manhã.

O som da conversa e do riso filtrando sua mente nublada foi o primeiro indício de que Dev não estava em seu próprio lar. *Risos e lar* eram palavras que não combinavam. A dor penetrou em seu cérebro sensível enquanto tentava abrir os olhos e um quarto desconhecido começou a se materializar diante de seus olhos: pintado de branco e com pesadas vigas de carvalho. Ele sibilou para a luz do sol que inundava através de uma janelinha de chumbo e protegeu os olhos com o braço.

— Oh, eu sinto muito!

Uma voz feminina o assustou e ele tentou focar o olhar na figura embaçada que correu para a janela. Quem quer que fosse, puxou as cortinas, bloqueando a luz do dia.

— Eu só vim para ver como você estava. Não fazia ideia que estava acordado.

Dev engoliu em seco e tentou sentar-se, mas sua cabeça girou e a dor atravessou seu braço, que parecia pesado e estranho.

— Oh, não faça isso — repreendeu a mulher, com a voz bastante severa. — Aqui, você deve estar com sede.

Um braço esguio, mas surpreendentemente forte, deslizou por trás de seu pescoço. Ela apoiou sua cabeça latejante e trouxe um copo de água para seus lábios ressecados. Dev bebeu com vontade, grato apesar da indignidade de depender da misericórdia de uma mulher

desconhecida. O que o diabo tinha acontecido com ele?

— Perdoe-me — disse a voz, tornando-se cada vez mais distante e etérea. — Temo que haja um pouco de láudano nela. O meu tio é médico e disse que deveria descansar o máximo possível. A propósito, sou a Senhorita Charity Kendall — acrescentou. — Como se chama, senhor?

Dev piscou, a confusão inundando sua mente cansada. Onde ele estava?

— Eu sou... — Ele hesitou, sentindo-se assustado e chocado com a aspereza de sua voz. Um nome persistia, quase ao seu alcance, na ponta de sua língua. Era um nome importante, mas...

Maldição. Quem era Charity Kendall?

Ele encontrou um par de olhos castanhos largos observando-o, cheios de preocupação. Bem, ele podia dormir um pouco se aqueles olhos o vigiassem. A pergunta desconcertante de por que ele dentre todas as pessoas precisava de caridade circulou seu cérebro sem uma resposta clara até adormecer, e o láudano, o levassem para o mundo dos sonhos.

— Alguma coisa?

Charity levantou a cabeça quando Kit enfiou a cabeça por trás da porta.

— Não. Ele acordou por um momento, mas parecia um tanto desorientado. Coloquei uma gota de láudano na água dele, para que durma por algum tempo. — Ela mordeu o lábio, olhando para a grande figura com alguma desconfiança e quase nenhuma curiosidade.

Kit entrou no cômodo e lançou um olhar sombrio na direção do sujeito antes de colocar as mãos nos ombros de Charity. Virando-a, ele a guiou para fora do cômodo.

— Ele não é um cordeirinho órfão que precisa ser alimentado, nem o menor da ninhada, nem um patinho feio — disse ele, fechando a porta para a figura adormecida. — Então não vá tentar consertá-lo. Tio Edward fez isso e, assim que estiver em forma, ele seguirá seu caminho.

— Kit — começou Charity, cruzando os braços e virando-se para encará-lo. — Não tenho intenção...

— Claro que tem — disse Kit, com uma expressão de pena em seus olhos. — Você não consegue se controlar. Você dedicou sua vida a cuidar desta fazenda, do Senhor e Senhora Baxter, de mim, John e Jane, e qualquer outra responsabilidade que caia em seu colo. Pelo

amor de Deus, Charity, e quanto a você?

Charity encarou-o furiosamente, a discussão familiar mexia com medos e incertezas que ela preferia evitar.

— Você sabe que ser expulsa deste lugar pode ser a melhor coisa que já aconteceu com você — continuou Kit, implacável agora. — Você será forçada a sair para o mundo real, poderá até começar a viver para si mesma, em vez de se esconder aqui, enterrada viva.

— Oh, não me venha com seus dramas, Kit — sibilou Charity, virando-se no corredor estreito para lhe lançar um olhar de desdém. — Não tenho paciência nem estômago para isso. — Ela estalou a língua e balançou a cabeça. — Enterrada viva, francamente — murmurou ela, revirando os olhos para ele antes de descer as escadas. Kit podia ansiar por Londres, por fama e notoriedade, pela sociedade de colegas artistas, mas ela não. Ela tinha desistido de quaisquer devaneios de casar e criar a própria família. Aos vinte e cinco anos, com uma fazenda e duas crianças para sustentar, ela tinha família suficiente e nenhum tempo para devaneios. — Agora, se você me der licença — acrescentou ela. — Tenho trabalho a fazer.

Ela não viu o vislumbre de preocupação nos olhos de seu irmão quando fechou a porta atrás de si, mas não precisava ver. Estava sempre lá; a preocupação de como ela se viraria sem o dinheiro que ele fornecia com sua escrita, por mais escasso que fosse. Ele parecia bem o suficiente agora, e ela rezava para que ele continuasse assim, mas nenhum dos dois era assim tão romântico. A doença do peito, ou tuberculose, como seu tio se referia a ela, era uma doença hereditária maligna e uma que a vida aqui na Fazenda Brasted não fazia nada para impedir. Ela tinha matado seus pais e Kit acreditava que ele não chegaria à velhice. O pouco que tinham experimentado no passado contradizia essa suposição.

Então, ele queria que ela saísse para o mundo, para encontrar um marido que a apoiasse e fosse gentil com John e Jane. Como diabos ele supunha que ela poderia conseguir isso sem deixá-los para se virarem sozinhos...? Ela bufou com a ideia. Não sobreviveriam até o fim da semana sem ela. O pensamento era reconfortante, justificando sua falta de entusiasmo para enfrentar o mundo real. O mundo aqui era bastante real para ela, muito obrigada.

Com essa questão resolvida, pelo menos em sua mente, Charity arregaçou as mangas e dirigiu-se para a cozinha.

Capítulo 3

“No qual você deveria deixar os diabos adormecidos.”



Charity encostou o pano frio na testa do homem estranho e ele suspirou, agitado. A dor contorcia seu belo rosto, embora sua cor tivesse por fim melhorado. Ele parecia estar na casa dos vinte, quase trinta anos, sua mandíbula era forte e quadrada, sua barba espessa e escura depois de dias sem barbear. Seu cabelo era preto da cor do azeviche com tendência a enrolar. Charity afastou o cacho de seu rosto.

— Calma, calma — confortou-o, lembrando-se das noites que cuidava de John e Jane durante as doenças da infância, e mais recentemente Kit enquanto ele se debatia e suava, queimando de febre.

Kit iria repreendê-la se soubesse que ela estava ali. Ele havia instruído que o cuidado do rapaz seria confiado ao Senhor e à Senhora Baxter, mas acordar e ver Senhor Baxter seria o bastante para dar uma enxaqueca a qualquer um, e a pobre Batty já tinha problemas demais para resolver. Não que ele fosse um homem bonito, mas Charity estava extremamente curiosa sobre ele. De modo algum. Era seu dever cristão fazer o papel de o Bom Samaritano. Seu nome a remetia a isso diariamente, mas, para falar a verdade, ela frequentemente alimentava pensamentos pouco caridosos sobre aquele homem.

Já tinha se passado três dias desde que o encontraram, e ele havia acordado em intervalos estranhos, murmurando incoerentemente. Kit esteve com ele nessas ocasiões e disse que nada de sensato havia passado pelos lábios do sujeito, muito menos seu nome. Então, um estranho ele permaneceu.

Era mais um dia quente, o verão em pleno florescimento enquanto junho dava lugar a julho. Charity esticou o braço até a bacia de água fresca na mesa de cabeceira da cama e torceu o pano mais uma vez. Quando ela voltou para pressioná-lo contra a cabeça dele mais uma vez, ela arquejou de surpresa.

Um par de olhos azuis surpreendentes olhava para ela, brilhantes e lícidos e em total contraste com a sua coloração. Eles eram um azul pálido, um tom bastante inquietante e penetrante, e a observavam.

— Meu Deus, você me deu um susto — disse Charity, cobrindo o coração com a mão livre e corando um pouco. Ela podia viver no meio do nada, mas a impropriedade de estar no quarto de um homem

sozinha não lhe passava despercebida. — Como você está se sentindo?

Ele piscou, e ela não pôde deixar de invejar seus cílios grossos e escuros enquanto eles se curvavam para baixo e brevemente escondiam aqueles olhos perturbadores.

— Com sede — respondeu ele, com a voz cautelosa.

Charity supôs que ele devia se sentir bastante deslocado e estranho depois de um tombo daqueles. Ela abaixou o pano, alcançando água para servir-lhe água fresca. Novamente, ela usou seus braços para levantar sua cabeça antes de levar o copo aos seus lábios. Ele bebeu do copo até o último gole, mas recusou um segundo e fechou os olhos enquanto ela o acomodava de volta nos travesseiros.

— Como está a sua cabeça? — perguntou ela, com o coração batendo um pouco mais rápido conforme a possibilidade de obter respostas para suas perguntas se tornava realidade. Então ela se lembrou de como ele havia chegado ali, e a ansiedade aumentou em seu peito. E se ele também se lembrasse e culpasse o pobre John?

— Como se tivesse sido atingido por um coice de cavalo. Repetidamente — acrescentou, um tanto ríspido. — O que aconteceu?

— Você caiu — disse Charity, rezando para que Deus a perdoasse por não ser totalmente verdadeira. — Acredito que um coelho ou algo assim tenha assustado seu cavalo e você tenha perdido o controle. Você bateu com a cabeça em uma pedra quando caiu.

Uma expressão desdenhosa tomou conta de seu rosto e seu olhar tornou-se glacial. — Que absurdo. Sou um excelente cavaleiro.

Charity abriu e fechou a boca de surpresa, um pouco espantada. — Bem, mesmo assim, você *realmente* caiu e bateu com a cabeça.

Como que para confirmar suas palavras, ele levantou a mão, com os dedos tocando o curativo que envolvia sua cabeça. Ele fechou a cara.

— Há quanto tempo? — exigiu saber ele, franzindo a testa.

— Há três dias — disse Charity.

Ele franziu ainda mais a testa, mas não disse nada, olhando ao redor do cômodo com crescente confusão.

— Onde estou? — Sua respiração tornou-se ofegante e ele tentou se sentar, usando o braço ferido para se apoiar, soltando um grito de dor ao descobrir a lesão.

— Está tudo bem — disse Charity, mantendo a voz calma. — Você está seguro. Você está na Fazenda Brasted, apesar de não fazermos ideia do que esteja fazendo aqui. Estamos muito longe da civilização.

— Fazenda Brasted — repetiu ele, com a respiração ainda ofegante enquanto balançava a cabeça. — Não me lembro. Não sei...

— Bem, não se preocupe com isso. — Ela sorriu, na esperança de afastar o medo de sua expressão. — Vamos começar com algo fácil. Sou Charity Kendall, e a quem tenho o prazer de me dirigir?

Para sua consternação, o terror e a confusão em seu rosto só aumentaram. Seus olhos se arregalaram quando ele respirou fundo antes de responder.

— Não sei.

Baxter balançou a cabeça e tirou o cachimbo de barro da boca. Ele soltou uma nuvem de fumaça no quarto e estreitou os olhos, movendo o cabo do cachimbo para pontuar cada palavra.

— O homem não tem boas intenções. Muito suspeito, o sujeito. Não acredite em uma palavra vinda dele. *Hah*, não se lembra quem é? Ele não quer, isso que eu acho.

Charity ignorou a voz sombria no canto e voltou-se para Kit. Ele estava olhando para o nada, com uma expressão extasiada em seu rosto.

— Que estranho — disse ele, parecendo bastante intrigado com a possibilidade. — Imagine acordar um dia e não ter a menor ideia de quem você é. Todas as suas preocupações, responsabilidades... desaparecerem.

Com um bufo, Charity cruzou os braços e franziu um pouco a testa. — Bem, você não precisa parecer tão invejoso — disse ela, com um tom ácido e um tanto irritado. — Tenho certeza de que todos sabemos que você prefere estar em qualquer outro lugar a estar aqui, mas o que devemos fazer com ele?

Kit respondeu com um olhar reprovador, mas deu de ombros. — O que diabos podemos fazer? Tio Edward disse que os ferimentos na cabeça podem fazer coisas peculiares com uma pessoa. Bem, aqui está a sua prova viva.

O Senhor Baxter bufou, murmurando entre dentes, saboreando a desgraça que estava prestes a se abater sobre eles por não seguirem seu conselho e se livrarem do pobre sujeito na charneca.

Charity lançou-lhe um olhar impaciente e virou-se para Kit. — Mas pode haver pessoas preocupadas com ele. Pelo que sabemos, há uma equipe de busca à sua procura agora.

— E daí? — quis saber Kit, pegando o livro que estava lendo antes que ela o interrompesse. — E daí? Se houver, eles virão para aqui no

fim das contas. — Ele folheou as páginas para encontrar onde tinha parado e depois suspirou enquanto Charity mantinha o olhar sobre ele. — Oh, muito bem. Vamos fazer perguntas. Isso significa ir para a cidade.

— Como se você se importasse — disse Charity, com um bufo. Sair de casa e estar entre qualquer tipo de civilização era o paraíso para Kit. Os únicos motivos pelos quais ele permanecia neste lugar isolado eram um sincero apego à sua família e a convicção de que um poeta deveria levar uma vida solitária e difícil para alimentar sua musa... ou alguma bobagem do tipo. Charity não tinha certeza de qual razão ele considerava mais válida.

Kit sorriu, assentindo. — É verdade. Estou carente de conversas inteligentes. Não que eu vá encontrar muito em um fim de mundo como Tillforth, mas ainda assim. — Ele largou o livro no chão para se salvar da almofada que ela lançou em sua direção.

— Conversa inteligente, até parece — respondeu Charity, aborrecida, embora Kit estivesse rindo agora, e ela sabia que ele tinha dito isso de propósito para irritá-la. — Beber demais e agir como um tolo com aquelas pessoas que você chama de amigos, eu aposto. — Com um digno resmungo de desprazer, ela virou as costas para ele e voltou para sua costura enquanto ele ria e pegava seu livro, sem se arrepender. Ah... irmãos.

— Trouxe o seu almoço. Oh! — Charity olhou ao redor surpresa ao descobrir a cama vazia e seu convidado misterioso parado na janela.

Ela sabia que ele era um homenzarrão, mas de alguma forma vê-lo parado em seu pequeno quarto de hóspedes fez com que ela percebesse isso com mais intensidade. Ele era alto, com ombros largos e pernas longas. Seus músculos eram magros e ele exalava uma aura de energia inquieta. Ela sentia que ele era um homem que odiava ficar sem fazer nada, e facilmente se entediava. Kit lhe emprestara uma camisa limpa, pois a dele havia sido manchada de sangue, mas o estranho era mais largo e o material esticava bastante nas costas.

Ele tinha estado quieto nos últimos dias e ela imaginou que a sensação desagradável de não saber quem ele era o havia lançado à deriva, deixando-o inquieto e ansioso. Ela suspeitava que ele não era um homem nem manso nem dócil; aqueles olhos azuis frios diziam isso a ela. Inevitavelmente, a sua verdadeira natureza iria se revelar — mais cedo ou mais tarde e — pelo rígido aspecto dos seus ombros e pelo olhar em seu rosto — talvez hoje fosse o dia.

— Se é mais pão e queijo, por favor, não se incomode — disse ele, com um tom sombrio.

— É — disse Charity, colocando a bandeja na cama. — Com um bom pickles e uma fatia de torta de maçã.

Ele emitiu um som de nojo e Charity se irritou. — Esta não é uma família rica, Senhor *Quem Quer Que Seja* — disparou ela. — Vivemos com simplicidade aqui, e você está comendo nossa comida. Qualquer um acharia que você ficaria grato por estar sendo alimentado.

— Quem? — respondeu ele, com desprezo. — E aqui é onde? — Charity cruzou os braços, perguntando-se se ele estava acostumado a pessoas cedendo e fugindo dele quando ele as encarava com tanta intensidade. — Eu já te disse. Kit até te mostrou no mapa. Não é nossa culpa que não se lembre de nada sobre onde estava ou o que estava fazendo aqui.

Ela observou enquanto ele suspirava, olhando pela janela para uma paisagem que parecia não despertar lembranças nele.

— Você não se lembra de nada? — perguntou ela, desejando ajudá-lo apenas para tirá-lo de debaixo do seu teto. Ele era uma presença inquietante e as obscuras profecias do Senhor Baxter sobre ele pareciam ser bastante precisas. — Como era a sua casa? Tem irmãos ou irmãs... uma esposa?

Esta última pergunta pairou no ar e Charity desejou que pudesse voltar atrás, com medo de que ele não acreditasse que ela estava interessada na resposta.

Ele se virou para ela, com um brilho zombeteiro em seu olhar que sugeria que era exatamente assim que ele havia interpretado.

— Eu não sou casado — disse ele, com uma diversão tingindo a voz que era decididamente da classe alta. — Tenho certeza disso. — Ele fez uma pausa, seu rosto ficando mais sombrio. — E-eu acho que não tenho família.

Charity sentiu que sua simpatia crescia apesar de sua irritação. Estar sozinho no mundo deveria ser realmente difícil. Ela deu um passo para se aproximar dele. — Como você pode ter certeza disso?

— Eu não tenho, maldita seja! — gritou ele, fazendo Charity encolher-se diante a fúria de suas palavras. Ele respirou fundo e cerrou os punhos. — Nem me lembro de meu nome — disse ele, através dos dentes cerrados. — Então, como posso ter certeza de alguma coisa? Eu só sei que o que eu *sinto* é verdadeiro.

Charity fulminou-o com o olhar. Ela estava sempre pronta para ajudar alguém em apuros, para fazer o que pudesse para tornar o fardo de outro mais fácil de suportar, mas nunca tinha encontrado alguém tão ingrato com seus esforços.

— Bem, senhor. O seu almoço está ali. Pode comer ou não, mas

lembre-se de que ao não o fazer tira a comida de nossa boca. Tenha um bom dia. — Ela se virou e saiu do cômodo, resistindo, por pouco, à vontade de bater a porta ao sair.

No futuro, ela deixaria o Senhor Baxter lidar com o maldito sujeito, como Kit desejava. Charity se virou e desceu as escadas, resolvendo tirar o homem ingrato de sua mente.

Dev observou os olhos da jovem brilharem com raiva. Ela lhe deu um bom dia com praticamente o mesmo tom com o qual poderia mandá-lo para o inferno, e ele admitiu sentir uma onda de satisfação. Irritá-la era a única parte interessante do seu dia.

Lançando um olhar de nojo à bandeja que ela havia colocado em sua cama, ele se deitou ao lado dela. Sentia-se tão fraco como um gatinho, e ficar de pé fazia sua cabeça latejar no ritmo dos ferimentos graves em seu ombro e braço. Somado à sua condição física, o medo de que ele nunca voltasse a si perdurava e o enjoava. Ele olhou ao redor do quatinho com nojo. Quem quer que fosse, sabia que este tipo de vida não era aquilo a que estava habituado. O pão grosseiro e a comida simples que lhe tinham servido eram sem graça e nada familiares. Uma olhada nas roupas que ele usava quando o encontraram foi suficiente para consolidar essa teoria. Então, ele era rico e poderoso. A certeza de que estava acostumado a ser obedecido sem ser questionado era uma verdade que não estava prestes a negar.

Ele praguejou em voz alta, a obscenidade pairando no silêncio do quarto. Se tivesse de passar muito mais tempo ali, perderia o que lhe restava da cabeça. Entediado além da conta, ele estava irritado, inquieto e, ainda assim, sem energia suficiente nem para ficar de pé por mais de dez minutos. Preferia que a Senhorita Kendall voltasse e arranjasse uma briga com ele. Pelo menos, quebrava a monotonia das intermináveis horas.

Dev franziu a testa para a bandeja na cama enquanto seu estômago roncava em protesto. Ponderando que um pouco de comida iria ajudar seu estômago, ele estendeu a mão para uma fatia grossa de pão integral e uma generosa fatia de queijo. Ele mergulhou o queijo no picles e deu uma mordida, mastigando e carrancudo ao mesmo tempo. Os mendigos não podiam escolher e, pelo menos por enquanto, era um mendigo. A ideia não o fez sentir-se melhor.

Ele voltou seus pensamentos para a Senhorita Kendall e ponderou sobre ela, pois havia pouco mais do que poderia se ocupar. Ela era atraente, de uma forma simples e bastante rústica. Bronzeada pelo trabalho ao ar livre e com as bochechas ruborizadas brilhantes com saúde. Ele sabia que havia calos nas mãos dela, que ele havia sentido

quando ela levantou sua cabeça para ajudá-lo a beber. Ela seria motivo de chacota se fosse colocada entre as damas da alta sociedade. Aquelas damas, com fina tez de porcelana que nunca viam a luz do sol e as mãos tão macias como penas felpudas, olhariam para ela com nojo. Ele sorriu ao imaginar as palavras da Senhorita Kendall, se ele sugerisse isso. Ele veria aqueles olhos escuros brilharem de fúria novamente, isso era certo. Mais cedo, ela tinha estado desesperada para repreendê-lo severamente, para lhe dizer exatamente o que estava pensando. Era estranho de admitir, mas ele tinha ficado bastante decepcionado por ela não o ter feito. Ele teria de se esforçar mais da próxima vez.

Ele não teria outra oportunidade. Ela não reapareceu para levar a bandeja, nem para trazer o jantar. Em vez disso, veio o irmão dela. Soube que eram gêmeos, o que não era nada óbvio. Embora eles compartilhassem o mesmo cabelo grosso e escuro e olhos castanhos mais escuros ainda, Kit não tinha a boa aparência robusta de sua irmã. Ele era tão alto quanto Dev, mas mais esguio; magro na verdade. Ele era bonito, certamente, com o tipo de pele pálida, bochechas coradas e olhos brilhantes que Dev tinha visto antes. Tuberculose, então. Ele tinha uma aparência um tanto atraente e romântica: um homem pelo qual as mulheres suspirariam, se lhes fossem dada a mais remota oportunidade. Dev se perguntou por que, em nome de Deus, ele se isolara aqui no meio do nada. Mesmo sem um tostão no bolso, o sujeito poderia viver uma vida agradável na cidade sob a proteção de alguma viúva rica.

Então, para sua repulsa, ele descobriu que o sujeito era um poeta. Um poeta! Bom Deus, ele teria mulheres desfalecendo a seus pés se descobrissem isso além de sua aparência romântica.

Dev nunca fora dado a livros. Na escola, tinha descoberto que seus talentos se encontravam nas atividades físicas e ele olhava para os intelectuais de qualquer tipo com profunda desconfiança. A prova de que o sentimento era mútuo deu-se com o estreitamento cauteloso e desconfiado nos olhos do jovem Senhor Kendall em sua visita.

Então, Dev passou os dias seguintes sozinho, dormindo e comendo a comida rústica que lhe foi concedida. Esperava recuperar as suas forças e fugir com toda a pressa... até uma certa tarde, quando um pequeno rapaz enfiou a cabeça à porta.

— Olá — disse o menino, com uma expressão nervosa em seu rosto bronzeado e sardento.

— Olá para você também — respondeu Dev, carrancudo, imaginando se eles o forçariam a brincar de ama-seca agora. — O que você quer?

O menino entrou no quarto, com uma fina caixa de madeira nas mãos. — Nada, só me lembro de como fiquei entediado no ano passado quando estava doente e... bem, ninguém mais parece gostar de você, então pensei que você poderia gostar de um jogo de dominó.

As sobranceiras de Dev se ergueram e ele soltou uma gargalhada. A honestidade do rapaz divertia-o, não que ele tivesse imaginado que qualquer outra coisa fosse verdade. A família acreditava que ele fosse um maldito incômodo e ele os considerava inferiores a ele. Não era segredo para ninguém. Ainda assim, o rapaz tinha razão. Ele estava extremamente entediado.

— Por que não? — respondeu Dev, gesticulando para a mesinha empurrada contra uma parede com uma única cadeira ao lado.

O menino deu-lhe um sorriso e juntos moveram a mesinha para mais perto da cama.

— Eu sou John — informou-o o menino, enquanto puxava a cadeira e Dev sentava-se em frente à beira da cama. — Prazer em conhecê-lo...? — Ele estendeu a mão, aguardando que Dev lhe dissesse qual era seu nome.

Dev lançou-lhe um olhar sombrio e o menino corou.

— Oh, sim. Esqueci-me. É muito estranho não saber o seu nome, certo?

— O que você acha? — ironizou Dev, arregaçando as mangas da camisa. — E se você pretende fazer perguntas idiotas a tarde toda, pode pegar seus dominós e ir em direção à porta.

— Meu Deus, você é *mesmo* grosso — disse John, com os olhos arregalados e bastante impressionados, se sua expressão servia de indicativo. — Charity me daria uma bronca se eu ousasse falar assim.

A risada de Dev ecoou pela sala. — Você acha que ela vai dar uma bronca em mim também?

— Acho que sim — respondeu John, com seu rosto jovem e sério. — Ela odeia a grosseria acima de todas as coisas.

A ideia de a jovem tentar fazer tal coisa fez Dev sorrir. Ele gostaria que ela fizesse isso. — Bem, nunca saberemos, pois sua irmã está claramente assustada demais para me enfrentar novamente.

Desta vez, foi o riso assustado de John que ecoou enquanto ele erguia o olhar para o espanto de Dev. — Charity? Assustada? — Ele parou de colocar os dominós, seus olhos brilhando de alegria. — Senhor — disse ele, com a voz grave, embora seus lábios ainda se contraíssem. —, certamente não conhece minha irmã.

Capítulo 4

“No qual o diabo dá trabalho para mãos ociosas.”



John voltou na tarde seguinte. Entediado de jogar dominós, Dev decidiu que era hora de o jovem aprender a jogar um jogo de verdade e ensinou-o a jogar uíste, embora normalmente fosse um jogo para quatro pessoas. Ele também convenceu o menino a trazer-lhe uma garrafa de clarete. John confidenciou-lhe que Kit iria arrancar o seu couro quando descobrisse que a garrafa tinha sumido, pois tinha sido um presente de seu tio. Dev assegurou-lhe que valia a pena o sacrifício. Não era da melhor qualidade, é claro, certamente não era o que Dev estava acostumado a tomar, mas, neste momento, qualquer coisa de natureza alcoólica seria bem-vinda.

Por insistência de Dev, John também procurou uma caixa de botões e Dev usou os botões maiores do casaco como guinéus, os botões de madrepérola como coroas e os botões menores de ébano como xelins.

No final da tarde, John devia-lhe quase cinquenta guinéus.

— Puxa vida — disse John, jogando suas cartas na mesa com irritação.

Dev revirou os olhos. — Ei, ei — disse ele, com desaprovação. — Você está sem um tostão, seus bolsos estão furados, certamente pode fazer melhor do que isso, hein?

John franziu a testa, perplexo, quando Dev reuniu as cartas novamente. — Senhor? — questionou ele.

— Um jovem deve xingar com confiança — disse ele, balançando a cabeça em consternação diante do excesso de educação do menino. — O suficiente para fazer o diabo corar — acrescentou, apreciando a maneira como os olhos de John se arregalaram de admiração. — No mínimo uma perda como essa merecia um *“inferno e maldição”*.

A boca de John se abriu e ele fitou Dev boquiaberto. — Charity arrancaria meu couro se eu ousasse falar isso.

Dev bufou, estreitando o olhar para o jovem. — Você é o que, um homem ou um rato? Vai deixar uma mulher dizer-lhe o que pode e o que não dizer?

Para surpresa de Dev, John não deu uma resposta indignada como ele poderia ter esperado, mas ponderou sobre a questão.

— Se fosse qualquer outra mulher, eu diria que você está certo, senhor — disse ele, observando Dev distribuir uma nova mão. — Mas Charity...

Ele parecia hesitante e Dev não pôde deixar de rir.

— Por Deus, a mulher governa o lar com mão de ferro, não?

— Oh não, senhor — disse John, defendendo prontamente a irmã. — Charity não é assim, só que ela diz que as boas maneiras e o respeito pelos outros são as qualidades definidoras de qualquer cavalheiro.

Dev pegou a sua mão, mas lançou um olhar curioso para o menino. — Ela diz isso?

John assentiu, pegando as próprias cartas. — Sim, senhor.

— O que aconteceu com seus pais? — perguntou Dev, curioso para saber como a Senhorita Kendall e seu irmão mais velho se encontraram agindo como pais de dois irmãos mais novos.

— Mortos, senhor — respondeu John, com naturalidade, e com os olhos nas cartas.

— Isso eu já sabia — respondeu Dev, impacientemente. — Mortos como?

— Oh. — John olhou para cima, claramente desacostumado a perguntas tão diretas sobre um assunto que Dev suspeitava que a maioria das pessoas evitava abordar. Andar na ponta dos pés não era da sua natureza. — Tuberculose — disse ele, voltando sua atenção para suas cartas.

— Como Kit? — perguntou Dev.

Um lampejo de emoção atravessou o rosto do rapaz antes de se calar. Ele deu um aceno tenso.

— Quando é que eles morreram? — indagou Dev, imaginando há quanto tempo a Senhorita Kendall vinha tomando conta da casa. Apesar da presença de seu irmão, em assuntos relacionados à família, à casa e ao seu funcionamento diário, Charity Kendall era Charity Kendall era a dona e senhora absoluta, independentemente do gênero ao qual pertencia.

— Logo após o nascimento de Jane — disse John, franzindo a testa sobre suas cartas. — Charity diz que foi um inverno severo. O nascimento enfraqueceu a nossa mãe e ela nunca se recuperou. A morte dela abalou muito o nosso pai pelo que Kit me disse. A doença tomou conta e ele morreu pouco depois dela.

Por um momento, a imagem preocupante de uma jovem Charity cuidando de seus pais moribundos e cuidando de uma recém-nascida e

de um menino de três anos reluziu na mente de Dev. Ele suspeitava que ela tivesse cerca de vinte e poucos anos agora, então, sete anos atrás, ela teria no máximo dezoito anos. Dev observou o menino, concentrado em suas cartas agora, e se perguntou se ele deveria pelo menos expressar seus pêsames. Ele suspeitava que o menino já tinha ouvido tudo isso antes, e isso não mudaria nada.

— Jogue logo, então — disse ele, impaciente, enquanto John olhava para ele. — Não tenho o dia todo. Está jogando este jogo para valer ou não, seu vermezinho? Estou decidido a acabar com você.

John deu um largo sorriso para ele, seu rosto sardento transbordando de diversão. — O diabo que vai, senhor — disse ele, o impropério deixando sua boca com vontade.

Dev bufou e deu um aceno de aprovação. — É assim que eu gosto.

Na manhã seguinte, parecia que Dev ia perder as estribeiras ao menor sinal de provocação. Sendo assim, e tendo passado outra manhã ociosa e a maior parte da tarde enlouquecendo de tédio, aventurou-se a descer as escadas.

John estava ocupado com tarefas domésticas e, portanto, não teve tempo de recuperar o resto do dinheiro que havia perdido. Agora, totalizava a incrível quantia de setenta e cinco guinéus, mas Dev percebia que o rapaz estava começando a entender o jogo. Ele ganhou duas das últimas cinco mãos e Dev lhe ensinou alguns dos truques que os inescrupulosos poderiam usar para atacar os principiantes que não conheciam o jogo. Se o menino quisesse jogar esse tipo de jogo, seria bom conhecer as armadilhas que aguardavam os inexperientes.

Vozes elevadas chegaram aos seus ouvidos, vindas do que ele suspeitava ser a porta da cozinha. Os tons familiares e um tanto estridentes da Senhorita Kendall eram bastante fáceis de identificar.

— Bem, quem quer que seja este terrível sujeito Blackehart, espero que o encontre. Com sorte, ele vai desafiar o maldito devasso para um duelo e conseguir atirar em seu coração de pedra.

As sobranceiras de Dev se levantaram com a veemência com que ela havia proferido tais palavras. Para uma mulher que desaprovava impropérios, ela tinha um vocabulário bastante impressionante.

— Charity Kendall! — O som da voz censuradora de uma mulher mais velha acalmou o barulho clamoroso de tudo o que estava sendo discutido.

— Sinto muito, Batty — respondeu a Senhorita Kendall, soando tudo menos arrependida. — Mas o homem é um canalha e seria bom para ele colhesse o que plantou.

Dev podia ouvir painéis caindo enquanto alguém se movia pelo cômodo.

— Se esse Blackehart tem o homem na palma da mão, como as pessoas estão dizendo, tudo faz sentido.

— Como assim? — perguntou a Senhora Baxter.

Dev franziu a testa, feliz que a mulher mais velha tivesse levantado a questão que ele não podia. O nome *Blackehart* fez seu coração começar a bater forte no peito, mas ele não sabia o porquê.

— Porque é por esse motivo que o visconde está vendendo a fazenda. — veio a voz de Kit desta vez, sombria e zangada.

A conversa continuou atrás da porta enquanto o peito de Dev ficava ainda mais apertado e as palavras rondavam a sua mente. Havia algo familiar sobre o que quer que fosse que eles estavam falando, algo que fez sua pele formigar com alarme e reconhecimento.

A porta da cozinha se abriu, fazendo-o dar um sobressalto culpado enquanto a Senhorita Kendall passava por ela, quase atropelando-o.

— *Você!* — exclamou ela, com raiva em sua voz.

A mente de Dev ainda estava rodando, mas ele não pôde deixar de notar o fato de que seu vestido era velho e desbotado, as mangas arregaçadas, mostrando braços bronzeados. Seus cabelos caíam sobre o rosto, desgrehados e selvagens, e suas bochechas brilhavam, coradas pelo calor da cozinha. Havia uma mancha farinhenta no queixo.

Pego desprevenido pelo calor de sua raiva, Dev deu um passo involuntário para trás enquanto a Senhorita Kendall avançava na direção dele.

— Você — repetiu ela, cutucando-o no peito com o dedo. — Eu quero ter uma palavrinha com você.

— Estou ao seu serviço, senhora — respondeu Dev, zombando e recuando para sua postura mais fria, tentando se firmar em terreno mais seguro.

— Ele tem dez anos, pelo amor de Deus! É normal que um homem da sua idade e experiência corrompa um menino quando é hóspede na casa de outra pessoa? — exigiu saber ela, seus olhos escuros cheios de raiva.

— Sobre o que diabos você está falando? — replicou Dev, enquanto a Senhorita Kendall bufava e cruzava os braços, olhando para ele com tanto desprezo que um homem menor poderia muito bem ter empalidecido.

— Jogar, xingar e beber também! — retorquiu ela, com a

indignação justificada de um padre lançando o diabo no fogo do inferno.

Dev olhou para ela por um momento antes de jogar a cabeça para trás e rir.

— Você acha que é motivo de riso? — exclamou ela, parecendo muito que ela queria colocar as mãos ao redor de sua garganta e apertar.

— Não — disse Dev, balançando a cabeça. — Longe disso. O rapaz já devia ter aprendido essas coisas por conta própria, mas ficar preso no meio do nada com um megera e um *poeta* privou-o de uma educação adequada.

Para sua imensa satisfação, a machona diante dele fitou-o com um semblante chocado, boquiaberto e sem palavras. Ver a senhorita Kendall atordoada e calada foi um motivo de grande prazer. Naturalmente, não durou muito.

— Uma educação adequada? — repetiu ela, as palavras fracas, embora o brilho em seus olhos promettesse vingança. — Suponho que essa tenha sido a educação que lhe foi dada, *Senhor João Ninguém*. Se assim for, isso explica muito sobre o tipo de superficial, arrogante, pomposo... moralmente carente...

Para sua diversão, ela se atrapalhou, sua fúria impedindo-a de segurar de sua língua enquanto procurava por uma descrição suficientemente lamentável de seu caráter.

— Devasso? — forneceu ele, levantando uma sobrancelha em questionamento.

— Se a carapuça serviu... — resmungou ela, desdobrando os braços e cerrando os punhos.

Por um momento, Dev se perguntou se ela iria atacá-lo. O desejo de fazê-lo brilhava em seus olhos.

— Um dia — disse ele, garantindo que sua voz continuasse arrastada e entediada, como se considerasse a conversa abaixo dele. — se você fizer bem o seu trabalho e não prender o rapaz para sempre às suas saias, ele vai se aventurar pelo mundo. Ele está ansioso por um gostinho da vida, como todos os jovens. Você não acha melhor que ele entre nesse mundo preparado para as ciladas nas quais ele pode cair e para as conversas em que o envolverão na companhia de jovens de mente semelhante? — Ele inclinou a cabeça para observar melhor algo que poderia ter sido um vislumbre de dúvida nos olhos da Senhorita Kendall. — Ou você o enviaria ao mundo despreparado, como um cordeirinho inocente para o matadouro?

— Ele tem *dez* anos — repetiu ela, com a voz implacável. — E não

espero que ele já pegue o próxima carruagem do correio para a cidade grande ainda.

— Não, de fato — respondeu Dev, afável agora. — No entanto, estarei aqui apenas por um curto período de tempo, se Deus quiser. — A Senhorita Kendall bufou, parecendo tão impressionada quanto uma mulher que se vestia como uma criada poderia parecer quando se dirigia a um homem muito acima de sua posição. Ela fazia um trabalho notavelmente bom nesse sentido. — E você fez tudo isso pela bondade de seu coração, suponho?

Foi a vez de Dev bufar agora, retribuindo com um olhar mordaz. — Não seja ridícula. Eu estava extremamente entediado. Tinha que fazer alguma coisa.

A Senhorita Kendall abriu a boca e fechou-a novamente, ficando sem palavras pela segunda vez naquela tarde.

— Fique longe de John — disse ela, com o tom calmo, mas furioso. — Chega de jogos de azar, palavrões e, certamente, *bebida*!

Ela deu meia-volta e voltou para a cozinha, batendo a porta atrás dela.

— Oh, pelo amor de Deus! — Dev balançou a cabeça. Perguntando-se por que diabos estava incomodado, ele bateu a palma da mão contra a porta e a seguiu. — Ele bebeu apenas um terço de um copo, *com água*!

A Senhorita Kendall virou-se em estado de choque. Ele suspeitava que ninguém jamais tivesse se atrevido a iniciar uma discussão ao enfrentar a irritação dela antes, e isso o impelia a provocá-la ainda mais.

— Ele queria se sentir como um homem em vez de um garotinho pela primeira vez em sua triste vida!

Para seu espanto, a Senhorita Kendall apenas olhou para ele, seus olhos se enchendo de lágrimas. Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, ela fugiu da cozinha. Dev ficou lá, desejando que não houvesse um sentimento de culpa se infiltrando sob sua pele. Droga, como a mulher o tirava do sério. A culpa era dela, não dele, ele raciocinou, perguntando-se por que isso não o fazia se sentir melhor quando um som desaprovador veio do outro lado do cômodo.

— Ora, ora. Você é o homem misterioso que está virando a casa de cabeça para baixo, sem dúvida.

Dev virou-se e encontrou uma mulher baixa e robusta observando-o com curiosidade.

— Sente-se — ordenou ela, gesticulando para a mesa.

Dev fez o que ela mandou, desorientado mais uma vez e sem opções. A mulher se apressou em colocar uma caneca de cerveja com colarinho diante dele, junto com uma fatia do que poderia ter sido torta de carne de caça. Os olhos de Dev se iluminaram enquanto sua boca salivava de ansiedade, e ele deu uma grande mordida.

— *Mmmm*, carne — murmurou ele, enquanto comia a massa mais crocante e leve em sua vida. — Mais um pedaço de queijo e eu acho que vou desfalecer — admitiu, estendendo a mão para a caneca de cerveja.

A mulher bufou, empurrou o cabelo grisalho encaracolado para trás do rosto corado e riu. — Sim, e de quem é a culpa, então? É isso que recebe por reclamar nesta casa.

Dev franziu a testa para ela e ela balançou a cabeça.

— O médico disse para te servir uma comida mais leve nos primeiros dias. Depois que você reclamou, Charity decidiu que seria bom para você continuar com a mesma dieta por um tempo mais longo.

— Ah. — Dev bufou. *Touché, Senhorita Kendall*. — Entendo.

Ele comeu o resto da fatia em três grandes mordidas e empurrou seu prato vazio enquanto a mulher puxava a cadeira ao lado dele. Ela colocou uma cesta cheia diante dela e duas tigelas vazias. Ela deslizou uma tigela na frente de Dev, que olhou para a tigela e depois para ela.

— Se você está bem o suficiente para brigar com a Senhorita Kendall e comer minha torta, você está bem o suficiente para ajudar. Pode começar — acrescentou ela, gesticulando para a cesta cheia de vagens curtas, gráudas e verdes.

— Desculpe, pode repetir? — respondeu Dev, atordoado.

— Certamente você roubou ervilhas da horta quando rapaz, não é mesmo? — Ela pegou uma vagem e apertou-a. A casca verde brilhante estourou suavemente e se abriu, revelando uma fileira de ervilhas suculentas, aninhadas de forma vívida e semelhante a joias em seu invólucro sedoso. Ela pegou outra e entregou-a a ele.

Dev olhou para ela e depois pegou a vagem, curioso, mesmo sem querer. Ela sorriu para ele quando ele abriu a casca.

— Satisfatório, não é? — Dev passou o dedo ao longo da vagem, espalhando as ervilhas na tigela de porcelana como a mulher lhe havia mostrado. Estranhamente, ela tinha razão. Ele pegou outra vagem e abriu-a, desta vez roubando duas ervilhas. Eram frescas e doces, cheias de sol.

— Ei, nada disso — repreendeu-o, embora houvesse diversão em

seus olhos. — Se você quer comer a minha torta, vai ter que trabalhar por ela, seu trapaceiro.

Por apenas um momento, suas palavras transportaram Dev para sua infância e a última ama que ele teve antes de mandarem-no para a escola. Uma imagem de seu pai passou por sua tela mental e a onda de dor e solidão que se seguiu o deixou atordoado. Que diabo tinha sido aquilo? Como ele poderia se lembrar disso e não de seu próprio nome? Ele soltou um suspiro, surpreso e perturbado pela memória.

— Pode continuar — insistiu ela, observando-o com algo que poderia ter sido preocupação em seus olhos calorosos.

Dev limpou a garganta e espalhou o resto das ervilhas na tigela.

— Você é a Senhora Baxter? — perguntou ele, buscando iniciar uma conversa enquanto estendia a mão para outra vagem.

— Eu sou — disse ela, seus dedos atarracados trabalhando muito mais rápido que os de Dev. Sua tigela já tinha uma pilha reluzente de ervilhas no fundo. — Eles me chamam de Batty — disse ela, revirando os olhos, embora estivesse claro que o apelido afetuoso lhe agradava. — Meu marido, Ralph Baxter, também trabalha aqui. Estamos aqui desde que nos casamos. No começo, ele trabalhou para o avô deles, em seguida, depois da morte da sua mulher, para os pais e agora para eles. Por quarenta anos, para dizer a verdade.

Ela lançou-lhe um olhar curioso, franzindo a testa um pouco. — Você acha que nasceu nestas bandas? Não consigo identificar o seu sotaque.

Dev riu e deu de ombros. — Não sei ao certo, mas sim, acho que sim. A paisagem me lembra meu... — A palavra *lar* veio à mente, apenas para ser ignorada. Não parecia seu lar, mas lhe parecia familiar. — Como se eu a conhecesse bem.

— O jovem John gosta de você — disse a Senhora Baxter, com sua voz suave, embora houvesse um olhar astuto em sua expressão quando Dev se virou para observá-la.

— A Senhorita Kendall, por outro lado, não — respondeu ele, com o tom seco.

— Bem — disse a Senhora Baxter, levantando-se para se servir de uma caneca de cerveja. —, dificilmente se pode culpá-la por isso. Você não é exatamente um cavalheiro, não é? — Ela se virou e lançou-lhe um olhar semicerrado. — E não adianta dizer que não sou uma dama. Eu sei disso melhor do que você, então é melhor você segurar a língua.

Dev fez exatamente isso, dividido entre diversão e indignação.

— Você não estava tão longe da verdade, sabe — disse a Senhora Baxter, sua entonação mais suave agora enquanto Dev franzia a testa. — Ela realmente mimou muito o menino. Ele conhece a terra bem o suficiente para ir caçar sozinho, mas ela não o deixa, e não há mal algum em ele aprender a xingar e jogar cartas, se você quer saber. Ela tem medo de estragar tudo, tentando ser mãe e pai para o rapaz e depois de tudo, não é de surpreender. Ela perdeu tanto, tão jovem, e considerando que Kit...

Ele observou, alarmado quando a voz da mulher ficou rouca, mas ela tomou um longo gole de sua cerveja e limpou a garganta.

— Bem, de qualquer forma. Ela é do tipo maternal e tem tanto medo de fracassar na criação deles, de fazer a coisa errada. Isso mexe com a cabeça dela. — A Senhora Baxter suspirou e abaixou a sua cerveja, voltando a sua atenção para as ervilhas. — A coitada nunca teve a oportunidade de pensar em seu próprio futuro, com tudo o que aconteceu com os pais e Kit, e administrar este lugar. — A Senhora Baxter olhou para ele. — Ela não faz ideia do significado da palavra relaxar, se divertir ou não ser a responsável. Nunca teve um vislumbre de romance ou mesmo sonhou em se apaixonar, eu acho. Kit foi para a escola, e Charity ficou aqui, criando os irmãos mais novos e mantendo o lugar funcionando.

Dev olhou para a vagem de ervilha em sua mão, perdido em pensamentos até que a Senhora Baxter o acotovelou.

— Se você quiser jantar a qualquer momento desta noite... — Com um bufão, Dev voltou ao seu trabalho.

Capítulo 5

“No qual se você não tem nada de bom a dizer... segure a sua maldita língua.”



Quando o jantar ficou pronto, Charity havia reencontrado seu equilíbrio. A rotina diária da fazenda geralmente acalmava seu ânimo, e, se por acaso ela gastou muito tempo desabafando sua irritação com os porcos, que assim fosse. Eles eram bons ouvintes e isso fez com que ela se sentisse melhor. Não havia dúvida em sua mente de que seu convidado, por falta de um termo melhor, era um libertino e um canalha. O que um homem como ele estava fazendo por aquelas bandas sozinho, e a tal hora da manhã, ela não conseguia entender. A suspeita de que ele conhecia Lorde Devlin, e talvez até estivesse a caminho de visitá-lo, não era algo que suscitasse maior simpatia em relação a ele. Ele era exatamente o tipo de pessoa rude e odiosa que ela poderia imaginar farreando com o visconde. Vivendo no meio do nada como viviam, poucas fofocas sobre o mundo exterior chegavam aos seus ouvidos, mas as histórias dos excessos de Devlin eram lendárias.

A suspeita persistente de que suas palavras sobre John poderiam ter tido um fundo de verdade não aliviava em nada sua raiva. Honestamente, esse fato só a deixava ainda mais irritada. Como ele se atrevia a vir aqui com a sua voz esnobe e mãos que nunca tinham visto um dia de trabalho em sua vida, e criticar os seus esforços para criar a sua família como bem entendesse?

Ela respirou fundo, ciente de que seu equilíbrio estava mais perdido do que ela havia percebido.

Apressando-se para tirar suas roupas de trabalho, lavou-se com água fresca, grata pelo choque do pano úmido contra sua pele quente. Charity vestiu seu único vestido “*melhorzinho*”, um simples vestido de algodão branco, arrumou o cabelo o melhor que pôde e desceu correndo as escadas. O delicioso cheiro de frango assado recheado de ervas vinha da cozinha quando ela abriu a porta.

— Está tudo pronto, querida — disse a Senhora Baxter, afastando-a para longe. — Vá se sentar, Baxter acabou de levar as batatas.

— Você é incrível, Batty. Obrigada. — Charity sorriu, culpada por ter abandonado a pobre mulher sozinha por conta de sua irritação, sentindo-se mais irritada do que nunca com o maldito homem que ocupava o quarto de hóspedes. Ainda assim, pelo menos ela não tinha

que olhar para ele... durante o jantar.

Charity parou abruptamente na porta, rangendo os dentes para a visão diante dela. John olhou para cima e sorriu para ela ao lado de sua nêmesis.

— Veja só, Charity, nosso convidado está bem o suficiente para se juntar a nós agora. Não é esplêndido?

A mandíbula de Charity se apertou ainda mais quando o homem desprezível arqueou uma sobrancelha escura para ela. Ela evitou responder. Como sua mãe sempre dizia, se você não tem nada de bom para dizer...

Todos se sentaram e suportaram enquanto o Senhor Baxter limpava a garganta e lia uma passagem da Bíblia. Charity sempre se perguntou como ele conciliava suas crenças em criaturas sobrenaturais e presságios com seu amor pelas Sagradas Escrituras, mas ele não era do tipo que gostava de discussões filosóficas.

— Acho Pipkin um nome adorável — comentou Jane quando o sermão terminou e o agradecimento pela comida foi feito. A menina estendeu a mão para tirar uma fatia de pão da cesta ao lado dela. — Eu tinha um coelho chamado Pipkin.

— Não é o nome de homem, sua tola — respondeu John, lançando a sua irmã mais nova um olhar impaciente. — Acho que Arthur é um bom nome. Ele virou-se para o seu convidado, cujos olhos azuis pálidos repousavam sobre ele com diversão.

— Como o rei? — disse ele, levantando o olhar e encontrando os olhos de Charity sobre a mesa.

Ela olhou para ele e voltou sua atenção para Kit. Os lábios de seu irmão gêmeo se curvaram enquanto ele cortava o frango que tinha deixado na cozinha antes do seu encontro com o próprio Satanás, mas sem dúvida ele já tinha ouvido falar do seu pequeno desabafo àquela altura.

Charity segurou sua língua enquanto o diabo se servia da comida deles e o restante da família participava do jogo de nomear seu hóspede sem nome. A irritação fervilhava sob a sua pele, especialmente quando a Senhora Baxter entrou com uma garrafa de vinho, enchendo o copo do intruso.

— Ora, obrigado, Senhora Baxter — respondeu o demônio, todo cheio de charme e fingimento. — Este é, sem dúvida, o melhor frango assado que já provei.

Ele ofereceu à mulher um sorriso deslumbrante e Charity observou com admiração como Batty realmente corava. *Corava!*

— Como você poderia saber disso? — perguntou ela, concisamente, enquanto cortava a carne reconhecidamente tenra do jantar feito por ela. — Se você nem consegue se lembrar do seu próprio nome?

Aqueles olhos pálidos se voltaram para ela e Charity encarou-o através da mesa, recusando-se a baixar o olhar. Ela não ia se deixar intimidar por esse olhar. Mesmo que fosse... enervante.

— Eu descobri nos últimos dias que certas coisas... — Ele levou o copo de vinho aos lábios e fechou os olhos, saboreando o aroma antes de tomar um gole. — um gosto, um cheiro, uma frase familiar... um toque... essas coisas podem desencadear uma memória.

— E o frango de Batty fez você se lembrar do que, exatamente? — desafiou Charity.

— Que eu estou incrivelmente aliviado por não ser queijo — respondeu ele, sem hesitação.

John bufou, cobrindo a boca com a mão e até Kit abriu um largo sorriso.

Que traidor!

— Então, vamos chamá-lo de Arthur? — perguntou John, olhando para o maldito homem como se ele merecesse sua adoração inocente.

— Não — respondeu Charity, intervindo. — Vamos pensar em algo que se adapte ao seu caráter — acrescentou, dando o sorriso mais doce que ela conseguiu exibir.

— Charity — advertiu Kit, com a voz tão baixa que só ela pôde ouvir.

Charity o ignorou, batendo com um dedo nos lábios, aparentemente perdida em pensamentos.

— Deixa-me ver. Arthur é muito... régio — murmurou ela, satisfeita com o lampejo de algo sombrio e zangado naqueles olhos pálidos. — Archibald... não, Alan... — Ela balançou a cabeça e depois sorriu, com um olhar triunfante. — Eu já sei. — Parando para criar um efeito dramático, ela encarou o olhar da terrível criatura. — Átila.

John fitou-a boquiaberto, sem dúvida perguntando-se sobre todas as lições de boas maneiras que ela havia martelado na cabeça dele ao longo dos anos. Kit gemeu enquanto Jane puxava a sua manga.

— Quem é Átila? — perguntou a menina.

Charity observou como o destinatário de seu insulto sentou-se em sua cadeira e estendeu a mão para o seu vinho, girando a haste entre os dedos longos e elegantes. Ele parecia divertido, pelo menos externamente, mas a vingança brilhava em seus olhos. O coração de

Charity se acelerou.

— Átila foi o maior governante bárbaro que já existiu — disse Dev, com seu tom indiferente, enquanto a pequena Jane ofegava, voltando os olhos para Charity.

— Um bárbaro? — perguntou ela, enquanto Charity se contorcia, imaginando se ela tinha sido um pouco precipitada. — Isso não parece muito bom, Charity.

Charity praguejou, ao passo que o homem de pele morena do outro lado da mesa erguia uma sobrancelha, o movimento tão sutil que teria passado despercebido se ela não estivesse encarando-o diretamente.

— Tenho certeza de que sua irmã quis apenas sugerir que eu pareço um homem capaz — disse o maldito, com a voz arrastada, sem baixar o olhar de seu rosto enquanto suas bochechas queimavam. — Digno de ser seguido por milhões e governar um império.

— Oh — disse Jane, seu rosto doce tranquilizando-se. — Foi isso que quis dizer, Charity?

Charity cerrou os dentes antes de forçar uma imitação de um sorriso em seu rosto. — Claro, Jane — respondeu ela, fervilhando de raiva. — O que mais eu poderia estar querendo dizer?

Jane suspirou e voltou a atenção para a sua comida. — Oh, entendi. Pensei por um momento que estava sendo rude. Átila é um bom nome. Vamos usá-lo?

Um som de engasgo veio da extremidade da mesa e Kit estendeu a mão. — Desculpem-me, desceu pelo buraco errado — balbuciou ele, cobrindo a boca enquanto seus ombros tremiam de divertimento.

Charity encarou furiosamente seu irmão gêmeo e tentou desesperadamente mudar de assunto. — Descobriu mais alguma coisa interessante, Kit, em sua viagem à cidade? — Ela voltou-se para Átila, pois estava determinada a se ocupar dele a partir de agora. — Meu irmão tem feito perguntas em seu nome, senhor. Caso haja notícias de pessoas desaparecidas.

Ele olhou para Kit, com interesse. — É verdade — respondeu Kit, servindo-se de ervilhas. — Mas, infelizmente, sem sucesso. Não houve notícias de alguém perdido ou desaparecido.

— *Ninguém* deu falta dele? — disse Charity, com sua voz triste e simpática ao colocar a mão sob o coração. — Oh, que estranho.

Aqueles olhos pálidos estreitaram-se mais uma vez, aquela boca cruel contraiu-se, e ela imaginou que estava matando-o ter que desempenhar o papel de convidado educado que ele tinha adotado

para a noite. Ele era um tolo por tentar esconder sua verdadeira natureza.

— Bem, não importa. Você pode ficar o tempo que quiser, não é Charity? — perguntou John, com toda a inocência de um menino que não percebia que estava condenando sua irmã mais velha ao inferno na Terra. — Você sempre diz o quanto gosta de visitantes.

— Obrigado, Mestre John — respondeu Átila, expondo os dentes. Podia ter sido um sorriso, mas fez Charity tremer de raiva. — Você é uma anfitriã gentil e cortês.

— Eu encontrei algo — apressou-se Kit, antes que Charity pudesse responder, aparentemente desesperada demais para mudar para um terreno mais seguro. Ele levantou-se e foi até o aparador onde estava um pequeno pacote, embrulhado em papel pardo. Kit pegou o papel e colocou-o sobre a mesa, sustentado pela garrafa de vinho.

— Oh — exclamou Charity surpresa ao olhar para o pequeno quadro. — É extraordinário.

Kit sorriu para ela e assentiu. — Sabia que você gostaria — disse ele, aprovando. — O velho Jacob achou que eu tinha enlouquecido por querer comprá-lo, mas eu sabia que você entenderia.

— O velho Jacob tinha razão — respondeu Átila, olhando para a maravilhosa descoberta de Kit com consternação nos olhos.

Charity bufou. Bem, não era de se surpreender. O homem era um bárbaro, um ignorante. A pintura não era nada que fosse considerado da moda, era verdade. Não era nem bonita nem romântica. Em vez disso, representava a realidade. A velha levava uma vida difícil, cada linha de expressão dela gravada em seu rosto extenuado. O pintor a capturou com tanta habilidade que Charity pôde entender a curiosidade por ser pintada enquanto olhava para fora de cena com uma carranca quase suspeita.

— Por que alguém iria querer uma imagem de uma velha rugosa em sua parede? — quis saber o bárbaro, não vendo sentido naquilo. — É o suficiente para tirar o apetite de qualquer um.

— Duvido — murmurou Charity, tendo notado a grande quantidade de comida que o sujeito conseguia comer. Para ser honesta, ele era um homem grande, mas ainda assim...

— É arte — respondeu Kit, olhando para Átila como se ele fosse um louco de pedra.

Ah, finalmente, seu irmão via o bruto bárbaro pelo que ele realmente era. Bastava uma discussão sobre arte. Ela devia ter imaginado.

— É horrível — respondeu Átila, francamente, enquanto John bufava de diversão.

— É honesto — respondeu Charity, em tom igual ao dele. — Não esconde o que é, nem apresenta a modelo sob uma luz lisonjeira puramente para sua própria adulação. Não é feito para o egocentrismo da modelo nem do artista. Reflete a verdade, a vida real como ela é. Não há uma representação bela e nauseante dos pobres merecedores e da sua humilde, mas sim bela simplicidade.

Kit sorriu para ela e Charity sentiu um orgulho ao ver o prazer de seu irmão em ouvir suas palavras. Pelo visto, ela ouvia quando ele vociferava sobre arte, poesia e literatura. Charity voltou-se para Átila, que lhe lançava um olhar curioso que ela não soube interpretar. Ele esvaziou o copo e deu de ombros, nada impressionado com seu discurso apaixonado.

— Eu me curvo ao seu conhecimento superior de arte — respondeu ele, embora ela sentisse a implicação em seu tom zombeteiro de que uma mulher que nunca esteve muito longe da fazenda em que nasceu não poderia saber nada sobre nada, muito menos arte. — No entanto, ainda digo que é feio.

Ele sorriu e Charity apertou um pouco mais a faca que estava em sua mão.

— Eu diria, senhor — respondeu ela, de forma casual, enquanto fazia questão de voltar a atenção para o jantar. — Ela parou então, olhando-o nos olhos. — A beleza está nos olhos de quem vê. Estou certa de que há muitas coisas no mundo que muitas pessoas considerariam bonitas e que eu consideraria grotescas.

Ela manteve o sorriso enquanto o pé de Kit pressionava seus dedos dos pés com força. Um pontapé seria dado na próxima vez, se ela não segurasse a língua. Charity conhecia bem as táticas de seu irmão gêmeo.

Átila ficou quieto e, por um momento, ela pensou que talvez tivesse levado a melhor sobre ele.

Não teve essa sorte.

— Eu não acredito em você, Senhorita Kendall. — Aqueles olhos azuis pálidos brilhavam intensamente agora. — Eu acredito que você fingiria indiferença por ser considerada uma mulher independente com uma mente original. Mas saberia a verdade... no seu coração. Você admira e deseja tanto quanto qualquer outra pessoa. — Ele baixou a voz, inclinando-se um pouco para ela. — Esses pensamentos podem até mantê-la acordada à noite.

Charity sentiu o rubor subir pelo seu pescoço. Dentre todas as

coisas ultrajantes, chocantes e terríveis que ele poderia sugerir...

Kit limpou a garganta e levantou-se, empunhando a faca de trincar e encarando Átila com raiva enquanto John e Jane olhavam de um lado para o outro, cientes da estranha tensão, mas confusos com o que estava acontecendo. Lançando a seu convidado um último olhar de fúria, seu irmão gêmeo colocou um sorriso em seu rosto. — Alguém quer mais frango?

Dev deixou a sala de jantar sentindo a mais peculiar sensação de contentamento. A refeição tinha sido fantástica, ele tinha sido sincero sobre isso. A Senhora Baxter e a Senhorita Kendall eram cozinheiras maravilhosas e tudo, desde o frango suculento ao pudim de verão que serviram com chantilly, tinha sido uma delícia. Ele não se lembrava de comer tanto na vida. Bem, ele não conseguia se lembrar de muita coisa, para falar a verdade, mas ainda assim, ele se sentia... empanturrado.

Mas também havia tido companhia. O pouco que ele tinha certeza ser real sobre sua própria vida era o fato de ter aguentado tudo sozinho. Não tinham uma família acolhedora, irritante, barulhenta e rindo ao seu redor como os Kendalls. Algo que poderia ter sido inveja se insinuou em seu peito e ele a reprimiu. Tais pensamentos eram inúteis.

A Senhorita Kendall, no entanto, provou ser uma adversária à altura. Trocar farpas com ela tinha sido bastante agradável, de uma forma um tanto distorcida, talvez. Meu Deus, mas ela tinha uma língua afiada. Átila, francamente! Ele soltou um resmungo de diversão a contragosto. Ele tinha dado o troco, no entanto. O rubor que floresceu em sua pele quando ele insinuou que ela o admirava, o fez ponderar. Ele nem sequer quis dizer aquilo. A mulher deixou clara a sua animosidade desde o início. Dev não acreditava por um único momento que ela tivesse sentimentos de natureza romântica por ele.

Ele não era um tolo, mas também não era cego. Ele sabia que era um homem bonito. Talvez ele não se lembrasse de seu nome e sua história naquele momento, mas ele não duvidava que fosse um homem que sabia como conquistar uma mulher. Mesmo assim, ele ainda se surpreendia com o interesse dela. Talvez ela o desprezasse tanto, não só porque ele era rude e desagradável – ele não negaria isso – mas porque a irritava se sentir atraída por ele. Tal ideia era intrigante.

Era algo que ele teria de considerar... e investigar.

Dev abriu a porta do jardim, precisando tomar um pouco de ar antes de voltar para seu quarto. Ele respirou o ar quente e perfumado com prazer. O perfume dos goivos envolveu-o e ele soltou um suspiro

de contentamento. Um impropério abafado ao lado dele foi a primeira indicação de que não estava sozinho.

— Perdoe-me, Senhorita Kendall — disse ele, virando-se e vendo o luar lançando sua luz prateada sobre seu rosto virado para cima e irritado. Apesar de seu óbvio aborrecimento, ele tinha que admitir que ela parecia bastante adorável ao luar, sua pele prateada e etérea, olhos grandes brilhando. — Eu não pretendia perturbar a sua noite.

Ela bufou, um som bastante trivial que dificilmente se adequava ao romance da situação.

— É mesmo? Pensei que era exatamente isso o que tinha em mente.

As palavras eram cortantes, e ela cruzou os braços sobre o peito, encarando-o com um olhar furioso.

Dev abriu um largo sorriso, rindo de sua óbvia irritação. — Correndo o risco de soar como uma criança de cinco anos, *você* começou.

— Eu não comecei.

Dev encarou-a e ela bufou, cruzando os braços com mais firmeza.

— Bem, tudo bem, eu comecei. — Seus lábios se comprimiram com a admissão. — Mas você estava sentado ali parecendo tão presunçoso e convencido que até mesmo um santo teria tido dificuldade em resistir, e eu não sou santa.

— Fico feliz em ouvir isso. — Dev impregnou as palavras com seu tom mais sedutor, curioso para ver qual seria o efeito disso na Senhorita Kendall. Para seu crescente prazer, seus olhos se arregalaram e ela se afastou dele.

— Desejo-lhe uma boa noite, senhor.

Ela se virou e correu de volta para dentro, mas Dev não estava pronto para deixá-la ir embora ainda. Ele seguiu-a.

— Você não quer dizer Átila? — zombou ele, embora as palavras fossem suaves com divertimento, em vez de irritadas. Eles estavam de volta à sala de jantar, agora limpa e vazia.

Kit tinha se recolhido porque a pintura feia o inspirou a escrever; algo igualmente sombrio, sem dúvida. Charity tinha posto as crianças para dormir mais cedo, e o Senhor e a Senhora Baxter estavam ocupados na cozinha.

Eles estavam completamente sozinhos.

— Ou deveria ser o Senhor Huno? — ponderou ele, observando-a na sala iluminada pela lua enquanto ela se virava para ele. — Eu não

lhe dei permissão para usar meu nome, não é mesmo? Precisaríamos nos conhecer melhor para isso.

Seus olhos se estreitaram e ela lhe lançou um olhar curioso. Alguém já tinha flertado com ela antes? Ele se indagou, já que ela vivia presa ali naquele fim do mundo.

— Não tenho vontade de conhecê-lo melhor, obrigada — respondeu ela, afetadamente. — Na verdade, já estive em sua companhia de maneira excessiva e só posso esperar minimizá-la o mais breve possível.

Dev riu, um som baixo e sombrio que ressoou no espaço escuro. Ele deu um passo para mais perto e ouviu ela inspirar.

— Eu não acredito em você — disse ele, apreciando a expressão em seus olhos. Eles estavam arregalados agora, e um pouco assustados, como uma jovem corça apanhada de surpresa. — Eu vi o rubor que tingiu sua pele quando sugeri que você pensava em mim à noite. — Ele deu mais um passo enquanto ela o imitava recuando. — Eu toquei em um ponto sensível, Senhorita Kendall?

— Certamente que não — respondeu ela, embora houvesse um tom ofegante em sua voz que ele achava pouco convincente.

Dev sorriu. Oh não, essa pequena megera não era nem um pouco imune a ele. Sentindo-se mais satisfeito do que seria bom para ele, Dev deu mais um passo em direção a ela.

O projétil veio do nada, acertando um centímetro à esquerda de sua têmpora a parede ao lado dele. Fragmentos frios e afiados de porcelana estilharam, espetando sua pele como pequenas agulhas. Seu coração disparou e o suor irrompeu sobre sua pele enquanto a porcelana quebrada o transportava para outra época, outro lugar.

Dev recuperou o fôlego, recuando enquanto recobrava as memórias, que se sobrepunham umas sobre as outras enquanto sua identidade retornava a ele ao lado de uma vida inteira de amargura e mágoa. Ele encontrou a parede em suas costas e se inclinou em busca de apoio, de pé entre os destroços quando a porta se abriu e Kit apareceu, segurando uma vela no alto. Ele olhou entre eles, vendo o rosto preocupado de sua irmã e Dev encolhido contra a parede. Uma mistura de suspeita e preocupação encheu seus olhos escuros quando ele entrou no cômodo e olhou para os dois.

— Que diabo está acontecendo?

— Perdi a cabeça — disse Charity, olhando para Dev com uma mistura de frustração e curiosidade.

Com irritação, ele notou algo que poderia ter sido preocupante em sua expressão. Ele não queria que ela tivesse pena, isso era certo. Não

a mulher que ele estava prestes a expulsar de sua própria casa ao vendê-la pelas suas costas.

Seu coração batia forte: uma sensação estranha e intensa que ecoava em sua garganta. *Blackehart*. As palavras da Senhorita Kendall voltaram à sua mente.

Quem quer que seja esse tal de Blackehart, espero que o encontre. Com sorte, ele vai desafiar o maldito devasso para um duelo e conseguir atirar em seu coração de pedra.

Meu Deus.

Ele havia faltado ao encontro com Blackehart. Ele perdeu a oportunidade de explicar seus planos e ganhar algum tempo, e agora o homem estava procurando por ele, e não ficaria nada satisfeito com isso se fosse como Dev esperava.

Maldição.

A ira ardeu sob sua pele quando ele percebeu que a mulher diante dele era inteiramente culpada. Os insultos, para não mencionar a carta difamatória que ela havia escrito, o trouxeram aqui, e esse tinha sido o resultado. Bem, não tinha tido ajuda para isso. Ele precisava ficar quieto até que a venda fosse concluída. Quando o dinheiro estivesse em suas mãos, enfrentaria Blackehart e esperava que o dinheiro fosse suficiente para evitar ser morto em um beco escuro. Uma vida inteira de olhar por cima do ombro não era nada atraente.

Dev olhou para cima enquanto Kit lhe entregava um copo de conhaque. — Você está bem? — perguntou ele, com algo entre suspeita e interesse em sua entonação. — Você parece ter visto um fantasma.

— Algo do tipo — respondeu Dev, tomando a bebida em um só gole enquanto tentava organizar seus pensamentos. Ele precisava de um plano, e rápido. — Para falar a verdade... — Dev encolheu-se um pouco; a honestidade era a coisa mais distante de suas intenções. Eles o expulsariam sem cerimônias se soubessem a verdade. — Não me sinto tão bem. Se me derem licença. Boa noite, Senhor Kendall, Senhorita Kendall.

Ele suprimiu o desejo de olhar fixamente para a mulher enquanto saía da sala, sentindo-se magoado novamente. Que inferno a carregasse. Ele estava em uma tremenda enrascada, e era tudo culpa dela.

Capítulo 6

“No qual a cozinha é o coração de qualquer casa.”



Charity olhou para o mordomo de aparência fria e recusou-se a se sentir intimidada.

— Bem, quando acha que ele vai voltar? — quis saber ela, mantendo-se calma com dificuldade.

— Não sei dizer, *senhora* — respondeu ele, olhando-a com desprezo, aquele velho miserável e desprezível.

Charity respirou fundo, prestes a falar umas verdades para ele, quando o Senhor Ogden apareceu.

— Senhorita Kendall — disse ele, com os olhos cheios de afeto.

— Bom dia para você, Senhor Ogden — respondeu ela, à altura do seu afeto e polidez, por nenhuma outra razão a não ser provocar o mordomo. — Eu estava esperando encontrar o visconde em casa.

— Infelizmente, você não teve sorte mais uma vez, Senhorita Kendall — respondeu Ogden, com as palavras cheias de simpatia. Pelo menos, ele compreendia a situação dela. — Receio que o visconde tenha regressado a Londres. Ele pretende permanecer lá até...

Ele hesitou, e Charity deu um resmungo de deboche.

— Até que eles tenham lidado com essa situação desagradável para ele — terminou ela, cerrando os dentes.

O Senhor Ogden estendeu as mãos, com a expressão de dor. Não adiantava ficar com raiva dele, ela sabia disso. Ele estava tão à mercê do visconde quanto ela. Ele dispensou o mordomo e ofereceu-lhe o braço.

— Você gostaria de dar uma volta pelo jardim, Senhorita Kendall?

Charity não queria muito fazer nada do gênero. Seus pensamentos não eram nada agradáveis e engajar em uma conversa cortês seria um grande esforço que teria que fazer. No entanto, ela não queria ser rude, então ela colocou um sorriso no rosto e pegou seu braço, enquanto o Senhor Baxter olhava, da carroça, com cara feia para ela. Bem, ele teria de esperar.

Os jardins, pelo menos, eram uma fonte de alegria, uma espécie de bálsamo para os seus pensamentos tumultuados. À medida que os dias passavam e o despejo iminente se aproximava mais, ela se sentia cada vez mais fora de controle. Era uma sensação que ela detestava. Se

houvesse algo que ela pudesse fazer, uma atitude que pudesse tomar, ela poderia pelo menos ser útil. Não havia nada pior do que ser forçada a sentar e assistir àqueles que você amava...

Ela afastou as velhas memórias da mente. Não valia à pena ficar remoendo, e ela sempre foi o tipo de mulher que “*vivia um dia de cada vez*”. Ela sabia muito bem o quão curto e frágil aquele dia poderia ser em um mundo cruel. Ela tinha prometido garantir que o resto de sua família vivesse uma vida longa e feliz, longe de preocupações e medos que pareciam rondar seu coração nas primeiras horas da manhã. No entanto, a saúde de Kit já era frágil e agora isso.

Pare com isso, ela ordenou a si mesma, piscando, para frear as lágrimas.

— Se houvesse algo que eu pudesse fazer.

Charity ergueu os olhos, assustou-se com seus pensamentos sentimentais diante da sinceridade do homem ao seu lado. Ela piscou e forçou aquele sorriso falso mais uma vez.

— Eu sei disso, Senhor Ogden, mas, por favor, não se martirize. Você sempre foi gentil.

— Gentil e inútil — disse ele, com um suspiro pesado enquanto a guiava por um caminho de cascalho bem-cuidado. — Mas meu empregador é um homem volúvel, vaidoso e egoísta, e nenhuma súplica do mundo mudaria a sua opinião. Devo confidenciar-lhe que ele ficou terrivelmente zangado comigo. Eu temia que ele pudesse me atacar em um determinado momento, vociferando e enfurecido como ele estava. Pensei que talvez fosse me demitir.

Charity arquejou, horrorizada não só pelo homem ter assumido tais riscos em seu nome, mas também chocada por ele ter traído o seu empregador de tal maneira. — Mas Senhor Ogden, eu... eu não fazia ideia. Oh, meu caro senhor! Peço-lhe que não coloque o seu emprego em risco assim. Meu Deus, se tivesse perdido o seu emprego por nossa conta...

A culpa a dominou, ao passo que o Senhor Ogden respondia com um sorriso sereno e dava-lhe um tapinha na mão.

— Se eu pudesse ter influenciado sua decisão, teria valido a pena.

Charity engoliu em seco, observando a expressão nos olhos do homem com consternação e afastando-se dele. Oh, céus. Sua admiração estava se tornando evidente e ela não sabia como desviar suas atenções sem lhe magoar ou causar constrangimento. Embora ela soubesse que deveria ficar lisonjeada e satisfeita com a estima que ele tinha por ela, havia algo no homem que a deixava desconfortável. Por mais que tentasse, não conseguia identificar exatamente o que era. Ele

era educado, gentil e tinha um futuro promissor e, ainda assim... ele fazia sua pele arrepiar. Por que ela se sentia assim? Ele certamente não era desagradável aos olhos.

Ela não nunca teve contato com homens, já que ficava protegida na fazenda e estava ocupada demais em manter todos alimentados e criar as crianças, então ela não podia ter certeza. Sem saber o que mais fazer, ela simplesmente ignorou a expressão terna nos olhos do Senhor Ogden e fingiu que não a tinha visto. Será que ela estava sendo tola? Ou mesmo egoísta?

Se ela fizesse um bom casamento, pelo menos poderia manter John e Jane seguros e ao seu lado e pagar o melhor tratamento para Kit quando ele adoecesse novamente. Era o que Kit queria que ela fizesse, embora ele pelo menos esperasse que ela encontrasse um casamento por amor. Casar-se com o Senhor Ogden não era uma ideia tão empolgante. O amor não seria encontrado com um homem como ele, embora talvez ela pudesse encontrar segurança e talvez até contentamento, se tentasse bastante.

O pensamento fez seu coração vibrar de uma maneira nada agradável.

Ela olhou furtivamente para o homem ao seu lado. Ele era pelo menos quinze anos mais velho que ela, mas ela não podia negar que ele era um homem atraente. Não era precisamente bonito, não como o seu hóspede irritante, mas era bem-apegoado com traços fortes e uniformes. Ele era mais alto do que ela e largo, embora, para sua irritação, ela o comparasse mais uma vez ao estúpido mal-educado que ocupava o quarto de hóspedes. Naturalmente, o demônio era mais alto e mais largo. Pensar no homem fez com que sua irritação voltasse com tudo. Será que o diabo tinha planejado seduzi-la ontem à noite? O pensamento fez seu coração bater forte; não era um mero tremor por aquele miserável, mas sim uma verdadeira marcha militar que irrompeu em seu peito.

— Receio que toda essa perturbação a tenha deixado doente, Senhorita Kendall. Parece bastante corada. — O tom de preocupação do Senhor Ogden fez com que ela corasse ainda mais enquanto desviava seus pensamentos para longe daquele caminho perturbador.

— Eu acho que você deve estar certo, Senhor Ogden — murmurou ela, mentindo descaradamente e agarrando a oportunidade para se livrar de sua companhia. — Se me der licença, tenho de sair do sol e ir para casa. Acho que me sinto um pouco fraca.

Sendo um cavalheiro que era, o Senhor Ogden foi inflexível quanto a escoltá-la de volta para o Senhor Baxter e para a carroça e teria insistido em transportá-la de volta para a fazenda na própria

carruagem do visconde se Charity não tivesse insistido que não era necessário. Havia algo sobre sua natureza solícita que a incomodava profundamente e a fazia querer gritar com ele. Ela não conseguia entender por que, já que ele não tinha sido nada além de gentil, mas ele a fazia se sentir como uma flor delicada que podia murchar diante de uma súbita rajada de vento, e isso a deixava louca.

Ela era tudo, menos delicada.

Pavio curto, cabeça dura, teimosa e precipitada eram todas as palavras que poderiam ser jogadas na sua cara. Mas delicada? Ela era tão delicada quanto um martelo. Charity bufou enquanto o Senhor Ogden desaparecia à distância, e a carroça rumava em direção à sua casa.

— Ele precisa ir — disse Kit, com a voz insistente agora.

— Está tudo muito bem — respondeu Charity, despejando a geleia escaldante em potes e tentando não queimar os dedos. — Mas como se pode expulsar um homem que nem sequer sabe quem ele é, ou onde vive? Não é propriamente um ato de caridade, não é?

Kit fechou a cara para ela e enfiou o dedo na gota de geleia que ela havia pingado em um prato frio para ver se ia endurecer. — Que se dane a caridade — disse ele, sorrindo para ela enquanto lambia o dedo.

Charity jogou a concha na panela e agarrou os flancos em um gesto de hilaridade. — *Ha-ha* — disse ela, impassível, pegando de volta a concha antes que ela afundasse na mistura vermelha pegajosa e desaparecesse. Ela suspirou, imaginando onde eles estariam quando comessem o lote de geleia de morango deste ano. Em algum lugar, lutando pela sobrevivência? Tio Edward tinha prometido ajudá-los, mas tinha cinco filhas e estava longe de ser um homem rico.

Kit suspirou. Ele sentou-se em sua cadeira e estudou a mesa da cozinha como se ela tivesse todas as respostas.

— De qualquer forma, por que você está tão ansioso para se livrar dele? — perguntou Charity, franzindo a testa para o irmão. — Quer dizer, além do fato de ele ser rude, detestável e o homem mais desagradável que já tive a infelicidade de conhecer?

Ela observou como Kit olhava para ela, com algo em sua expressão que ela não conseguia decifrar, o que por si só era preocupante. Normalmente, ela podia ler seu irmão gêmeo como um livro. Ele deu de ombros e desviou o olhar dela.

— Bem, para começar, eu não gosto da maneira como ele olha para você, então certifique-se de nunca ficar sozinha com ele.

Charity ergueu as sobancelhas para ele, imaginando se ele estaria louco. O homem não a suportava. No entanto, ela se lembrou de seu tom de voz sedutor na outra noite. Aquele que a irritou tanto, antes de atirar alguma coisa em direção à cabeça dele, pelo menos.

— Há algo nele que eu não gosto — continuou Kit. — Alguma coisa... — Ele soltou um bufo, passando a mão pelo cabelo. — Não sei, e se o Senhor Baxter tiver razão pela primeira vez na vida e ele acabar nos trazendo problemas?

Charity bufou e retribuiu com uma expressão severa. — Até um relógio parado está certo duas vezes por dia — murmurou ela, fazendo-o rir.

— É verdade. — Ele se inclinou para frente e estendeu a mão para o pão que havia trazido para a mesa mais cedo, antes mesmo de a geleia terminar de cozinhar. Ele cortou uma fatia grossa, colocou manteiga e depois lançou a Charity um olhar ansioso, pidão, igual ao de um cachorrinho. Ela suspirou para ele.

— Você é pior que John! — Ela colocou um pouco mais no prato de porcelana e Kit não perdeu tempo em transferir a geleia para o pão. Charity balançou a cabeça, rindo. — Ainda está quente, vai derreter a manteiga e você vai queimar a boca.

Kit deu de ombros e mordeu o pão de qualquer maneira, tomando uma respiração profunda e abanando a mão na frente de sua boca, como ela havia previsto. Ela bufou, divertindo-se. Kit sempre foi o impaciente, querendo tudo no mesmo instante, vibrando com o desejo de ver, de experimentar, de saber. Cheio de energia, teria dito o pai dela. Um sorriso curvou em sua boca, embora triste, cheio de arrependimentos.

— Não fique com essa cara, Charity — disse Kit, com a voz baixa. — Isso parte meu coração.

Charity ajeitou o rosto e olhou para Kit. — Eu estava apenas tentando lembrar se tinha alimentado os porcos esta manhã — respondeu ela, mentindo novamente.

Kit suspirou e ela se virou, sabendo que ele não acreditava em uma palavra sequer. Esse era o problema de serem gêmeos; ele conhecia a mente dela tão bem como ela conhecia a dele.

— Tem alguma coisa com um cheiro maravilhoso aqui.

Eles olharam ao redor quando seu convidado sem nome apareceu. Charity se irritou, com todos os seus sentidos em alerta enquanto sua figura larga ocupava totalmente a porta.

— Oh — disse ela, com a voz mordaz. — Você está acordado, é?

— Parece que sim — respondeu ele, sorrindo para ela.

Pelo menos ele exibia dentes brancos e alinhados, como se pudesse arrancar-lhe a garganta, mas ela presumiu ele tivesse a intenção de que parecesse um sorriso.

— Coma um pouco de pão e geleia — convidou Kit, puxando uma cadeira e ignorando o olhar de fúria lançado por Charity.

Típico de Kit. Ele não confiava no homem nem o queria por ali, mas não perderia a oportunidade de falar com alguém novo.

Charity olhou com o canto do olho enquanto o homem se sentava e depois aguardava, esperando ser servido. Ela franziu a testa, reprimindo seu aborrecimento. Ele era alguém habituado a ser servido. Seu sotaque exalava cultura e dinheiro tão claramente quanto as roupas que vestia quando o encontraram. Mais uma vez, ela se perguntou o que ele estava fazendo aqui no meio do nada. Certamente, ele estava a caminho de ver o visconde de coração negro, não?

Com um bufão, ela cortou para ele duas fatias de pão, já que ele era obviamente incapaz de fazê-lo, e jogou-as em um prato limpo, deslizando-o em sua direção. — Sirva-se.

— Muito obrigado.

Aquela inquietante exibição de dentes foi feita novamente e ela estremeceu, lembrando-se de uma ilustração de um tigre em uma enciclopédia que tinha estudado quando criança.

— Você está se sentindo melhor? — perguntou-lhe Kit, enquanto ele conseguia passar a manteiga em seu próprio pão sem a ajuda de um criado ou um mordomo, ou algo assim.

Ela desejava que ele derramasse geleia na camisa, depois lembrou-se que era a camisa de Kit e que teria de lavar a maldita coisa.

Ele raspou o que restava da geleia no prato e assentiu, embora parecesse pouco à vontade agora.

— Eu... eu estou — disse ele, olhando para Kit e acenando em agradecimento. — Na verdade, lembrei um pouco de quem eu sou.

Aleluia.

Kit ficou animado com essa informação, endireitando-se e prestando total atenção no homem.

— Não muito — acrescentou o homem, desculpando-se quando todas as suas esperanças caíram por terra. — Mas lembrei-me de que o meu nome é... David.

— David? — repetiu Charity, estreitando os olhos. — Você não

parece um David.

Houve um lampejo de ira enquanto ele lançava um olhar repreensivo de volta que provavelmente aterrorizava camareiras e lacaios. — Contudo...

— Bem, isso é... um começo — disse Kit, olhando para Charity, que sabia que ele estava xingando internamente tão alto quanto ela. — Mais nada?

Nada de útil, ele não disse, embora pudesse ouvir as palavras pairando no ar.

— Um sobrenome, talvez? Ou para onde ia ou de onde vinha?

David balançou a cabeça e estendeu as mãos de maneira derrotada. — Sinto muito, mas não — respondeu ele, não parecendo nem um pouco triste para o gosto de Charity. — Mais nada.

— Você conhece o Visconde Devlin? — quis saber Charity, cruzando os braços e fulminando-o com os olhos.

Houve um lampejo de algo em seus olhos, mas ela não pôde dizer o que era. Reconhecimento, talvez?

Ele ficou quieto por um momento e ela presumiu que ele estivesse considerando a questão.

— Eu sei dele, sim — respondeu ele, com as palavras um pouco cautelosas. — Mas não, não acredito que o conheça pessoalmente. — Ele fez uma pausa, demorando muito para espalhar uma camada perfeita de geleia em cada canto de seu pão. Uma vez satisfeito, ele cortou a fatia ao meio e a levantou até a boca. — Ouvi dizer que ele é um sujeito bem diabólico — ponderou, estudando a fatia com um ar indiferente. — Um verdadeiro conquistador.

— Diabólico — zombou Charity. — Nisso sim estamos de acordo.

A contragosto, ela observou enquanto ele mordia o pão, fechando os olhos com prazer enquanto mastigava. Seu olhar deslizou para sua mandíbula, onde a barba agora estava crescendo profusamente. Kit tinha lhe emprestado o seu equipamento de barbear, mas talvez o homem inútil não conseguisse fazer a barba sozinho. Ela imaginou deslizar uma navalha pela linha forte de sua garganta e sentiu sua boca ficar seca. Quando ela desviou o olhar dele, pegou Kit olhando para ela com consternação. Um rubor atingiu sua própria garganta e ela se virou, irritada consigo mesma.

Charity raspou o restante da geleia da panela e decidiu que seria melhor manter o máximo de distância possível de David.

Dev, ou David, como agora se autodenominava, ficou

perambulando pela cozinha e, no geral, foi um estorvo pelo resto da manhã. Se quisesse evitar Blackehart, não havia outra opção senão ficar até que a fazenda fosse vendida. Não seria por muito mais tempo, pelo menos. Mesmo que um lampejo de culpa tenha se infiltrado em seu coração pelo fato de os Kendalls estarem abrigando aquele que selaria seu destino, ele fez o possível para reprimi-lo. Todos tinham os seus problemas. Eles começariam uma nova vida em outro lugar.

Por que, porém, ninguém veio procurá-lo? Por que o campo não estava cheio de histórias do visconde desaparecido. Isso era muito estranho. Ele não era popular, especialmente entre sua criadagem. Dev não era tão tolo a ponto de não saber disso, mas certamente *alguém* sentiria o sumiço dele, certo? A não ser que a notícia tivesse sido mantida em segredo. Mas por quê?

Kit os deixou para sair e escrever poesia ou algo melancólico do tipo, e Dev ficou com as mulheres. Apesar de sentir que deveria estar chocado por se rebaixar a tal nível, ele achou tudo bastante fascinante.

A Senhorita Kendall ficou claramente enfurecida com a sua presença, mas a Senhora Baxter, que se apressou com uma cesta de ovos e o recebeu de braços abertos, deu uma atenção exagerada a ele, dando-lhe provinhas das tortas que estava fazendo e pedindo-lhe a sua opinião. Isso só irritou ainda mais a Senhorita Kendall, o que o divertiu sem fim.

Foi a primeira vez que ele realmente teve a oportunidade de observá-la. Ela sempre parecia estar fazendo as coisas na fazenda, ocupada com uma coisa ou outra. A jovem estava sempre em movimento, porém, e ele encontrou seus olhos atraídos por ela enquanto ela se movia pela cozinha. Não era de se admirar que suas mãos fossem tão ásperas. Cuidar de sua família não era algo que ela deixaria apenas aos cuidados da Senhora Baxter. Parecia que havia trabalho suficiente para mais de dois, pois falavam de uma lista interminável de serviços que precisavam de atenção. Assim que a geleia de morango ficou pronta, e os potes deixados para esfriar, a Senhorita Kendall lavou e preparou uma enorme bacia de groselhas. Dev sempre gostou bastante de groselhas e perguntou-se se todas eram destinadas a geleias.

Nunca em sua vida tinha passado algum tempo na cozinha, nem sequer tinha considerado o trabalho envolvido na preparação de uma única refeição, muito menos pensado sobre a preservação de mantimentos para o inverno. Sua comida simplesmente aparecia na mesa e ele comia sem refletir muito sobre tempo e esforço que poderia ter sido dispendido na preparação. Ele sabia, é claro, que sua própria casa tinha consideráveis hortas e estufas para as frutas mais exóticas,

como abacaxis. Nada de tão incomum jamais seria visto aqui, isso era certo.

Baxter apareceu em um ponto e foi duramente repreendido por sua esposa por trazer sujeira para dentro da cozinha. A Senhora Baxter entregou-lhe uma xícara de chá e, então, o mandou embora o mais rápido que pôde, enquanto ele resmungava sobre a probabilidade de a porca parir sua ninhada nos próximos dias. Dev sorriu maliciosamente quando a Senhora Baxter fechou a porta na cara do marido com um suspiro de aborrecimento e, então, desejou não o ter feito quando ela flagrou sua expressão. Estreitando os olhos para ele, ela pegou uma faca afiada e uma grande bacia de batatas.

— Se você vai atrapalhar na cozinha, é melhor se fazer útil em vez de ficar sentado aí parecendo um enfeite — disse ela, com um brilho desafiador em seus olhos.

Dev abriu a boca para protestar, mas viu a expressão de desgosto nos olhos da Senhorita Kendall. Ela já havia feito vários comentários mordazes sobre o estado de sua barba por fazer, que ele teve que admitir que também o incomodava. Não que ele não soubesse como fazer, só que ele não sabia fazer direito. Ele estava decidido a não descer as escadas todo machucado. O fato de que ela o considerava inútil e incapaz de se defender sozinho era tão irritante quanto ridículo. Ele era um cavalheiro, pelo amor de Deus! Ele tinha um criado para tais tarefas servis e ele nunca na vida teve que levantar um dedo para trabalhar.

Cavalheiros não faziam isso.

Havia regras sobre essas coisas. No entanto, a ideia o irritou e, então, ele pegou a faca e uma batata com uma carranca.

— Não tanto! — exclamou a Senhora Baxter, balançando a cabeça e estalando a língua para ele. — Haverá mais batata para os porcos do que para nós, se você cortar tanto assim!

Fustigado, Dev franziu um pouco a testa, ignorando o bufo de diversão da Senhorita Kendall e começou a melhorar suas habilidades.

Capítulo 7

“No qual nem mesmo um demônio pode afogar um gatinho fofinho.”



No dia seguinte, Dev encontrou a cozinha deserta. Um bilhete sobre a mesa instruía-o de que havia pão, queijo e presunto na despensa, e que ele deveria se servir. Pelo tom conciso do bilhete, ele suspeitou que a Senhorita Kendall o havia escrito. A Senhora Baxter, a Senhorita Kendall e John tinham ido ao mercado e só voltariam à noite.

Dev esfregou a barba com irritação. Não havia muita coisa para diverti-lo aqui, mas, pelo menos, irritar a Senhorita Kendall lhe proporcionava algum entretenimento. Sem a sua presença irritadiça, ou a Senhora Baxter engordando-o como um peru de Natal, sentia-se sem ter o que fazer.

Às dez e meia, ele estava enlouquecendo de tédio e as coisas ficaram tão ruins que decidiu tentar ler um livro. Dev odiava ficar parado por mais de meia hora seguida em circunstâncias normais, com muita energia nervosa borbulhando sob sua pele para permitir tal tranquilo repouso. Como um cavalheiro, ele poderia evitar o trabalho em todas as suas formas, mas isso não queria dizer que ele era ocioso. Ele andava a cavalo e praticava esgrima, lutava boxe e se socializava, bebia demais, dormia muito pouco e passava muito tempo na companhia de mulheres escandalosas.

Se fosse honesto, teria de admitir que nunca se sentiu tão bem quanto nos últimos dias. Agora que seus hematomas estavam cicatrizando e sua cabeça havia parado de latejar, ele se sentia descansado. Seu fígado estava certamente agradecendo-lhe, pois parecia que havia pouca bebida destilada na casa. As olheiras debaixo dos seus olhos tinham desaparecido, e a aparência cansada, um tanto libertina, que ele havia notado se acentuar em seu rosto ao longo dos últimos anos estava desaparecendo com boa comida e uma noite de sono adequada.

Na verdade, ele se sentia repugnantemente saudável e precisava de algo físico para fazer. Nem pensar que ele se arriscaria a esbarrar com o Senhor Baxter. O homem olhava para ele como se fosse um espírito malévolo e fazia sinais peculiares com as mãos quando pensava que Dev não estava olhando. Dev tinha certeza de que eles eram feitos para afastar o mal. Não que ele se importasse com o que o velho louco pensava dele, mas nem pensar que iria suportar outro

sermão da Bíblia. Lembrava-lhe demasiado as palavras de conforto de seu pai.

Afinal, era só um livro. Com um suspiro resignado, ele abriu a porta do escritório, pois os poucos livros que a casa parecia possuir estavam ali, e foi duramente xingado quando pôs os pés no cômodo.

— Maldição! Não disse que não deveria ser incomodado quando estivesse trabalhando? — Kit olhou para ele por cima de uma mesa cheia de pedaços de papel amassados, com uma pena esfarrapada em suas mãos manchadas de tinta. — Oh — disse ele, ao ver Dev parado na porta. — É você.

Isso não parecia ser uma afirmação positiva, mas Dev nunca foi facilmente intimidado pela grosseria. Na verdade, ele via isso como um desafio. Sendo esse o caso, ele fechou a porta atrás de si e hesitou, esticando o pescoço para examinar o trabalho de Kit.

— Posso ajudá-lo com alguma coisa? — indagou Kit, recolhendo seus papéis e enfiando os pedaços amassados na lixeira.

— Não — respondeu Dev, sorrindo.

Kit suspirou e estreitou os olhos para ele. — Olha, eu não gosto de você e você não gosta de mim. Por isso, faça um favor para nós dois e caia fora. Tenho trabalho a fazer.

Dev riu e se perguntou quantos problemas os gêmeos tiveram quando crianças por suas naturezas francas.

— Então, você é um poeta? — perguntou ele, encostado na parede e cruzando os braços.

— Sou — disse Kit, concisamente. — O que você é?

Havia um brilho suspeito em seus olhos, mas Dev sorriu para ele e encolheu os ombros.

— Um cavalheiro — respondeu ele, seu tom afável.

Kit bufou, um som depreciativo, ao qual Dev normalmente teria objetado, mas ele *estava* irritando o sujeito de propósito, e ele não queria ser expulso por quebrar o nariz de seu anfitrião.

— Sua noção de cavalheiro e a minha não são necessariamente a mesma — disse Kit, sorrindo entre os dentes de uma maneira que fez uma imitação de seu tom educado.

— Não tenho dúvidas disso — respondeu Dev, enfatizando seu sotaque de classe alta.

— Apenas fique longe da minha irmã — rosnou Kit, a fúria repentina em sua voz pegando Dev um pouco desprevenido. Certamente, ele não pensava que..?

— *Da Senhorita Kendall?* — repetiu Dev, de repente em estado de alerta.

— Isso mesmo, da Senhorita Kendall! — explodiu Kit, jogando a pena, de forma que a tinta respingasse em várias folhas limpas de papel. — Eu vi a maneira como você olha para ela, como se fosse devorá-la em uma única bocada.

Dev fitou o homem boquiaberto, perguntando-se se ele estava com algum parafuso a menos na cabeça. Talvez tenha havido um pequeno flerte, mas... — Você está louco? Ou apenas iludido? Quero dizer, já ouvi falar de poetas com imaginação fértil, mas, francamente!

— Oh, não venha bancar o inocente comigo. — Kit se levantou em um movimento suave, empurrando a cadeira para trás e movendo-se por trás da mesa. — Conheço o seu tipo, com a sua aparência e o seu dinheiro. Você acha que tem o direito de tomar qualquer mulher para si e não se importa com o que acontece com elas quando se cansa e segue em frente. — O jovem levantou-se, aproximando-se a passos largos, sua expressão furiosa agora. — Bem, *a minha irmã*, não.

Dev teve que admitir que ficou bastante impressionado. Ele achava que o jovem era do tipo covarde – ele sabia que intelectuais muitas vezes eram – e vê-lo defender sua irmã, embora sem uma boa razão, fez com que Dev o tivesse em mais alta estima.

Contudo...

Dev se ergueu até sua altura total e alinhou os ombros. Eles tinham quase a mesma altura, mas a saúde incerta de Kit o privava do porte de que Dev dispunha com facilidade.

— Sua irmã não suporta me ver — disse Dev, proferindo as palavras de maneira precisa, como se estivesse explicando a alguém com deficiência mental. — E posso te garantir que o sentimento é mútuo. A ideia de que há algo de... de natureza... *romântica* é francamente ridícula.

Kit aproximou-se, com a voz baixa e zangada agora. — Maldito seja, David, ou qualquer que seja o seu nome. Eu vejo a maneira como se olham. O ar é tão pesado quando vocês dois estão no mesmo local que podem cortá-lo como cortam um queijo.

Dev abriu a boca, mas Kit não o deixou falar.

— Ela passou por momentos difíceis, sacrificou tudo pelo resto da família, e ela entende tão pouco de homens quanto um gatinho de um leão. Ela é inocente, e tenho intenção de mantê-la assim, por isso afaste-se dela.

Dev fitou-o boquiaberto, enquanto Kit arrancava seu trabalho da mesa e saía do cômodo, batendo a porta atrás de si.

Bem, isso tinha sido inesperado.

A Senhorita Kendall vinha observando-o? Um arrepio de excitação percorreu a coluna de Dev, que ele suspeitava não ter sido o resultado que seu irmão gêmeo esperava.

Se ele fosse honesto consigo mesmo – uma raridade, era verdade – a virtude dela era uma espécie de tentação. Isso o surpreendia mais do que qualquer outra coisa. As virgens não eram do interesse dele. Era muito melhor uma mulher experiente que sabia o que estava fazendo a ter que ensinar a alguém o básico. Esforço demais.

No entanto, ser o primeiro a beijar aqueles lábios exuberantes... ela teria um gosto tão amargo quanto sua língua afiada sugeria, ou doce?

O arrepio ficou mais forte, formigando ao longo de sua pele, o desejo aquecendo seu sangue quando a ideia tomou conta.

Maldição. Não.

Dev cerrou os punhos e soltou um suspiro. Ele era um canalha mesmo, e mandar essa família embora sem cerimônia para salvar sua própria pele era algo que ele estava completamente preparado para fazer, embora admitisse que o pequeno lampejo de culpa estava um pouco mais pesado do que antes. No entanto, se tivesse que escolher entre ele ser encontrado morto em uma vala e a família Kendall ser arruinada e despejada, então eles poderiam muito bem começar a fazer as malas.

Seduzir a Senhorita Kendall antes de serem despejados, no entanto? Não. Havia limites para sua vilania, embora o surpreendesse a descoberta. Essa era uma linha que ele não iria cruzar.

Dev vagou pela fazenda após seu embate com o jovem Kendall, ansioso para se livrar da sensação inquietante que ardia sob sua pele. Ele precisava de algo para fazer, e precisava rapidamente. Ogden tinha razão. Ele nunca teve o menor interesse no funcionamento de sua propriedade ou de quaisquer inquilinos que vivessem nela. Ele podia ver que a fazenda estava em bom estado. Muitos dos porcos que criavam estavam soltos para pastar, buscando comida nas charnecas e nas matas, mas as porcas prenhas eram mantidas no chiqueiro e estavam gordas e saudáveis. Havia também um bom número de galinhas, gansos, perus e patos, bem como uma vaca e pelo menos uma dúzia de cabras. A casa em si era bem construída e em excelente estado de conservação, com visíveis sinais de obras recentes no telhado de ardósia. Além de um padoque que precisava de atenção, todas as cercas eram resistentes e, mesmo aos seus olhos

inexperientes, os campos cultivados eram bem cuidados. Ele não tinha a menor ideia se eles estavam cultivando trigo ou cevada, mas para seu olhar ignorante parecia que estava indo bem. Era algo raro, nesta parte do mundo, ter terras aptas para qualquer coisa que não fosse pastoreio. Ele suspeitava que muitos anos de trabalho árduo os tivessem levado a esse ponto.

Satisfeito por ter inspecionado o local enquanto fugia da companhia severa do Senhor Baxter, Dev prosseguiu. O sol estava a pino agora, queimando a sua nuca. Ele se afastou da fazenda e subiu a colina que ficava atrás, feliz que estava alongando os músculos. O terreno tornou-se mais rochoso e ele subiu, parando por um momento para admirar a vista dos campos que se estendiam para o infinito, ou assim parecia desde sua vista privilegiada. Era uma beleza selvagem e acidentada, não os verdes suaves e as colinas ondulantes que ele havia encontrado mais ao sul quando viajou pelo país.

Dev respirou fundo, perguntando-se por que a paisagem falava com ele hoje, quando antes parecia tão hostil. Poderia ele encontrar uma espécie de lar nessa paisagem isolada, em vez de fugir constantemente para Londres? Outra questão surgiu em sua mente: afinal, ele se preocupava com o destino do nome Devlin?

Ele tinha tanta certeza de que queria arrastar seu prestigioso nome na lama, lançar a sua história aos quatro ventos e rir enquanto o fazia. Seu pai tinha sido um homem tão orgulhoso que parecia uma homenagem adequada. No entanto, agora, na décima primeira hora, sua resolução vacilou.

Seria ele uma criança que continuaria a destruir a sua própria vida, a sua antiga herança, apenas para irritar um homem que não estava mais por perto para vê-lo fazer isso?

Ele sempre tinha pensado dessa forma, mas agora...

Dev hesitou, refletindo sobre isso pela primeira vez, em vez de apenas continuar com a promessa que havia feito a si mesmo há tantos anos. Ele se perguntou o que Senhorita Kendall pensaria de uma promessa tão destrutiva e bufou enquanto evocava sua expressão de nojo. Meu Deus, ela o repreenderia por desperdiçar uma oportunidade tão grande. Ela não faria nada tão descuidado e criminoso quanto desperdiçar um momento de sua vida.

Não, ela lutaria por isso, com unhas e dentes.

Subitamente, a imagem de seus olhos escuros suaves veio até ele; sua boca formando um sorriso só para ele, tímido e doce em vez de uma fina linha de desagrado. Ele permitiu que a imagem tomasse forma enquanto imaginava tomando-a nos braços, tomando-lhe os lábios...

Raios o partam!

Irritado, continuou a subir a colina.

No momento em que Dev voltou para a fazenda, estava com calor, suado, e com o humor não muito bom. Embora ele tivesse caminhado longe o suficiente para aliviar seu desejo de esforço físico, a imagem de Senhorita Kendall, receptiva e disposta em seus braços, era difícil de apagar de sua mente.

Então, foi com uma recepção menos do que entusiasmada que ele cumprimentou a pequena Jane quando ela se jogou em cima dele, envolvendo com os braços as suas pernas e choramingando como uma pequena, porém determinada assombração.

— Por que toda essa algazarra? — quis saber ele, olhando horrorizado, enquanto a menina encarava-o, com lágrimas gordas escorrendo de seus grandes olhos castanhos.

— Por favor, Senhor David, por favor, *por favor*, não o deixe fazer isso.

— Quem fazer o quê? — disse Dev, perplexo, enquanto a criança estendia a mão e o puxava para frente.

Ela era forte para um pedacinho de gente e manteve um aperto tenaz em seus dedos enquanto o puxava em seu encalço.

— *Ali!* — disse ela, com um floreio teatral, que o grande ator Kean teria aprovado quando ela apontou o dedo como se fosse uma profeta enfurecida.

Ele quase esperava que um estrondo de trovão soasse acima deles, tal era a energia desesperada vibrando em seu pequeno corpo. Em vez disso, viu o Senhor Baxter balançando um gatinho cinzento sobre a boca aberta de um velho saco de cereais.

— Ele vai matá-los, Senhor David! — lamentou ela, agarrando-se ao braço dele agora e soluçando como se seu coração estivesse se partindo.

Oh, pelo amor de tudo que é mais sagrado...

Um lamentável choramingo alcançou os ouvidos de Dev, e ele soube que estava perdido. Embora o negasse se assim lhe pedissem e ignorasse qualquer coisa pequena e fofa por princípio, lá no fundo tinha de reconhecer que tinha uma afeição por animais. Seus pais nunca deixaram que ele tivesse um cachorro quando criança. Os nervos de sua mãe não suportavam latidos e ela não gostava de gatos. Os únicos animais que seu pai mantinha eram cães de caça úteis que provavelmente morderiam seu dedo na primeira oportunidade, e

cavalos, naturalmente.

Os animais de estimação eram uma indulgência que o falecido visconde não aprovava, preocupado que arranhasse os pisos de madeira polida e arruinasse os móveis. Nenhuma quantidade de súplica da parte de Dev quando menino fez com que ele mudasse de ideia.

Certa vez, ele manteve um gatinho por um curto período de tempo, sem o conhecimento de seu pai. Uma coisa selvagem, tirada dos estábulos e escondida com cuidado. As criaturas selvagens podiam perambular pelos estábulos à vontade, pois mantinham os ratos afastados e longe da comida. O seu pai descobriu a pobre criatura e a afogou.

— Muito bem, Senhorita Jane — disse o Senhor Baxter, deixando o gatinho cair no saco e fechando o punho em torno da abertura. — Nós já passamos por isso. Eles não têm uma mãe, ninguém para alimentá-los. Eles não podem sobreviver por conta própria e deixar os pobres gatinhos morrerem de fome é de longe o mais cruel a se fazer.

— Eu também não tenho mãe! — respondeu a pequena Jane, e Dev ficou bastante impressionado com a força de seu argumento. Ela tinha claramente o mesmo sangue da Senhorita Kendall. — Você também não deveria me colocar no saco e me afogar?

O Senhor Baxter passou a mão cansada sobre o rosto. — Não distorça minhas palavras agora — disse o homem, parecendo cada vez mais incomodado. — Você tinha a Senhorita Kendall e o Senhor Kit, sem mencionar a Senhora Baxter e eu. Muita gente para cuidar de você!

— Eu posso cuidar dos gatinhos! *Eu posso!* — gritou ela, batendo o pé com fúria. — Diga-lhe, Senhor David.

Implorando, ela voltou os olhos brilhantes e inocentes para ele e Dev soltou um palavrão entre dentes.

— Bem, ela não poderia? — perguntou ao Senhor Baxter, esfregando a nuca e desejando que todos eles fossem para o inferno, gatinhos e tudo o mais.

O Senhor Baxter respondeu com uma expressão mordaz. — Aquela criança poderia dormir profundamente, mesmo durante uma tempestade tão barulhenta que deixaria qualquer um atordoado. Não há a menor chance de ela acordar para alimentar os gatinhos, e eu não farei isso de jeito nenhum, isso é certo e definitivo. — O homem colocou uma mão deformada no quadril, com o saco se contorcendo ainda em suas mãos.

Jane passou os braços em volta da coxa de Dev e começou a

chorar. Não eram os soluços teatrais e chorosos com os quais ela havia começado, mas sim o choro quieto e lastimável de uma criança que sabia que não tinha poder em um mundo dominado por adultos.

Maldito inferno.

— Dê-me o saco — disse Dev, perguntando-se se ele tinha perdido completamente a cabeça. Se alguém ouvisse falar sobre isso...

O Senhor Baxter encarou-o, embasbacado. — Se você acha que pode me intimidar a...

— Apenas dê-me o maldito saco — rugiu Dev, de saco cheio com toda a situação àquela altura. — Vou alimentar as malditas criaturas.

O Senhor Baxter estendeu-lhe o saco, a sua expressão tão confusa que foi quase cômica, quando Dev arrancou o saco de suas mãos e entrou pisando duro na casa.

Jane seguiu seus passos como um cordeirinho, enquanto Dev murmurava obscenidades entre dentes e ignorava a expressão de adoração atônita brilhando em seus grandes olhos castanhos.

— Eu não acredito em você.

Charity encarou o Senhor Baxter, que parecia dividido entre a discreta perplexidade e a consternação.

— Vá olhar então! — respondeu ele, levantando as mãos com exasperação. — Já vou avisando, os dois estão no celeiro alimentando as criaturinhas com a nossa nata!

Fazendo uma breve pausa para lançar ao homem um olhar duvidosa, Charity se apressou a sair. Isso ela precisava ver com os próprios olhos.

Eles haviam fechado o negócio em tempo recorde no mercado e também tinham voltado rapidamente, então chegaram em casa mais cedo do que o esperado. Ela suspeitava que foi só por essa razão que os apanhou.

David tinha colocado os gatinhos na selaria para que eles pudessem fechar a porta e manter qualquer um dos gatinhos do celeiro do lado de fora. Ele improvisou um ninho, mexendo na palha para criar um espaço onde colocou os gatinhos reunidos, cercando-os com mais feixes de palha ao redor. David sentou-se na palha, sem se importar com o dano às suas elegantes botas, e segurava um pequeno pacotinho cinzento felpudo em suas grandes mãos enquanto Jane encorajava o gatinho a mamar em um pedaço torcido de musselina mergulhado em creme.

— Isso mesmo — disse David, com a voz baixa e encorajadora,

embora não estivesse claro se ele estava falando com o gatinho ou com Jane.

— Finalmente está mamando — disse Jane, com os olhos cheios de entusiasmo enquanto lançava a ele um olhar de admiração. — Este é muito mais fraco que os outros, não é?

— Sim — respondeu David, sorrindo para o gatinho. — Vai ser assim até ficar mais forte, então você pode alimentá-lo com uma colher de chá.

Charity sentiu algo balançar em seu peito com aquele sorriso. Maldito homem. Por que ele tinha que ser gentil com animais indefesos? Era muito mais fácil odiar alguém que tratava seu cavalo com desprezo ou chutava filhotes. Não que ela lamentasse que ele tivesse resgatado os gatinhos. Ela tinha feito o seu melhor para endurecer o coração ao longo dos anos — ter uma fazenda não era para as pessoas frágeis, isso era certo — mas ela não podia afogar os gatinhos assim como Jane... o que provavelmente explicava o fato de o Senhor Baxter ter esperado até que ela tivesse saído para resolver a situação deles.

Ela se deslocou por trás da parede do celeiro, esticando o pescoço para ter uma visão melhor.

— Oh, Senhor David, como você é inteligente — exaltou Jane, agarrando-se ao seu braço forte com suas pequenas mãos. — Como você sabia o que fazer?

Charity observou o homem hesitar antes de responder. — Eu tive um gatinho uma vez, quando tinha mais ou menos a sua idade — disse ele.

— Oh — Jane suspirou e aconchegou-se nele, e Charity agora pôde ver que os outros quatro gatinhos estavam dormindo em seu colo. Ela mordeu o lábio para conter a exclamação que queimava em sua língua. — Isso explica tudo. Como se chamava?

— Dinah — respondeu ele, acariciando a cabeça do gatinho com um dedo grande antes de colocá-lo com seus irmãos e irmãs. — Ela era preta, com uma pata branca.

— Awww — disse Jane, rindo, seus cachos escuros caindo sobre a manga de sua camisa. — Senhor David?

— Sim?

Ela descansou a cabeça no braço pesado dele, olhando para ele de tal forma que Charity sentiu um nó na garganta. — Muito obrigada por resgatá-los para mim.

David franziu a testa e depois suspirou. Ele esfregou a nuca e

parecia tão desconfortável quanto qualquer homem se sentiria. — De nada — disse ele, com aspereza.

Jane sorriu para ele e então olhou para cima enquanto a voz de John ecoava pelo quintal.

— Oh, John chegou! Tenho que contar para ele o que você fez.

Antes que ele pudesse protestar, Jane correu para fora do celeiro, passando apressadamente por Charity sem perceber que ela estava lá.

Capítulo 8

“No qual nosso herói é mantido sob a mira de uma faca.”



Charity observou, ainda atônita, David pegar os gatinhos e ajeitá-los no ninho que ele havia criado.

— Eu nunca teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos.

Charity reprimiu uma risada ao ver David saltar ao som de sua voz. Ele grunhiu e virou as costas para ela até que todos os gatinhos se aconchegaram em um monte peludo.

— Isso foi muito gentil da sua parte — disse ela, com sinceridade, a gratidão em sua voz muito evidente.

A pequena Jane não tinha muitos brinquedos e, embora adorasse e idolatrasse seu irmão mais velho, John, e seus agressivos e agitados jogos de guerra e caça nem sempre eram do seu agrado. Os gatinhos seriam algo para ela amar e brincar, se sobrevivessem, quando os jogos de meninos grandes passassem da conta. Ela rezou para que David não se cansasse de cuidar deles, pois Jane ficaria arrasada agora se eles morressem. Com irritação, Charity percebeu que ela mesma acabaria cuidando deles para não ver Jane chateada.

David ainda não tinha dito nada, e ela sentiu em vez de ver seu mal-estar. Ele levantou, tirando a palha de suas roupas e suspirou sobre o estado de suas botas.

— Eu... eu queria saber se você gostaria que eu fizesse a sua barba? — As palavras foram proferidas antes de Charity tivesse tempo de avaliá-las e ela quis poder retirar o que disse.

Seus olhos azul-cerúleo se acenderam de espanto e outra coisa que ela não conseguia interpretar, embora isso fizesse seu coração bater um pouco mais forte. Ele esfregou a mão sobre a barba e fez cara feia, e ela sabia que estava certa em acreditar que ele não gostava de ter a barba por fazer.

— Você não precisa fazer isso — disse ele, soando um pouco ríspido ao desviar o olhar dela, com uma carranca juntando suas sobrancelhas escuras.

Meu Deus, ele parecia ameaçador quando fazia uma carranca. Ela lembrou-se dele momentos atrás, acariciando os gatinhos, e reprimiu um sorriso. Ela pensou que talvez sua imagem cruel tivesse sido manchada para sempre agora, mesmo ele franzindo a testa o quanto

quisesse.

— Eu sei que não *preciso* — disse Charity, revirando os olhos e estalando a língua. — Eu estava sendo gentil. É o que as pessoas fazem umas pelas outras... pelo menos pessoas normais, pessoas com boas maneiras — acrescentou, cruzando os braços ao ver a irritação brilhar em seus olhos. — Você foi gentil com Jane e os gatinhos, você também não precisava fazer isso, então agora estou sendo gentil com você.

Ele olhou para ela, e ela sufocou um sorriso, divertida com a expressão bastante perplexa em seu rosto. Ela viu como ele franzia a testa, travando alguma batalha interna, mas ele passou a mão pela barba novamente e deu um aceno tenso.

— Você sabe como? — perguntou ele, seu tom cético. — Ou você está apenas esperando uma oportunidade de cortar minha garganta?

Charity riu.

— Você terá que colocar sua vida em minhas mãos, não é? — disse ela, aproveitando a chance de provocá-lo um pouco. — Mas sim, eu sei como fazer. Meu pai odiava ser barbeado, e quando ele e a mãe adoeceram... — Ela deu de ombros, afastando de sua mente as memórias do corpo esquelético de seu pai nos últimos dias de sua vida. — Kit também, quando... quando ele não está bem o suficiente — acrescentou, desejando e rezando para que aqueles dias terríveis nunca voltassem a esta casa. Ela não tinha certeza se sobreviveria à perda de seu irmão gêmeo. Ninguém mais deveria deixá-la. Nunca mais.

David limpou a garganta, trazendo-a de volta ao presente. — Certo, então. Obrigado — respondeu ele, soando um pouco como se as palavras não lhe fossem familiares. — Eu ficaria muito grato.

Charity assentiu. — De nada. Subo daqui a pouco, se não se importar.

Ele assentiu e se afastou dela.

— Você realmente teve um gatinho chamado Dinah? — perguntou ela, imaginando se ele tinha inventado ou se era algo que ele se lembrava sobre sua vida. — Você se lembra dela?

— Sim — disse ele, evitando o olhar dela. — Algumas coisas estão voltando. Ver os gatinhos trouxe a memória à minha mente, suponho.

Isso fazia sentido, pelo menos, e ela estava feliz que sua memória estivesse voltando. Ela não conseguia imaginar quão perdida uma pessoa devia se sentir, sem saber quem era ou a que lugar pertencia. Talvez isso que o tivesse deixado tão mal-humorado?

— Você deve ter gostado dela, para ter se lembrado disso — disse ela, imaginando por que continuava deixando-o falar, sem vontade de deixá-lo ir. Ele parecia um pouco desconcertado por seu ato de bondade, e ela queria pressioná-lo antes que ele recuasse atrás de sarcasmo e falta de educação. Era óbvio que ele inevitavelmente assim o faria.

— Acho que sim — disse ele, rude agora, impaciente para ir embora.

— Você a manteve com você por muito tempo?

Ele soltou um suspiro, e ela pôde ver que ele estava cansado daquilo.

— Não — respondeu ele, a palavra concisa e um pouco irritada agora, dando meia-volta. — Meu pai a afogou.

Charity observou enquanto ele se afastava, o ar escapando dela em um suspiro. — Oh.

Pela primeira vez, ela se perguntou se talvez a vida do homem não tivesse sido glamorosa e refinada como ela supunha. Ela tinha percebido o seu sotaque de grã-fino, visto a alfaiataria impecável de suas roupas e presumido que sua vida era regada de prazer e facilidade. Será que ela estava tão longe da verdade?

E se ele tivesse sido maltratado? E se ele fosse solitário, infeliz? Ela imaginou-o como um menino, da mesma idade que Jane, sem alguém para salvar um gatinho amado para ele, como ele tinha feito para sua irmã mais nova. Será que foi por isso que tinha feito aquilo?

Charity franziu a testa, desejando que não estivesse tão ansiosa para saber a resposta. O Senhor Baxter tinha razão. O homem era um problema, um problema com o qual ela mal podia se dar ao luxo de se envolver. Oferecer-se para barbeá-lo tinha sido uma ideia idiota. Mesmo agora, o pensamento de suas mãos na pele nua dele causava-lhe calor, embora ela ainda permanecesse na sombra fresca do celeiro.

Ainda assim, ela tinha feito a oferta e devia manter sua palavra. Esperando que pudesse fazê-lo sem cortar sua garganta como havia prometido, ela enfiou as mãos trêmulas debaixo dos braços e entrou pisando duro na casa.

Dev abriu a porta do quarto e encontrou a Senhorita Kendall carregando uma bandeja com uma jarra de água quente e uma escaldante toalha molhada. Ele colocou o kit de barbear sobressalente que seu irmão lhe emprestara e uma cadeira perto da janela para que ela tivesse uma boa iluminação.

Ela entrou, evitando o olhar dele e ele franziu a testa, reprimindo uma sensação estranhamente inquietante em seu estômago enquanto ela passava por ele. Ele se sentia tão nervoso quanto uma virgem em um bordel e não conseguia entender de jeito nenhum por que isso acontecia. A Senhorita Kendall era a virgem ali. Ela que devia estar corando e tremendo, pelo amor de Deus. Ele era um homem experiente, para dizer o mínimo.

Então, por que a ideia das mãos dela em sua pele fazia seus nervos ficarem à flor da pele?

Porque você jurou manter as suas malditas mãos longe dela, uma voz concisa retrucou em sua cabeça. Ah. Sim. E fim da história. Nada pior do que ter uma coceira que você não pode coçar, e agora a maldita criatura estava prestes a piorar as coisas ainda mais.

Dev observou enquanto ela se preparava para barbeá-lo, observando o rubor em suas bochechas. Ele escondeu um sorriso, satisfeito que ela também estivesse nervosa. Será que ela estava ansiosa para colocar as mãos nele, ele se perguntou. Ou seria apenas ansiedade própria de uma donzela diante da falta de decoro de estar sozinha no quarto de um homem?

Ele se perguntou se Kit tinha alguma ideia de que ela estava ali e afastou a ideia. Se a sua explosão de raiva anterior fosse alguma indicação, o sujeito sofreria uma apoplexia. Ela levaria uma bronca e tanto quando o irmão gêmeo descobrisse o que ela tinha feito. Ele olhou para ela novamente, perguntando-se se ela sabia. Ela deve saber que seu irmão desaprovava.

No entanto, aqui estava ela.

O pensamento o encheu de orgulho um pouco, até que, com uma rara humildade, ele se perguntou se talvez estivesse exagerando em sua própria atratividade? A mulher parecia fazer o que quisesse, não importava o que seu irmão dissesse. Talvez a opinião de Kit simplesmente não importasse?

— Sente-se então, por favor — disse ela, com aquele tom brusco e sem rodeios em sua voz que ele reconheceu bem, embora houvesse um leve tremor em suas palavras.

Movendo-se com deliberação, ele manteve o olhar sobre ela enquanto se aproximava, observando a forma como seu rubor aumentava ainda mais. Ah, sim, ela estava desconcertada. A ideia agradou-lhe e ele sorriu.

Dev sentou-se na cadeira, inclinando a cabeça para trás enquanto ela colocava a toalha escaldante sobre seu rosto. Ele suspirou. Apesar disso, ele se sentia bem, embora não estivesse confortável com a

posição de sua cabeça nesse ângulo.

Ela tirou a toalha e ensaboou a brocha, aplicando o sabão no rosto dele. Ela teve o cuidado de não o tocar mais do que o necessário e continuou a evitar seu olhar.

— Você realmente tem um valete, não é? — indagou ela, enquanto pegava a navalha, abrindo-a com cuidado.

Dev assentiu. Não adiantava negar. — Sim.

— Você se lembra do nome dele?

Jacobs.

Dev franziu a testa, imaginando se deveria inventar um nome ou fingir que não conseguia se lembrar de tais detalhes. Ele não dependia tanto de seu valete quanto a Senhorita Kendall achava, mas o sujeito sempre o barbeava muito melhor do que ele próprio seria capaz de fazer. Sua barba era grossa e indisciplinada e, nas ocasiões em que ele tentava fazê-la sozinho, acabava coberto de pequenos cortes. Não era nada agradável de se ver.

— Não me lembro — disse ele, por fim.

Quanto menos mentiras contasse, menor seria a probabilidade de se meter em uma teia de mentiras ao esquecer-se de algum detalhe.

— Incline-se para trás — instruiu-o, o que ele fez por um momento antes de endireitar-se novamente.

— Eu não consigo permanecer assim durante todo o tempo que você me barbeia — protestou ele. — Meu pescoço dói.

Ela o repreendeu, impacientemente. — Bem, como o seu valete faz isso? — perguntou ela. — Eu só barbeei meu pai e Kit na cama, então é mais fácil.

O rosto dela ficou um tom intrigante de escarlate ao perceber o que havia dito, e Dev conteve o riso. Aquela foi uma provocação barata, porém, e ele não responderia a ela. Era demasiado óbvio.

— Eu me recosto nele — disse ele, com um leve encolher de ombros, embora o pensamento de descansar a cabeça contra o peito dela fosse convidativo demais para sua paz de espírito.

— Muito bem. — vomitou ela as palavras, relutante mas resignada, e Dev recuou.

Ele fechou os olhos, sabendo que observá-la era uma receita para uma garganta cortada, não importando suas garantias. Depois de uma hesitação inicial e uma respiração profunda ao sentir ele apoiar a cabeça contra a ela, ela começou. Ele não ficou surpreso ao encontrar um toque confiante enquanto ela o barbeava com quase tanta

habilidade e destreza quanto seu próprio valete.

— É muito espessa — comentou ela, ao estender a mão para limpar a lâmina antes de começar em seu pescoço.

— Sim.

— Você tem sangue estrangeiro, por acaso? A sua pele é tão escura.

Dev assentiu enquanto voltava para continuar. — Sim. Italiano.

Maldição.

Ele mordeu a língua. Não deveria ter dito isso. Poucas pessoas sabiam ou se lembravam de que sua avó era italiana, mas, embora não fosse um segredo, deveria ter cuidado.

— Mas você ainda não se lembra do nome da sua família? — perguntou ela.

Ele se atreveu a olhar para ela, xingando internamente a expressão perplexa em seus olhos e sua própria tolice. — Não.

— Meu tio disse que a amnésia faz coisas engraçadas para a mente — disse ela, em silêncio, quase como se estivesse se tranquilizando tanto quanto ele. — Suponho que ele tem razão.

— Parece que sim — murmurou ele, esperando que tivesse escapado de mais perguntas.

— Pronto — disse ela, limpando o último resquício de sabão de seu rosto com um sorriso. Ela se afastou para admirar sua obra, e Dev viu aquele rubor subir em suas bochechas novamente. Ele retribuiu seu sorriso, encarando seu olhar e passando uma mão sobre sua mandíbula lisa.

— Que sensação maravilhosa — disse ele, com as palavras baixas e íntimas, embora não fosse essa a intenção.

Havia algo em seus olhos, um brilho apreciativo que fez seus pensamentos se desviarem para um território perigoso.

A Senhorita Kendall desviou o olhar dele, ocupando-se em juntar as coisas de barbear e limpar a lâmina da navalha. — Estou feliz — disse ela, com um tom mordaz. — Mas não vai achando que vou fazer isso todos os dias. Você deve aprender a se barbear sozinho, sabe.

— Sim — respondeu Dev, com o tom solene. Ele sorriu para ela e ela virou as costas para ele, sabendo que ela fez isso para não permitir que ele visse como a tinha deixado nervosa, e ele *realmente* a tinha deixado nervosa. — Eu vou, você tem a minha palavra.

— Ótimo. — Ela virou-se então, segurando a bandeja de si como um escudo. — Bem, então eu... eu vejo você no jantar.

Ela parou, sem se mexer, como se tivesse esquecido o que pretendia fazer.

— Você vai — concordou Dev, divertindo-se agora ao vê-la engolir em seco. Ela queria ir embora, mas não conseguia. A percepção o fez sorrir, com o calor pulsando em seu peito.

— Não é muito esta noite, já que passamos o dia fora — continuou ela, seu tom quase arrependido. *Não, não, isso nunca daria certo.* — Nada cozido, pelo menos. Apenas frios e coisas do gênero.

— Você quer dizer que eu não vou ter uma refeição cozida? — quis saber ele, com um tom deliberado de irritação em suas palavras.

Um lampejo de irritação surgiu em seus olhos. — Não, a menos que você mesmo cozinhe, não! — Suas palavras soaram bruscas e mal-humoradas, e Dev sorriu para ela. Lá estava ela, a sua pequena encrenqueira.

— Oh! — bufou ela, percebendo que ele a estava provocando. Ela saiu pisando duro até a porta, saindo sem mais uma palavra enquanto Dev a mantinha aberta. Ele a viu caminhar de volta pelo corredor, admirando o rebolado de seu lindo traseiro enquanto ela caminhava.

Dev bocejou e se espreguiçou. Ele tinha realmente perdido a cabeça. Não havia outra explicação. Eram três da manhã e aqui estava ele, alimentando gatinhos. Se algum de seus camaradas da cidade descobrisse que o visconde conhecido por sua vida desregrada e pelas bebedeiras tinha sido reduzido a tal indignidade, ele nunca se perdoaria.

Depois de encorajar o pequeno e cinzenta caçula da ninhada a beber até se faltar – Dev não tinha certeza se era macho ou fêmea – ele recostou a cabeça na palha. Parecia inútil voltar para a cama sendo que precisaria voltar em algumas horas, de qualquer maneira. A palha não era tão desconfortável assim. Com um suspiro, ele fechou os olhos.

Charity encarou-o longamente, mas não conseguiu decidir o que fazer. Ela havia presumido, depois de ouvi-lo descer as escadas rangentes por volta da meia-noite, que David teria se fartado de sua rotina de anjo da misericórdia e decidido que os gatinhos poderiam esperar até uma hora mais decente da manhã. Quando ela o ouviu descer as escadas mais uma vez às três da manhã, admitiu espanto. Ela sentiu pena do pobre homem que não dormia mais e decidiu ir até ele, supondo que ele iria novamente por volta das seis da manhã. Ela sempre estava de pé e ativa àquela hora, de qualquer maneira – uma

fazenda não era lugar para preguiçosos – e tinha pensado em deixá-lo dormir um pouco mais aquele dia, levantando-se às cinco e meia para poder mandá-lo de volta para a cama. Só que ela não precisou... porque ele estava dormindo na palha com os gatinhos no colo.

Ela mordeu o lábio, perguntando-se por quanto tempo ousava apenas ficar parada observando-o. Era uma visão que valia a pena de se admirar, na sua opinião.

Charity não tinha muita experiência com homens. Ela sabia como era a anatomia básica de um homem, já que havia o seu irmão, criado por ela desde bebê, mas... bem, ela nunca tinha visto um homem como David. Ela sabia que Kit era um homem bonito, mas ele era magro e tinha uma estrutura mais delicada do que esse sujeito, fora que ele era *o irmão dela*. Ugh.

David, no entanto. Ela engoliu em seco, a garganta apertando e bastante seca. A cabeça dele pendeu para trás contra a palha e ela admirou sua mandíbula quadrada e obstinada e o contorno forte de sua garganta. Seu cabelo estava despenteado, com fios espetados em lugares estranhos, com pedaços de palha presos aqui e ali, e, enquanto seu olhar percorria seu corpo, ela viu pelos pretos em seu peito também, pois sua camisa estava aberta. Ele tinha usando calções e botas, mas sua camisa estava aberta, um pouco aberta em um dos ombros largos, exibindo um mamilo escuro. Ele era maravilhoso. A beleza masculina em seu ápice, embora ela não tivesse nada com o que comparar, mas de repente era difícil respirar.

Tentando entender como ousava, Charity se aproximou na ponta dos pés, ajoelhando-se na palha ao lado dele. Ela vinha alimentar os gatinhos, para que ele pudesse dormir, e ele estava dormindo, então... ela iria alimentar os gatinhos e não o perturbaria. Não havia regra de decoro que a impedisse de apreciar a paisagem enquanto o fazia.

Ela estendeu a mão, pretendendo pegar um filhote do colo dele quando uma mão grande e escura se esticou, envolvendo seu pulso.

Charity gritou, olhando para Dev, cujos olhos estavam agora bem acordados e encarando-a.

— Oh, é você — disse ele, parecendo um pouco confuso, e sufocando um bocejo, talvez não tão acordado quanto pareceu pela primeira vez. — Você me assustou.

— Desculpe — disse ela, engolindo em seco enquanto ele ainda segurava firmemente seu braço. — Eu vim para alimentar os gatinhos, para que você pudesse dormir um pouco, mas... você ainda estava aqui.

— Oh — disse ele novamente, quando Charity percebeu o quão

perto ele estava.

Seu olhar caiu para o peito dele, para a extensão lisa de pele quente e pelos escuros e grossos que fez ela sentir o desejo repentino de passar os dedos. Ela arrastou os olhos de volta para os dele, apenas para encontrá-los divertidos e escuros com alguma emoção que fez sua pele arrepiar-se com o conhecimento.

— Devo ter adormecido — murmurou ele.

Ela observou como seus olhos caiu para sua boca, e ele lambeu os lábios.

— Posso ter a minha mão de volta, por favor? — Ela pretendia que suas palavras soassem irritadas, mas, de alguma forma, saíram mais estridentes do que imperiosas.

— Depende do que você quer fazer com ela — disse ele, passando o polegar sobre o batimento que pulsava sob a pele do seu pulso.

O tom baixo e masculino de sua voz fez sua respiração se tornar curta. Esse tom zombeteiro que implicava que ele sabia muito bem que ela era uma inocente que havia se aventurado em território perigoso despertou dentro de dela tanto tentação quanto indignação.

— Eu vim para alimentar os gatinhos — repetiu ela, as palavras ofegantes, apesar de seus melhores esforços.

A expressão nos olhos dele a lembrou dos gatos do celeiro quando encurralavam um rato em um lugar escuro, mas, então, a expressão intensa desapareceu de seus olhos e ele desviou o olhar, soltando a mão dela.

— Entendo. — Ele parecia tenso de repente, o tom provocante desapareceu e sua mandíbula ficou mais firme. Ele pegou os gatinhos, um por um, e os colocou de volta na palha, onde eles murmuravam e rastejavam um sobre o outro. — Eles são todos seus — disse ele, ríspido agora que se levantava, sacudindo a palha e deixando-a sozinha no celeiro sem olhar para trás.

Charity soltou um fôlego, sem saber o que pensar. A decepção com a sua partida abrupta não era algo que ela deveria sentir e a sua companhia não era algo que ela deveria esperar ansiosamente. Ele partiria em breve, e ela não precisava nem queria um coração partido. Era melhor assim. Ela deveria agradecer ao seu anjo da guarda por ele não querer mexer com seus sentimentos ou tentar seduzi-la. Se ela iria, isso já era outra questão.

Capítulo 9

“No qual há doçura que até um santo poderia ser tentado, quanto mais um demônio.”



Dev sentou-se ao lado da janela do quarto, nervoso demais para dormir. Abaixo dele, a fazenda estava cheia de gente, com o galo gritando a plenos pulmões enquanto as galinhas se exibiam, cacarejando sobre quem botou os primeiros ovos. A vaca estava mugindo, esfregando a cabeça contra o poste da cerca, impaciente para a ordenha, enquanto o som ritmado do Senhor Baxter varrendo o pátio era um *chic, chic* constante ao fundo.

O sol nascia por trás de tudo isso, fértil e dourado, tingindo o céu de um tom pastel nublado enquanto pequenos sopros de nuvens brancas flutuavam sobre uma brisa preguiçosa.

Ele respirou fundo, querendo que a raiva em seu sangue se dissipasse e o deixasse em paz. Esse sentimento de expectativa de vê-la novamente perturbava sua paz de espírito e ameaçava torná-lo uma pessoa desprezível em todos os sentidos da palavra.

Acordar e encontrar Senhorita Kendall tão perto dele, seus olhos sobre ele com uma apreciação tão evidente... fez seu batimento disparar. Dev sentiu o frenesi da pulsação dela sob sua pele, viu o rubor ansioso em seu rosto. Ele podia tê-la beijado. Ela teria permitido. Ele poderia tê-la jogado na palha e...

Dev cerrou os dentes. *Não*. Havia limites. Ele estava se escondendo aqui quando o tempo todo tinha dada início aos procedimentos para expulsá-los da propriedade, da única vida que tinham conhecido. As sombras nos olhos da jovem eram visíveis, assim como a tensão em seus ombros quando as discussões mudavam para o futuro e o que deveriam fazer. Dev sempre se ausentava durante essas conversas, como se estivesse dando privacidade a eles, quando na verdade estava fugindo do peso da culpa que se tornava cada vez mais pesado quanto mais tempo ele ficava.

O Senhor Baxter era um maldito urubu velho, mas parecia genuinamente apaixonado por todos eles, à sua maneira, e ninguém podia negar que ele ganhava o sustento com o suor do seu trabalho. Todos os trabalhos que as mulheres não conseguiam realizar ficavam por conta dele, e Dev podia perceber que isso estava esgotando-o, embora ele não dissesse nada. Era óbvio que ele não era tão jovem quanto antes. Ele deveria estar enchendo o depósito de lenha, que

estava acabando, mas cortar lenha era um trabalho árduo. O velho também mencionou que a cerca em torno do padoque dos cavalos precisava de reparos. No entanto, agora eles viviam um dilema, não podendo desperdiçar tempo ou dinheiro em um lugar que estavam deixando. Assim, o Senhor Baxter tinha concordado em remendar algo para durar as semanas que lhes restavam. Dev tinha notado a falta de qualidade do acabamento no local e sabia que isso magoaria o homem que se orgulhava de suas habilidades.

A Senhora Baxter trabalhava desde o anoitecer até o amanhecer; e tudo o que fazia, a Senhorita Kendall conseguia se igualar e até superar. As duas mulheres limpavam e cozinhavam, faziam, remendavam e lavavam as roupas. A Senhora Baxter ordenhava a vaca, Charity as cabras. Elas cuidavam da grande horta e faziam conservas, picles e geleias, curavam carne e faziam manteiga e queijo. Alguns produtos elas vendiam, enquanto guardavam o restante para os invernos rigorosos que se aproximavam. Os invernos ali eram cruéis e podiam manter as pessoas dentro de casa enquanto a neve grossa se acumulava na porta por semanas a fio.

Kit não tinha a energia suficiente para realizar qualquer tipo de trabalho físico, o que poderia ter feito Dev zombar dele, se ele não percebesse o quanto isso o perturbava, e o quanto Kit desejava poder ser mais útil. Ele ajudava onde podia, mas se cansava facilmente. A sua pele pálida ficava corada e ele adquiria aquele brilho febril bastante estranho em seus olhos. No entanto, ele trazia a maior parte da renda para o lugar, por menor que fosse. O jovem estava cheio de si na noite passada quando trouxe a notícia de que seu trabalho seria publicado em um jornal bastante radical chamado *The Examiner*. O orgulho nos olhos de sua irmã por seu sucesso mexeu com o peito de Dev, que ainda doía como se alguém tivesse arrancado uma de suas costelas.

O que seria deles quando saíssem da fazenda? Será que se mudariam para uma cidade? O tio deles morava em Bristol. Pensamentos da Senhorita Kendall confinadas às ruas estreitas de Bristol e longe das desertas colinas acidentadas que ela tanto amava o deixaram desconfortável. Ela tinha energia e vida demais para sobreviver em qualquer hospedaria que os ganhos de Kit pudessem pagar. Eles não seriam capazes de pagar uma das melhores áreas. A que distância dos bairros degradados ela viveria? Um mal-estar agitou-se em seu peito e ele tentou afastá-lo. Talvez o ar do mar pudesse fazer bem a Kit?

Com a culpa tornando-se um pouco mais pesada, ele se perguntou o que ela faria se descobrisse sua identidade e que ele era a causa de sua angústia? Ele afastou a ideia, desconfortável com a sensação que

pulsava através dele.

Com uma carranca, ele voltou seu olhar para a janela e observou enquanto a Senhorita Kendall se dirigia à horta com uma forquilha e uma cesta vazia. Ele a viu reprimir um bocejo enquanto avançava, empurrando uma mecha escura de cabelo do rosto e colocando-a atrás da orelha. Ela tinha acordado cedo para que ele pudesse dormir. O pensamento ficou preso em sua garganta.

Tomada a decisão, ele vestiu as roupas e, às pressas, desceu as escadas.

Charity olhou para as fileiras de batatas e suspirou. Era um trabalho do qual ela gostava bastante, possibilitando-a ver formas suaves e arredondadas saindo da sujeira. Nessa época do ano, quando as cascas estavam frágeis, tinham um sabor tão doce quanto o início do verão. Não havia nada melhor do que comer uma batata cozida com hortelã na manteiga. Hoje, no entanto, a letargia fazia seus ossos se sentirem pesados.

Ela adorava estar ali. Ela amava cada centímetro duramente conquistado dessa terra.

Eles guardavam memórias em todos os cantos, em cada recanto, e, de vez em quando, Charity desenterrava alguma, há muito esquecida.

Ali estava a macieira em que ela tinha ficado presa quando tinha cinco anos, e o seu pai teve que escalar as raízes retorcidas para buscá-la. Ali, perto do córrego, foi onde Kit a empurrou dentro da água gelada quando ela o provocou por ter uma queda por uma garota no mercado. Ela estava usando seu melhor vestido de domingo e ele foi enviado para a cama sem jantar. Ela levou uma comida até ele mais tarde, cheia de remorso.

Todos eles tinham nascido no grande quarto principal da fazenda, que, mesmo agora, permanecia vazio. Embora o Senhor e a Senhora Baxter tivessem encorajado Kit a ficar com ele, já que agora ele era o patrão, ele não suportaria. Tinha as melhores vistas e mais espaço, mas ele disse que não parecia certo. Quando ele, por sua vez, o deu à Charity, ela também recusou. Alguns fantasmas ainda permaneciam ali, mesmo que sua presença fosse calorosa. Ela se perguntou se eles estavam agarrados ao passado, agarrados a algo que já se fora há muito tempo e nunca mais poderia voltar. Talvez Kit tivesse razão. Talvez, finalmente, isso a forçaria a enfrentar o mundo real e a viver nele. O pensamento era assustador, inquietante, e ela esmoreceu ainda mais.

Tudo mudaria. Já tinha começado. Até mesmo seus próprios

pensamentos seriam diferentes de antes. Ela tinha ficado perfeitamente contente em odiar seu hóspede sem nome, mas ele não só tinha descoberto um nome, como também resgatado gatinhos indefesos e feito sua irmãzinha feliz. Era tão injusto. Como é que ela podia lutar com isso? Ele ensinou John a praguejar e blasfemar e apostar, ela ainda não sabia o que pensar sobre isso, mas... ele teria que se tornar um homem um dia. Ele precisava de uma figura paterna, e Kit sempre tinha a cabeça nas nuvens.

No entanto, seu fascínio crescente pelo perigoso demônio de olhos azuis já havia levado seus sentimentos a caminhos desconhecidos, para lugares proibidos onde armadilhas e espinhos a aguardavam. Os seus instintos diziam-lhe que se mantivesse longe dele, que ele apenas a levaria ainda mais a um caminho que não deveria seguir. Só que ela nunca tinha sido beijada, nunca soubera o significado de sentir um forte par de braços à sua volta. Ela achava que tinha o suficiente em sua vida, que estava contente, mas, então, o visconde malvado havia decidido expulsá-los, e David havia chegado e mexido com seu coração com tanta facilidade quanto a Senhora Baxter mexia em uma panela de sopa.

Aqui estava ela, quase uma solteirona aos vinte e cinco anos, com uma família já constituída e sem a menor ideia do que era estar apaixonada.

Com um suspiro, ela ergueu os ombros e levantou a forquilha. Sonhar acordada e sentimentalismo não iria levá-la a lugar algum. As batatas não se plantariam sozinhas.

— Posso ajudar com isso?

Charity ofegou, muito perdida em seus próprios pensamentos para ter notado alguém andando pela horta.

— Meu Deus, você me assustou — disse ela, desejando que isso explicasse o motivo de seu coração estar disparando enquanto David se aproximava dela. — Eu pensei que você fosse dormir até mais tarde.

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão para pegar a forquilha de sua mão. — Como eu poderia dormir sabendo que você está trabalhando por horas a fio?

— Até agora, você tinha conseguido — disse ela, ruborizando ao ouvir o tom amargo em sua voz. Pela primeira vez, ela não pretendia soar tão agressiva.

Ela viu um lampejo de culpa em seus olhos, mas, para seu alívio, ele se recompôs, endireitando os ombros. — Eu estava recuperando minhas forças — disse ele, com o tom solene.

Charity bufou, provocando-o deliberadamente. Graças a Deus ele não havia se desculpado. O incidente do gatinho já era ruim o suficiente. Ela olhou para ele. — Você me parece bem forte — disse ela, e depois xingou mentalmente quando o maldito homem sorriu maliciosamente para ela.

— Estou tão feliz que você tenha notado — murmurou ele.

Ela encarou-o furiosamente, cruzando os braços. — Bem, vamos começar, então — disparou ela, bufando. — Mas cuidado com as suas mãos delicadas. Não quero que fique com bolhas.

David abriu a boca para retrucar e, aparentemente, pensou melhor, estreitando os olhos enquanto levantava a forquilha. — Você está desenterrando isso? — perguntou ele, apontando para as grossas folhas verdes das plantas de batata.

— Você não sabe o que são, não? — perguntou Charity, rindo de sua ignorância.

David enfiou a forquilha no solo macio depois de lhe lançar um olhar de repulsa. — Eu pago pessoas para fazerem esse tipo de coisa — disse ele, com o tom mordaz. — E se você não quer a minha ajuda, só precisa dizer.

— Não, não — disse Charity, dando-lhe um sorriso condescendente. — Fico contente em te ensinar. São batatas. Repita comigo agora: *ba-ta-ta*.

— Engraçadinha — disse ele, balançando a cabeça enquanto tirava a terra dos dentes da forquilha. — Hilária, você.

Charity assentiu, presunçosa. — Eu sei que sou. — Ela estava se divertindo muito.

— Oh, olhe — exclamou ele, sorrindo e parecendo surpreso quando as batatas roxas pareceram joias na terra macia. — É assim que elas são? Nunca as vi cruas.

— Sério? — disse ela, balançando a cabeça, maravilhada. — Elas recebem o nome de *Fortyfold*. São gostosas. Vamos comer no jantar.

— Ótimo. — Ele se abaixou e as pegou da terra.

Charity reprimiu uma estranha sensação suave que brotou em seu peito. Ele parecia ridiculamente satisfeito consigo mesmo quando se inclinou para recolher os tubérculos, colocando-os na cesta para ela. Meu Deus, que mundos díspares habitavam. Ele nunca tinha sujado as mãos, nunca tinha visto a origem do seu jantar, e, no entanto, o prazer que teve na descoberta aqueceu algo dentro dela. Havia uma sensação honesta de prazer brilhando em seus olhos quando ele pegou a forquilha e se dirigiu à próxima planta.

— Quantas você quer? — perguntou ele, quando começou a cavar novamente. — Ele fez uma pausa, sua expressão interrogativa. — Senhorita Kendall?

— Oh. — Ela assustou-se, percebendo que estava encarando-o e não respondendo à pergunta. — Bem, encha a cesta por enquanto e vamos levá-la para a cozinha. Há ervilhas e feijões para colher depois — acrescentou ela, bruscamente, enquanto desviava o olhar da camisa justa demais que ficava apertada no peito largo dele enquanto ele cavava.

Engolindo em seco e virando as costas para ele para que não pudesse ver sua expressão convencida, Charity correu para buscar outra cesta, e deixou-o trabalhando.

Era estranhamente terapêutico, quebrar as vagens e jogá-las na cesta. As vinhas se erguiam até o céu, escalando os suportes dados a elas, flores escarlates balançando brilhantes contra o céu azul enquanto uma brisa morna as instigava a se mover. A Senhorita Kendall não conseguia alcançar as mais altas, por isso, trabalhavam juntos. Incapaz de resistir à tentação, ele muitas vezes ficava atrás dela, esticando-se enquanto ela trabalhava mais abaixo, tão próximos que quase se tocavam. De vez em quando, ele permitia que seu braço encostasse no dela, imaginando se ela sentia o calor ardente entre eles da mesma forma que ele.

O perfume dela se espalhava enquanto a brisa brincava com seu cabelo, e seus cachos soltos desciam por seu pescoço. Estava longe dos perfumes exóticos e sofisticados a que ele estava habituado. Ela não se comparava às criaturas experientes e calejadas que ele costumava se sentir atraído. No entanto, o desejo surgiu sob sua pele mesmo assim, sem importar o quanto ele tentasse mantê-lo à distância. Ela cheirava à saúde, se é que tal coisa era possível. O seu perfume inocente tomava conta de seus sentidos: o pão que tinha feito naquela manhã, o linho limpo e o sabão, e o mais tênue vestígio de rosas. Como essas coisas simples poderiam se combinar para criar algo tão inebriante?

Havia uma paz que vinha com esse trabalho, também, e ele entendeu o prazer que viu em seus olhos quando ela olhou em volta para a horta cheia de alimentos. No entanto, de vez em quando havia tristeza em seu semblante, quando ele pensou que talvez ela se lembrasse de que em breve deveria deixar tudo para trás.

Aquela dor estranha e indesejável por trás de suas costelas ainda estava lá, traiçoeira e astuta, penetrando sob sua pele. Uma ou duas vezes ele se pegou esfregando o peito com a palma da mão, como se pudesse amenizar a culpa.

Ele observou enquanto ela se abaixava para mover a cesta, e o movimento empurrou seus seios para a frente. Eles pressionavam o decote de seu vestido, redondos e de dar água na boca. Dev engoliu em seco quando o desejo de a alcançar e os segurar em suas mãos tomou conta dele. O calor fez a sua pele arder, fazendo-o suar mais do que o sol de verão que castigava a parte de trás do seu pescoço. Ele desviou o olhar, e percebeu como suas saias grudavam em seu traseiro, mostrando a curva de suas nádegas.

Meu Deus.

Dev fechou os olhos, querendo que a imagem sumisse de sua mente, mas, então, ele ouviu ela blasfemar e abriu os olhos a tempo de vê-la tropeçar. Ela caiu, com as costas no peito dele, e ele a segurou, prendendo a respiração diante daquelas curvas encantadoras que ele havia acabado de admirar, sentindo o desconforto crescente sob a abertura da calça. Sem pensar conscientemente, os seus braços rodearam-na, com uma mão espalhando-se sobre sua barriga e a outra sobre seu quadril.

— Calma — disse ele, sua voz soando baixa e instável.

Ela permaneceu imóvel, e ele teve a nítida impressão que ela estava prendendo a respiração.

Ele olhou por cima do ombro dela e descobriu seu erro ao notar o rápido subir e descer de seus seios. Seu traseiro pressionado contra ele, tão perto que ele se perguntou se ela podia sentir seu crescente desejo. Será que ela entendia o que fazia com ele? Seus dedos apertaram um pouco o quadril dela enquanto lutava contra o desejo de puxá-la mais para perto e enfatizar ainda mais. Ele esperou que ela praguejasse, que virasse e o esbofeteasse e lhe desse uma resposta afiada. Mas ela não o fez, e ele não soube se isso fazia com que ele se sentisse contente ou não. Ele queria beijá-la, abraçá-la, mas instintivamente sentiu que era isso era perigoso, tanto para o seu próprio coração como para o dela.

Meu Deus, como ele era um canalha. Um fato que sempre apreciou. Até agora. Maldito despertar da consciência. Ele deveria soltá-la e pedir desculpas, mas ela não se afastava dele nem reclamava de seu toque. A mão em sua barriga se moveu, hesitante no começo, e ele observou como se tivesse uma mente própria. Ela moveu-se para a cintura dela e depois deslizou mais alto, bem lentamente. Ele sentiu sua respiração falhar quando seu polegar roçou na parte inferior de seu seio.

O grito que ecoou pelo ar foi alto e horripilante e ambos levaram um susto quando o momento foi interrompido.

— Jane! — gritou Charity, movendo-se antes mesmo que Dev

tivesse registrado o fato de que era a menininha que havia gritado.

Ela levantou as saias, correndo pelos jardins enquanto Dev se recompunha e a seguia.

Eles dispararam em direção ao pátio e foi alarmante o alívio absoluto em seu coração ao ver que a criança intacta e ilesa. Seu irmão, no entanto, era outro assunto. Suas roupas estavam rasgadas e sujas, ele tinha ralado os joelhos, seu nariz sangrava, manchando sua camisa, e já começava a ter um notável olho roxo.

Ele segurava com força dois coelhos gordos em um punho, com os nós dos dedos machucados e em carne viva.

— John! Oh, John! — Charity caiu de joelhos na terra, passando as mãos sobre o menino, verificando se havia ossos quebrados. — Onde dói, querido? Quem fez isso com você?

John ficou vermelho de vergonha com toda a preocupação de sua irmã, seus lábios tremendo enquanto sua vontade de ser corajoso, de se mostrar um homem, era suprimida pela preocupação dela.

— Pare de superproteger o menino — irritou-se Dev, exasperado, quando John lançou-lhe um olhar suplicante. — Ele está bem. Nada além de alguns cortes e ferimentos.

Charity voltou-se para ele, atônita e irada. — Isso não é da sua conta — disse ela, com o tom furioso ao pegar a mão de John. — Venha, querido — disse ela, com a voz suave agora. — Venha para a cozinha e eu vou limpar você, até ficar novinho em folha. Batty assou biscoitos amanteigados esta manhã e você pode comer o quanto quiser. — Ela sorriu para ele, desarrumando seu cabelo, e Dev viu o choque em seus olhos quando o menino arrancou a mão.

— Estou bem — disse ele, com a voz tremendo um pouco, mas o queixo se projetando com determinação. — Eu posso me limpar sozinho.

Com algo que poderia ter sido remorso em seu peito, Dev observou a incompreensão nos olhos de Charity.

— Mas o que foi que aconteceu? — perguntou ela, o aborrecimento tremeluzindo em sua expressão agora ao ver os coelhos em sua mão. — Pensei que tinha dito para você não andar pelas charnecas sozinho. É muito perigoso. Já discutimos sobre isso!

— Não — respondeu John, cada vez mais obstinado agora. — Você só me disse que eu não podia ir. Não chegamos a discutir e eu estava apenas verificando as minhas armadilhas. — Sua voz tornou-se estridente, suas bochechas corando mais à medida que suas emoções se intensificavam, com um brilho perigoso em seus olhos. — Eu peguei dois, veja — disse ele, segurando-os para mostrar a Dev e

explodindo de orgulho.

— E eles lutaram? — quis saber Charity, com as mãos nos quadris à medida que sua irritação se intensificava.

John retribuiu com um olhar de irritação e a semelhança entre os dois irmãos naquele instante foi surpreendente. Meu Deus, eram todos teimosos como mulas. — Não. Mas três meninos ciganos lutaram. Tentaram roubá-los de mim, mas eu os detive. — Ele empertigou-se, nivelando os ombros. — Eu lutei com eles e os botei para correr.

— O que foi? — exclamou Charity, horrorizada.

Dev sentiu um aperto no coração quando percebeu o que ela diria.

— Você deveria ter deixado que eles ficassem com os malditos coelhos, John. Você podia ter se machucado! Você *está* machucado. Nós não precisamos dos coelhos bobos, de qualquer maneira!

Dev estremeceu, sabendo o quão profundo isso iria ferir o frágil orgulho do menino.

— Não seja ridícula — disse ele, com a voz firme enquanto se perguntava em que diabos ele estava se metendo. Antagonizar Charity não era do seu interesse, mas não suportava a mortificação aos olhos do rapaz. Era muito familiar. Memórias se avivaram nos recessos sombrios de sua mente. — Eles são coelhos gordos, e eram dele. Ninguém pode deixar que outro tome o que lhe pertence. Fez o certo, John. Muito bem.

Por um momento, Dev sentiu um aperto no coração quando ele viu a gratidão nos olhos do menino.

— Oh, vocês, malditos homens! — Charity virou-se para ele e Dev deu um passo para trás. Ele sabia que ela ficaria irritada com ele, mas a fúria em seus olhos era mais do que ele esperava.

— Eram três homens! Ele poderia ter ficado gravemente ferido e sido deixado para morrer. Podiam tê-lo matado! Talvez tivessem facas. As pessoas podem fazer coisas terríveis no calor do momento. Nenhum de vocês nunca *pensa*? — gritou ela, aproximando-se e empurrando-lhe com força, com as duas mãos espalmadas no peito. — Você apenas reage, não? Nunca pensa nas consequências, nunca pensa naqueles que cuidam de você, naqueles que ficam para lidar com a bagunça que você deixa para trás. — Sua voz tremeu, e ela fechou a boca com um estalo, sua mandíbula ficando rígida. — Tudo bem — disse ela, levantando as mãos. — Você obviamente tem mais experiência em criar filhos, então vá em frente. Resolva isso sozinho. Você resolve tudo sozinho mesmo. *Eu desisto!*

Dev e John trocaram olhares, nenhum deles sabendo o que dizer enquanto a figura enfurecida saía do quintal. Ela passou pelo portão,

fechando-o atrás dela, e continuou andando.

— Desculpe — disse John, com a voz baixa. — Eu não queria que você se metesse em problemas, senhor.

Dev bufou, lançando ao menino um olhar triste. — É minha espécie de “*raison d'être*” — respondeu ele, inexpressivo, sorrindo enquanto o menino franzia a testa para ele. — É francês. Significa a minha razão de ser.

— Oh. — John sorriu para ele. — Eles são bons, não são, senhor? — perguntou ele, segurando seus coelhos como um troféu. — Eu não podia deixar os outros meninos levá-los.

— Não mesmo — concordou ele, colocando a mão no ombro de John. — Fez a coisa certa também. É o princípio da coisa, uma questão de honra.

— Exatamente! — disse John, agora assumindo uma postura um pouco mais altiva. — Eu tinha que me defender.

Dev suspirou, imaginando se ele estava prestes a piorar as coisas. — Sabe, eu pratico boxe. Posso te dar algumas dicas. — As palavras soaram um tanto relutantes, e Dev não sabia por que estava oferecendo ajuda. Não era da sua conta. — Se você quiser — acrescentou ele, meio esperando que John recusasse.

Os olhos do menino ficaram arregalados e redondos, e sua boca um pouco aberta.

— Se eu quiser? — repetiu ele, com a voz fraca e bastante incrédula.

O olhar de adoração em seus olhos fez Dev se sentir mais desconcertado do que nunca.

— Oh, senhor! É o que eu mais gostaria.

— *Hmph* — disse Dev, franzindo a testa, desconfortável com tamanha desmerecida adulação. Ele avançou, gesticulando para o menino ir em direção à casa. — Bem, venha, então. Temos que te limpar, para que sua irmã veja que não está tão ruim assim e se acalme.

— Não é culpa dela, senhor — disse John, ficando sério. — Ela se preocupa, sabe. Depois do que aconteceu com mamãe e papai, e com Kit...

Ele se afastou, e Dev pôde ver o medo em seus olhos.

— Eu sei — disse Dev, assentindo. — Eu entendo perfeitamente. Você é um jovem sortudo por ter uma mulher como ela para cuidar de você. Ela lutaria as suas batalhas por você, se pudesse, mas não deve deixar que ela faça isso.

John assentiu, seriamente. — Não, senhor. Eu sei disso.

Capítulo 10

“No qual o prazer é muitas vezes pecado, e pecado...”



Dev ajudou John a limpar seus cortes e ferimentos, embora as mulheres tenham tido muito trabalho em consertar as roupas rasgadas das quais ele teve que se despir.

Uma vez que John se instalou na cozinha com um copo de leite e um prato de biscoitos amanteigados – afinal, ele só tinha dez anos – Dev foi procurar por Charity.

Na sua segunda visita à cozinha, a Senhora Baxter ergueu os olhos ao esfolar os coelhos, com um brilho astuto nos olhos. — Você não vai encontrá-la. Quando está irritada, ela vai até o rio até que sua raiva passe.

— Oh — disse Dev, um pouco nervoso por ser visto procurando por ela. — Ela não vai voltar para almoçar?

— Duvido. — A Senhora Baxter largou o coelho e lavou as mãos. — Por que você não leva algo para ela comer? E peça desculpa por qualquer coisa que você tenha dito para deixá-la irritada.

— Pedir desculpa? — Dev rejeitou a ideia. Ele nunca tinha se desculpado por nada na vida. — *Ela* estava errada!

A Senhora Baxter estalou a língua e balançou a cabeça. — Pode ser — respondeu ela, lançando-lhe um olhar severo. — Mas ela faz o melhor que pode, por todos.

Dev observou enquanto ela enchia uma cesta de vime com pão e queijo, fatias de torta e um jarro de cerveja.

— Ela geralmente não fica tão inquieta como tem estado ultimamente, mas quer que todos estejam felizes e saudáveis, e ama este lugar mais do que tudo neste mundo. Ter que partir está destruindo-a.

Dev franziu a testa com o sentimento tumultuado em seu coração quando a Senhora Baxter segurou a cesta para ele e, por um momento, ele considerou recusar. Isso não era da conta dele. A Senhorita Kendall tinha dito isso. Por que ele deveria se importar?

A Senhora Baxter ergueu uma sobrancelha para ele e, sentindo-se incomodado, Dev estendeu a mão, pegou a cesta e saiu da cozinha. Ele encontrou-a junto ao rio, como previra a Senhora Baxter. No momento em que ele a alcançou, suas botas estavam encharcadas. Nunca

deixava de surpreendê-lo que, por mais seco que fosse o verão, Dartmoor estava sempre molhado e alagadiço em algum lugar. As charneças eram traiçoeiras, mesmo para aqueles que as conheciam bem. Era muito fácil perder-se e entrar num pântano coberto de musgo. Às vezes, você só ficava com os pés molhados, outras vezes, o musgo podia esconder uma fenda de granito tão profunda que um homem poderia desaparecer sem nem mesmo fazer um barulho sequer e nunca mais ser visto novamente. No entanto, era lindo. Bela e perigosa, como o brilho de uma espada, e isso gerava criaturas teimosas, resistentes e obstinadas, como a encenqueira geniosa sentada na rocha lá embaixo.

Dev suspirou, notando sua postura curvada, os joelhos levantados até o peito e os braços enrolados ao redor deles. Sua cabeça estava apoiada nos joelhos, com o rosto virado para a outra direção. Ele se perguntou se ela continuaria a reclamar com ele enquanto se aproximava, e ficou chocado quando ela apenas olhou para cima, com os olhos cheios de desespero, e se virou novamente.

— Eu trouxe para você o almoço — disse ele, hesitando e sentindo-se pouco à vontade. Ele não tinha o direito de estar ali. Como é que ele podia fazê-la sentir-se melhor? No entanto, o desejo de fazê-lo rastejou sob sua pele. Ela deveria estar furiosa, uma fera. Em vez disso, ela parecia uma boneca de pano que tinha perdido todo o seu enchimento.

Ele sentou-se ao lado dela e abriu a cesta, sem saber o que mais poderia fazer.

— Não estou com fome — murmurou ela.

— Oh, vamos lá — disse ele, forçando um tom descontraído nas palavras, que ele estava longe de sentir. — Você está sempre com fome.

Ela bufou, mas não comentou, nem ficou zangada com o insulto provocador ou revidou. Dev suspirou.

— Sinto muito — disse ele, descobrindo que estava sendo sincero.

Ele sabia que estava certo, mas poderia ter sido mais delicado ao expressar isso, e ele não suportava ver a tristeza nos olhos dela. Isso fez com que a dor em seu peito se tornasse mais pesada e a culpa pelo que ele estava fazendo com essa família cada vez mais difícil de ignorar.

— Por quê? — perguntou ela, com a voz monótona. — Por ter razão?

Ele sentiu as sobrancelhas erguerem-se em admissão e ela lançou-lhe um olhar triste, os olhos excessivamente brilhantes.

— Não sei o que fazer por ele — disse ela, com a voz alterada.

O som era como uma isca metálica, rasgando a carne sensível de seu coração e puxando com firmeza, arrastando-o das profundezas escuras em direção à superfície, a caminho de algo do qual ele não sabia como escapar.

— Ele precisa de um pai, precisa de algo melhor do que eu lhe posso dar. Uma lágrima volumosa rolou pela bochecha e ela a enxugou, o gesto zangado e impaciente, enquanto outra seguia o mesmo caminho. — Todos eles precisam.

— Não seja tola — respondeu Dev, desejando não ter vindo procurá-la. Ele estava fora de seu habit. Ele não reconfortava mulheres chorosas, certamente não reconfortava mulheres chorosas e *inocentes*. — Você fez tudo o que pôde. Mais do que qualquer um poderia esperar de você.

— Mas não é suficiente. — Ela olhou para ele então, seus olhos castanhos suaves tão cheios de tristeza que ele queria acabar com tudo – toda a dor, toda a incerteza – mas ele não podia. — Estou tão assustada.

A admissão o chocou, tirando-lhe o fôlego. Para ele, a Senhorita Kendall era do tipo indomável, casca grossa, uma mulher que usava sapatos sensatos, tinha as mãos ressecadas e sabia gerir uma fazenda. Só que aqui estava ela, delicada e muito sedutora.

Antes que ele soubesse o que estava fazendo – antes mesmo que o pensamento se tornasse um pensamento que ele poderia descartar porque era mais do que tolo – ele a pegou em seus braços. Ele a pegou no colo, movendo suas pernas para que ela se sentasse em seu colo, e colocou sua cabeça em seu ombro. Ele acariciou seu cabelo, fez círculos em suas costas e emitiu os sons suaves e tranquilizadores que costumava usar para acalmar seu cavalo, enquanto a deixava chorar. Ele não tinha ideia se estava ajudando, pois não estava acostumado a ser gentil com as mulheres que choravam, mas era o melhor que podia fazer. Não havia nada que pudesse dizer. Ele não podia fingir que ficaria tudo bem. Ele não podia dar-lhe esperança de que a venda da fazenda não iria até o fim, pois sabia melhor do que ninguém que isso iria se concretizar. A culpa e o desejo guerreavam em seu peito e ele nunca se odiou tanto em sua vida.

Maldito inferno.

Ele desejou nunca ter vindo ali. Desejou que ainda estivesse na feliz ignorância com relação à tristeza e aos problemas que estava causando a uma família que já tinha tido uma boa dose de ambos. No entanto, ali estava ele, com a formidável Senhorita Charity Kendall agarrada a *ele* em busca de apoio e conforto, quando, o tempo todo,

ele era o verdadeiro diabo, a larva se contorcendo na maçã, estragando tudo.

— D-desculpe-me, eu molhei a sua camisa toda — disse ela, soluçando e tentando recuperar a compostura.

— Não se preocupe, tenho outras camisas.

— Não, você não tem — disse ela, contradizendo-o como sempre.
— Essa é de Kit.

Apesar de tudo, ele riu. — Criatura terrível e reclamona — disse ele, embora houvesse afeto e carinho por trás das palavras.

Ela sorriu e soltou uma risadinha, incerta e um tanto tímida enquanto olhava para ele. Seu olhar caiu em sua boca e seu corpo ficou imediatamente em estado de alerta. Ele se perguntou se ela tinha a menor ideia do que fazia com ele, do que provocava olhando para ele assim. De alguma forma, ele duvidava disso.

Dev engoliu em seco, prometendo a si mesmo que desviaria o olhar, que quebraria a tensão que fervia entre eles.

— Eu nunca fui beijada antes, sabe.

Ah, raios.

As palavras eram pouco mais do que um sussurro, mas ele as sentiu ressoar em seus ossos, sentiu a faísca que criaram e o brilho da chama que era seu coração de pedra, seco e empoeirado explodindo em chamas.

— Você não deve dizer isso — disse ele, lutando para se controlar. Ele era o canalha que causara os problemas de toda a família. Ele não iria agravar a sua vilania, não permitiria que a escuridão o consumisse completamente.

— Por que não? É verdade. — Ela olhou para ele, com os olhos inocentes, estranhamente confiando em toda a animosidade que havia lançado em sua direção.

— Porque é praticamente um convite — disse ele, com as palavras curtas enquanto a frustração fervia sob sua pele. O sol lhe aquecia as costas e, pela primeira vez, o terreno ao seu redor parecia macio, seco e espesso com o musgo. Uma cama confortável para uma queda, e uma parceira disposta... Meu Deus, como ele queria isso.

— Eu sei que é. Não sou tão inocente quanto pareço. — Ela sorriu para ele e a visão disso foi como um golpe em suas entranhas, fazendo-o ficar sem fôlego.

— Você não deveria... — começou ele, tentando encontrar a força para afastar os braços dela, para não se deixar levar pela tentação nos olhos dela e ultrapassar um limite intransponível. — Você não deve...

Mas ela estendeu a mão, enrolando os braços em volta do pescoço dele.

— Faça-me sentir alguma coisa — disse ela, com um tom suplicante na voz. — Estou tão cansada de estar assustada, zangada e solitária. Faça-me sentir outra coisa, algo novo... *Por favor.*

Foi o “*por favor*” que o desarmou, que acabou com qualquer compreensão do que era certo ou errado. Os limites haviam se confundido agora, e ele não conseguia mais distinguir o que era certo e errado. Ele não sabia quem era nem quem queria ser... exceto que sabia que queria ser aquele que a beijaria primeiro. Ele queria ser aquele com quem ela sonhava e suspirava, aquele que a fazia sentir tudo o que um beijo poderia ser. Ele poderia dar-lhe isso, pelo menos, como ela tinha pedido. Só um beijo, nada mais. Ele faria com que fosse doce e terno, como tudo o que um primeiro beijo deveria ser, e então a deixaria ir.

Dev estendeu a mão, segurando seu rosto e desejando que seu coração não pulasse tanto quando ela se virou para receber a carícia dele, fechando os olhos. Tal confiança, tal presente que ela lhe daria. Ele abaixou a cabeça, lembrando-se de suas intenções e controlando seus próprios desejos em um aperto de ferro. Doçura, inocência e ternura, lembrou-se ele, mas enquanto seus lábios roçavam nos dela, o fogo ardia em seu coração e consumia sua pele, crepitando mais alto.

Ele ficou momentaneamente sem fôlego, mas ainda assim, conteve-se, pressionando os lábios contra os dela repetidas vezes: uma dúzia de beijos, leves como a asa de uma borboleta, tão tenros como prometera. Com toques cuidadosos, ele encorajou seus lábios a se separarem, sua língua convidando, provocando. No entanto, Charity não era do tipo que fugia da vida, da experiência ou de um desafio. Àquela altura, ele já devia saber disso.

Ela abriu a boca para ele, puxando sua cabeça para baixo em sua direção. O fogo crepitou mais forte e mais quente. Isso fez seu sangue ferver, enquanto ele a puxava para mais perto, desejando e precisando, devorando tudo em seu caminho e ansiando por mais, e quanto mais ele tomava, mais ela oferecia.

Ele perdeu o controle e sua posição na rocha simplesmente não era boa o suficiente. Ele precisava tocá-la em todos os lugares, cada parte dele com cada parte dela, com nada entre eles. O desejo por isso, por ela, a necessidade ardente expulsou todo pensamento coerente de sua mente enquanto ele derrubou-a de costas sobre o musgo. Ela respirou fundo ao vê-lo se mover sobre ela, apoiado em seus braços, e ele procurou seu olhar em busca de qualquer sinal de dúvida, esperou que ela lhe dissesse não, mas não encontrou nada além de desejo.

— Beije-me — disse ela, puxando seu pescoço.

Dev abaixou a cabeça, pressionando a boca contra a pele macia debaixo de sua orelha e ela gemeu, arqueando-se debaixo dele. Ele deixou um rastro de beijos úmidos ao longo do pescoço dela, em sua clavícula, enquanto uma mão se movia para cobrir seu seio. Oh, Santo Deus, ela era tão receptiva, tão dócil e disposta, enquanto ele estava tão rígido quanto as pedras que o rio arrastava. O desejo fervilhava mais rápido do que a água que passava por eles, tumultuando seus pensamentos e varrendo todas as suas boas intenções. Tudo o que ele conseguia pensar, o único pensamento em sua cabeça, era afundar em sua suavidade e enxugar a tristeza de seus olhos, observando-a se desfazer por ele, contorcendo-se sob ele enquanto ele a amava.

— Sim — murmurou ela, com as mãos emaranhadas nos cabelos dele. — Sim, David, faça-me esquecer tudo.

David?

O nome que não lhe pertencia o perturbou e ele parou. Ele queria ser aquele por quem ela suspirava, o nome dele em seus lábios enquanto ela encontrava prazer com ele... só que ele era uma fraude, um impostor, e possivelmente o canalha mais desprezível de todo o país.

Ele se afastou dela, ficando de pé e colocando o máximo de distância possível entre eles.

— O que foi? — perguntou ela, apoiando-se nos cotovelos enquanto o encarava, perplexa com sua retirada repentina.

O movimento empurrou seus seios para a frente, esticando o decote do vestido simples que ela usava, e Dev praguejou, esfregando a mão no rosto enquanto tentava controlar sua sanidade. Ele se atreveu a olhar para ela. O desejo lhe corava as bochechas, sua boca estava inchada com os beijos dele, seu cabelo desgrehado... ela nunca tinha parecido mais bonita.

Ele praguejou e caminhou até a água, pegando punhados gelados e jogando-os sobre o rosto e a nuca. Ele enxugou o rosto na manga, ciente de que nenhuma quantidade de água gelada apagaria o fogo que ela havia acendido.

— David?

— Não! — vociferou ele, não querendo ouvir a evidência de suas mentiras e duplicidade nos lábios que o beijaram tão ternamente. Ele fechou a boca, odiando-se pela confusão em seus olhos. — Perdoe-me — disse ele, as palavras ríspidas. — Você não entende o que está fazendo, o que eu quero de você.

— Claro que sim — disse ela, sorrindo para ele. Ela estendeu a

mão, convidando-o a deitar-se ao lado dela. — Volte para mim, David.

— Não! — Ele virou as costas, sentindo aquele nome revirar algo sombrio e feio em seu âmago, amaldiçoando o prazer perverso que o destino parecia sentir em colocá-lo nessa situação. Em algum lugar alguém estava dando boas risadas às suas custas, ele tinha certeza disso. — Você é doce, Charity — disse ele, fechando os olhos para tentar resistir a essa doçura, pois ameaçava acabar com sua sanidade. — Doce e inocente, e eu não vou arruiná-la quando você não tem a menor ideia do que está fazendo.

Ela deu uma gargalhada, sentando-se e lançando-lhe com um olhar de indignação.

— Não seja um idiota — retrucou ela. — Eu não sou nada disso e você sabe disso. Posso não ter qualquer experiência com homens, mas eu levo a vaca para ser acasalada com o touro do nosso vizinho. Tenho uma fazenda, não sei se reparou. A procriação é uma parte importante dela e estou perfeitamente ciente de que o macho da espécie tem uma coisa em mente, não importa de *qual* espécie seja. — Seu tom era ácido e frustrado agora, talvez envergonhado, pois suas bochechas estavam ruborizadas. — Eu sabia o que queria, e você também. Não vejo motivo para você se comportar de maneira tão cortês sobre isso.

Ela se afastou, tirando o musgo de suas saias enquanto ela se afastava, e Dev a encarou, dividido entre a raiva e o desejo de derrubá-la no chão e mostrar a ela exatamente o que ela vinha pedindo. Ele cerrou os dentes, estendeu a mão para a cesta de piquenique intocada e foi atrás dela.

— Bem, perdoe-me por tentar ser um cavalheiro — gritou ele atrás dela. — Eu deveria saber que não deveria ter me preocupado por sua causa, Senhorita Encrenqueira!

Ela se virou para ele, com as mãos nos quadris e os olhos escuros brilhando. — Oh, pelo amor de Deus! Pare de agir como se você fosse a parte lesada. Você estava apenas aterrorizado de que eu fosse chorar em cima de você e implorasse para se casar comigo assim que terminássemos. — Bem, nem morta — disparou ela, com o sarcasmo com o qual ele estava muito familiarizado fazendo seu retorno triunfal. — Não me casaria com um libertino desprezível como você, nem se me implorasse. Tudo o que eu queria era esquecer os meus problemas, apenas por alguns minutos, mas não, isso estava além de suas capacidades.

Ela cruzou os braços, fulminando-o com os olhos, e Dev se perguntou se alguma vez na vida tinha estado mais furioso. Se tinha, não se lembrava.

Ele se aproximou dela, tão perto que quase se tocaram, e deslizou

a mão atrás do pescoço dela, levantando sua cabeça e fazendo-a ofegar, com os olhos arregalados.

— Se eu tivesse tomado você como pediu, teria levado muito mais do que alguns minutos, maldição — disse ele, com as palavras duras, irritadas e cheias de desejo reprimido. — Eu estava tentando cuidar de você, para não me aproveitar a situação, quando claramente estava chateada e vulnerável, mas se você está tão desesperada por um bom acasalamento, sem problema, deite-se e abra suas pernas. Fico muito feliz em atendê-la.

O tapa foi forte e feroz, e fez sua pele arder, mas pelo menos lhe trouxe um pouco de sensatez. Com pesar, ele observou enquanto ela corria de volta até a colina em direção à fazenda e se perguntou onde diabos ele havia errado.

Capítulo 11

“No qual pedidos são feitos e nosso herói sofre um choque.”



Dev evitou-a durante os dias seguintes, trabalhando na fazenda. Vendo que ele tinha um par de mãos dispostas e uma forte determinação, o Senhor Baxter agarrou a oportunidade e o fez limpar o celeiro, o estábulo das vacas, das cabras e, como última indignidade, os chiqueiros dos porcos.

Estranhamente, porém, Dev descobriu que não se importava. É certo que o fedor era de tirar de matar, mas o trabalho era satisfatório. Ele até gostava de espalhar a palha nova sobre o chão limpo, com o aroma do sol do último verão flutuando ao seu redor como partículas de poeira que capturavam a luz. Pensamentos acalorados sobre Charity na mesma palha com suas saias em volta da cintura o atormentavam em intervalos regulares, e nada que ele pudesse fazer faria com que o deixassem em paz, então ele trabalhava mais. Se as pessoas se indagavam sobre o que tinha acontecido com ele, ninguém perguntou, muito contentes em aceitar sua ajuda, e, assim, ele trabalhou como um homem possuído.

Ele era, ele percebeu, exatamente isso: possuído pela necessidade de Charity Kendall, pela imagem dela em sua mente, deitada sob ele, toda quente e disposta. À mercê de sua libido, ele trabalhou até suar, até que seu corpo estivesse exausto demais para agir de acordo com seus desejos. Ao final do dia, ele estava dolorido de tanto esforço. Ele havia desistido da jornada da cama para o celeiro e, deitado na palha com os gatinhos para facilitar a alimentação deles, ele dormia como um morto.

Isso não ajudava em nada.

Pensamentos com ela invadiram seus sonhos e, quando os gatinhos o acordaram, miando para serem alimentados, ele se viu excitado e dolorido de uma maneira que não tinha nada a ver com limpar celeiros. Praguejando e irritado, ele se levantou com o nascer do sol e se lavou com água fria; qualquer coisa para se livrar do desejo constante e desesperado que pulsava sob sua pele, desgastando-o e ameaçando suas boas intenções.

Dev enxugou o rosto na manga da camisa, zombando de sua própria arrogância. Boas intenções... francamente. Suas boas intenções consistiam em não arruinar uma jovem cuja vida já tinha sido destruída por sua causa. Só porque ele não se permitia roubar a

inocência dela junto com sua casa, não era menos diabólico, e ele sabia disso.

Os dias passaram, marcados pela tensão latente entre eles. Eles não se falavam mais, evitando-se sempre que possível. Ainda assim, havia olhares ardentes trocados no pátio, na mesa de jantar à noite, olhos cheios de raiva e frustração e... *desejo*. Era óbvio que ela ainda o queria, apesar de sua raiva. Ele sentia o olhar dela sobre ele quando trabalhava, o conhecimento queimando-o por dentro, a tentação devorando sua pele, sua força de vontade consumida nas chamas até que não passasse de cinzas. No entanto, à medida que seu desejo ardia mais, sua culpa aumentava e, à medida que a inevitável venda se aproximava, ele apenas se desprezava mais ainda.

Ele se arrastou de volta para casa para tomar o café da manhã. Ele esteve trabalhando em uma parte esquecida da horta desde o amanhecer, preparando o solo para plantar repolhos, embora não entendesse muito bem o motivo. Todos sabiam que não estariam ali para colhê-los na primavera, mas algum sentido obstinado de esperança ainda se apegava à Charity. Ela não queria que a horta ficasse sem alimentos se, por algum milagre, o miserável visconde morresse devido aos excessos da vida antes que a venda pudesse ser concluída. O fato de que ela estava falando sobre ele fez com que um desânimo peculiar se abatesse sobre seus ossos. Ele estava cansado, percebeu. Cansado de mentiras, de fingir ser um bom homem, e cansado da verdade de quem ele realmente era.

Ele olhou para as próprias mãos, encontrando as palmas com bolhas, calos se formando em seus dedos após sua recente introdução ao que o verdadeiro trabalho era. Davam-lhe uma sensação de satisfação, o que parecia estranho, pois estavam muito doloridas, mas, pela primeira vez, ele sentiu que tinha feito algo que valesse a pena. Pela primeira vez em sua vida, ele fez algo para construir em vez de destruir, não importando que plantar repolho não fosse exatamente algo que resistisse ao teste do tempo. Pelo menos, ele não estava desperdiçando sua fortuna à toa. Isso já era alguma coisa.

Quando ele se aproximou da casa, seu nariz detectou um aroma de bacon frito, fazendo seu estômago se revirar e protestar. No momento em que ele virou a esquina, estava salivando. Ele não tinha certeza do que o fez parar – algum sexto sentido, talvez – mas ele se escondeu bem a tempo.

O seu administrador, Phillip Ogden, estava na soleira da porta, falando com Charity.

Dev ficou na espreita, pressionando-se contra o muro e esforçando-se para ouvir o que eles estavam falando.

— Então, realmente não há nada a ser feito? — perguntou Charity, e Dev pôde ouvir o fio de esperança morrer no tom monótono de sua voz.

— Venha, Senhorita Kendall — disse Ogden, pegando seu braço e guiando-a para um banco em frente à casa. — Venha sentar-se, você está em choque.

Dev voltou se escondeu ao ver que eles se aproximavam dele. Ele ouviu as saias de Charity farfalhando enquanto ela se sentava.

— Não posso dizer o quanto lamento — continuou Ogden, com a voz baixa e confidente. — Tentei mais uma vez protestar com o visconde na minha última correspondência, para fazê-lo reconsiderar a natureza insensível das suas ações, mas receio que seja um homem violento e poderoso. Confesso que temo as suas represálias. Em todo o caso, a sua resposta foi formulada nos termos mais grosseiros e vulgares, com os quais não vou sujar os seus ouvidos.

Que canalha mentiroso!

Dev cerrou os dentes. Maldito homem. Ele sempre soube que o Senhor Ogden era um sujeito evasivo em suas tentativas de contorná-lo, mas Dev acreditava que o homem estava trabalhando em seu melhor interesse por lealdade ao título. Aparentemente não.

— Oh, Senhor Ogden, não. Implorei-lhe para não intervir em nosso nome — respondeu Charity, com a voz tremendo agora com o esforço de não chorar. — Sem dúvida, você foi mais do que gentil e eu teria ficado horrorizada se você tivesse sido de alguma forma prejudicado ou perdido seu emprego por nossa causa.

— Devo ser honesto, Senhorita Kendall — disse o crápula mentiroso, com sinceridade destilando em sua voz. — Fiz isso por razões egoístas.

— O que quer dizer? — respondeu Charity, inocente como era.

O coração de Dev bateu forte no peito. Não, não. Certamente que não.

Ele quase podia ver o sorriso arrogante no rosto do homem ao dizer as palavras que Dev sabia que se seguiriam.

— Eu esperava que... se eu conseguisse salvar a casa de sua família, talvez você pudesse olhar com simpatia para mim.

Dev experimentou uma onda de fúria que enxotou a respiração de seus pulmões. O desejo de revelar sua presença e sacudir Ogden até que seus dentes chocalhassem era tão feroz que ele teve que cerrar os punhos e encostar a cabeça no muro de granito com tanta força que deixaria hematomas. A dor acalmou-o. Ele não podia interferir, não

podia deixar Ogden vê-lo. Se o fizesse, Charity ficaria sabendo de tudo e Dev nunca teria a oportunidade de explicar, de pedir desculpas... mas o que diabos ele diria que ela já não sabia. Não havia nenhuma explicação além do fato de que era um bastardo indizível, já que nenhum pedido de desculpa que pudesse oferecer, ela estaria disposta a ouvir. No entanto, ele tinha que tentar.

A conversa prosseguiu e Dev fechou os olhos, sabendo muito bem o que viria a seguir.

Um farfalhar e a respiração ofegante e rápida de Charity sugeriram que Ogden havia se ajoelhado.

— Senhorita Kendall, você deve estar ciente de minha profunda estima, pelos anos em que mantive seu lindo semblante em meu coração. Admito que nunca ousei criar expectativas, não até agora, devido à disparidade em nossas idades, mas... você me daria a honra de se tornar minha esposa?

O coração de Dev titubeou, a dor permanente que ficava sob suas costelas agora menos dolorida e mais parecida com um ferimento de faca. O choque o assustou, tornando as feridas ainda mais profundas do que ele poderia ter imaginado.

Diga não. Diga não. Pelo amor de Deus, diga não.

Ele não conseguia respirar. Seus pulmões contraíram e havia uma dor na garganta que não o deixava engolir.

Charity, por favor, querida, diga não.

— Senhor Ogden. — A voz de Charity era fraca, seu choque audível. — Não sei o que dizer.

Sim, você sabe, Dev implorou a ela, com uma oração silenciosa repetida várias vezes ao perceber o quanto o machucaria vê-la se casar com seu administrador. Ele nunca acreditou ser capaz de se importar com outra pessoa, sempre pensou que era muito perverso, cruel demais para se importar com alguém além de si mesmo. No entanto, os Kendalls lhe mostraram o que significava ser uma família, e o desejo de fazer parte disso o atingiu no peito.

— Eu não contei isso para ninguém — continuou Ogden, com o que parecia um tom presunçoso ao ouvido de Dev —, mas consegui um novo emprego. Não posso continuar a trabalhar para um devasso tão perverso e libertino como o visconde. Ele é um valentão vil, um patife que busca nada além de esquecimento no vício, desperdiçando a fortuna e manchando o bom nome de seu pai. O tratamento oferecido a você foi a gota d'água, por isso, tenho feito perguntas discretas.

— É mesmo? — Havia trepidação na voz de Charity agora e Dev engoliu em seco, desejando poder contestar as palavras de seu

administrador sobre isso também, acusando-o de ser um mentiroso mais uma vez.

Para sua vergonha, no entanto, ele reconheceu a descrição muito bem. Ele tinha riqueza e status, mas não tinha nada que Charity valorizasse.

— Lorde Brady ofereceu-me uma posição junto a ele em Yorkshire. Não é um nome tão prestigiado, na verdade, mas a posição vem com uma casa bonita, grande o suficiente para acomodar seus irmãos, e eu ofereceria ao Senhor e à Senhora Baxter uma posição lá, a mesma que têm aqui, se você aprovasse, é claro.

Dev ouviu um soluço abafado e a exclamação de simpatia de Ogden.

— Acho que a choquei — disse ele, parecendo muito satisfeito para o seu próprio bem.

Dev cerrou os dentes. Charity não estava chocada. Nada a chocava. Ela lidava com tudo, sem se abalar. Suas lágrimas eram porque ela não queria se casar com um homem de quem não gostava, mas Dev sabia – assim como Ogden – que ela não tinha escolha.

Sentia-se doente, com dores físicas, como se as suas entranhas tivessem sido arrancadas por uma mão gigante e torcidas.

Charity e Phillip Ogden.

Casados.

O arrependimento era um peso que apertava seu coração, arrependimento por tudo o que Charity teria que abrir mão, por tudo o que a família perderia. Tudo isso era obra dele. Ele queria corrigir essa situação. Se fosse honesto, queria muito mais do que isso. Ele queria que Charity fosse sua, que o amasse e se voltasse para ele quando o mundo se tornasse difícil. Ele queria protegê-la de qualquer coisa que pudesse machucá-la. Especialmente, do maldito Phillip Ogden. Pensamentos do canalha repousando as mãos sobre ela passavam por sua mente, visões daquele arrogante mentiroso tomando sua inocência, o prêmio que ela havia oferecido a *ele*, e ele havia rejeitado. Um suor arrepiante brotou em sua pele. Ele não sabia o que fazer. Dormente e frio, ele só *podia* ficar de pé e ouvir, esperando com o coração na boca por sua aceitação inevitável.

— Estou verdadeiramente honrada com a sua proposta, Senhor Ogden — respondeu Charity, com as palavras cuidadosas e a voz tremendo agora. Dev inspirou profundamente, preparando-se para a dor que sabia que viria. — E... e estou muito grata, mas... não posso dar-lhe uma resposta hoje. Preciso de um pouco de tempo para pensar.

— Mas certamente... — começou Ogden, com um fio de riso em

sua voz, como se não pudesse acreditar que ela não tivesse aceitado seu pedido. — Certamente, nas circunstâncias atuais...

O homem estava atordoado. Dev também não podia acreditar naquilo. O pedido de casamento de Ogden os salvaria, e tudo o que Charity precisaria fazer seria sacrificar sua própria felicidade. Não era como se já não o tivesse feito. A Dev sabia que o faria de novo num piscar de olhos. Então, por que ela havia hesitado?

Certamente não por causa dele, certo?

Seu coração deu uma batida irregular em seu peito, a dor sob suas costelas pulsando, expandindo, empurrando os limites de seu peito. A sensação era aterrorizante. Dev nunca tinha se importado com outro ser humano em sua vida. Por que diabos ele deveria? Afinal, ninguém jamais se importou com ele. Sua mãe era viciada em ópio e passava mais tempo falando com alucinações do que com seu próprio filho, e quanto ao pai...

Dev engoliu em seco, afastando as memórias dolorosas como tinha aprendido a fazer ao longo dos anos. Ele as empurrou para um poço profundo e escuro, onde elas não podiam mais machucá-lo. No entanto, por mais aterrorizantes que fossem, ele não podia fazer isso com seus sentimentos por Charity. Esses sentimentos eram muito intensos, luzindo honestidade e verdade, e eles se recusavam a serem relegados à escuridão onde ele guardava tudo o mais que poderia fazê-lo pensar sobre sua vida, que poderia fazê-lo realmente sentir algo.

— A venda não será concluída por mais pelo menos três semanas — disse Charity, e o tom firme de sua voz era familiar a Dev; ela não seria influenciada.

Boa menina, ele pensou, fechando os olhos. Não o deixe intimidá-la. Talvez houvesse tempo... — Darei uma resposta em dez dias.

Dez dias! Tão pouco tempo para... *fazer o quê?*

— Dez dias? — protestou Ogden. — Por que tanto tempo?

Porque ela não te quer, seu bastardo estúpido! Dev queria gritar as palavras na cara do homem, e esconder-se estava matando-o. Na primeira oportunidade que tivesse, demitiria o Senhor Ogden e quebraria o nariz do homem. Não necessariamente nessa ordem.

Ogden não teve escolha senão concordar com os seus termos, uma vez que Charity não cederia e, para a gratidão eterna de Dev, nenhuma quantidade de bajulação da parte de Ogden a faria mudar de ideia. Ele os ouviu se afastarem, enquanto Charity dava a Ogden um bom dia e seu cavalo trotava de volta pela estrada, para longe de casa.

Dev soltou o fôlego que estava segurando, embora sentisse seu peito ainda apertado, como se estivesse preso em um impasse.

Dez dias.

O que diabos ele poderia fazer?

Dev observou-a durante o jantar. Ela não tinha contado a ninguém sobre o pedido, ele tinha certeza disso. No entanto, era óbvio que ela estava pensando nisso. Ela estava calada e distraída, mal abrindo a boca para falar, o que era tão estranho que até Jane comentou sobre isso e perguntou qual era o problema. Charity apenas sorriu e alegou uma dor de cabeça. Ela disse que estava preocupada com a viagem que deveria fazer até o tio para discutir onde eles viveriam. O fato de ela estar partindo na manhã seguinte e ficar ausente por quatro noites foi outro golpe que Dev poderia ter evitado. Restava tão pouco tempo. Ele não queria perder um momento sequer ao lado dela. Embora parecesse que sua vibrante e explosiva Charity já se fora, enterrada sob o peso de seus medos.

A única vez que ela ficou animada foi quando o assunto se voltou para Lorde Devlin.

— Ouvi dizer que ele havia reduzido a fortuna de seu pai pela metade dois anos após a morte do velho — disse Kit, balançando a cabeça enquanto se deliciava com a suculenta torta de frango e presunto que a Senhora Baxter havia servido a eles naquela noite. — Quer dizer... como isso é possível? É preciso se esforçar muito para gastar tanto dinheiro. O sujeito é obstinado, tenho que admitir isso.

— Ele é perverso, é isso que ele é — disse Charity, abaixando a faca e o garfo com um barulho. Os cabelos na parte de trás do pescoço de Dev se arrepiaram e ele se forçou a manter os olhos no prato, embora a comida tivesse se transformado em cinzas em sua boca. — Ele é perverso e cruel e, além do mais, é um maldito covarde!

— Olha a língua, Senhorita Kendall — repreendeu a Senhora Baxter enquanto entrava com uma garrafa de vinho e a colocava entre ele e Kit. — E mantenha sua voz baixa. O Senhor Baxter pegou demasiado sol hoje, o velho tolo. Disse-lhe que devia usar o chapéu. Está na cama e doente para cachorro.

— Sinto muito, Batty, perdoe-me, mas não deixa de ser verdade — disse ela, suas palavras ditas com tanta raiva que Dev não conseguiu engolir devido à culpa que havia se alojado em sua garganta. — Se Devlin quiser agir com tanta insensibilidade, ele poderia pelo menos ter a coragem de nos olhar nos olhos e nos dizer suas intenções pessoalmente. Se um homem é implacável e cruel, ele pelo menos deve admitir isso para si mesmo, fazer o que faz com determinação e que se dane o mundo. Pelo menos poderia respeitar um homem que me enfrentasse, mesmo que o desprezasse. Mas o visconde esconde-se

por trás das cartas e do seu administrador e... — Sua voz quebrou e o silêncio soou sobre a mesa. A Senhora Baxter aproximou-se dela, abraçando-a enquanto Charity lutava para não chorar.

— Você está errada, querida — disse Kit, suspirando enquanto estendia a mão e pegava a dela. — Ele não é um covarde, ele simplesmente não se importa. Não somos nada para ele. Ele não se importa mais conosco do que com as árvores ou as rochas em suas terras. Estamos aqui, e se não lhe convém mais ter-nos aqui porque estamos no seu caminho, então ele nos eliminará ou nos colocará para fora. Duvido que se lembraria do nosso nome se alguém lhe perguntasse.

Dev sentiu-se doente. Ele encarou o prato e soube que não poderia comer mais um pedaço nem que sua vida dependesse disso. Kit estava certo. Ele não se importava. Só depois de Charity o ter insultado tão profundamente é que ele quis retaliar. Ele não se importava que a tivesse impelido a isso. Ele nem sequer havia pensado neles.

Todos voltaram às suas refeições, dando a Charity a oportunidade de se recompor. Dev empurrou a comida em seu prato, não comendo nada enquanto Kit se esforçava para transformar a conversa em algo um pouco mais alegre.

Ele olhou em volta enquanto Jane puxava sua manga, com seus olhos grandes e redondos.

— Iremos nos tornar sem-teto, Senhor David? — sussurrou ela para ele, e Dev se perguntou quanto mais culpa seu coração poderia aguentar antes de entrar em colapso devido à tensão. — É que... o Senhor Baxter disse que não poderemos levar os gatinhos para a cidade, mas... mas eles são tão pequenos.

Dev segurou a mão dela sob a mesa e apertou. — Você não se tornará sem-teto, Jane, e eu cuidarei dos gatinhos se você não puder. Não se preocupe.

O alívio nos olhos da menina foi instantâneo, sua confiança nele absoluta. Ela era como a irmã, mais preocupada com o destino de seus gatinhos do que com ela mesma. Jane sorriu para ele e suspirou, voltando sua atenção para o jantar.

Dev ficou de pé, empurrando a cadeira para trás enquanto todos se viravam para olhar para ele.

— Perdoe-me — disse ele, sua voz soando estranha e arranhada. — Eu... acho que talvez tenha pegado muito sol hoje também. Estou me sentindo mal. Se me derem licença.

— Ah, homens! Eu já disse a vocês dois que devem usar um chapéu, não importa o quão suados fiquem! — A voz repreensiva da

Senhora Baxter o seguiu até a porta enquanto ele se afastava apressadamente, longe da preocupação que não merecia, longe da culpa, das mentiras e do horror do que estava fazendo com eles.

Capítulo 12

“No qual as tempestades são previstas.”



Dev estava deitado no escuro do celeiro, inspirando o perfume do calor seco do verão do ano anterior sobre a palha ao seu redor, ouvindo as criaturas noturnas caçando, fugindo desesperadamente para se salvarem. Em algum lugar uma coruja piou, seu companheiro chamando-o de volta do outro lado da fazenda. Ao lado dele, o suave bufar dos gatinhos mal podia ser ouvido enquanto dormiam, contentes agora que tinham enchido seus minúsculos estômagos com nata.

As portas do celeiro estavam abertas para a noite, para deixar entrar um pouco de ar depois de uma tarde sufocante. A tempestade que vinha ameaçando o dia todo estava quase sobre eles, e Dev observou o tremeluzir e o clarão dramáticos do raio enquanto iluminava os céus. Não era uma noite para se aventurar pelas charnecas. O vento ficava cada vez mais forte, agitando a poeira e a palha para dentro do celeiro e, um momento depois, os céus se abriram.

O barulho da chuva era impressionante após o silêncio da noite. Caía freneticamente, como se pudesse lavar todos os vestígios da humanidade da face da terra e deixá-la limpa e renovada. O estrondo do trovão acima era um barulho retumbando pela terra, ecoando através do peito de Dev. Parecia uma espécie de julgamento, como uma condenação vinda do alto.

Dev não acreditava em Deus. Ele orava com bastante frequência quando menino e nunca foi ouvido, mas sentia como se a ira justa de uma divindade vingativa estivesse sendo lançada dos céus, na direção dele e somente dele.

Algo tinha de ser feito. Ele tinha de salvar a fazenda. No entanto, se a venda não fosse concluída, Blackehart viria atrás dele. Dev não sabia o quanto do boato sobre o homem era verdade, mas, depois de conhecê-lo, estava disposto a acreditar em cada palavra. Forte como uma montanha, ele exalava poder. Eles diziam que a cicatriz que cobria seu rosto lhe fora dada no orfanato quando menino, e Blackehart havia matado o homem por isso. Ele tinha doze anos. Autoproclamado rei do crime, ele era um dos homens mais perigosos do país, e ninguém provocava a sua ira e vivia para contar a história.

Outra rajada de trovão sacudiu o chão sob ele e Dev ficou de pé. A temperatura estava despencando, e os gatinhos ficariam com frio se

ele não fechasse as portas e mantivesse o vento longe. Ficando encharcado no instante em que colocou o pé para fora, Dev segurou as portas contra o vento que lutava para arrancá-las de suas mãos. E, então, o barulho de um cavalo relinchando chegou aos seus ouvidos e ele virou a cabeça para esse som.

— Que diabos...?

Dev correu em direção ao padoque quando uma figura magra em uma camisola branca se tornou visível, lutando com um cavalo forte o suficiente para pisoteá-la em seu terror.

À medida que se aproximava, viu que o raio havia atingido uma árvore e um galho pesado havia caído, quebrando a já frágil cerca que revestia o padoque. Os cavalos dos Kendalls tinham se libertado, assustados com a tempestade. Felizmente, a montaria alta de Dev estava amarrada com segurança no celeiro. Charity tinha apanhado o ruão ao lhe atirar uma corda no pescoço. O trovão deixou a criatura selvagem, e ela empinou, mostrando o branco dos olhos e dando coices com as patas dianteiras.

— Para trás! — gritou Dev, arrancando a corda de suas mãos, com terror em seu coração de que os cascos agitados pudessem atingi-la. — Volte para dentro — instruiu ele, gritando por cima do ombro enquanto lutava para acalmar o cavalo petrificado.

— Golias também está lá fora — gritou ela, por cima do barulho da tempestade. — Tenho que ir atrás dele.

— Não! Eu vou — gritou Dev de volta para ela. — Vá para dentro de casa antes que pegue uma pneumonia.

Ele vislumbrou um olhar impaciente antes que o cavalo com que ele lutava chamasse sua atenção mais uma vez. Maldita mulher!

Levou algum tempo para acalmar a criatura o suficiente para levá-la para dentro e protegê-la do mau tempo. Charity voltou quando Dev saiu, encharcado, mas triunfante, enquanto o cavalo baio mais dócil trotava humildemente ao seu lado.

— Eu pensei que tivesse dito para você ir para dentro de casa — vociferou Dev. — Eu teria cuidado disso.

Charity bufou enquanto conduzia o cavalo aos estábulos. — Nós sabíamos como sobreviver antes de você chegar aqui, sabe — disse ela, com o tom seco enquanto pegava um punhado de palha e enxugava o animal encharcado. — Além disso, ela já estaria a meio caminho de Plymouth até você conseguir resolver a situação com a outra.

— Meu Deus, como você é teimosa — disse Dev, suspirando e esfregando a mão no cabelo molhado, sem saber se a estava criticando

ou estava cheio de admiração.

Ela riu e o som encheu-lhe o peito. Ele queria que ela risse sempre, olhasse para ele e sorrisse, porque era a ele que ela recorria quando as coisas se tornavam difíceis, porque confiava nele. Era um desejo bastante simples, mas até agora fora de seu alcance, e ele não sabia por onde começar. Ele se moveu pelo celeiro, fechando a porta para o tempo lá fora e acendendo uma lamparina. Ele sentia suas calças grudarem e se sentia gelado até os ossos. Charity também deve estar congelando, embora ele soubesse que se insistisse para ela se secar e deixá-lo cuidar do cavalo, receberia uma bronca, então ele ficou quieto.

Ela terminou de esfregar o grande cavalo baio e saiu do estábulo, e o cérebro de Dev titubeou até parar enquanto ele a olhava sob a luz da lamparina. A camisola que ela usava estava encharcada e quase transparente, pois se agarrava a todas as partes dela. O contorno dos seios e os círculos mais escuros dos mamilos eram claramente visíveis, assim como o triângulo mais escuro no ápice das coxas.

— Obrigada pela sua ajuda — disse ela, fechando a porta do estábulo e depois olhando para ele com uma expressão interrogativa. — O que foi?

Dev não poderia ter formulado uma resposta se sua vida dependesse disso, mas a expressão em seus olhos deve ter sido resposta suficiente. Ele viu a respiração ficar presa em sua garganta e o rubor tomar conta de sua pele. Seu sangue esquentou ainda mais enquanto ela o olhava de cima a baixo e ele se lembrou de que estava apenas de calças, pois tinha tirado a camisa para dormir. O desejo em seus olhos era flagrante e honesto, e ele desejava de todo o coração que ela soubesse a verdade dele, em vez de querer um homem que não existisse.

Dev se equilibrava à beira de um precipício, com o diabo de um lado e todas as suas esperanças e sonhos do outro. Ele poderia tê-la agora, ele poderia fazê-la sua em todos os sentidos, ou ele poderia se conter e tentar consertar as coisas, esperando que quando ela finalmente descobrisse a verdade... ela poderia reunir forças para perdoá-lo. Dev sabia que era um fio de esperança e, se ele arriscasse e perdesse, nunca saberia o que seria amá-la. Ele poderia nunca ter outra chance de tocá-la e mostrar-lhe tudo o que estava sentindo. Todas as emoções que ele não tinha esperança de expressar, com ele mesmo mal as sentindo, seriam reveladas com tanta facilidade se ele pudesse apenas tocá-la.

Dev limpou a garganta e arrancou o olhar dela, sabendo que a visão havia sido gravada atrás de seus olhos por toda a eternidade. —

Você... você deve ir se aquecer — disse ele, sua voz soando estranha e muito alta agora que a tempestade havia diminuído. — O pior já passou. Boa noite, Senhorita Kendall.

A tempestade estava morrendo agora, e ele não ouvia nada além do tamborilar constante da chuva lá fora, tendo parado de trovejar. Ele se afastou dela e verificou os gatinhos antes de ajeitar novamente o cobertor em que dormiam. Uma vez que estava reto, ele sentou-se e tirou as botas, ouvindo o som das portas do celeiro abrindo e fechando. Nunca aconteceria.

Ele deu um salto quando o algodão frio da camisola dela tocou suas costas, seguido pelo calor úmido do corpo dela quando seus seios se pressionaram contra ele. Suas mãos repousavam sobre seus ombros, sua cabeça contra a dele.

— Sou tão desagradável aos olhos assim?

Havia incerteza em sua voz e Dev mal ousou respirar, muito menos se mover. Ele fechou os olhos, pedindo ajuda. *Meu Deus do céu, estou me esforçando muito aqui. Se você existe, pelo amor de tudo o que é sagrado, dê-me forças.*

— Você está tão longe de ser desagradável aos olhos, sua criatura tola — vociferou Dev, enquanto o pouco que restava de sua sanidade se esvaía.

— Então, por que você continua se afastando de mim?

Dev riu, mas era um som desesperado, sem nada remotamente engraçado. Ele afastou-se dela, incapaz de pensar com o corpo dela tão perto do dele.

— Porque você não sabe quem eu sou — gritou ele, frustrado como nunca. — Como você pode depositar tanta confiança em mim a ponto de... se entregar a mim, quando você não sabe nada de nada sobre mim?

Ela lançou-lhe um olhar de pena, com tanto calor em seus olhos que fazia Dev querer esbravejar para a injustiça da vida. Só que não era injusto. Ele precisava fazer um acerto de contas. Se isso era o destino dando-lhe o que merecia, então eles não poderiam ter concebido uma tortura mais perfeita. Era um tormento da mais requintada variedade.

— Mas eu conheço você — disse ela, com a voz suave enquanto se aproximava. Ela estendeu a mão, colocando-a em seu braço e Dev sentiu o calor de seu toque em sua pele como se ela o queimasse. — Eu sei que você é o homem que resgata gatinhos para agradar uma garotinha, um homem que não tinha a menor ideia de como era uma batata, mas que ficou tão encantado com a descoberta que queria

conhecer todos os outros legumes da horta. Um homem que não se aproveitaria de uma mulher em um momento de angústia. — Ela pressionou a bochecha fria contra a dele e sussurrou como se estivesse compartilhando um segredo com ele. — Eu sei que você não é tão sombrio como eu acreditava que fosse, como talvez você acreditava que fosse...

— Pare com isso! — Dev apertou a mão dela e esfregou a própria no rosto enquanto a culpa ameaçava sufocá-lo.

O que ela diria se ele revelasse quem ele era? Ela ainda acreditaria que ele poderia mudar? Ele engoliu em seco enquanto a verdade se instalava em seu estômago, fria e pesada, e real demais. Não. Ela não o faria.

Seu ódio pelo visconde ia além da mera raiva e aversão. O nome Devlin tornou-se a personificação de tudo o que era cruel e injusto no mundo, e ela nunca o perdoaria se ele lhe dissesse agora. Ele teria que redimir-se primeiro. Se ele provasse a verdade de suas palavras, então, *talvez*, se ele implorasse o suficiente, ela poderia perdoá-lo.

— Sou um homem ruim, Charity — disse ele, proferindo tais palavras com mais honestidade do que nunca na sua vida. — Fiz coisas pelas quais me desprezaria, e só agora, sabendo como me desprezaria por elas, é que percebi como fui um homem mau.

— Mas... mas você não se lembra — disse ela, com perplexidade em seus olhos.

— Eu me lembro. — Ele respirou fundo, imaginando o quanto ele poderia lhe dizer sem que ela adivinhasse o resto. Ele desviou o olhar dela, para longe do choque em seus olhos, desejando que ele pudesse se afastar de seu passado e começar de novo, mas não era possível. Será que não? — Eu me lembro — disse ele novamente, com a voz baixa enquanto a ansiedade retorcia suas entranhas em um nó. — Tenho vergonha de tudo o que fiz.

— Oh, David.

Ela se moveu em direção a ele, para confortá-lo mesmo depois de sua confissão, e Dev levantou a mão para forçá-la a não se aproximar. Se ela o tocasse novamente, ele perderia a cabeça.

— Mas por quê? Por que não nos contou?

Dev se perguntou qual seria a reação dela se ele lhe dissesse a verdade. *Porque eu queria me esconder aqui até que fosse seguro, até que o dinheiro da venda da sua casa estivesse em minhas mãos, e depois... porque eu nunca quis partir.*

Em vez disso, ele hesitou.

— Eu não sou um homem apto para você, Charity, mesmo que me mate admitir isso.

Ela olhou para ele e Dev soube que ela não tinha motivos para confiar nele. Mesmo assim, ele reuniu sua coragem, tentando esquecer as palavras que ela tinha dito de forma agressiva para ele quando ele se recusou a fazer amor com ela. *Não me casaria com um libertino desprezível como você, nem se me implorasse.* Será que ela ainda se sentia assim? Seria essa simplesmente outra chance de deitar-se com ele, de esquecer seus problemas por uma noite, antes de fazer o que era sensato e se casar com o Senhor Ogden.

— Eu sou tudo o que você supunha que eu fosse — disse ele, ouvindo o ódio e a amargura por trás das palavras. — Um libertino sem valor que nunca tinha tido um dia de trabalho na vida, mas eu quero mudar. Quero ser mais do que isso.

Dev encontrou seu olhar perturbado, tentando e falhando em julgar a expressão em seus olhos. Ele esperava que ela pudesse ouvir a sinceridade por trás das palavras, esperava que ela tivesse visto à vontade nele de ser um homem diferente nas últimas semanas, o suficiente para depositar sua confiança nele quando o bom senso devia lhe dizer para correr e não olhar para trás.

— Há coisas que tenho de fazer, mas, se puder esperar por mim, voltarei para você. Eu prometo.

— Você está indo embora?

Dev assentiu, sabendo que era a única maneira. — Tenho de o fazer.

Sua expressão foi de perplexidade, frustração e confusão quando ela balançou a cabeça. — Mas não posso dar-lhe tempo. Não tenho tempo, sabe que não tenho. A fazenda será vendida dentro de poucas semanas e... e o Senhor Ogden pediu-me em casamento. — Ela baixou o olhar, o que o aliviou, pelo menos ele não teve que fingir surpresa. — Eu disse a ele que preciso pensar sobre isso, mas... oh, David, isso resolve tudo. Ele terá uma casa grande, espaço suficiente para todos nós. Ele até ofereceu ao Senhor e à Senhora Baxter uma posição e você sabe que eles nunca encontrariam outra, não na idade deles. Confesso que só isso me custou muitas noites sem dormir. Como posso recusá-lo? — quis saber ela, e era uma pergunta real, um desejo de que ele lhe desse uma solução. — Como posso dizer não, sabendo que todos estariam seguros e bem cuidados...?

— Porque você não se importa com ele — disse Dev, com a voz rouca. — Você não o ama ou mesmo o deseja, e você seria infeliz, você sabe que seria.

Seus olhos brilhavam, e ela engoliu em seco, mas aquele espírito independente ainda brilhava.

— Quem disse que eu te amo? — quis saber ela, um pouco indignada. — Mal nos conhecemos.

Dev sorriu. Meu Deus, ele tinha sido mesmo capturado, seu coração fígado por um anzol, e ele nem estava tentando mais escapar. A obstinada inclinação de seu queixo, seu desejo de ter a última palavra, sua simpatia e gentileza; ele amava tudo nessa mulher. Ele a amava. A verdade disso roubou-lhe o fôlego.

— Eu sei disso — disse ele, quando pôde falar novamente. A revelação encheu-lhe o peito, quente, pesada e real. Foi a coisa mais assustadora que ele já experimentou. — E eu não estou dizendo que você me ama. — Ele deu uma risada amarga, balançando a cabeça. — Eu ficaria surpreso se você amasse depois de todas as coisas terríveis que eu disse a você, mas... eu não perdi ainda a esperança de que *você poderia*. Se eu me esforçasse o suficiente.

Ele estendeu a mão, tocando a bochecha dela com a ponta dos dedos por um momento antes de deixá-la cair. Foi tudo o que ousou. — Eu posso ser muito persuasivo, sabe.

Sua expressão suavizou-se por um momento e ela soltou um relutante bufo de diversão. — Não duvido — disse ela, as palavras um pouco sarcásticas, mas calorosas. Ela olhou para ele, furtivamente. — Eu gosto de discutir com você. Mais do que gosto de falar com a maioria das outras pessoas.

A admissão fez com que o calor em seu peito se expandisse ainda mais, ele viu um sorriso triste curvar os cantos de sua boca e deu uma risada assustada.

— Eu também.

— Oh, David, o que devemos fazer? — disse ela, abraçando o próprio corpo. — Esse é mesmo o seu nome? — perguntou ela, e depois praguejou quando viu a verdade em seu rosto. — Você mentiu para mim — disse ela, com a voz cheia de tristeza.

Dev prendeu a respiração ao ver a decepção em seus olhos. Será que ele havia agido errado? Será que ele deveria ter ficado em silêncio até que pudesse revelar toda a verdade? Ele estava apenas dando-lhe mais razões para fugir dele.

— Como posso confiar em você?

Havia tanta angústia por trás das palavras que Dev sentiu dor de garganta, era difícil de engolir, mais difícil ainda era formar as palavras de que precisava, mas ele as forçou a sair.

— Não sei. — Ele esfregou o rosto, de repente exausto, desgastado, mas ele tinha que lutar por isso, por ela. Não havia outra maneira. — Não sei por que você deva confiar em mim. Eu não posso dar-lhe uma única razão que faria sentido diferente do que a em que eu rezo para que você confie. — Ele se moveu em direção a ela e apertou as mãos dela. — Esses sentimentos no meu coração são estranhos para mim, Charity. Nunca conheci coisas semelhantes. O desejo de agradar a alguém que não seja eu... É novo e estranho, e aterrorizante se você quer saber a verdade.

Ele deu-lhe um sorriso torto. — Posso garantir isso. Sou um homem rico, posso cuidar de você e da sua família, e também do Senhor e da Senhora Baxter, só que... há coisas que devo fazer primeiro. Eu te contarei tudo o mais que você quiser saber quando eu voltar, revelarei cada recanto escondido de minha alma sombria, se você apenas me der uma chance.

Charity retirou suas mãos e levantou-se. — E como eu sei que você vai voltar? — quis saber ela, com a voz frágil de ansiedade. — E se eu esperar e você ficar com medo? E se o Senhor Ogden não quiser esperar mais e você não voltar? Vou ter perdido tudo. Não só eu, mas todos nós. Voltaremos à estaca zero.

— Eu não vou, querida — disse ele, implorando-lhe para acreditar nele quando tudo o que ela agora sabia devia forçá-la a questionar cada palavra que ele tinha dito. — Você pode confiar em mim, eu juro.

— Não sei — disse ela, com a voz fraca enquanto balançava a cabeça. — Não sei o que fazer, em quem confiar. Você acabou de dizer tudo o que queria ouvir, mas como posso acreditar em você depois de todas essas mentiras? Eu *quero* poder acreditar em você. Quero mais do que tudo neste mundo.

Dev observou enquanto ela abraçava o próprio corpo. Ela estremeceu, sua figura magra tão cheia de tristeza que partiu seu coração. Ele se levantou e a puxou para seus braços, segurando-a firmemente, fazendo círculos em suas costas, e ela se entregou ao abraço com um suspiro.

— Eu sei disso e não posso defender quem eu era, apenas quem eu quero ser. Este é o seu lugar, ao meu lado. Você sabe disso tão bem quanto eu.

Charity olhou para ele então, com medo, desejo e confusão brilhando em seus olhos. — Sei mesmo? — respondeu ela, como se realmente quisesse uma resposta. — É o que eu quero — admitiu ela, estendendo a mão para tocar sua bochecha. —, mas é disso que eu preciso? — Ela se afastou, saiu de seu abraço e ele a deixou ir, embora

com relutância. — Eu preciso pensar. Talvez seja bom estarmos separados durante alguns dias. Isso nos dará alguma perspectiva. Você ficará até eu regressar? — Ele viu sua expressão esperançosa, mesmo quando seus planos para os próximos dias se desfizeram. — O Senhor Baxter não está bem, ao que parece. Eu acho que ele vai ficar acamado por alguns dias. Kit ficará doente tentando fazer seu trabalho também e...

Ela parou já que sua voz tremia, e Dev desejou puxá-la de volta para seus braços, assim como reclamava da própria sorte. Ele precisava colocar suas coisas em ordem, mas, se Charity fosse confiar nele, ele não poderia abandoná-la na primeira vez que ela pedisse sua ajuda. Ele poderia escrever para Ogden pelo menos, dizer-lhe para parar a venda da fazenda. Isso lhe daria um pouco de tempo para respirar. Blackehart nunca saberia que estava ali, embora isso significasse arriscar uma visita aos correios de Tillforth, onde ele poderia muito bem ser reconhecido, mas ele não tinha muita escolha.

— Tudo bem, querida — disse ele, assentindo. Ele se aproximou e ela permitiu que ele beijasse sua bochecha. — Vá para a cama agora. Vou cuidar da fazenda enquanto estiver dormindo. Não se preocupe.

Ela assentiu e Dev a viu sair do celeiro, seu corpo magro sobrecarregado de preocupação e dúvida. Em breve, ele veria aquelas preocupações tiradas de seus ombros. Ele iria certificar-se de que ela não tivesse que se preocupar nunca mais. Ele cuidaria da família dela e deixaria todos seguros, assim como ela ansiava. Kit veria os melhores médicos, e ele passaria seus dias garantindo que sua bela diabinha quisesse jogar coisas nele e brigar com ele sozinha, porque a reconciliação depois seria espetacular. Ele iria certificar-se disso.

Capítulo 13

“No qual as esperanças, os sonhos e os medos correm risco.”



Na manhã seguinte, Dev acompanhou a Senhora Baxter e Charity até Tillforth. Conduziu a carroça com a Senhora Baxter e Charity encolhida ao seu lado. Infelizmente, a Senhora Baxter estava no meio, mas talvez fosse melhor assim.

O Senhor Baxter devia acompanhá-la para visitar o tio, mas ele ainda estava muito doente e a umidade após a tempestade fez Kit tossir uma tosse seca naquela manhã. Embora seu irmão gêmeo tivesse insistido que era perfeitamente capaz de ir, claro que Charity se preocuparia com ele se assim o fizesse, então a Senhora Baxter se ofereceu para ir em seu lugar. Kit havia insistido em ir até o vilarejo; ele queria buscar uma carta no correio e parecia agitado de excitação. Ele cavalgava Golias, trotando ao lado da carroça, enquanto seguiam a estrada até a cidade. Dev notou o rubor em suas bochechas com receio, mas ele era um homem adulto e tão teimoso quanto a irmã.

A Senhora Baxter preocupou-se durante toda a viagem, explicando que havia comida e como Dev deveria prepará-la. Ela parecia pensar que eles morreriam de fome, embora ele tivesse visto a despensa e soubesse que estava abarrotada. Havia o suficiente para sobreviver a um apocalipse, quanto mais quatro dias sem ela. Ele deixou que as palavras dela o consumissem, com suas próprias preocupações demasiado exacerbadas para perdurarem sobre as preocupações dela. Eles viveriam de queijo, se necessário. Ele já o tinha feito antes.

À medida que a pequena cidade mercantil de Tillforth se aproximava, os temores de Dev só aumentaram. Ele era conhecido ali, embora fosse improvável que alguém o reconhecesse agora. Vestido como qualquer trabalhador comum, apesar dos protestos da Senhora Baxter de que ele deveria se arrumar um pouco mais para ir à cidade, ele não parecia em nada com um visconde. Sua melhor chance de permanecer disfarçado era parecer o mais diferente possível, e ele tinha feito exatamente isso. Ele nem sequer tinha feito a barba, embora fosse bastante experiente com uma navalha agora, e tinha amarrado um lenço em volta do pescoço com um nó grosseiro, puxando até os olhos um velho chapéu maltratado que o Senhor Baxter lhe emprestara.

— Agora ele usa chapéu — resmungou a Senhora Baxter, enquanto olhava para a coisa disforme com horror. — Quando me

lembro que você parecia um verdadeiro cavalheiro quando o encontramos — acrescentou ela, com um suspiro pesado.

— Eu mudei — respondeu Dev, falando sério. Ele olhou para Charity, mas ela evitou os olhos dele como vinha fazendo a manhã toda. Não que ele pudesse culpá-la. Só Deus sabia o que ela estava pensando. Ele só esperava que essa viagem que estavam fazendo não fosse uma perda de tempo.

O tio de Charity tinha escrito para dizer que tinha encontrado uma casinha perto da dele. Ele os ajudaria com o aluguel na medida do possível, mas agora a responsabilidade de ganhar o suficiente para mantê-los seria de Kit. Dev esperava que os próprios planos se concretizassem, pois a realidade da família vivendo com a renda de um poeta era o suficiente para fazer sua respiração ficar presa na garganta.

Uma vez que conduziram as duas mulheres em segurança até a carruagem de correio, Dev e Kit correram para os correios. Ele baixou o chapéu e manteve a cabeça baixa, na esperança de evitar o escrutínio.

Dev deixou Kit ir primeiro ao balcão. Ele tinha correspondência para postar e Dev esperou, conforme Kit voltava segurando uma carta e parecendo ansioso.

— Lá vai — disse ele.

Embora Dev tivesse percebido que tinha algo a ver com sua poesia, não sabia com o que o jovem estava tão ansioso. A gargalhada triunfante de Kit fez com que a senhora idosa que tinha ocupado o lugar de Dev na fila pulasse de susto e lançasse um olhar reprovador antes de continuar com seus assuntos.

— Vou ser publicado! — exclamou Kit, seu rosto brilhando de triunfo e um olhar bastante febril que Dev sabia que preocuparia Charity.

— Você já não tinha sido publicado? — indagou Dev, perguntando-se por que isso era diferente.

Kit balançou a cabeça. — Apenas em jornais — disse ele, acenando a carta no rosto de Dev. — Desta vez é diferente. Irão publicar um livro com os meus poemas. Um livro inteiro, e receberei um adiantamento generoso.

Ele abriu um sorriso brilhante para Dev e foi em direção à saída dos correios.

— Espere — disse Dev, agarrando seu braço e desejando que Kit lhe permitisse trazer as cartas para casa com ele, como Charity queria. — Aonde você está indo?

— Comemorar, é claro — disse Kit, dando uma risada incrédula. — Tenho amigos aqui na cidade e quero compartilhar as boas notícias. Você pode voltar para a fazenda quando acabar, vejo você lá para o jantar.

Dev franziu a testa, sabendo que Charity não gostaria nada disso. — Você não acha que deveria voltar para casa comigo agora? — disse ele, sentindo-se em terreno instável. Kit era um homem adulto e Dev seria o primeiro a dizer-lhe para se preocupar com a sua própria vida se as situações fossem invertidas, mas Charity o havia deixado no comando e... ele não queria decepcioná-la. — Talvez você devesse esperar um ou dois dias para celebrar. Está com uma aparência um pouco febril.

Uma expressão que Dev reconheceu bem tomou conta dos olhos do jovem. Estranho como eles nunca pareciam gêmeos até que seus ânimos se exaltassem, então a semelhança era absolutamente estranha.

— Farei o que *eu* quiser, Senhor David — disse ele, com a voz calma. — Mesmo que você tenha convencido minha irmã de que não é um canalha desprezível, eu ainda sou o guardião dela. Lembre-se disso.

— O que diabos você quer dizer com isso? — exigiu saber Dev, ciente de que eles estavam em um lugar público, mas não gostando nem um pouco da insinuação.

Kit encarou-o de volta, o brilho de seus olhos dando a Dev ainda mais motivos para se preocupar. — Eu não sei — disse ele, com um tom apreensivo por trás das palavras. — Mas você tem mais segredos do que qualquer pessoa deveria ter, pelo que vejo. Não confio em você.

Dev bufou, encarando o olhar do homem. — Nem deveria — concordou ele. — Mas sua irmã significa o mundo para mim. Eu só quero o melhor para ela. Você tem a minha palavra sobre isso, mesmo que ela não valha nada para você.

Kit encarou-o um pouco mais, o que era bastante irritante. O homem tinha um olhar penetrante, tão intenso que Dev se perguntou se ele estava de alguma forma desvendando seus segredos.

— Muito bem — disse, por fim, e assentiu. — Vou acreditar na sua palavra. Por hora.

Ele se virou e Dev colocou a mão em seu braço novamente, parando-o.

— Eu realmente só quero o melhor para sua irmã, Kit — disse ele, perguntando-se por que estava tão preocupado. Será que o jovem

conhecia os seus limites? — E ela nunca me perdoaria se eu não tentasse fazer você enxergar a razão. Pelo que vejo, há petricor no ar e outra tempestade se aproxima. Venha para casa comigo agora. Quando esse olhar febril se for e o tempo estiver bom novamente, você pode vir comemorar até cair. Eu mesmo busco a carroça para te levar para casa.

— Uma oferta tentadora — disse Kit, mostrando seu sorriso encantador novamente. — Mas *carpe diem* e tudo o mais. — Ele deu um tapa amigável no ombro de Dev. — Pare de olhar para mim como se eu estivesse prestes a cair de maduro, pelo amor de Deus. Não é a minha mãe, nem a minha irmã, e eu volto para jantar. É minha última palavra.

Não havia mais nada que Dev pudesse fazer. Ele tinha dado o seu melhor. Sem poder dar um golpe na parte de trás da cabeça do sujeito, ele não podia detê-lo. Com um suspiro, Dev voltou à fila. A carta que tinha escrito ao Senhor Ogden estava em suas mãos e esperava que a mulher atrás do balcão não se perguntasse por que razão um homem que parecia um trabalhador rural enviava cartas ao administrador de Lorde Devlin.

Para seu alívio, embora a mulher lhe lançasse um olhar curioso, ela estava mais interessada na senhora idosa que estava atrás de Dev. Era óbvio que elas estavam desesperadas para fofocar, e Dev pagou e as deixou o mais rápido possível com um suspiro de alívio.

Pelo menos, agora, a fazenda estaria segura. Ogden iria parar a venda sob as ordens de Dev. O homem provou ser um traidor, mas seria difícil ignorar uma instrução por escrito. O próprio Dev estava longe de estar seguro agora. Ele tinha uma ideia de como poderia corrigir as coisas com Blackehart: um acordo que certamente não poderia recusar. No entanto, ele conhecia muito bem a reputação do homem. Dev tinha renegado um acordo e isso significava ser humilhado. No mundo de Blackehart, isso era tão certo quanto uma sentença de morte.

Dev estremeceu e rezou para que ele saísse dessa vivo. Pela primeira vez na vida, ele *queria* viver. Ele tinha um futuro que queria agarrar com as duas mãos e segurar com todas as suas forças. Matar-se lentamente com bebida e viver de maneira sórdida era a coisa mais distante em que pensava. Finalmente, ele percebeu que a melhor forma de se vingar de seu pai não seria arruinando tudo o que o homem havia alcançado, mas fazendo da sua própria vida um sucesso. Talvez um dia ele fosse pai e – o pensamento fez com que parasse no meio da rua principal, e ele teve que se desculpar como um senhor idoso que colidiu nas costas dele.

Um pai.

Ele poderia ter uma família se Charity fosse tola o suficiente para se casar com ele.

Dev parou de respirar. O pensamento era novo, recente e surpreendente, e um sorriso tolo curvou-se sobre sua boca enquanto ele a imaginava carregando seu filho. A dor abaixo das costelas intensificou-se e ele esfregou-a com a palma da mão.

Ele seria um bom pai. Pelo menos, ele se esforçaria bastante para isso. Ele nunca deixaria seus filhos nas mãos de amas sem coração que valorizavam a disciplina em vez do amor, e que não tinham nenhum interesse em crianças. Eles o teriam ao seu lado quando precisassem, não distante do outro lado do país sem ter a menor ideia do que estava acontecendo em suas vidas. Acima de tudo, ele nunca os mandaria embora para a escola para serem intimidados e se sentirem tão infelizes que desejassem morrer.

Dev forçou seus pés a levarem-no de volta à carroça, planos para o futuro dele e de Charity promissores em sua mente. Suas esperanças e sonhos estavam tão próximos que ele quase podia experimentá-los. Tudo ficaria bem. Ele faria o acordo com Blackehart. O sujeito era um homem de negócios, embora implacável, e o acordo que Dev lhe ofereceria seria tão tentador que ele seria um tolo se não aceitasse, e Blackehart não era tolo. Ele faria disso uma realidade, tal como sonhou. Tinha de o fazer.

Dev regressou à fazenda ao meio-dia. Ele esquentou a sopa encorpada que a Senhora Baxter tinha deixado enquanto o dia ainda estava úmido e frio e levou uma tigela de sopa ao seu irascível marido. O Senhor Baxter estava de mau humor, irritado por estar confinado à cama e frustrado por estar demasiado fraco para sair dela. Ele continuou murmurando sobre um corvo que havia se sentado no peitoril da janela mais cedo. Era um mau presságio, ele supôs, e fez os pelos da nuca de Dev se arrepiarem ao prever consequências terríveis para a família. Dev depositou a bandeja em seu colo e escapou o mais rápido que pôde com a voz da desgraça ressoando em seus ouvidos.

John e Jane tinham feito suas tarefas habituais, e John tinha ordenhado as cabras também. Para alívio de Dev, Charity arranjou tempo para ordenhar a vaca antes de partir, já que Dev não tinha a menor ideia de como fazer isso. Ele rezava para que o Senhor Baxter estivesse suficientemente bem para o fazer de manhã.

Enquanto colocava a sopa em tigelas e cortava pão para as crianças, sentia-se estranhamente domesticado. O que pensariam os seus camaradas em Londres se o vissem agora? Para sua surpresa, ele descobriu que não dava a mínima para o que eles pensariam.

A pequena Jane sorriu para ele quando colocou sua sopa diante dela, e seu coração deu uma guinada em seu peito. — Obrigada, Senhor David.

— Obrigado, senhor — disse John, enquanto tirava sua tigela da mão de Dev.

John precisava de uma orientação que fosse certa. Ele precisava de um pai. Alguém que lhe ensinasse as coisas que o pai de Dev nunca lhe tinha ensinado. Coisas que ele só agora estava descobrindo por si mesmo, como o que realmente significava ser um homem digno de respeito.

O próprio pai de Dev poderia ter sido respeitado na Câmara dos Lordes, poderia ter feito grandes coisas pelo país, mas negligenciou aqueles que mais dependiam dele. Ele havia deixado sua esposa no meio do nada até que a solidão a consumisse e ela recorresse ao ópio para aliviar sua dor. Ele havia ignorado seu filho, nunca encontrando tempo para ele e enviando-o para a escola aos cinco anos de idade quando se tornou muito indisciplinado para sua criação dar conta. Depois disso, Dev só via seu pai quando ele ia repreendê-lo por seu comportamento chocante. Ele nunca tinha sido expulso da escola porque o seu pai pagou demasiado bem para que o mantivessem. Então, não importava o que Dev fizesse, nada mudava. Nada do que ele fazia importava, para melhor ou para pior.

Na Fazenda Brasted, importava.

Lá, eles notavam se ele se comportava mal, mas também notavam se ele dava o seu melhor. Charity repreendia-o severamente por sua grosseria e a Senhora Baxter não o deixava ficar parado. Kit zombava dele por não ter a menor ideia sobre livros e literatura, mas admirava sua habilidade com os cavalos e até mesmo havia pedido seu conselho quando ficou que seu próprio cavalo estivesse manco. John ficava entusiasmado se ele passasse suas horas de lazer ensinando-o os golpes mais refinados do pugilismo, e Jane quando a ensinava a andar a cavalo e cuidava dos gatinhos para ela. Baxter poderia resmungar o quanto quisesse, mas ainda apreciava a ajuda de Dev em todo o lugar, e ele também disse isso, embora de uma maneira relutante.

As suas ações tinham ali consequências, o que era algo novo e reconfortante.

Embora o tempo ainda estivesse instável e tão frio que Dev tremia um pouco, mesmo trabalhando com camisa de manga, ele passou uma tarde agradável. Estranho como o pisar na fazenda lamacenta sob a chuva fina o fazia feliz. Cuidar dos animais e cumprir as tarefas restantes elevavam a sua autoestima de um jeito que nenhum montante de roupas finas e moedas de ouro jamais havia feito. Só

reforçava a sua crença nos planos que tinha feito. Ele estava fazendo a coisa certa. Ele tinha certeza disso.

Eram quase cinco da tarde quando a chuva recomeçou. Dev praguejou quando olhou para cima. Uma estranha cor púrpura iluminava as nuvens, e o primeiro golpe de relâmpago tremulou no horizonte com um estrondo no céu.

— Droga, Kit, onde diabos você está?

Ele correu de volta para a fazenda, esperançoso de que o jovem tivesse retornado enquanto estava no celeiro e não tinha notado. Quando entrou, viu as crianças brincando com os gatinhos em frente à lareira na sala de estar. Ele lhes tinha dado permissão para trazê-los para dentro, com medo de que o frio e a umidade fossem ruins para eles. Kit, no entanto, não estava em lugar algum.

— John, cuide de sua irmã. Tem pão e banha na cozinha se eu me atrasar para o jantar, e certifique-se de levar um pouco para o Senhor Baxter com uma xícara de chá.

— Sim, senhor — disse John, colocando o gatinho que segurava no colo da irmã. — Mas aonde você está indo?

John vestiu o traje impermeável do Senhor Baxter e lançou um olhar indiferente para os céus escurecidos lá fora. *Encontrar o seu irmão idiota*, ele não disse, embora o desejo de xingar o jovem pairasse na ponta de sua língua. — Só garantir que Kit chegue bem em casa — disse ele, sorrindo, sem querer preocupá-los.

John, no entanto, sabia da saúde frágil de Kit tão bem quanto ele.

— Ele não deveria estar fora neste tempo — disse ele, segurando a manga de Dev, com a voz baixa para que Jane não pudesse ouvir.

Dev colocou a mão no ombro magro do menino e apertou. — Não se preocupe, jovem rapaz, eu vou trazê-lo para casa, num piscar de olhos.

John assentiu, ainda preocupado, mas depositando sua fé nas garantias de Dev. — Tenho certeza que sim, senhor.

Dev hesitou e, então, decidiu agir com cautela. — É melhor acender a lareira no quarto dele, John, e colocar um aquecedor de cama em sua cama, não é mesmo? Só para ter certeza de que se aqueça e se seque rapidamente.

— Sim. — John assentiu, com os olhos graves, compreensivos demais para um rapaz da sua idade. — Vou tratar disso imediatamente.

— Bom rapaz.

Dev correu em direção à porta da frente, prendendo o traje

impermeável enquanto caminhava. Caramba, era uma noite terrível para estar nas charnecas. Mandando Kit Kendall para o inferno, ele colocou o capuz e saiu em direção ao dilúvio.

Capítulo 14

“No qual o nosso herói luta contra o destino.”



Dev ficou frenético quando viu a imagem lamentável do cavalo e cavaleiro enlameados iluminados pelo lampejo branco-brilhante do raio. Ele vinha procurando por horas, tendo percorrido todo o caminho até Tillforth, e depois acabou retornando uma vez que o proprietário do pub lhe garantiu que Kit havia partido horas atrás. Dev sabia o quão difícil era acertar o caminho no escuro e frenesi de uma tempestade em Dartmoor. Ele rezou para que nada de pior tivesse acontecido ao jovem tolo, além de ter se encharcado completamente, embora, dada sua saúde frágil, isso já fosse suficientemente perigoso.

— Kit! — gritou ele, através do barulho da tempestade, incitando seu cavalo cansado a prosseguir.

Para sua consternação, ele encontrou o jovem caído de exaustão em sua cela.

— David — disse Kit, a palavra quase inaudível enquanto dava um sorriso irônico. — Um pouco embriagado — admitiu. — Acabei me perdendo. Maldição, nunca fiz isso antes.

Dev manteve-se em silêncio, controlando a enxurrada de palavras raivosas que ecoavam em sua mente. Ele precisava levar o tolo para casa e colocá-lo em frente a uma lareira. Então, ele poderia gritar com o maldito patife à vontade. Logo ficou claro que Kit não estava em condições de andar, no entanto.

Dev precisou de toda a sua força para puxá-lo para o seu próprio cavalo e depois perdeu um tempo precioso perseguindo o cavalo relutante de Kit pelas charnecas enquanto ele tentava evitar ser recapturado. Por fim, porém, cavalo e cavaleiro sob rédea curta e Dev fez seu caminho cansado de volta para a fazenda com tanta pressa quanto ousou. O chão era traiçoeiro, e sua montaria escorregou e deslizou sob o fardo extra que carregava.

Quando chegaram à fazenda, Kit estava inconsciente. Dev baixou-o do cavalo, ambos os homens encharcados. Felizmente, ele era de longe o maior dos dois e, embora fosse uma luta, puxou Kit por cima do ombro e levou-o para casa.

— John! — gritou ele, enquanto entrava em disparada pela porta da frente. O menino saiu correndo da sala de estar, de olhos arregalados de horror ao ver Dev carregando seu irmão mais velho. —

John, tome conta dos cavalos. Eles precisam ser esfregados. Eu cuido de Kit, não se preocupe. Não suba até se secar, entendeu?

— Sim, senhor — disse o menino, com a voz fraca de preocupação.

— Ele vai ficar bem, John, você tem a minha palavra — disse Dev, rezando para que ele não fizesse promessas que não pudesse cumprir. — Onde está a sua irmã?

— Eu a pus para dormir há uma hora, senhor.

— Bom rapaz. Sabia que podia confiar em você — disse Dev, enquanto subia as escadas. Ele não esperou para ver se John seguia suas instruções; ele sabia que o faria.

Pela primeira vez em sua vida, Dev sentiu pena dos valetes que empregou ao longo dos anos, que tiveram dificuldade de lidar com ele em vários estágios de embriaguez. Despir um homem que não colaborava não era tarefa fácil, especialmente quando esse homem estava encharcado até os ossos. Tirar suas malditas botas já deixava Dev suando e praguejando. John tinha cumprido a sua palavra e tinha acendido a lareira, de modo que o quarto parecia uma fornalha.

Depois que Dev se despiu das roupas encharcadas, ele o esfregou com um pano áspero para estimular a circulação sanguínea e secá-lo. Funcionava para cavalos, então Dev não viu razão para que não fosse bom para Kit também. Seguindo o mesmo princípio, uma vez que Kit foi arrastado para a cama, Dev se apressou até a cozinha.

O único homem que tinha tempo para Dev quando menino era um velho cavaleiro irascível. Na opinião de Dev, o que aquele homem não sabia sobre cavalos não valia a pena aprender. Foi ele quem mostrou a Dev como fazer um emplastro de mostarda que salvou a vida de um pequeno potro. O pobre animal estava congelado e mal estava vivo, mas a mostarda o fez voltar ao mundo dos vivos.

Dev pegou uma xícara de farinha e adicionou duas colheres grandes de mostarda em pó, adicionando apenas água suficiente para fazer uma pasta espessa e pouco apetitosa. Ele pegou um pano de chá limpo antes de voltar a subir as escadas.

Kit estava acordado quando entrou no quarto. Sua pele era quase translúcida, as veias destacando-se fortemente contra sua palidez doentia, embora suas bochechas estivessem coradas de febre. Ele voltou os olhos brilhantes para Dev enquanto se movia em direção à cama.

— Como você está se sentindo? — perguntou Dev, observando como Kit tremia sob as cobertas.

— Mais frio do que a ponta de um iceberg — respondeu Kit,

lutando para pronunciar as palavras entre os dentes que batiam.

Dev bufou e Kit franziu o nariz.

— O que diabos é esse fedor? — exigiu saber ele, enquanto Dev lhe dirigia um sorriso vingativo.

— Um pequena retribuição por me fazer vagar pelas charnecas numa noite imprópria para homens ou animais, seu demônio dos infernos. — Ele tirou as cobertas da cama, fazendo Kit respirar fundo enquanto lançava a Dev um olhar de horror. — Isso vai aquecer um pouco seu sangue — disse Dev, com um sorriso perverso antes de espalhar uma enorme quantidade na pasta de mostarda no peito de Kit.

Kit gritou e protestou, mas estava fraco demais para oferecer qualquer tipo de resistência. Um momento depois, a mistura revoltante foi espalhada sobre o peito e depois coberta com o pano de prato limpo.

— Bastardo — murmurou Kit, o que Dev considerou um bom sinal.

Ele caiu em um sono inquieto e Dev suspirou, rezando para ter feito o melhor pelo tolo.

Então começaram os dias mais longos da vida de Dev. Suas esperanças de que Kit dormisse e acordasse recuperado foram frustradas algumas horas depois, quando ele acordou tossindo muito, incapaz de recuperar o fôlego. O barulho despertou John, que trouxe o remédio que lhe havia sido prescrito. Parecia que não estava ajudando muito, mas por fim, Kit dormiu novamente devido à pura exaustão.

Dev estava incomodado agora. O jovem estava ardendo de febre e não se atrevia a deixá-lo sozinho.

Os dias se tornaram um borrão, o terror espreitando o coração de Dev enquanto Kit alternava entre convulsões e suores febris, e tremores de frio. Dev abria as janelas quando ele ardia em febre, limpando-o com água fria diretamente do córrego, e acendia a lareira quando ele tremia, embora não tivesse a menor ideia se estava fazendo a coisa certa. O Senhor Baxter ainda estava acamado, demasiado fraco para sair e trabalhar. Sendo assim, não havia ninguém para buscar um médico, pois Dev não se atrevia a sair e perder metade do dia buscando, e John era muito jovem para fazer a viagem atravessando a charneca sozinho. Desde o temporal, o nevoeiro baixo vinha estendendo-se pelo campo e seria muito fácil se perder como aconteceu com Kit.

Então, Dev e John se viraram da melhor forma que puderam, mantendo a fazenda em ordem e revezando-se para cuidar de Kit,

embora Dev trabalhasse por três homens para evitar que o garoto assumisse a maior parte da responsabilidade.

Uma das coisas mais difíceis de se ver foi Kit lutar por ar. Ele se questionou sobre o sofrimento que Charity teve que enfrentar quando seus pais faleceram. Ela tinha visto os dois serem consumidos por essa terrível doença, e ele não permitiria que o irmão dela seguisse o mesmo destino.

Ele obrigou Kit a tomar sopa, apesar dos protestos e reclamações quando ele estava lúcido o suficiente para fazê-lo, mas Dev não estava disposto a deixá-lo perder a pouca energia que tinha. A tosse atormentava seu corpo com tanta força que Dev se perguntou como ele poderia sobreviver.

A terceira noite foi a pior da vida de Dev. À medida que cada minuto passava, ele ficava cada vez mais apavorado com o fato de que teria que enfrentar Charity e dizer que seu Kit havia morrido em sua ausência. O medo disso pesava em seu peito como uma bigorna, enquanto ele observava seu gêmeo lutar por cada respiração ofegante.

Ele não dormiu por mais de cinco minutos seguidos desde que trouxe Kit para casa, e a exaustão pesava suas pálpebras, mas nada neste mundo o faria adormecer. Ele obrigava Kit a tomar remédios e água sempre que podia, mantendo-o refrescado, conforme a febre alcançava alturas inimagináveis. Em uma última tentativa de resfriá-lo, Dev levou um cobertor até o riacho e o molhou. A água estava gelada e o pesado cobertor encharcado enquanto ele o carregava pingando de volta pela casa.

Ele colocou o cobertor sobre Kit e abriu todas as janelas no andar de cima, deixando a porta do quarto aberta para que o vento desse vazão. O Senhor Baxter gritou que todos eles pegariam uma maldita gripe do jeito que as coisas estavam indo, mas Dev o ignorou. Ele tinha que fazer *alguma coisa*. Pelo menos, o tempo tinha melhorado e o ar noturno já não estava tão úmido como antes.

Assim que os primeiros raios solares do dia iluminaram os céus do lado de fora, Kit abriu os olhos.

Dev ficou alerta, estendendo a mão para colocar a palma contra sua testa.

— Graças a Deus — murmurou ele, falando sério, pela primeira vez na vida. Embora ele ainda estivesse mais quente do que deveria, aquela febre fora de controle havia passado, e Kit parecia respirar com um pouco mais de facilidade naquela manhã.

O gêmeo de Charity virou a cabeça no travesseiro, seus olhos febris encontrando Dev com um sorriso triste curvado sobre seu rosto

bonito.

— Deveria ter voltado para casa com você, acho.

— *Você acha?* — disse Dev, o alívio, raiva e terror espalhando-se por seu peito. — Se eu não tivesse passado as últimas três noites rezando para que você vivesse, eu torceria seu pescoço!

Kit deu um aceno fraco. — Desculpe. Não conte a Charity.

Dev abriu e fechou a boca, cerrando os dentes. — Não lhe direi nada. *Você* fala com ela.

— Ótimo — respondeu Kit, fechando os olhos mais uma vez.

Dev inspirou profundamente, questionando se seu coração poderia considerar a possibilidade de voltar a bater agora. Ele sentiu como se estivesse prendendo a respiração por dias.

— Vou buscar uma sopa — disse ele, sabendo que parecia mal-humorado como o diabo, mas incapaz de perdoar Kit por assustá-lo tanto. Pelo menos ainda não. Ele levantou-se, quando uma mão esguia e elegante lhe agarrou o pulso.

— Obrigado — disse Kit, com a voz cheia de sinceridade.

Dev bufou, divertido, e lançou ao jovem um olhar impaciente, embora não houvesse calor nele. — Eu não fiz isso por você, desgraçado.

Um sorriso cintilou em torno da boca de Kit e ele deixou cair a mão. — Eu sei disso — murmurou ele, soando um pouco envergonhado. — Mas obrigado, de qualquer maneira.

Com um suspiro, Dev assentiu, rezando para que ele nunca mais tivesse que passar por tal coisa. — De nada.

Charity ouvia o velho Senhor Jones tagarelar sobre os danos que a tempestade havia causado ao seu celeiro e queria gritar de impaciência. Sua égua velha seguia pelo caminho com um contínuo passo de caramujo, e Charity quis descer e erguer suas saias, correndo o mais rápido que podia. Tinha sido na manhã seguinte à chegada à casa do tio em Bristol, quando a terrível sensação de que algo estava errado a atingiu com a força de um raio.

No início, pensava que a sua ansiedade era devido à sua condição, de estar longe de casa, dos receios do futuro, Senhor Ogden... David. David não era David, é claro, apenas para aumentar seus problemas. Só Deus sabia que ela tinha o suficiente para se preocupar, então, a princípio, ela não reconheceu o que estava errado.

Kit.

Sendo gêmeos, eles se conheciam de dentro para fora. Charity conhecia instintivamente o humor de Kit sem que ele sequer abrisse a boca, tão sintonizados que eram um com o outro. Então, quando o medo a atingiu em cheio no peito nas primeiras horas da manhã, ela insistiu que partissem imediatamente. Levou um certo tempo para organizar o seu regresso, em parte porque o seu tio pensava que ela era uma mulher histérica, transtornada pela perda de sua casa. Charity tinha ficado exasperada e verdadeiramente histérica com a sua falta de compreensão, e apenas a garantia tranquilizadora da Senhora Baxter de que, se a Senhorita Kendall tinha dito que algo estava errado, é porque estava, fez com que o seu tio tomasse as providências necessárias.

Regressaram a Tillforth, mas não tinham meios de chegar à fazenda. Graças a Deus, o velho Senhor Jones teve pena delas e concordou em levá-las em sua carroça, mas ele estava demorando o quanto bem entendesse. Charity não se atreveu a apressá-lo ainda mais. Ele era um homem gentil e estava fazendo um favor ao levá-las para casa, mas conforme o terror por Kit aumentava, tudo o que ela conseguia fazer era ficar quieta e não agarrar as rédeas.

Quando sua familiar e amada fazenda surgiu à vista, Charity não aguentava mais. Ela saltou da carroça enquanto ela ainda estava em movimento, gritando um agradecimento apressando enquanto levantava suas saias e corria a toda velocidade pelo caminho lamacento.

Ao chegar ao pátio, mal conseguia respirar com tanto terror, mas o cheiro de bacon frito assaltou os sentidos. Certamente, nada de mau poderia ter acontecido se estivessem preparando o café da manhã, não? No entanto, seu coração não acreditava nisso, e ela irrompeu pela porta dos fundos, sem se importar com a lama e a sujeira que deixava para trás, e encontrou John passando manteiga em fatias irregulares de pão enquanto o bacon queimava atrás dele.

— Charity! — gritou ele, largando a faca e jogando-se nos braços dela. — Oh, Charity, Charity, tem sido horrível sem você.

— Oh, John — soluçou ela, abraçando-o forte antes de se agachar e encarar os olhos de seu irmãozinho. — Kit? — perguntou ela, sem saber se queria ouvir a resposta.

O lábio de John tremeu e ela se preparou para o pior. — Ele estava tão doente, Charity — sussurrou ele, enxugando os olhos com as costas da mão enquanto lutava para manter a compostura. — Eu nunca o vi tão doente assim, mas... mas o Senhor David foi maravilhoso. Ele saiu no meio de um terrível temporal e não parou até o encontrar e... e ele está cuidando dele. O pobre homem não dormiu

nem comeu, por isso...

Ele gesticulou para o bacon atrás de si e Charity piscava, na tentativa de frear as lágrimas quentes que ardiam em seus olhos.

— E Kit? — pediu ela, com a voz rouca.

— Ele está acordado — disse John, com sua voz um pouco entre um soluço e uma risada. — A febre passou ontem à noite. Acho que ele vai ficar bem agora.

Charity soltou uma exclamação entrecortada enquanto seus joelhos cediam. Ela se sentou no chão, com a mão no coração, chorando e rindo enquanto John a abraçava novamente e quase a derrubava. Os irmãos abraçaram-se e choraram enquanto a Senhora Baxter entrava apressada no cômodo e irrompia em lágrimas ao vê-los, temendo o pior. No momento em que ela foi tranquilizada, estava enxugando seus olhos e exigindo saber por que sua cozinha estava cheia de fumaça.

Eles olharam para cima, percebendo o cheiro de queimado bastante pungente que tomava conta da cozinha.

— O bacon! — gritou John.

Assim que Charity transmitiu as notícias de John e a Senhora Baxter jogou fora o bacon tostado, todos se acalmaram um pouco.

— Tenho de ir vê-lo — disse Charity, dirigindo-se para as escadas.

— Não faça barulho, Charity — avisou-a John quando ela saiu da cozinha. — David estava dormindo quando eu saí.

Charity assentiu, admirado com o que John havia dito a ela.

Quando ela entrou no quarto de Kit, pôde ver evidências de tudo o que John havia dito. O irmão dela estava deitado na cama, apoiado nos travesseiros. Ele parecia deslumbrantemente belo, com o rubor da febre ainda visível em sua pele de porcelana. Ele se mexeu quando ela entrou no quarto, com seus olhos grandes e escuros piscando ao ver sua irmã gêmea.

— Sabia que você viria — disse ele, baixinho, enquanto estendia os braços para ela. Charity se jogou soluçando, e Kit a tranquilizou. — Calma, David está dormindo como uma pedra. Não acorde o pobre coitado com seu escândalo.

Charity olhou para ele, só agora percebendo que David dormia em uma cadeira no canto. Ele parecia exausto: com a barba por fazer e despenteado, e a cabeça reclinada para trás em um ângulo estranho. Ele nunca tinha parecido tão maravilhoso.

— Ele cuidou de você? — perguntou ela, ainda bastante abalada com a notícia.

Kit assentiu, solenemente, embora um traço de frustração permanecesse em sua expressão, e disse a ela o quanto ele deveria odiar dever algo ao homem.

— Cuidou. Acho que já estaria em uma caixaão, se não fosse por ele. Mas... para ser sincero, a culpa foi minha. Ele tentou me obrigar a voltar para casa. Disse-me que uma tempestade estava se aproximando... só que... — Um sorriso orgulhoso curvou-se sobre seu rosto, afastando a expressão melancólica. — Então, eu vou ser publicado, Charity! Um livro inteiro com o meu trabalho!

— Oh, Kit, isso é maravilhoso! — exclamou ela, embora mantivesse a voz baixa para não perturbar David. Então, seu rosto entristeceu quando ela percebeu qual seria a sequência de eventos. — Você estava embriagado — disse ela, cruzando os braços e olhando para o irmão gêmeo com raiva. — Você estava bêbado como um gambá e foi pego pela tempestade.

Pelo menos ele teve a dignidade de parecer um tanto mortificado.

— Então, Charity... — iniciou ele, e começou a tossir.

Charity praguejou, olhando furiosamente para ele enquanto o ajudava a sentar-se um pouco e segurava um copo de água nos seus lábios.

— Descanse agora — disse ela, com os dentes cerrados, enquanto Kit lhe lançava um olhar ansioso. — Você precisa se recuperar — acrescentou, endireitando os lençóis e ajeitando-os com mais força do que o necessário. — Porque no momento que isso acontecer, eu vou te matar.

Kit devolveu um sorriso torto, deitando a cabeça no travesseiro. — Vai precisar entrar na fila, mana — murmurou ele, indicando com a cabeça na direção da figura adormecida na cadeira. — Ele disse basicamente a mesma coisa.

Charity revirou os olhos para ele e xingou a estupidez dos homens antes de se inclinar e beijar a bochecha de seu irmão. — Nunca mais faça isso, Kit — sussurrou ela. — Eu fiquei tão assustada.

Kit pegou a mão dela e apertou-a. — Vou me esforçar ao máximo. Eu prometo.

Capítulo 15

“No qual um pretendente intrometido atrapalha os planos de nosso herói.”



Dev acordou com um torcicolo, dor nas costas e uma forte dor de cabeça. Parecia que algo havia morrido dentro de sua boca e seu estômago estava clamando por comida. Fora isso, era um dia maravilhoso para se estar vivo.

Ele bocejou, gemendo ao sentir sua cabeça latejar ainda mais forte, e se levantou cambaleando, alongando seus membros doloridos. Um estalo satisfatório soou enquanto ele alongava suas articulações. O sol o encarava através da janela do quarto e ele piscou, franzindo um pouco os olhos antes de perceber que estava sendo observado.

Kit estava sentado na cama, parecendo surpreendentemente animado para um homem que Dev tinha certeza de que estava prestes a bater as botas apenas algumas horas mais cedo. De fato, ele parecia pálido e exausto, mas Dev sabia que sua aparência faria com que muitas mulheres gentis desmaiassem. Ele sabia que nada mais podia propiciar isso do que um belo poeta moribundo.

— Charity está de volta — disse Kit, com uma expressão pensativa em seus olhos enquanto observava Dev tentar alinhar a camisa e ajeitar o cabelo. — Não se preocupe; ela já viu você esparramado na cadeira.

Dev franziu um pouco a testa para ele e foi em direção à porta.

— Eu te devo uma, David — disse Kit, com as palavras baixas, quando Dev colocou a mão na maçaneta. — Se é que esse realmente o seu nome.

Dev virou-se um pouco, mas não olhou para Kit, sentindo que o jovem percebia muito mais do que deixava transparecer.

— Eu nunca vou esquecer, mas eu preciso que saiba que ainda não confio em você. Posso estar quase morto agora, mas se você magoar Charity, farei com que deseje que nunca tenha nascido.

As palavras pairaram entre eles e Dev não pôde culpá-lo por sua cautela.

— Eu não esperaria nada menos que isso, Kit — disse ele.

O som de um cavalo se aproximando os deixaram curiosos e Dev foi até a janela, depois se abaixou novamente quando o Senhor Ogden apareceu na frente da casa. Ogden desceu de seu cavalo, enquanto

Charity caminhava para fora da casa.

Se as coisas tivessem corrido conforme o planejado, Ogden diria a ela que a venda havia sido interrompida e que Charity poderia respirar novamente. Dev esperou por sua exclamação de alegria e franziu a testa quando nada veio. Com o máximo de discrição possível, ele abriu um pouco mais a janela até que as palavras ficassem audíveis.

— Você chegou a considerar o meu pedido? — dizia Ogden.

Para o intenso alívio de Dev, Charity parecia bastante irritada com sua pergunta.

— Pedi-lhe que me desse algum tempo, Senhor Ogden — disse ela, bruscamente. — Esse tempo ainda não acabou.

— Não, não, claro que não — prosseguiu o homem. — Você deve me perdoar por ser impaciente, meu amor. É que estou ansioso.

Dev xingou internamente o homem, cerrando os punhos com fúria ao ouvir seu administrador abordar Charity como “seu amor”. Pelo menos, ela parecia tão irritada com sua presunção quanto Dev. Por que ele não lhe contou sobre a venda?

A conversa prosseguiu, abordando questões mundanas, mas quando o Senhor Ogden perguntou se já tinham começado a arrumar os seus pertences, a terrível verdade começou a se revelar para Dev. Ogden não havia suspendido a venda. Ele fingia não ter recebido a carta. Isso porque, se interrompesse a venda, Charity não teria motivo para se casar com ele, e Dev sabia disso muito bem. Ele devia acreditar que Dev estava morto em uma vala em algum lugar, pois ele certamente não ousaria se duvidasse disso, certo?

A raiva cresceu em seu peito, o desejo de derrubar Ogden e batê-lo até que ele gritasse por misericórdia quase insuportável. Naquele momento, ele suportou, observando o desleal e miserável homem, enquanto ele ousava beijar a mão de Charity antes de se despedir e partir.

Dev virou-se para longe da janela, sentindo seu peito apertado. Ele teria que parar essa maldita venda, e teria que fazer isso agora. Ele olhou para cima e encontrou os olhos de Kit sobre ele, cheios de curiosidade.

— Bisbilhotar é um hábito perigoso — observou, parecendo cada vez mais desconfiado.

Dev bufou. Ele estava muito zangado e tinha muito pouco tempo para explicar.

— Pode apostar que sim — murmurou ele, com o tom baixo e

irritado. — Você nunca sabe o que pode descobrir.

Sem mais explicações, ele saiu e correu em direção ao seu quarto, na esperança de se arrumar antes de ver Charity e se despedir, e quase se deparou com ela quando virou à esquina.

— David! Eu ia te ver agora mesmo. — Ela suspirou, e um rubor cobria suas bochechas. — Eu... eu me sinto estranha chamando você assim agora.

— Eu sei — disse ele, com arrependimento e culpa queimando em seu peito. Um nome parecia uma coisa tão simples, mas o seu era a causa de tal sofrimento. Ele se perguntou se algum dia ouviria seu nome verdadeiro novamente sem sentir o peso da culpa em seus ombros. — Sinto muito.

Ele realmente sentia, mas a honestidade nessas palavras era a única coisa que ele poderia dar a ela no momento.

— Muito obrigada...

— Eu tenho que ir...

Ambos falaram ao mesmo tempo, deixando escapar as palavras e depois rindo, a atmosfera entre eles tensa e estranha. Dev esfregou a nuca, desconfortável com a gratidão em seus olhos.

— Ele teria morrido, se não fosse por você — disse ela, as palavras simples, mas sinceras.

Dev deu de ombros, sem saber o que fazer. Ele permaneceu envolto na luz dos agradecimentos dela, sentindo-se ao mesmo tempo iluminado e exposto, seu prazer com a gratidão dela se dissipando sob o peso da culpa pelo mal que causara. Ele não podia desfrutar de seus agradecimentos, não até que ela soubesse a extensão de sua falsidade. Se ela continuasse grata depois disso, depois de ele ter confessado tudo, ele absorveria isso com avidez, como um gato diante de um prato de leite.

Até lá, ele estava apenas tentando equilibrar a dívida entre eles.

— Eu não tenho palavras para você — disse ela, aproximando-se e tomando suas mãos.

Havia pouco mais que um palmo de distância entre eles, e o desejo de diminuir essa distância era enlouquecedor, uma ânsia sob sua pele que ele sabia que nunca o abandonaria se ela nunca fosse sua. No entanto, ele não fez movimento algum. Ele não podia tocá-la novamente até que ela pudesse chamá-lo pelo seu nome, seu nome verdadeiro, e pudesse ouvir algo que não fosse repugnância ao ouvir o som disso em seus lábios. Ela olhou para ele e ele abaixou a cabeça para apoiar na dela.

— Estou tão feliz por estar aqui para ajudar, Charity. Que, de alguma forma, eu possa retribuir-lhe por tudo, por toda bondade, por cada momento que estive aqui. Você nunca saberá o que significa para mim.

Ela bufou, lançando-lhe um olhar irônico. — Eu fui rude e odiosa com você, e você bem sabe disso.

Dev sorriu, tocando sua bochecha com a ponta do dedo e lutando contra o desejo de fazer mais enquanto sua pele quente iluminava seus sentidos. — Eu amei cada momento. Você é uma mulher notável, Charity Kendall. Você é brilhante, engraçada, inteligente e bonita, e tem o pior temperamento que eu já conheci, salvo a mim mesmo.

Charity corou e depois bufou, e Dev riu.

— Fomos feitos um para o outro — sussurrou ele, ouvindo como ela ficava sem fôlego. Ele segurou em concha seu rosto. — Espere por mim. Por favor. Não vou te desapontar. Não aceite o pedido do Senhor Ogden. Irei consertar as coisas se assim me permitir.

Observando seus olhos, ela emitiu um som estrangulado, com algo entre um soluço e uma risada. — Devo estar louca. Quero muito confiar em você e, no entanto, nem sei quem é.

Dev sorriu, embora o arrependimento tornasse sua expressão tensa e antinatural. — Você saberá tudo em breve, meu amor, e então... e então talvez você me permita cortejá-la adequadamente, como você merece.

— Talvez — disse ela, olhando para ele, tal esperança e tal medo brilhando em seus olhos. — Mas, por favor, apresse-se. Resta tão pouco tempo.

Ele assentiu e abaixou a cabeça para roubar um beijo, o mais leve toque de lábios nos dela, tanto quanto ousava, ou ele não sairia de casa como precisava fazer.

— Tenho de me preparar para partir agora. Você se lembra do que eu disse?

Ela assentiu, seu sorriso hesitante enquanto ele soltava suas mãos e retirava-se.

Dev virou seu cavalo, dando uma última olhada em direção à fazenda, iluminada pelo sol da tarde. Uma onda de fumaça saía da chaminé da cozinha e Dev sabia que a Senhora Baxter estaria lá, preparando o jantar. Presunto cozido esta noite, com algumas das suas melhores conservas, e batatas frescas com manteiga. Havia cenouras também, e vagens cortados em fatias finas, seus feijões cor-de-rosa

brilhando como joias. O desejo de voltar, de mergulhar no calor da sua família desorganizada, barulhenta e amorosa o atingiu na garganta, fazendo-a doer. Foi preciso muito esforço para engoli-lo e virar as costas para o local.

Se ele não fizesse isso, se não corrigisse as coisas, não seria só ele que perderia essa vida. Todos perderiam.

Em contraste, quando Devlin Hall despontou, sua grandiosidade anunciando o orgulho e a riqueza do nome Devlin, ele não sentiu nada. As únicas lembranças que ele tinha desse lugar eram de isolamento, de profunda solidão que poderia corroer sua alma e paralisar seu coração até que você se importasse com nada e ninguém. Esse tinha sido ele, ele percebeu agora. Morto por dentro: um morto-vivo, e certamente desprovido de vida, não até que Charity com seu fogo e fúria tivesse soprado vida nele. Era como renascer, o conhecimento de que havia bondade, esperança e amor no mundo, mesmo para um homem tão perdido na escuridão quanto ele.

Ainda havia esperança.

Sua voz ecoou ao redor do vasto hall de entrada ao entrar, ignorando o olhar horrorizado no rosto de Jennings ao ver seu patrão vestido como um trabalhador comum. O mordomo chocado pestanejou, mas não disse nada.

— Ogden! — gritou Dev, cerrando os punhos de raiva, pois não recebeu resposta.

— Ogden não está aqui no momento — ofereceu Jennings, embora com alguma apreensão, sabendo muito bem que o temperamento de seu patrão deveria ser tratado com cautela. — Eu acredito que ele tinha ido para a cidade. Ele disse que tinha algumas coisas para resolver.

Dev praguejou e lutou contra o desejo de esmagar algo em sua fúria. — Aposto que sim, aquele canalha, e o que, diga-me, ele está fazendo sobre o fato de eu estar desaparecido há algumas semanas?

Jennings abriu e fechou a boca e Dev aproximou-se dele.

— Diga — exigiu saber ele.

— O Senhor Ogden nos disse que você tinha ficado um pouco mais de tempo com o seu amigo do que tinha previsto, uma vez que não chegou a Londres como esperado — disse ele, com as palavras tão cuidadosas quanto a expressão em seus olhos. — Nós supomos que você tivesse escrito e informado para ele, nós nunca... — A voz de Jennings foi diminuindo e um olhar de horror tomou conta de seus olhos.

Dev bufou, só agora percebendo as profundezas da falsidade de

Ogden. Se ele resolvesse investigar os livros-razão, se perguntava se as coisas estavam realmente em tão más condições quanto lhe tinham feito acreditar, ou se Ogden estava tirando um pouco por fora durante todos esses anos.

— Por favor, informe ao Senhor Ogden no seu regresso que estou ansioso para falar com ele. Certifique-se de que ele não deixe a minha propriedade novamente até que o tenha feito. Também quero que alguém seja enviado aos correios de Tillforth. Perguntarão sobre uma carta que ali foi postada no dia vinte e três de julho, enviada para este endereço e ao cuidados imediatos do Senhor Ogden. Quero saber *exatamente* o que aconteceu com essa carta.

— Muito bem, milorde — entooou Jennings, com um brilho de curiosidade em seus olhos.

Ele suspeitava que a demissão de seu administrador seria uma fonte de grande entretenimento e discussão quando o resto da criadagem descobrisse.

— Suponho que o meu valete ainda me espera em Londres? — perguntou Dev, incapaz de evitar a impaciência em sua voz.

Ele poderia estar morto, e eles não teriam levantado uma sobrelanceira. No entanto, isso era culpa dele. Se ele tivesse sido um patrão melhor, um homem que eles respeitassem, talvez tivessem se preocupado com a possibilidade de ele estar morto em alguma vala desconhecida. Se ele tivesse sido mais gentil, eles teriam investigado, em vez de não fazer nada, quando o Senhor Ogden não lhes deu motivo para alarme pela sua ausência inexplicável.

— Providencie alguém hábil para despachar uma carta rapidamente para meu administrador; um lacão que saiba dar um nó na gravata e seja apto a preparar uma valise, além de providenciar uma cesta grande para uma longa jornada. Vou para Londres. A minha carruagem deve estar pronta para partir dentro de uma hora.

Jennings reconheceu as suas ordens e, dentro de instantes, a casa ficou uma confusão só. Pouco mais de uma hora depois, Dev foi barbeado e vestido, e parecia ser o Visconde Devlin mais uma vez. Com o coração e as esperanças firmes, iniciou a sua viagem a Londres, para enfrentar Lorde Luther Blackehart.

O clube estava lotado como sempre, os gritos de triunfo e decepção se fundindo com a névoa espessa da fumaça do charuto. Dev seguiu um dos homens de Blackehart através do tumulto e saiu pelos fundos do clube até seu escritório. O fato de que ele tinha vindo aqui por vontade própria era algo que não conseguia realmente acreditar,

mas essa a verdade. Ele só esperava que fosse sair novamente com todos os membros intactos, e não em um caixão, dado o olhar que tinha recebido dos capangas contratados que patrulhavam o local.

Lorde Blackehart não era lorde coisa nenhuma. Não no sentido real da palavra. Foi um título dado através do medo e do respeito. Ele era dono e senhor e desta mansão, e ninguém se esquecia disso, embora não houvesse uma gota de sangue nobre correndo no corpo do homem. Ele tinha nascido em um orfanato e lutado para sair da miséria através de uma vida de crime. Diziam que ele não podia morrer, que o diabo não o levaria e que ele era intocável. Ele tinha sido baleado, esfaqueado e até enforcado. Ele sobreviveu ao fuzilamento e ao esfaqueamento e, por algum milagre, a corda se partiu quando o enforcaram. Não imediatamente, porém, ele tinha, supostamente, as cicatrizes em seu pescoço e as escondia debaixo de uma gravata. Dev nunca se preocupou em perguntar sobre a veracidade dos rumores. Blackehart não era um homem a ser questionado.

Dev entrou no domínio do homem com o coração batendo tão forte que seus pulmões pareciam apertados. Ele estava fazendo isso por Charity, lembrou a si mesmo, enquanto a ansiedade fazia o suor escorrer pelas costas. Era por ela, por Kit e por John e Jane e, até mesmo, pelo Senhor e a Senhora Baxter, por toda a preocupação e mágoa que lhes causou. Esta era a sua penitência. Ele rezou para que a sua oferta atendesse à aprovação do Blackehart, porque se não... ele já estava morto.

Dev sempre se considerou um homem grande, alto e forte. Blackehart, no entanto, era mais montanha do que homem. Ele tinha talvez trinta anos, uma enorme figura de urso que dominava a sala. Seus olhos eram tão negros quanto seu nome, seu cabelo escuro também e uma cicatriz feia e irregular cortava o lado direito de seu rosto. Ela repuxava um pouco o seu olho, fazendo-o pender e dando-lhe um ar de raiva permanente. Não que ele precisasse dessa ajuda.

— Milorde Devlin — disse ele, enquanto observava Dev entrar. Sua voz encheu a sala, profunda e estrondosa, grosseira com um sotaque nascido da sarjeta. — Ora, ora. Coragem sua vir até aqui, tenho que admitir isso.

Dev inclinou a cabeça e deu um sorriso tenso. — Devo-lhe um pedido de desculpas, Blackehart, e decidi fazê-lo pessoalmente. Sofri um infeliz acidente e fiquei indisposto durante algum tempo considerável, mas devo-lhe uma dívida e pretendo quitá-la integralmente.

Blackehart apoiou-se na borda de uma enorme mesa de carvalho, e

Dev se perguntou sobre sua capacidade de suportar seu peso. Ele deu a Dev um sorriso frio, levantando uma sobrancelha escura.

— Alguns podem achar que o tempo para fazer acordos já passou, milorde — disse ele, com um tom afiado em sua voz que não passou despercebido por Dev. — Nós tínhamos um acordo e você faltou com sua palavra. Alguns homens morrem por menos.

Dev respirou fundo, mantendo a compostura, ciente de que poderia ser levado embora, seu corpo jogado no Tâmis e ninguém jamais suspeitaria de nada. — Eu acho que um homem como você sempre tem tempo para um acordo que é do seu interesse. É só me escutar, e acho que vai gostar do que tenho em mente. Você nunca receberá outra oferta como essa.

Uma centelha de interesse iluminou os olhos do homem agora e Dev prendeu a respiração, sabendo que pelo menos ele estava curioso.

— Muito bem — disse Blackehart, movendo-se para se sentar atrás de sua mesa e gesticulando para que Dev se sentasse. — Você tem a minha atenção. Agora diga-me... o que está oferecendo exatamente?

Capítulo 16

“No qual nosso herói sobrevive para lutar outro dia... e lutar será necessário.”



Dev voltou para casa, ainda bastante surpreso que não só estava vivo, mas que sua oferta havia sido aceita. A enormidade do que ele fez ainda o surpreendia. Seu pai estaria se revirando em seu túmulo. Apenas esse pensamento fez um sorriso se formar em seus lábios.

Desta vez, não se tratava de vingança, no entanto. O fato de que seu pai teria uivado de raiva era apenas a cereja do bolo, não sua motivação. Pela primeira vez, tinha o seu futuro em mente; um futuro em que construiria as bases para uma nova vida, onde o nome Devlin seria mais uma vez respeitado, mas respeitado sobretudo pelas pessoas que mais importavam... a sua família.

A família Kendall não era dele, ele sabia disso, mas já havia um ligação entre eles e o faziam ansiar por sua aceitação. Ele queria ver John crescer e se tornar um jovem e guiá-lo de uma maneira que seu próprio pai nunca havia feito por ele. Ele queria ver Jane se transformar em uma mulher brilhante e vivaz como sua irmã, mas sem os cuidados e preocupações que arruinaram a vida de Charity. Ele veria Kit bem e saudável, e um poeta de sucesso. Essas coisas eram muito mais fáceis quando se conhecia as pessoas certas. O Senhor e a Senhora Baxter também estariam seguros, e seriam uma parte crucial das suas vidas, como sempre. Mais do que tudo, porém, ele veria Charity ao seu lado, sempre. Ele iria protegê-la e àqueles que ela amava de tempestades e medos e qualquer coisa que ameaçasse sua felicidade, ele iria lutar com ela e deixá-la furiosa e amá-la tão completamente que ela nunca precisaria se arrepender de depositar sua confiança nele.

Quando a carruagem parou diante de Devlin Hall, Dev estava exausto. Ele estava viajando há quase seis dias, parando apenas quando não havia outra escolha. Ele cochilava de vez em quando enquanto a carruagem balançava e o sacudia durante o percurso todo para casa, mas sua mente estava tão cheia de esperança e ansiedade que não o deixava descansar por muito tempo.

A mesma pergunta circulava ao redor de seu cérebro sem uma resposta clara. O que diria Charity quando descobrisse que ele era o homem que ela odiava com tanta paixão? O que ela faria quando percebesse que a pessoa desprezível que havia virado sua existência

pacífica de cabeça para baixo e causado tamanha aflição à sua família era o homem que eles tinham cuidado e abrigado por tantas semanas? E quando ela percebesse a profundidade da sua traição, a extensão das suas mentiras? O medo disso fez seu peito ficar apertado. A possibilidade muito real de que ela nunca o perdoasse roubou-lhe o fôlego, enquanto o medo de ficar sem ela novamente rondava seu coração.

Se ela não pudesse perdoá-lo, ele estaria mais do que perdido. Ele esteve perdido e sozinho durante toda a sua vida e suportou essa situação, já que não conhecia outro modo de viver. Agora, no entanto, ele tinha visto o que era possível, o que estava ao seu alcance o tempo todo, se ao menos ele tivesse sido honesto e gentil. Meu Deus, como ele desejava ter sido mais gentil. No entanto, ele não sabia como. Ele precisava ser ensinado o que significava dar, sem a expectativa de receber nada em troca. Charity ensinou-lhe isso. Todos tinham ensinado.

Ele desceu da carruagem, seus membros protestando depois de tanto tempo confinados em um pequeno espaço. O chão abaixo dele parecia estranho, como se ainda se movesse com o sacolejar da carruagem. Avançando e subindo as escadas, ele esfregou o rosto para acordar. Ele precisava se lavar e se trocar antes de voltar para a fazenda o mais rápido que pudesse. Embora ele estivesse morrendo de ansiedade e medo pela reação de Charity, estava impaciente para contar tudo a ela. Ele se ajoelharia e lhe pediria, se fosse preciso. Pelo menos, ele esperava que suas ações falassem por suas intenções; que elas lhe mostrassem o quanto ele havia mudado e até onde ele iria para fazê-la feliz.

Ele irrompeu pelas portas da grande casa, lançando o chapéu e as luvas para Jennings enquanto passava, e estava prestes a subir as escadas quando o Senhor Ogden apareceu.

Dev parou subitamente, a raiva afastando qualquer sensação de fadiga de seus ossos enquanto seu sangue fervia nas veias, e com o desejo de fazer mal ao homem formigando em sua pele.

— Senhor Ogden — disse ele, lutando contra o desejo de derrubar o homem sem dizer uma palavra. Ainda não.

Ele observou como Ogden lhe dava um sorriso tenso e arrogante que sempre reservava para Dev. Aquele que implicava que ele fosse um homem superior, e que era apenas os caprichos do destino que tinham dado a Dev dinheiro e poder.

— Milorde.

Estranho como ele nunca tinha notado o quão insolente era o seu tom, até agora. Ou talvez isso fosse algo novo, agora que ele tinha

outro emprego.

— Por que você não parou a venda da Fazenda Brasted como eu o instruí?

— Milorde? — respondeu Ogden, com as sobrancelhas levantadas de surpresa. — Mas por que eu faria isso? As instruções em sua partida tinham sido claras. Eu deveria garantir que a venda da propriedade prosseguisse sem problemas.

Dev virou-se para olhar para Jennings, que assistia aos acontecimentos com ávido interesse. — Você enviou alguém para os correios como eu o instruí?

— Enviei, milorde — respondeu o administrador, seu rosto inexpressivo, embora houvesse um brilho de satisfação em seus olhos.

— E? — exigiu saber Dev, cruzando os braços. — O que te disseram?

— O correio foi recolhido como de costume, milorde. Apenas uma carta naquele dia específico. Falei com a criadagem e o segundo laçaio confirmou que entregou a carta nas mãos do Senhor Ogden assim que a recebeu.

Os dois homens voltaram-se para olhar para Ogden, que parecia um pouco menos animado do que antes. Na verdade, ele parecia bastante pálido.

— Nada a dizer, senhor? — disse Dev, seu tom seco, dando um passo em direção a Ogden.

O Senhor Ogden engoliu em seco e deu um passo para trás.

— E-eu não consigo explicar isso, milorde. Devo tê-la perdido e só posso pedir desculpa. Houve t-tanta coisa acontecendo na sua ausência, a venda e... e...

— Ah, sim, de volta à venda — disse Dev, interrompendo sua explicação titubeante. — Diga-me, Ogden — disse ele, avançando na direção do homem enquanto falava. — Por que você sugeriu que a Fazenda Brasted deveria ser vendida?

Ele manteve sua voz leve, mas não tinha dúvidas de que Ogden podia ver a raiva ardendo em seus olhos.

— M-mas eu não... Eu...

— Sim, você sugeriu — rosnou Dev, lembrando-se, com clareza, da reunião.

Ele passou muito tempo refletindo sobre isso, lembrando-se do olhar arrependido no rosto de Ogden, pois ele sugeriu que poderia atender à necessidade de Dev de vender algo. Foi ele quem lembrou

Dev do interesse de Thompson pelas terras e pela fazenda.

— Tomei a liberdade de estudar os livros-razão e os mapas relativos à minha propriedade — disse Dev, cada vez mais irritado enquanto falava. — Algo que admito plenamente que deveria ter feito há muitos anos. Li também toda a correspondência entre você e o Senhor Thompson. A Fazenda Brasted era uma das duas propriedades que ele estava interessado em comprar. A outra está vazia, já que os inquilinos morreram, mas tem centenas de hectares de bom pastoreiro, que é o que ele procura. O seu interesse por ela era óbvio e a sua oferta por ela mais do que generosa. Melhor, de fato, do que a oferta pela fazenda da Senhorita Kendall.

Ogden havia adquirido uma tonalidade doentia de alabastro com apenas um toque de verde, embora duas manchas de cor brilhante resplandescessem em suas bochechas.

— Está bem, Senhor Ogden? — indagou Dev, cruzando os braços enquanto o homem o encarava, horrorizado. — Você não está com uma cara muito boa. Por outro lado, suponho que colocar a Senhorita Kendall em uma posição em que não tivesse escolha a não ser se casar com você para salvar sua família faria qualquer um se sentir bastante nauseado. — Ele estava praticamente rosnando enquanto Ogden suava diante dele. — Eu sei que isso me deixa doente.

— Você não se importou! — retrucou Ogden, seu ânimo se exaltando agora que tinha sido encurralado como o rato que ele era. — Eu contei tudo sobre ela, tudo sobre os problemas de sua família. Você podia ter impedido essa situação, mas não se importou. Só estava interessado em salvar a sua própria pele desprezível, para poder continuar a destruir o legado de seu pai.

— Eu sei exatamente do que sou culpado, seu arrogante miserável — gritou Dev, avançando na direção dele. O soco acertou com um som satisfatório e Dev esperava ter quebrado o nariz do desgraçado. Era certamente a sua intenção. Ogden recuou desesperadamente para trás, os braços se agitando enquanto ele escorregava no chão de mármore polido. Ele se estatelou em uma pilha indigna, com sangue escorrendo de seu nariz enquanto procurava encontrar seus pés para só escorregar novamente. Dev ficou sobre ele, desafiando o homem a ficar de pé. Ele estava totalmente disposto a derrubá-lo novamente. — Minha parte neste assunto desprezível é uma cruz que devo carregar — disse ele, enquanto Ogden olhava para ele aterrorizado. — E eu farei o meu melhor para redimir-me. O senhor, porém, deixará de trabalhar para mim a partir deste momento, e irei me dedicar ao estudo das minhas finanças dos últimos anos com maior interesse. Se eu descobrir que um único centavo a mais do que lhe era devido encontrou o caminho para o seu bolso, pode ter certeza de que

informarei seu novo patrão para ficar de sobreaviso. — Dev deu um passo para trás, com os punhos cerrados enquanto seu desejo de fazer o homem sofrer exigia ainda mais retaliação. — Agora saia — disse ele, sabendo que se tivesse que olhar para o maldito homem por mais tempo, seu temperamento levaria a melhor. — Você pode enviar alguém para recolher seus pertences em seu nome, mas eu quero que você vá embora. *Agora!*

Ogden não precisou ouvir duas vezes. Ele se levantou e correu para a porta.

Dev permaneceu no grande salão e tentou se acalmar. Depois do estresse, ansiedade e falta de sono dos últimos dias, ele se sentia exposto, incapaz de pensar. Ele não podia ver Charity naquele estado. Ele precisava de tempo para clarear a mente. Talvez um banho frio e comida o acalmassem? Embora ele não quisesse perder tempo, não queria correr para Charity despreparado para o que ele sabia que seria um confronto emocional. Ele não era tolo a ponto de pensar que não enfrentaria a ira dela. Suas esperanças dependiam de sua capacidade de fazê-la ver que ele havia mudado. No entanto, seria necessária uma mente lúcida para isso.

Quando ele atravessou o corredor e colocou um pé na escada, uma exclamação feminina de surpresa o alcançou do lado de fora das portas de sua casa.

Que diabo tinha sido aquilo?

Ele alcançou as portas assim que Jennings as abriu. Charity olhou para cima, com um Senhor Ogden agredido ao seu lado, e o coração de Dev se apertou de medo quando ela reconheceu seu rosto.

Por um momento, ela apenas encarou-o.

Ela estava parada nos degraus que levavam às portas da frente e a mão de Ogden repousava em seu braço. Sem dúvida, ela estava a caminho de repreendê-lo severamente por destratar o seu administrador.

Ela tropeçou para trás, o choque evidente enquanto tentava respirar.

— Charity — disse Dev, seus piores medos concretizados.

Ele avançou, mas ela estendeu a mão, balançando a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

— Não. Não. Não faça isso.

Ela se afastou, e ele pôde ouvir sua respiração falhar com o esforço de não chorar.

— Charity! — disse ele, correndo atrás dela agora. — Ele desceu

os degraus dois de cada vez e a encontrou ao seu lado, segurando seu braço, forçando-a a olhar para ele.

Charity puxou a mão, afastando-se dele como se ele fosse o próprio diabo tentando arrastá-la para o inferno.

— Não me toque! — gritou ela, as palavras quase histéricas. — Não se atreva!

Dev deixou a mão cair enquanto colocava mais distância entre eles.

— Você é ele. Você é Lorde Devlin.

Não era uma pergunta e Dev não pôde fazer nada a não ser dar-lhe uma resposta.

— Sim — disse ele. Seu coração acelerou em seu peito, e ele sabia que estava entre a cruz e a espada. De todas as piores formas de descobrir quem ele era... essa tinha de ser a mais brutal. — Por favor, querida, deixe-me explicar.

Ela deu uma risada, embora fosse um som terrível, cruel e tingido de pânico.

— Explicar? — repetiu ela, parecendo atordoada e pálida, e como se pudesse desmaiar com o choque a qualquer momento. Exceto que Charity nunca faria algo tão fraco quanto desmaiar. Ela era forte demais para isso. — Sim, por favor, *milorde*, você poderia explicar por que decidiu nos despejar de nossa própria casa? Ah, e por que – uma vez que cuidamos de você, levamos você para casa e fizemos você se sentir acolhido – por que você nos roubaria e nunca nos diria a *verdade*? Você pode explicar isso, *David*? — Ela estava gritando agora, embora sua voz tremesse e as lágrimas deslizassem por seu rosto. — Meu Deus — disse ela, empalidecendo ainda mais, sua voz baixando para um sussurro. — E eu... eu... realmente pensei que poderíamos ter um futuro, que você realmente se importava.

Ela chorou e se virou, correndo para a carroça onde o Senhor Baxter estava sentado. O velho olhava para ele com espanto.

— Charity, espere, por favor. Eu imploro. — Dev correu atrás dela, agarrando sua mão, que ela puxou de seu alcance enquanto fugia dele.

— Deixem-me em paz! — gritou ela, sua raiva incandescente. — Não se aproxime de mim! Não volte a se aproximar de mim ou de minha família!

O Senhor Baxter levantou-se, com um chicote na mão, e lançou-lhe um olhar duro. — Eu faria o que Senhorita Kendall diz, *milorde* — disse ele, com o tom duro e frio. — Não quero ter problemas com você.

Dev ficou parado, com o peito arfando, sabendo que era inútil protestar com ela quando seus ânimos estavam tão exaltados. Ela não o ouviria nesse estado. Não que ele pudesse culpá-la por sua raiva depois de tudo o que tinha feito. Ele teria que deixá-la ir, permitir que ela se acalmasse um pouco. Talvez depois ele pudesse argumentar com ela.

— Charity — disse ele, observando, impotente, enquanto ela subia na carroça e olhava para a frente, com lágrimas caindo pelo rosto incontrolavelmente. — Charity, eu te amo.

O Senhor Baxter lançou-lhe um olhar sombrio e deu um puxão nas rédeas, instigando o cavalo a se afastar o mais rápido possível.

Ver o Senhor Baxter sair com Charity foi a coisa mais difícil que ele já fizera, mas ele aguentou firme. Ele lhe daria tempo para respirar, tempo para a raiva dela se dissipar, e depois tentaria explicar.

Capítulo 17

“No qual as esperanças são varridas pela tempestade, mas não totalmente arruinadas.”



Dev esperou três dias.

Três dias de profunda tristeza.

Ele não conseguia comer, não conseguia dormir, não conseguia nem em se concentrar em rever suas contas e ver se as coisas estavam tão ruins quanto Ogden o levava a acreditar.

Três dias observando o horizonte, rezando para vê-la subindo a estrada, mesmo que fosse apenas para lhe dizer o quão desprezível ele era.

Ele estava disposto a concordar com ela.

Ele só podia esperar que três dias fossem suficientes para acalmá-la um pouco. O suficiente para que ela fosse vê-lo, pelo menos. No entanto, ele sabia como os membros da família Kendall tinham um gênio forte e eram teimosos. Eram a sua força e a sua fraqueza, e ele não estava de modo algum otimista quanto à sua recepção.

Dev se vestiu com esmero, escolhendo estar no seu melhor, mas evitando qualquer coisa que destacasse ainda mais as diferenças entre suas classes sociais. Todos sabiam que as pessoas achariam que ele havia se casado com alguém muito abaixo de sua posição, se Charity algum dia consentisse em ser sua esposa. Tal coisa só lhe causaria revolta, sendo a criatura orgulhosa e independente que era. Mesmo que ela se dignasse a perdoá-lo – algo que ele não tinha grandes expectativas de que fosse acontecer – ele não esperava que ela se jogasse em seus braços. Ele teria de lutar por ela.

Mas, pela primeira vez na vida, tinha algo pelo que lutar.

Ele nunca se importou com o título, além do fato de que poderia conseguir o que queria quando queria. Ele nunca perdeu o sono com o que os outros pensavam dele, e não ia começar a se preocupar agora. Casaria com Charity, mesmo que fosse a última coisa que fizesse. Mesmo que levasse anos implorando por seu perdão. Seja como for, qualquer um com uma opinião sobre o assunto poderia ir para o inferno.

Quando ele alcançou o topo da colina e viu a Fazenda Brasted encarando-o sob a luz da manhã, a dor em seu peito apenas se intensificou. Todos eles já deviam estar acordados. A ordenha já teria

sido feita a essa altura, os animais alimentados e os ovos recolhidos. O Senhor Baxter estaria varrendo o pátio, Charity a caminho de colher tudo o que estivesse maduro na horta. Em mais ou menos meia hora, todos voltariam para a cozinha para o café da manhã.

O desejo de se juntar a eles atingiu seu coração em cheio.

Ele percebia agora, que tinha estado sozinho a vida toda, mas nunca isso tinha doído tanto. Era algo normal, algo que ele aprendera a suportar, nunca percebendo o quão debilitante era a dor, pois nunca conhecera nada diferente. Agora, ele compreendia o quanto isso o tornava vazio, como se o seu coração tivesse sido esculpido até tocar como um sino, fazendo soar o seu vazio ao mundo. Ele não sabia o quão diferente a vida poderia ser naquela época, mas agora sabia, e a perda disso o sufocava.

— Coragem, homem — murmurou ele, recolhendo as rédeas e incitando seu cavalo adiante.

Quando viu a Senhora Baxter, John e Jane sentados numa escada à sua espera a uma distância considerável da casa, soube que não a veria. Hoje não. Seu coração afundou, mas ele exibiu um sorriso cauteloso, imaginando que recepção o esperava.

Eles ficaram de pé enquanto ele se aproximava e viu Jane pegar a mão da Senhora Baxter. A preocupação nos olhos da menina só fez seu coração doer ainda mais.

— Lorde Devlin — disse a Senhora Baxter, com o tom tão formal que ele queria gritar.

— Por favor, não me chame assim, Batty — disse ele, perguntando-se como conseguiu articular as palavras apesar da sensação de aperto na garganta.

Ela bufou e lançou-lhe um olhar duro. — E como vou chamá-lo, então?

Dev deu de ombros, sem saber como responder. — Meus amigos me chamam de Dev.

A Senhora Baxter lhe ergueu uma sobranceira e ele engoliu em seco. Ele desmontou do cavalo e caminhou em direção a eles.

— Olá, Jane — disse ele, perguntando-se se ela também o odiava agora.

— Olá, Senhor Da... — começou ela, e depois corou, escondendo-se nas saias da Senhora Baxter.

— Olá, John.

John olhou para ele, com a mandíbula rígida, sua expressão era de uma tristeza contida.

— Ela não vai vê-lo — disse Baxter, com o tom cansado agora. — Eu vi você chegando e... bem, vim te dizer para ficar longe. Kit está a ponto de explodir. No estado de espírito em que ele se encontra agora, eu não duvidaria que ele pudesse atirar em você. Nunca o vi tão zangado em toda a minha vida, e essa é a verdade.

Dev assentiu, incapaz de falar. Algo obstruía sua garganta, e qualquer coisa que ele pudesse ter dito, qualquer mensagem que pudesse ter pedido a ela para transmitir, permaneceria não dita, pois ele não se atrevia a abrir a boca. Em vez disso, ele enfiou a mão no bolso e tirou a carta que havia guardado lá. Na verdade, não era uma carta, mas ele esperava que isso significasse mais para Charity do que qualquer coisa que ele pudesse dizer. Ele também esperava levá-la em mãos, mas... pelo menos a Senhora Baxter garantiria que ela recebesse.

Ela tirou-a dele e assentiu. Dev virou-se para seu cavalo, precisando ir antes que perdesse a compostura diante deles.

Ele estava pegando as rédeas quando John correu até ele e jogou os braços em volta da cintura. Dev ficou de joelhos, segurando forte o menino quando Jane se juntou a ele, seus pequenos braços jogados sobre seu pescoço enquanto ela chorava. Ele abraçou os dois, imaginando como seu coração poderia suportar isso, como ele poderia sobreviver à culpa do mal que ele havia causado.

— Sinto muito, eu sinto muito, muito mesmo — disse Dev, incapaz de impedir que suas próprias lágrimas transbordassem diante da dor que havia causado.

— Eu lhes disse que você não era um homem mau — disse Jane, em meio às lágrimas. — Eu lhes disse, mas eles disseram que eu era muito pequena, que eu não entendia, mas *eu entendo*. — Ela bateu o pé e Dev só se sentiu ainda mais humilhado por sua defesa. Ele certamente não merecia. — Você não é um homem mau. — Ela olhou para ele, a trepidação em olhos escuros tão parecidos com os da irmã. — Você é?

Dev se perguntava como diabos poderia responder a isso com sinceridade. Ele olhou para a Senhora Baxter, que o observava, a sua expressão atenta.

— Eu fiz algumas coisas ruins, Jane — disse ele, com a voz rouca. — Coisas que prejudicaram muito a sua família, mas... mas estou tentando ao máximo me redimir. Quero mudar, mais do que tudo. — Ele olhou para a Senhora Baxter enquanto falava. — Eu faria qualquer coisa para corrigir as coisas. É a única coisa que quero. A única coisa que importa.

A Senhora Baxter assentiu, demonstrando sua compreensão, e ele

esperava que talvez ela percebesse que ele falava com todo o coração.

— Venham, crianças — disse ela, com a voz suave. — Lorde Devlin deve ir agora, e eu tenho que fazer o café da manhã.

Jane beijou sua bochecha e soltou-o com relutância. — Vamos voltar a vê-lo? — perguntou ela, sua voz tremendo, ao passo que a garganta de Dev ameaçava se fechar completamente devido à dor intensa.

— Espero que sim, Jane — disse ele, forçando as palavras. — Mais do que tudo.

Ela deu um aceno desamparado e foi pegar a mão que a Senhora Baxter lhe estendia.

Apenas John permaneceu ao seu lado, pálido, fazendo um esforço visível para não chorar.

— Queixo levantado, John — disse ele, tentando seguir seu próprio conselho. — Abatidos, mas não destruídos, né, rapaz?

John deu um aceno tenso e estendeu a mão para ele. Dev afastou essa ideia, ciente de que ele desejava agir com a maturidade de um jovem, mas suas próprias emoções estavam tão expostas que ele o puxou de volta para um abraço.

— Cuide de sua irmã por mim — disse ele, antes de soltar o menino, fingindo que não via as lágrimas que caíam em suas bochechas.

— Voltem para casa agora — encorajou a Senhora Baxter. — Eu já vou.

Ela esperou até que eles estivessem fora do alcance de sua voz antes de se virar para ele, dando a Dev um momento para se recompor antes de confrontá-la novamente.

— Você a ama — disse ela, olhando para o rosto dele, como se pudesse desvendar seus segredos mais ocultos se ela apenas olhasse com suficiente atenção.

Dev assentiu. — Sim, com todo o meu coração.

A Senhora Baxter respirou fundo e depois soltou o ar, balançando a cabeça. — Que teia emaranhada nós tecemos — murmurou ela, lançando-lhe um olhar sombrio.

Ele devolveu um sorriso fraco, sem saber o que mais poderia dizer.

— Você se casaria com ela? — exigiu saber ela, cruzando os braços e estreitando os olhos enquanto continuava a examiná-lo.

— Num piscar de olhos. Se ela me aceitasse.

Ele observou quando ela franziu os lábios e, em seguida, deu um

aceno decisivo. — Certo, então.

Ela se virou para ir embora, e Dev sentiu seu coração disparar em seu peito.

— O que quer dizer? — exigiu saber ele, caminhando atrás dela.

Ela voltou-se para ele e soltou um muxoxo de impaciência. — Vou fazer o que puder, é o que quero dizer — disse ela, com calor nos olhos, apesar da acidez de suas palavras.

— Você vai? — respondeu Dev, atordoado e sem acreditar que ela ficaria do lado dele.

Ele prendeu a respiração quando ela estendeu a mão e deu um tapinha em sua bochecha. — Eu sempre tive um fraco por patifes — disse ela, sorrindo para ele com algo que parecia quase carinho em sua expressão. — Mas não crie expectativas — advertiu ela, com as palavras severas agora. — Posso garantir que nunca houve uma família mais teimosa neste mundo do que os Kendalls. Vou convencê-la, nem que seja a última coisa que eu faça, mas não posso negar que será uma tarefa árdua.

Dev deu uma risada assustada e antes que ele pudesse pensar sobre isso, colocou os braços em volta dela e a abraçou. — Obrigado. Muito obrigado.

Ele recebeu um breve abraço em troca e a soltou, surpreendendo-se ao ver a Senhora Baxter corando. — *Hmph* — disse ela, arrumando o avental e fungando, com arrogância. — Não me agradeça ainda, seu diabo. Mas também não vá desistir, ouviu?

Dev assentiu, sentindo-se mais grato a ela do que jamais se sentira por alguém em sua vida.

— Nunca — disse ele, com sinceridade.

A Senhora Baxter sorriu para ele e fez um gesto com a mão, indicando que ele deveria partir, então ele montou no cavalo e foi embora, parando para lançar um último olhar para a fazenda antes de virar as costas e seguir de volta para casa.

Charity suspirou, encarando a chuva tamborilando contra a janela da cozinha. O tempo tinha mudado como se a sua tristeza tivesse tapado o sol dos céus e ele nunca mais voltasse a brilhar.

Já tinha se passado quase um mês desde que descobriu a identidade de *David*.

Sua mandíbula se apertou, embora sua raiva já tivesse se dissipado há muito tempo. O seu orgulho ainda ardia e o seu coração... ela não podia começar a falar do seu coração. Digamos apenas que estava em

carne viva e sangrando, encolhido em um canto escuro como um animal ferido, rosnando para qualquer um que se aproximasse.

— Você vai descascar esses feijões ou tentar enxotá-los de suas vagens? — quis saber a Senhora Baxter, fazendo Charity olhar para cima.

Ela melhorou sua expressão, percebendo que realmente estava franzindo a testa para eles e não havia se mexido nem um centímetro sequer nos últimos vinte minutos.

— Você já leu essa carta dele? — perguntou a Senhora Baxter, com uma expressão astuta nos olhos, quando trouxe um cesto de batatas para a mesa e sentou-se à sua frente.

Charity ignorou a pergunta. Ambas sabiam a resposta. O que a Senhora Baxter não sabia era que ela olhava para a maldita coisa todas as noites por pelo menos uma hora, antes de ir para a cama. A verdade era que ela estava com medo de abri-la, com medo de descobrir o que ele lhe tinha dito. O que mudaria? Se ele implorasse por seu perdão e dissesse que a amava, isso não mudaria nada, porque não importava quais fossem seus sentimentos, ele era um visconde.

Os viscondes não se casavam com mulheres com as mãos de um trabalhador e com um temperamento ardente capaz de incendiar o sol. Eles podiam manter esse tipo de mulher como amante, mas não como esposa.

Se a carta que ele deu à Senhora Baxter sequer insinuasse que isso era o seu desejo... o coração dela não suportaria isso também.

Uma vizinha tentadora em seu ouvido perguntou, *e se ele quisesse casar com você?*, mas, mesmo isso, era inútil. Por mais que ela quisesse confiar na expressão amorosa que lembrava nos olhos dele, por mais que desejasse perdoá-lo pelas mentiras, pelo engano e por todo o mal que ele tinha feito... era uma ideia ridícula.

Ela se imaginou como a Viscondessa Devlin e o rubor subiu pelo pescoço enquanto imaginava a seguir o que seus amigos diriam dela. Ele seria motivo de chacota. Ele passaria a odiá-la e iria ressentir-se dela quando fosse excluído da sociedade por ter tido a audácia de desrespeitar as convenções.

Por isso, realmente não importava o que sua carta dizia. Ele poderia ser o canalha que ela o acusou de ser no auge de sua fúria, ou ele poderia ser o homem gentil e amoroso que ela suspeitava que pudesse existir por detrás daquela fria aparência. De qualquer forma, não havia futuro para eles.

Melhor que ela se apegasse à sua dor e aprendesse a odiá-lo novamente. Pelo menos, então, ela poderia proteger o que restava de

seu coração, pois, se soubesse que ele a amava como ela o amava, o conhecimento a corroeria pelo resto de seus dias.

Ela suspirou novamente, pulando enquanto a Senhora Baxter praguejava e largava a faca com a qual estava descascando as batatas.

— Chega! — disse a mulher, enxugando as mãos no avental. — Não aguento mais um dia disso.

Ela correu para fora da cozinha e Charity observou, boquiaberta enquanto ela se dirigia para as escadas.

— O que... o que você está fazendo? — indagou ela, ficando de pé tão rápido que quase derrubou a cadeira. Ela endireitou-se e apressou-se para o corredor, olhando para cima, vendo a Senhora Baxter abrir a porta de seu quarto.

— Oh! — gritou Charity, horrorizada, pegando suas saias e subindo as escadas de dois em dois degraus. — Batty! Batty, não se atreva! — gritou ela, com o coração batendo forte ao virar à esquina. Ela quase derrubou Kit no chão quando ele saiu do quarto, com o cabelo desgrenhado como frequentemente estava quando ele estava escrevendo.

— O que diabos está acontecendo? — gritou, enfurecido. — Estou *tentando* trabalhar!

— Não se preocupe, Kit! — retrucou ela, empurrando-o de seu caminho e correndo para seu próprio quarto enquanto seu irmão praguejava e pisava duro atrás dela.

Ela chegou à porta no momento em que a Senhora Baxter rompia o lacre do envelope.

— Isso é assunto privado! — gritou ela, não acreditando que a mulher iria tão longe.

O fato de que ela tinha tomado partido *dele...* de David... Devlin... *ugh...* era óbvio. Ela vinha fazendo comentários e dando dicas menos sutis há semanas, o que Charity ignorou.

— Eu não me importo — retorquiu a Senhora Baxter. — Eu não posso ver você jogar fora um bom homem assim porque você é cabeça dura demais para ver o que ele escreveu para você!

— Batty, por favor — implorou Charity, incapaz de encontrar as palavras para explicar que não era teimosia da parte dela, não desta vez. Era autopreservação.

Mas era tarde demais.

Os olhos de Batty examinaram o papel e ela arquejou, sentando-se à beira da cama de Charity com a mão sobre o coração.

— O que foi? — exigiu saber Charity, com o estômago embrulhado de apreensão.

A Senhora Baxter parecia chocada, então... o que diabos ele tinha dito? Ela arrancou o papel de suas mãos, sabendo que teria que lê-lo agora.

Ela tremia tanto que não conseguia segurar o papel e foram necessárias várias tentativas para entender o que estava lendo. Seu fôlego prendeu em sua garganta e ela cobriu a boca com o soluço que ameaçava escapar.

— O que diabos o miserável lhe disse agora? — exigiu saber Kit, seus olhos iluminando-se de fúria. — Se aquele bastardo te chateou de novo, juro por Deus...

— Olha o palavreado, Kit! — vociferou a Senhora Baxter.

Kit olhou para ela, mas segurou a língua. — *Alguém* pode fazer a gentileza de me dizer o que o maldi... que raios está acontecendo?

— Ele me deu, Kit — disse Charity, com a voz fraca enquanto olhava para o irmão gêmeo. — A fazenda, as terras... tudo isso. Não é uma carta, é a escritura da Fazenda Brasted, em meu nome.

Kit olhou para ela, abrindo e fechando a boca enquanto suas palavras faziam sentido.

— Oh — disse ele, sentando-se ao lado de Batty enquanto sua raiva se dissipava. — Bem, isso é... inesperado.

Eles sabiam que Lorde Devlin havia parado a venda, tendo ouvido que o proprietário das terras, o Senhor Thompson, havia concordado em comprar a antiga Fazenda Sampson, a cerca de dezesseis quilômetros de distância de Brasted. Como Kit tinha dito, no entanto, era o mínimo que o diabo podia fazer. O alívio por não ficarem sem-teto foi suprimido pela mágoa e raiva que sentiam pela maneira como ele os havia enganado.

Só que agora...

Charity encarou a escritura em sua mão e engoliu em seco, as emoções pressionando sua garganta, exigindo serem liberadas.

— Muito bem, então, senhorita — disse a Senhora Baxter, cruzando os braços e fitando-a com uma expressão bastante penetrante. — E agora?

— Eu... eu não sei — disse Charity, e começou a chorar.

Capítulo 18

“No qual um mundo sombrio rodeia nosso herói, e nossa heroína sofre um choque maior ainda.”



Tinha se passado um mês. Um mês que mais parecia uma eternidade.

Dev olhou para a chuva caindo do lado de fora de sua janela. Londres estava cinzenta. Nuvens cinzentas, tempo cinzento, sujo, sombrio, desprovido de qualquer cor. Era como se perder Charity tivesse sugado o brilho do mundo inteiro, não apenas da sua vida.

Ele tentava manter viva a esperança, lembrando-se de que a Senhora Baxter estava do seu lado. No entanto, ele estava ciente da intensidade com que Charity odiava o Visconde Devlin. Ele esteve lá quando ela se enfureceu contra seu estilo de vida dissoluto, contra seu egoísmo e sua cruel falta de consideração por ninguém além de si mesmo. Ele ainda tinha as cartas que ela lhe enviara. Aquelas em que ela tinha feito um trabalho tão minucioso de revelar quão baixa era a opinião que tinha dele. Já as tinha lido várias vezes, como se procurasse nas suas páginas penitência pelos seus pecados passados. Cada vez que lia as palavras dela, as suas esperanças se esvaíam quando via a verdade do homem que tinha sido, aquele que ela achava que ele fosse. Como ela poderia perdoá-lo quando nem ele conseguia perdoar a si mesmo?

Ele permitiu que seu ódio por seu pai – a mágoa pela rejeição de seu pai e o descaso de sua mãe – colorisse cada aspecto de sua vida. Ele permitiu que essa mácula se estendesse até agora, ele arruinou todas as esperanças de ser algo diferente deles, algo melhor.

Desde que voltou para sua casa em Londres, tentou agir como Charity gostaria que ele agisse. Ele foi educado com a criadagem; aprendeu seus nomes e perguntou sobre suas famílias. Isso, pelo menos, trouxe recompensas. A desconfiança tinha sido a primeira reação, talvez suspeitando de uma armadilha, mas pouco a pouco aceitaram as mudanças no seu patrão diabólico. Agora ele era recebido com sorrisos que pareciam genuínos, embora um pouco cautelosos. Era... agradável.

Sua vida tinha mudado completamente por causa dela.

Dev deixou de se socializar, ficando de fora até altas horas e acordando em camas estranhas. Ele não queria essa vida de volta. Embora ele soubesse que tivesse sido superficial e desprezível durante

toda a sua vida, sentia que não tinha havido alternativa para ele, nenhum outro caminho. Ele acreditava que não merecia nada melhor, nem sabia o que era melhor. Agora, no entanto, ele havia vivido por um breve período em uma vida tão completamente diferente da sua própria, que tinha sido como renascer, apenas para tê-la tirada dele.

Agora, ele não conseguia dormir porque sonhava com ela. Ele não conseguia comer porque ansiava por pratos simples e saudáveis que tivessem um sabor real e fresco. Havia algo de satisfatório em comer alimentos que você havia colhido com as próprias mãos. Era um prazer tão modesto que seu antigo eu teria zombado e feito uma observação mordaz, mas agora parecia importante para ele.

Esta noite, ele sentia que suas esperanças eram pouco mais do que uma luz vacilante, queimando com desafio na escuridão de uma tempestade furiosa. Ele não desistiria. Ele voltaria para a Fazenda Brasted e tentaria novamente... assim que reunisse coragem suficiente para enfrentá-la.

No momento, ele estava afogando suas tristezas.

Já fazia um tempo desde que ele tinha bebido com tanta determinação, mas parecia que ele não tinha perdido o jeito. O decantador ao lado de seu cotovelo esvaziava enquanto o céu escurecia, as ruas abaixo se esvaziando à medida que todos se apressavam em ir para casa, objetivando escapar do tempo horroroso.

Dev fechou os olhos e lembrou-se do sol sobre o rosto, o som de John e Jane rindo enquanto brincavam com os gatinhos. Em sua mente, ele ouvia Kit xingando a todos e gritando por silêncio e sentia o cheiro do jantar vindo da cozinha enquanto esfregava os cavalos, o relincho de contentamento um som suave no frio do celeiro.

Acima de tudo, ele se lembrava de Charity, seu rosto bronzeado e a pequena dispersão de sardas em seu nariz. Ele viu o calor nos olhos dela e a combustão quando ela estava zangada com ele. Lembrou-se com demasiada clareza da sensação dela em seus braços quando a abraçou forte, e de como ela estava disposta a dar-lhe tudo... antes de saber a verdade.

Dev esfregou a dor no peito, sabendo que nunca o deixaria.

Não até ele a ter de volta.

Charity observou a visão imponente de Devlin Hall à medida que se aproximava, seu coração batendo com tanta força que sentiu que poderia escapar de suas costelas.

Ela não sabia o que estava fazendo ali, o que diria, mas tinha de dizer alguma coisa, para lhe agradecer pelo menos por lhe ter dado a

fazenda.

Ela não sabia se devia dizer-lhe que ele tinha sido perdoado.

Se o que ele dizia a ela fosse verdadeiro, se ele realmente quisesse cortejá-la, então se ela o perdoasse, ele poderia repetir o pedido, e ela nunca poderia viver a vida que ele precisaria que ela vivesse. Ela não tinha noção de como uma verdadeira dama se comportava, ou o que seria esperado dela, e – fora isso – ela não queria aprender. Ela pertencia a esse lugar, às extensões selvagens de Dartmoor, onde o vento parecia que iria limpar todos os seres vivos da face da terra e a tudo se agarrava, determinado a sobreviver. Passar metade do ano na cidade e ir a festas e ao teatro e jantares intermináveis...

Sua garganta ficou apertada, o pânico tomando conta dela só de pensar nisso. Parecia um mundo tão limitado, tão confinado, roubando-lhe o fôlego e fazendo-a sentir-se presa.

Charity respirou fundo, seus dedos apertando o algodão simples de seu melhor vestido de dia. Não havia necessidade de sedas e musselinas extravagantes e tecidos elegantes que só rasgariam e ficariam arrastando na lama ou acabariam presos e emaranhados em uma silveira. Esse não era o mundo dela. Aquilo era.

Ela observou ao redor uma paisagem que se estendia tão longe quanto os olhos podiam alcançar. Um homem poderia entrar naquela vastidão e desaparecer, e nunca mais ser visto. Parecia árido e, no entanto, repleto de vida; era acidentado, selvagem e perigoso... belo e onde ela pertencia.

Ela o queria de volta de todo o coração. Ela queria que ele fosse David, que fosse viver no seu mundo e voltasse a encaixar-se na parte da sua vida que agora estava vazia. Havia um buraco aberto e desigual onde ele havia cavado um espaço para si mesmo, forçando a separação daquele ponto sensível sob as costelas dela e deixando um vazio que só ele poderia preencher.

Mas ele era o Visconde Devlin, não David, e ela não era tola a ponto de não saber que isso tornava o relacionamento entre eles impossível. Suas vidas não se encaixavam, não podiam se entrelaçar, e tentar apenas os deixaria infelizes.

Baxter reduziu a velocidade da carroça e Charity franziu a testa, trocando olhares com ele enquanto observavam a atividade em torno do vasto edifício. Havia filas de vagões cobertos e trabalhadores correndo para dentro e para fora do prédio, removendo móveis, carregando baús e recipientes sem fim.

Charity desceu da carroça, movendo-se através daquele tumulto e se perguntou o que diabos estava acontecendo, embora fosse claro o

suficiente.

Ele ia embora.

Sua respiração falhou e ela correu para as escadas, levantando suas saias e correndo enquanto ignorava os olhares curiosos dos homens que trabalhavam ao redor dela.

O mordomo esnobe não estava em lugar algum e o coração de Charity batia mais rápido do que antes em seus costelas. Ele não podia ter ido embora, certo? Ela teria que pelo menos dizer adeus.

Com o pânico apertando o peito e deixando-a sem fôlego era difícil expressar as palavras, mas ela indagou cada homem à medida que passavam por ela e carregavam quadros, tapetes ou pesadas caixas de sabe-se lá o quê.

— Onde está Lorde Devlin? Ele está aqui? Por favor, você poderia me dizer...

— Lorde Devlin não é mais dono deste edifício.

Uma voz profunda e retumbante encheu o hall de entrada, agora ecoando, como se a casa já estivesse vazia sem o patrão na residência. Charity virou-se e, em seguida, arquejou com a visão do homem diante dela, se é que ele *era* um homem. Ele parecia mais um gigante, um monstro enorme das historinhas infantis.

— O-o que quer dizer? — perguntou ela, com uma sensação de frio percorrendo sua pele. — Aqui é Devlin Hall, tem sido o lar deles por gerações, ele... — Charity hesitou quando lhe ocorreu uma terrível verdade. David, Devlin... quem quer que fosse, tinha tentado vender a sua fazenda e as terras para angariar dinheiro para pagar uma dívida a um certo Senhor Blackehart. Um homem implacável que provavelmente não aceitaria gentilmente não ser pago.

Um homem perigoso.

O homem que estava na frente dela certamente se encaixaria nessa descrição.

Ela engoliu em seco, dando um passo involuntário, embora o homem não tivesse feito nenhum movimento em sua direção.

— Lorde Devlin vendeu a mansão para mim — disse ele, observando-a, com uma expressão curiosa em seus olhos escuros. Ele tinha um sotaque marcado que lembrava becos e companhias duvidosas em uma cidade grande.

— Você é o Senhor Blackehart?

Ele assentiu, com um leve traço de um sorriso em seus lábios. Uma cicatriz percorria o lado direito de seu rosto, puxando seu olho para baixo e ela suprimiu um estremecimento. Um homem perigoso.

Charity estendeu a mão, agarrando o pilar da escada enquanto o chão parecia balançar sob seus pés.

— Você está bem, senhorita?

Para sua surpresa, ele se aproximou dela e então hesitou, como se quisesse ampará-la, mas soubesse que sua presença poderia assustá-la. Ela afundou para se sentar nas escadas, indiferente que estivesse fazendo um show, chocada demais para se preocupar com isso.

— Você, aí. Traga-me um conhaque.

Charity observou o Senhor Blackehart gritar uma ordem, ainda muito atordoada para salientar que seria pouco provável que houvesse tal coisa na casa, uma vez que as coisas estavam sendo empacotadas e levadas embora. No entanto, dada à autoridade na voz do homem e o terror nos olhos daquele com quem ele havia falado, eles acabariam encontrando conhaque de algum lugar.

— Você não sabia que ele tinha ido embora? — exigiu saber Blackehart, com uma expressão pensativa em seus olhos.

Charity balançou a cabeça, ainda tentando entender a enormidade do que David – ele seria David, por enquanto – do que ele havia feito, por eles, por ela. Ele vendeu a sua herança, a sua história, a casa de gerações de Devlins antes dele, apenas para salvar uma pequena fazenda que se esforçava para sobreviver num ambiente hostil.

Ela franziu a testa, lembrando que o proprietário das terras, o Senhor Thompson, estava comprando outra fazenda, então por que...

Lançando um olhar para o Senhor Blackehart que ainda a observava, com os olhos escuros cheios de interesse, ela soube que ele não era um homem que esperava o que queria. Teria sido essa a única forma de David sair vivo das suas mãos?

Charity estremeceu, forçando-se a ficar de pé enquanto um criado de aparência atribulada se apressava com uma bandeja com uma garrafa de conhaque e dois copos. Blackehart serviu uma pequena quantidade e entregou-o a ela.

— Beba.

Ela se sentiu irritada, não acostumada a receber ordens e não gostando disso. A bravura parecia escassa, pois o homem se elevava sobre ela e ela fez o que lhe foi pedido, ela precisava demais de respostas para protestar. À medida que a bebida se acumulava em seu estômago, criando um calor reconfortante que a envolvia, acalmando seus nervos abalados, ela soube que precisava ver David novamente. Ela tinha de saber por que... por que é que ele tinha feito aquilo. Teria sido por ela?

— Obrigada, senhor — disse ela, devolvendo o copo e virando-se para sair.

— Ele tem uma casa em Londres.

Ela parou, olhando para o homem com desconfiança.

— Eu não deixei o pobre desgraçado destituído, se é isso que está te deixando tão agitada.

O homem cruzou seus braços enormes e Charity sentiu pena de seu alfaiate quando viu a forma como o tecido esticava sobre seus bíceps. Devia ser como vestir um carvalho. Ele podia se vestir como um cavalheiro, mas nenhuma alfaiataria poderia esconder o fato de que ele certamente não era um. Ela não sabia o que os moradores locais iriam pensar de Devlin Hall indo para um homem de sua laia. Haveria um alvoroço.

— Você o encontrará em Harley Street, se estiver interessada em visitá-lo. Estava com todos os braços e pernas intactos da última vez que o vi.

Havia um brilho diabólico de diversão em seus olhos com aquele comentário e Charity cerrou os dentes.

— Obrigada pela informação, senhor — disse ela, com o tom frágil enquanto o encarava furiosamente. — Desejo-lhe um bom dia.

Charity olhou para a grande casa em Harley Street e agarrou seu guarda-chuva com mais força enquanto o vento ameaçava arrancá-lo de suas mãos. Certamente não tinha sido destituído, então.

Essa tinha sido uma ideia ridícula.

Foi preciso muita persuasão para que Kit a acompanhasse a Londres. A pior parte tinha sido sair de sua hospedaria antes que ele acordasse e sem chamar a atenção da intrometida da governanta. Ela teve o cuidado de não compartilhar o endereço preciso de David com ele, para que ele não soubesse onde procurá-la.

Agora que o tinha feito, preferia que não o tivesse feito.

Se Kit estivesse aqui, David não poderia dizer coisas que despertassem o seu coração, as suas esperanças e medos. Ele não podia dar-lhe esperança, nem destruir os seus sonhos proibidos. Seria simplesmente uma visita educada em que eles expressariam sua gratidão e ele lhes diria que realmente não era nada... vender a herança de sua família não significava nada. Que disparate.

Ela não ouviria nenhuma amenidades educada. Charity nunca tinha sido uma covarde e não começaria a ser uma agora. Ela teria a verdade e a enfrentaria e... e ela não tinha a menor ideia do que viria

a seguir.

Dizendo a si mesma que era mais corajosa do que isso, ela subiu as escadas e bateu na porta. Ela se virou e viu as carruagens passarem enquanto esperava, vislumbrando em uma delas uma dama elegante com um chapéu extraordinário com penas enormes. Sua expressão entediada passou rapidamente por Charity, com um olhar de desprezo em seu rosto enquanto ela se virava.

Charity corou, consciente de que seu melhor vestido a fazia parecer uma camponesa, uma parente pobre, talvez, e uma desavergonhada, além disso. Ela não pertencia àquele lugar. Não era como se ela não soubesse disso, mas tudo o que tinha visto no curto espaço de tempo que esteve em Londres a fez perceber que os seus instintos estavam certos. O abismo entre essas criaturas ricas que David devia chamar de “amigos” e ela era ainda mais evidente do que ela imaginava.

A sensação se intensificou mais ainda quando a porta se abriu e um mordomo de aparência escandalizada a viu, *sozinha* no degrau da frente. Oh, Meu Deus. Devia ter trazido Kit. Charity ergueu o queixo, encarando o homem nos olhos.

— Senhorita Kendall para ver Lorde Devlin, por favor.

O mordomo olhou por cima de sua cabeça e entoou com uma voz entediada: — O visconde não está em casa.

O diabo esnobe ia fechar a porta, mas não contava com o temperamento de Charity. Furiosa por ter sido dispensada de tal maneira após a terrível jornada que suportou para chegar até ali, ela enfiou o guarda-chuva na brecha antes que a porta batesse em seu rosto e a abriu novamente, passando pelo espaço que ela havia aberto.

— Diga ao visconde que a Senhorita Kendall está aqui — disse ela, enfiando seu guarda-chuva encharcado nas mãos do mordomo assustado e lançando-lhe um olhar duro. — Eu prometo a você, ele vai querer me ver. Além do mais, ele provavelmente vai colocá-lo no olho da rua se descobrir que eu fui expulsa e você não o informou.

O homem obviamente não estava acostumado a tal comportamento alvoroçado em uma mulher e apenas fitou-a boquiaberto por um momento, atordoado demais para reagir enquanto o guarda-chuva pingava em seus sapatos brilhantes.

— Oh, pelo amor de Deus — murmurou Charity, cruzando os braços. — Onde está ele?

— Senhorita...! — balbuciou o mordomo, voltando à realidade, enquanto Charity tomava a iniciativa e começava a abrir portas, procurando por qualquer sinal de Dev. — Isso é ultrajante! Devo

insistir que...

— Lorde Devlin! — gritou Charity a plenos pulmões, já que nenhuma das portas no andar de baixo revelou o homem que ela estava procurando. Ela pedia a Deus que ele estivesse ali e não fora de casa, como o mordomo havia sugerido. Se ele não estivesse, ela teria de se trancar em algum lugar para não ser expulsa. Ela soltou um gritinho quando o mordomo avançou em sua direção e correu para as escadas. A expulsão parecia ser mais iminente do que ela esperava. Não parando para olhar para trás e ver se ele a estava seguindo, ela correu, rezando para encontrar o que estava procurando.

Capítulo 19

“No qual há... um reencontro.”



Dev suspirou, tentando agarrar o sonho, para ficar dentro do conforto de seu abraço, não importando que não fosse real. A realidade era demasiado difícil, demasiado dolorosa. Ele já estava cheio da realidade e não estava pronto para enfrentar mais um dia dela.

Na próxima semana, ele se arrumaria para voltar para Dartmoor, enfrentaria o confronto inevitável com Charity, e faria qualquer coisa para que ela lhe desse uma chance. Se ela não tivesse se acalmado até então, nunca o faria, e não havia razão para se enganar pensando o contrário.

Por enquanto, no entanto, ele iria chafurdar em sua própria tristeza e beber até perder a consciência. À medida que os planos avançavam, era simples, mas abrangente.

Dev pegou o copo na mesa de cabeceira e tomou um gole de conhaque, fazendo uma careta. Então, aquele seria o seu café da manhã. Ele virou-se de lado novamente, permitindo que o sono tomasse conta de sua mente, esperando que o sonho voltasse para ele. Ele conjurou o rosto de Charity, traçou o contorno de seus lábios com as pontas dos dedos, suspirando enquanto o desejo por ela fazia o sino oco de seu coração ressoar de tristeza. Sua voz era baixa, íntima, quando ela lhe pediu um beijo e ele se aproximou, prestes a pressionar a boca contra a dela... e, então, assustou-se quando ela gritou com ele.

O quê?

A realidade e os sonhos colidiram, e ele forçou os olhos a se abrirem, piscando, em choque.

— Lorde Devlin! *David!* Ou qualquer que seja o raio do seu nome nos dias de hoje! — ressoou uma voz furiosa em sua casa. Estridente e totalmente enfurecida... foi o som mais maravilhoso que ele já ouviu em sua vida.

Dev saltou da cama e, em seguida, desejou não ter feito isso, pois sua cabeça latejava e o quarto girava. Ainda inseguro de que estava acordado, ele se esforçou para pegar seu quimão de seda, vestindo-o e amarrando-o enquanto corria para a porta. Um grito feminino ecoou pelo hall imponente quando ele abriu a porta com força e Charity deu um encontrão nele.

Os dois olharam entre si Charity respirando com dificuldade, seu bonnet torto, cachos escuros escapando enquanto ela agarrava seus braços em busca de apoio.

— Milorde, perdoe-me — disse Meekins, o mordomo da cidade, enquanto ofegava até o topo da escada. — Eu não pude impedir essa terrível criatura de abrir caminho para dentro da casa.

A boca de Dev curvou-se em um sorriso sem esperança, com o coração se animando pela primeira vez desde que se despediu da Senhorita Baxter e das crianças.

— Eu sei — disse ele, com a voz suave, sem tirar os olhos dos dela. — Ela tem o hábito de invadir lugares onde não é chamada. — Seu sorriso cresceu quando Charity estreitou os olhos para ele e tentou sair de seu abraço. — Oh, não, você não vai — disse ele, segurando-a com mais força. — Você não vai a lugar algum.

— Devo chamar um mensageiro, milorde, ou talvez um magistrado? — quis saber o mordomo, enquanto Dev tentava se convencer de que ela era real, não um sonho. Ela era de carne e osso, quente em seus braços, e nada satisfeita com isso, dado o lampejo de irritação em seus olhos.

— Não, obrigado, isso não será necessário. Deixem-nos, por favor, Meekins.

— Mas... milorde...?

Dev fez cara feia, afastando o olhar de Charity para olhar para o sujeito miserável.

— Saia. Aqui.

O tom era familiar a todos os que trabalharam para ele durante algum tempo, independentemente de suas boas intenções recentes. Sugeriu que suas palavras fossem obedecidas imediatamente, e sem questionar, ou as consequências não seriam boas.

Meekins estava com ele há muitos anos e correu de volta pelas escadas.

— Você está aqui — disse Dev, incapaz de esconder o fascínio de sua voz. — Eu pensei que tinha sonhado com você.

Charity olhou para ele, sua expressão difícil de decifrar. Ela estava rígida em seus braços, como se fosse fugir a qualquer momento, mas havia uma expressão tímida em seus olhos que não era familiar. Um leve rubor tingiu suas bochechas e fez com que ele esperasse que não fosse o desejo da fúria com relação a ele que a tivesse trazido até ali.

Ela se afastou dele e, desta vez, ele a deixou ir, embora com relutância. Ele observou enquanto ela ajustava o bonnet e retribuía

com um olhar mais familiar e irônico.

— Sou bem real — murmurou ela, gesticulando para a bacia lamacenta de suas saias, vítima do mau tempo lá fora.

— Eu odeio contradizê-la, querida, mas você nunca esteve tão errada.

O rubor se aprofundou e seu sorriso cresceu.

— Eu senti sua falta — disse ele, irremediavelmente perdido, desesperado por seu perdão. — Eu senti sua falta a cada segundo de cada dia.

— Não. David, eu...

Ela fez uma careta e ergueu as mãos, e o medo consumiu seu coração. Ele ainda não tinha vencido.

— Meus amigos me chamam de Dev — ofereceu ele, imaginando como ela devia se dirigir a ele.

Ela franziu o nariz para esse nome e ele não se surpreendeu. Qualquer referência a Devlin não lhe agradava.

— Venha — disse ele, estendendo a mão. — Não podemos falar sobre isso no corredor.

Charity cruzou os braços, parecendo um pouco escandalizada. — Eu não vou entrar em seu quarto!

Ele riu e depois recompôs o semblante ao perceber que essa não era a abordagem certa a se fazer. — Não — disse ele, apressando-se e levando-a para a sala de estar. — Claro que não.

Dev viu seus olhos se arregalarem enquanto entrava na sala grande e opulenta. Seu pai gostava de exibir sua riqueza. Graças a Deus ela nunca pôs os pés dentro de Devlin Hall. Ele quase podia vê-la encolher um pouco, diante da opulência do que sempre fora sua vida: o dourado e os móveis elegantes, as pinturas e os tapetes, coisas que ela nunca teria visto em sua vida.

— Luke — disse ele, enquanto fechava a porta atrás deles, querendo desviar a atenção dela do seu entorno, das coisas com as quais ele não se importava nem um pouco para deixá-la desistir dele.

Charity virou-se e olhou para ele, perplexa.

— Meu nome — acrescentou, odiando que ela só estivesse sabendo disso agora. — Luke Linton.

Suas sobrancelhas se levantaram, sua boca formando um “o” de surpresa.

— Luke — repetiu ela, enquanto Dev esfregava a nuca.

Os cantos de sua boca se levantaram um pouco, e ele sentiu que era um sorriso relutante, mas ela não conseguiu evitar.

Ele deu de ombros, desajeitadamente. — Ninguém nunca me chama pelo meu nome, eu sempre fui Dev ou na escola eu era Linton.

— Eu gosto bastante desse nome — disse ela, com o tom mais suave agora.

Ela se afastou dele e foi em direção à janela. Dev a observou, sem saber o que fazer ou dizer agora. Ele tinha a sensação distinta de que estava prendendo a respiração, que seu peito se apertava. Se ele fizesse um movimento errado, dissesse a coisa errada, ela fugiria dele.

— Por que você veio? — perguntou ele, ainda sem ousar acreditar que suas esperanças e orações haviam sido atendidas e ela veio dizer-lhe que sentia falta dele, que o amava e que não podia ficar longe dele. Havia muita tensão da parte dela para tal. Ele podia ver como ela se segurava, contida, querendo mantê-lo à distância. Isso precisava acabar.

Ela voltou a olhar para ele. — Você vendeu Devlin Hall.

Dev assentiu, lutando contra o desejo de atravessar a distância que os separava e apenas segurá-la em seus braços. Era como tentar aproximar-se de um pássaro ferido; se ele se movesse demasiadamente depressa, ela fugiria e se feriria ainda mais na fuga, embora as suas intenções fossem nunca mais magoá-la. Ela não confiava mais nele, e ele não podia culpá-la por isso.

— Por quê? — exigiu saber ela, abraçando o próprio corpo como se estivesse com frio.

— Você sabe o porquê.

Charity balançou a cabeça, as lágrimas brilhando em seus olhos quando ela se afastou dele para esconder sua agitação. — Não diga isso. Isso você não pode ter! — Sua voz estava mais forte agora, com raiva aparente, mas ele estava certo de que podia ouvir o desespero que ela estava escondendo. — Esse era o seu legado, a sua história, a herança que deixaria aos que viessem depois de você! Como pôde ser tão tolo? Não se importa com nada?

— Sim — respondeu ele, aproximando-se dela agora, apesar dos temores de que ela fugisse dele. — Eu me importo. Importo-me muito, mais do que você possa imaginar, mas não com Devlin Hall. Esse lugar não significa nada além de tristeza e solidão, e eu já me enchi disso.

— O que quer dizer? — perguntou ela, encarando o olhar dele enquanto ele se aproximava.

Sua expressão mostrou que ela estava intrigada com as palavras

dele, mas ele ainda não lhe havia contado sobre seu passado miserável. Ele precisava segurá-la, mostrar-lhe a verdade de quanto ele se importava, não ficar preso no passado.

— Eu te amo — disse ele, abraçando-a, mesmo enquanto ela balançava a cabeça, embora não se afastasse dele. — Sim — disse ele, segurando-a com mais força, precisando encontrar as palavras que a fizessem acreditar nele. — Você pode negar o quanto quiser, mas isso não mudará nada. Amo você, com todo o coração, com tudo o que sou, então me ajude, pois você sabe como é assustadora essa confissão.

— Pare com isso — disse ela, chorando agora, agarrando-se ao quimão que o cobria como se ela quisesse afastá-lo e segurá-lo com força ao mesmo tempo. — Dav... oh, *Luke*! Não vê que é impossível? Nem sei quem é!

— Sim, você sabe — disse ele, segurando em concha o rosto dela com uma das mãos, forçando-a a olhar para ele. — Você me disse uma vez que sabia exatamente quem eu era. Disse que eu não tinha o coração tão sombrio como acreditava, ou mesmo como eu mesmo acreditava. — Ele acariciou a bochecha dela com o polegar, disfrutando do calor e da suavidade, e precisando de muito mais. — Você estava quase totalmente certa. Eu era tão desprezível quanto você acreditava que eu fosse, mas descobri que posso ser mais do que isso. Você me ensinou isso. Eu *quero* ser mais do que isso, para você. Por favor, meu amor, eu mudei. Não acredita em mim?

Ela encarou seu olhar e assentiu, com uma lágrima rolando pela bochecha enquanto sorria para ele.

— Sim — disse ela, enquanto seu coração parecia saltar em seu peito. — Eu acredito em você.

Ele emitiu um som assustado, sua respiração falhando enquanto ela ria, por sua vez, e ele abafou sua surpresa pressionando a boca contra a dela, incapaz de se conter por mais um momento. Houve um momento de tensão quando ela se assustou e ele orou para que ela não o afastasse. Ela não resistiu, amolecendo em seus braços, maleável, enquanto estendia uma mão para tocar a parte de trás do pescoço dele, hesitante no início, enquanto a outra mão ainda segurava a seda de seu quimão.

O desejo, a necessidade, a tristeza desesperada das últimas semanas, tudo conspirou para tirar o controle dele quando ele inclinou a boca sobre a dela e aprofundou o beijo. Ele queria fazer isso direito, cortejá-la, pedir-lhe em casamento e ter o seu consentimento. O beijo varreu todos os seus planos e esperanças na simples alegria do momento, de tê-la ali, em seus braços, depois de tantas noites sozinho e temendo que nunca mais a abraçasse.

Ele a tornaria sua para que ela nunca pudesse negar que pertencia a ele. As palavras que sempre foram tão difíceis de encontrar, as explicações que nunca pareciam ilustrar o que ele tinha no coração eram tão fáceis de serem mal interpretadas, de serem esquecidas ou de serem recordadas da maneira errada, mas isto... isto não tinha como confundir. Ela nunca esqueceria como ele a amava, a ternura com que ele provaria o seu amor por ela, e então, quando ela soubesse, quando ela realmente entendesse, perdoaria o que tinha acontecido antes. Poderiam recomeçar.

Charity sabia que estava tremendo, mas não conseguia parar. Estar ali, em seus braços, era demais e, no entanto, nem de longe o suficiente. O anseio enchia-lhe o coração, por mais que tentasse impedi-lo, por mais que soubesse que isso tinha de ser um adeus. Não havia lugar para ela em sua vida. Se ela já não sabia antes, o simples ato de entrar nesta sala havia ilustrado a impossibilidade de qualquer futuro juntos. Ele poderia muito bem ser um príncipe e ela uma plebeia, pois não faria diferença alguma. O abismo entre eles era gritante, ameaçando engolir os dois por inteiros, e, ainda assim, ela não podia se afastar dele, ainda não.

Ela havia se oferecido a ele duas vezes e ele a recusara, provando que ele não era o miserável sem coração que ela acreditava que ele fosse. De modo algum sem coração, mas amoroso e generoso, querendo tanto dar-lhe tudo. Ele a pediria em casamento se lhe desse a chance, uma vida com ele em seu mundo, e seu coração doía de anseio para que isso fosse possível. Mas ele estava sendo tolo, ignorando a realidade e esperando dobrar o mundo à sua vontade. Talvez fosse o resultado de ser um visconde e sempre conseguir o que queria. Neste caso, no entanto, ele teria uma grande decepção. Ele se encontraria desprezado, ostracizado e ignorado pela sua própria espécie, e Charity não seria a causa disso. No entanto, ela também não podia negar os seus sentimentos, negar que o amava e o desejava de todo o coração, ou que queria que ele soubesse a verdade disso.

Antes desse dia, ela quis se entregar a ele porque sabia que era sua única chance. Isso só aconteceria uma vez, porque ela sabia que ele iria embora e ela voltaria ao seu mundo. Ela criaria John e Jane e cuidaria de Kit até que ele tivesse uma esposa para fazê-lo por ele, e então... e então ela continuaria a trabalhar na fazenda, encontrando contentamento vivendo no lugar que amava e ao qual pertencia, até que houvesse sobrinhas e sobrinhos para amar também. Esse sempre foi seu destino e ela sabia disso desde que seus pais morreram. Se alguma vez ela se ressentiu desse fato, esses dias haviam passado. Até o momento em que *ele* tinha entrado na vida dela, pelo menos.

Agora, ela queria se enfurecer contra o destino, mas não fazia sentido. O destino não era um homem com quem se pudesse gritar, uma presença tangível com que se pudesse lutar, na esperança de o destruir. O destino era um inimigo que te esmagaria e travaria uma luta que você nunca poderia vencer.

Então, ela faria o que pretendia há tantas semanas. Ela se entregaria a ele, completa e irrevogavelmente, para que ele soubesse que possuía seu coração para sempre, mas em vez de ele sair e retornar ao seu mundo como ela acreditava que ele assim o faria, seria ela quem partiria e voltaria correndo para a terra a qual pertencia.

Ela entregou-se ao seu beijo, descobrindo que ele tinha gosto de conhaque enquanto ela memorizava cada detalhe, cada toque. Seu corpo brilhava através da seda que o cobria, até mesmo o tecido gritava riqueza e status enquanto seus dedos ásperos se deleitavam com seu luxo. Eles eram tão díspares quanto água e óleo, e não importava o quanto forçassem o mundo a se ajustar aos seus desejos, nunca poderiam se unir por mais do que um momento fugaz.

Aquele momento era ali e agora, e Charity não o deixaria escapar-lhe de novo. Então, quando ele quebrou o beijo, com o olhar intenso e uma pergunta não dita em seus olhos, ela sorriu e assentiu, seguindo para onde ele a conduzia.

Capítulo 20

“No qual a alegria é avassaladora e passageira demais.”



Dev estava mais uma vez com medo de estar sonhando, mas percebeu que estava muito nervoso para expressar suas dúvidas enquanto pegava a mão de Charity e a levava ao seu quarto. O fato de que ela veio de bom grado foi ao mesmo tempo maravilhoso e enervante.

Ela o perdoava.

A verdade era espantosa. As esperanças que haviam sido praticamente extintas, agora, brilhavam novamente, com a luz tão brilhante que ofuscava sua visão. O brilho iluminava os cantos escuros onde todos os problemas e obstáculos que permaneciam em seu coração se escondiam, brilhando tão intensamente que ele não podia mais vê-los. Se ela o tivesse perdoado, poderia amá-lo. Talvez ela já o amasse? A expressão em seus olhos o fazia acreditar que isso era possível. Ele esperava ter que lutar por ela, enfrentar cada argumento que ela lançasse contra ele com um argumento próprio, acabar com seus argumentos até que ela visse que era inútil resistir a ele.

A facilidade com que ela caíra nos braços dele era inquietante. No entanto, ele tinha certeza de que tinha visto o amor nos olhos dela, certamente que tinha, e se ela o amava, eles poderiam fazer qualquer coisa, começar de novo...

Tudo era possível.

Ele concedeu-lhe um momento, observando enquanto ela puxava as fitas do seu bonnet, com os dedos trêmulos. Ela o colocou na penteadeira dele, dedicando um tempo para tocar com um dedo a escova elegantemente prateada antes de voltar sua atenção para sua peleja. Suas mãos tremiam tanto agora que ela se atrapalhou com os botões e Dev se aproximou.

Ele cobriu as mãos dela com as suas.

— Não tenha medo. Nunca te faria mal.

Ela soltou um suspiro, bufando um pouco. — Eu sei disso. Eu... não sei porque estou sendo tão boba quanto a isso.

— Porque importa — disse ele, franzindo a testa enquanto a puxava para mais perto. — Não é nada bobo, só que eu não quero que você tenha medo ou se arrependa. Podemos esperar se...

— Não.

Ele ergueu as sobrancelhas diante da veemência em seu tom. Havia algo de errado? Seria essa tristeza em seus olhos onde deveria haver alegria?

Ela estendeu a mão, puxando sua boca para a dela e o beijando, pressionando-se contra ele e depois puxando o cinto de seda que mantinha o quimão fechado. De repente, ele se abriu e ela o tirou de seus ombros. Ele ouviu sua respiração enquanto ela se virava para olhar para ele e quaisquer dúvidas sobre o que ela estava sentindo sumiram ao ver o desejo em seus olhos quando ela olhou para ele. Ele abaixou seus braços, permitindo que a seda deslizesse para o chão em um movimento fluido.

As suas bochechas ardiam, mas ela não desviou o olhar nem fingiu qualquer coisa além de interesse na visão nu dele diante dela. Ela levantou a mão hesitantemente, e a respiração de Dev ficou presa em sua garganta quando seus dedos tocaram sua pele. Ele não podia pensar, não podia fazer nada além de ver como seus dedos passeavam sobre ele, acendendo um calor que ele temia que o consumisse se não pudesse tocá-la em troca.

— Você está vestindo muitas roupas — disse ele, ciente do som rouco de sua voz enquanto ela olhava para ele.

— Deve ser por isso que estou com tanto calor — disse ela, com um vislumbre de más intenções nos olhos.

Dev riu, encantado com ela enquanto suas mãos alcançavam os botões de sua roupa. — Tire esse maldito casaco antes que eu faça pedacinho dele — ordenou ele, satisfeito por ela rir e dar gritinhos enquanto ele, entre desabotoamentos, fazia cócegas nela, numa tentativa de deixá-la mais à vontade. Por fim, os botões foram desfeitos, o casaco jogado no chão e a luz brilhante em seus olhos disse-lhe que ela estava se divertindo e não tinha mais medo dele ou do que aconteceria entre eles.

Ele fez uma pausa enquanto se perguntava onde estava o irmão dela, e o que diabos ela estava fazendo ali sozinha em Londres?

— Onde está Kit? — indagou ele, perguntando-se se sua porta provavelmente seria arrombada por seu irmão gêmeo irado a qualquer momento.

— Ainda na cama, espero — disse ela, com um sorriso bastante travesso repuxando sua boca. — Eu fugi da hospedaria em que estávamos hospedados e não lhe dei o seu endereço completo. Ele pode vasculhar Londres o quanto quiser, não vai me encontrar.

Dev suspirou, dividido entre repreendê-la por sua imprudência e

deleitar-se com sua determinação de vê-lo sozinha. — Você nunca deve fazer uma coisa dessas novamente. Aqui não é Dartmoor. Londres é perigosa, e de uma forma muito diferente das suas amadas charnechas. Tem que aprender as regras daqui.

Por um momento, o sorriso em seus lábios vacilou, mas ela voltou sua atenção para explorar ele, e qualquer discussão adicional sobre o assunto foi interrompida.

— Vire-se — disse ele, alarmado ao descobrir que suas próprias mãos estavam tremendo enquanto ela fazia o que ele pediu e ele desamarrou os fechos de seu vestido. O amante experiente que ele se tornara ao longo dos anos desapareceu à luz de algo novo e além de sua experiência, algo que importava. Ele inclinou a cabeça para pressionar um beijo no ombro dela enquanto o vestido deslizava, satisfeito com o arrepio que percorria sua pele. Ele dispensou o resto das camadas tão rápido quanto seus dedos trêmulos conseguiram, até que ela ficou diante dele em apenas ligas e meias de seda.

Dev deslizou um dedo do ombro até o braço dela, observando a mudança de branco porcelana para bronzeado, conforme aquela pele sempre oculta da luz se revelava ao seu olhar aquecido. Ele a virou de volta para si, seu coração se expandindo no peito enquanto ele a observava plenamente.

— Minha — disse ele, querendo sorrir para ela, mas descobrindo que a palavra era tão possessiva quanto soava. Ele a puxou para mais perto, deleitando-se com a sensação de sua pele contra a dele, o suspiro de choque que ela emitiu enquanto seu corpo mais duro pressionava contra sua pele sedosa. Suas mãos viajavam sobre ela, sua pele uma seda mais fina do que qualquer material que ele pudesse comprar, não importava o custo. Dev colocou o rosto dela em seus mãos, pressionando a boca contra a dela. — Minha — disse ele novamente, não se importando se soava como um maldito homem das cavernas, mas era como ele se sentia nesse momento. — Você é minha agora, só minha. Sabe disso, não?

Suas mãos cobriam as dele, seus olhos inocentes enquanto ela olhava de volta para ele.

— Sim — disse ela, com a voz baixa. — Eu sei disso. Sempre soube disso.

— Graças a Deus por isso — rosnou ele, e a puxou para seus braços.

Charity não podia discutir com ele. Apesar de ela saber que eles não tinham futuro, não tornava a verdade menos genuína. Ela era

dele, tinha sido dele desde o início, quando o tinha visto ensanguentado e inconsciente, o seu coração tinha sido ele. Ele parecia tão sozinho, ferido e abandonado à crueldade das charnecas. Ela nunca foi capaz de resistir à tentação de consertar algo quebrado. Kit sempre teve razão. Ela não conseguia evitar.

Desta vez, no entanto, ela tomaria algo para si mesma, mesmo que tivesse que se entregar para tê-lo. Uma memória que ela poderia guardar para aquecê-la quando as noites de inverno fossem mais frias, e a Fazenda Brasted parecia ser o lugar mais solitário do mundo. Ela se lembraria dele então, ela se lembraria disso, um momento radiante de felicidade em um mundo que não lhes permitiria mais do que isso.

Suas mãos se moveram sobre ela e seu coração acelerou, sua pele viva com sensação. Mãos tão grandes, tão quentes e ásperas também. Ela sorriu enquanto se lembrava de como elas tinham sido suaves no início.

— O quê? — perguntou ele, observando o sorriso dela e retribuindo.

Ela pegou sua mão e a levantou até a boca, beijando sua palma e os calos em seus dedos. — Você tinha mãos tão macias — disse ela, balançando a cabeça e suspirando, com um tom triste para sua voz.

Ele bufou, sabendo que ela o estava provocando. — Oh, eu vou te mostrar o que essas mãos podem fazer, minha adorável encrenqueira — disse ele, sorrindo maliciosamente de vez em quando e rindo alto enquanto a levantava com facilidade e ela dava um grito de surpresa.

Ela arquejou quando ele a derrubou na cama e, então, se aproximou furtivamente do colchão em direção a ela. Charity olhou, ainda incapaz de acreditar no que estava fazendo. Meu Deus, o que diria a Senhora Baxter se soubesse? Pensando nisso, a Senhora Baxter provavelmente iria encorajá-la, desde que tivesse um anel no dedo.

Ela afastou imediatamente esse pensamento. Não fazia sentido pensar no que estava por vir, no que nunca poderia ser. Ela não estragaria o momento preocupando-se com o que não poderia ter. Em vez disso, ela estendeu a mão para ele, sorrindo, enquanto ele suspirava sob seu toque. A pressão do seu corpo contra o dela era espantosa e a sua respiração falhou mesmo quando ela o recebeu, enroscando-se ao seu redor. Seu corpo era ao mesmo tempo muito maior e mais duro que o dela, mas também macio, sua pele acetinada sob as pontas dos dedos, e tão quente.

Charity perdeu-se em beijos que a atordoaram e fizeram seu sangue ferver. Kit certa vez trouxe-lhes uma garrafa de champanhe e lembrou-se do borbulhar e cócegas causada pela elegante bebida. Ela sentiu como se as bolhas existissem sob sua pele agora e, quando Dev

baixou a cabeça para o seu seio e o levou para a boca, eles ameaçaram transbordar. Ela se curvou sob ele, indefesa diante da surpresa e do prazer quando ele segurou seus seios em suas mãos e dedicou igual cuidado entre eles.

— Luke — disse ela, ofegante, quando ele levantou a cabeça com uma expressão de prazer em seus olhos.

— Ninguém nunca me chama assim — disse ele, com a voz cheia de admiração. — Mas eu gosto quando você me chama assim.

— Então você será Luke só para mim — disse ela, passando as mãos pelas suas costas, sentindo os músculos fortes se moverem, desejando que não fosse por tão pouco tempo.

— Sim — concordou ele, cobrindo os lábios dela com os seus enquanto o corpo se aproximava. — Ah, sim.

Sua mão deslizou entre eles e Charity prendeu a respiração, sabendo o que ele procurava. Ela fechou os olhos quando ele encontrou a fonte de seu prazer, deslizando os dedos pelos seus cachos, tocando-a onde apenas ela havia se tocado antes.

— Tão linda, meu amor — disse ele, a sinceridade em sua voz dilacerando seu coração. — Eu te desejo tanto.

— Sim — disse ela, a palavra impaciente agora, quando ele iniciava um incêndio que havia sido aceso semanas atrás, que havia queimado por ele e ansiava por ele e não permitia que ela se afastasse. Ele a acalmou com mãos e lábios enquanto ela se movia, inquieta debaixo dele, e então, de repente, ele estava lá, onde ela precisava dele.

Charity sentiu seu coração acelerar, ciente de que não havia como voltar atrás agora. Ela tinha tomado a sua decisão, selado o seu destino, embora, na verdade, tivesse tomado essa decisão há muito tempo. Ele avançou suavemente, penetrando-a enquanto ela prendia a respiração, sem saber se deveria respirar, ficar quieta ou encorajá-lo.

— Eu te amo — disse ele, desviando-lhe a atenção de suas preocupações ansiosas, trazendo seus olhos para os dele e para a honestidade que refletia deles, o amor e o desejo que faziam seu coração doer e seu corpo clamar por ele.

— Eu também — conseguiu dizer ela, enquanto ele relaxava dentro dela, fazendo com que ela recuperasse o fôlego enquanto segurava seus ombros. — Eu também te amo.

Parecia toda a segurança de que ele precisava, e ele avançou dentro dela, empurrando para frente em um movimento fluido que a fez gritar, mais pelo choque da invasão íntima do que por qualquer sensação de dor.

A partir desse momento, ela estava perdida, presa na maré de prazer para a qual ele a arrastava. Suas mãos a tocaram como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo para ele, seus lábios sobre sua pele como se ele precisasse dela para respirar, sobrecarregando seus sentidos e preenchendo seu pobre coração até que a enormidade do que ela tinha feito desabasse sobre ela.

Foi só quando ela gritou, agarrando-se a ele enquanto seu corpo a segurava perto e chamava seu nome, que ela percebeu que tinha provado como seria sua vida se tivesse nascido no mundo dele. Foi apenas quando as ondas de prazer se dissiparam e ela se agarrou a ele que percebeu que nunca deveria ter provado o presente que amá-lo lhe teria proporcionado.

Por enquanto, ela precisava se afastar, sabendo de tudo o que nunca poderia ter, e ela sabia que nunca mais seria completa novamente.

Sair do abraço dele foi a coisa mais difícil que Charity já fez.

Luke.

Ela descobriu que gostava de pensar nele assim, chamando pelo nome que ninguém nunca o chamara, apesar de ser estranho atribuir-lhe mais um nome. Ele se mexeu durante o sono e ela hesitou, inclinando-se para beijá-lo, sorrindo para a barba que pinicava sob seus lábios. Ela teria gostado de barbeá-lo novamente, mas não ousava ficar mais tempo.

Se ela ficasse, ele faria o pedido que ela havia visto em seus olhos, o que a forçaria a recusá-lo e a explicar suas razões. Ele era tão teimoso que ela sabia que ele argumentaria, continuaria insistindo até que a convencesse de que preto era branco, quando ela sabia muito bem que era tão escuro e implacável quanto breu. Ela não podia pedir-lhe que desistisse do seu mundo e vivesse no dela, e o mundo nunca permitiria que ela habitasse o seu, mesmo que ela ousasse fazer tentar. Eles acabariam no meio do caminho, nem uma coisa nem outra, pertencendo a lugar algum, bem-vindos por ninguém. Ela não podia fazer isso com ele.

Então, ela engoliu o choro que rasgava sua garganta, com medo de chorar caso ele a ouvisse, embora as lágrimas grossas e rápidas caíssem no silêncio do quarto enquanto ela se vestia. Cada farfalhar de roupa parecia rugir em seus ouvidos, cada som alto o suficiente para acordá-lo, mas ele dormia tranquilamente, com um sorriso contente em seus lábios. Seu coração doía com a visão, mas ela amarrou as fitas de seu bonnet mesmo assim, percebendo que suas mãos tremiam mais forte agora do que quando ela as desamarrou. Após se arrumar, não

havia mais motivos para ficar, e ela buscou dentro de sua retícula a carta que havia escrito na noite anterior.

Ela pensou em colocá-la em suas mãos se as coisas se tornassem muito acaloradas e suas explicações se embaralhassem devido à sua aflição. Ela a tinha escrito quando estava com a cabeça fria, o futuro claro para ela. Pelo menos deveria ilustrar todas as dificuldades que ele vinha obstinadamente ignorando.

Ela se perguntou se ele ficaria com raiva e esperava que ele ficasse. A raiva era muito mais fácil de suportar do que a mágoa; isso ela tinha aprendido às próprias custas.

Charity dirigiu-se à cama, encarando a figura adormecida com o coração tão repleto de arrependimento e saudade que a dor era como uma ferida de uma faca. O desejo de se curvar e roubar um último beijo era tentador, mas ela não ousou arriscar acordá-lo. Então, ela colocou a carta no travesseiro ao lado dele e se virou, saindo do quarto sorrrateiramente como uma ladra.

Dev se mexeu, encontrando um sorriso em seus lábios enquanto se lembrava. Charity. Charity estava ali.

Ele se virou, estendendo a mão para alcançá-la, só que encontrou a cama fria e vazia. Seu coração deu um salto, aterrorizado com a ideia de que tudo tivesse sido um sonho afinal, embora seu corpo se recusasse a acreditar nisso. Ela tinha estado ali – o seu cheiro permanecia na pele dele, o gosto dela nos lábios – e, então, ele viu a carta.

Não.

Não, por favor meu Deus...

Ele pegou a carta às pressas, rezando para que dissesse apenas que ela tinha ido ver Kit, para dizer-lhe para não se preocupar, que eles iriam se casar... mesmo sabendo em seu coração que não era nada disso. Ele rompeu o lacre do envelope, fazendo com que se despedaçasse em migalhas sobre a cama. Suas mãos trêmulas quase rasgaram o papel na pressa de ler as palavras dela, seu coração titubeando quando seus piores medos foram concretizados.

Ele amassou a carta com um grito de angústia, lançando-a furiosamente através do quarto. Quando é que ela tinha ido embora? Instantes atrás? Horas? Ele conseguiria alcançá-la?

Dev atirou para trás as cobertas, pretendendo gritar por seu valete, mas algo o deteve. Ele sentou-se à beira da cama, com o peito ardendo como se tivesse corrido quilômetros, com a dor debaixo das costelas tão forte que não conseguia respirar, e, no entanto, a verdade estava

clara para ele. Se ele fosse atrás dela, ela não o escutaria, sendo a criatura teimosa e cabeça dura que ela era.

Ele respirou fundo, permitindo que seus pulmões se desbloqueassem, empurrando o terror e tristeza para longe enquanto a determinação tomava o lugar deles. Ela o amava. Ele sabia a verdade disso agora, a verdade dela. Ela não podia retirar o que disse ou fingir que não tinha sido dito. Ele tinha visto nos olhos dela, conhecido com todas as fibras do seu ser. Ele não duvidava que ela estivesse chorando quando saiu, e seu coração doía por ela também, pois ela ainda não percebia o que ele estava preparado para fazer para tê-la em sua vida.

Charity acreditava que ele teria que desistir de tudo para estar com ela, fazer um sacrifício do qual se arrependeria pelo resto de seus dias. Tão envolvido estava na alegria de encontrá-la ali, em seu desejo por ela, que não se preocupou em explicar, não lhe mostrou a verdade de sua existência antes de encontrá-la. Vender Devlin Hall tinha sido como extirpar um câncer de sua vida. Tinha sido catártico, libertando-o de um mundo em que tinha nascido e, no entanto, desprezado. Mas se ele tentasse explicar isso *agora* ela pensaria que ele estava apenas contestando seu argumento com um dos seus.

Então, ele não discutiria com ela. Ele não diria nada. Ele agiria. Ele mostraria a ela que eles deveriam estar juntos, e nada na face da Terra os manteria separados. Não se ele pudesse evitar.

Dev podia ter vendido sua casa ancestral por muito menos do que seu valor, mas isso dificilmente o tornava pobre e ele ainda era um visconde. Charity estava prestes a descobrir o que significava ter poder e dinheiro, e a capacidade de mover céus e terra pela mulher que você amava.

Capítulo 21

“No qual há corações partidos, planos e novos começos.”



— Onde diabos você estava?

Como ela esperava, Kit estava ardendo de raiva quando ela voltou para a hospedaria. Sua fúria desapareceu em um instante, no entanto, quando ele viu que ela estava pálida e triste e à beira das lágrimas.

— Charity? Charity, o que aconteceu? Está ferida? — Ele a puxou para um abraço feroz, e qualquer controle restante sobre suas emoções desapareceu. Ela agarrou-se ao casaco dele e soluçou, sabendo que isso só o deixaria frenético, mas incapaz de se conter.

— Droga, Charity, diga-me, qual o problema? Aconteceu alguma coisa? — Havia terror em sua voz agora, um medo real em seus olhos e ela tentou olhar para ele, balançar a cabeça e tranquilizá-lo, mas eles eram gêmeos e ele sempre via mais do que ela queria mostrar a ele. — Você o viu e ele... ele...? Por Deus, vou matá-lo.

— Não! — gritou Charity e agarrou seu braço enquanto ele se afastava dela. — Não, Kit! Não! Ele não fez nada de errado, absolutamente nada. Pediu-me em casamento.

Kit girou, encarando-a, sua confusão clara — Ele pediu?

Charity assentiu, seus lágrimas escorrendo pelas bochechas. Ela não ia dizer a Kit que ele não tinha dito exatamente essas palavras. As palavras estavam em seus olhos, em tudo o que ele disse e fez. Se ela tivesse ficado até ele acordar, sabia que teriam sido as primeiras palavras a serem proferidas pelos seus lábios.

Ela se sentou e Kit se agachou diante dela, pegando suas mãos. — Eu não entendo. Você está apaixonada por ele, Charity. É tão óbvio que é doloroso. Se ele quer se casar com você, por quê...?

— Por que você acha? — indagou Charity, arrancando as mãos, incrédula de que seu irmão não pudesse ver os obstáculos diante deles; por outro lado, ele era o romântico. Para Kit, o amor era tudo. Os aspectos práticos de onde alguém iria comer e dormir não eram nada comparados com *viver* a emoção. Ele achava que a experiência deveria abranger você de coração e alma e que nada nem ninguém deveria impedi-la, não importa quem, o que ou onde. Ela era a prática. Ela era quem lia seus poemas e apontava que uma noite nas charnecas seria fria e úmida e nada romântica, não importava o quão lindamente ele escrevesse sobre dois amantes desafortunados passando a noite lá. Eles

provavelmente acabariam com os pés molhados e um resfriado desagradável em vez de uma noite de paixão.

Kit deu de ombros, claramente perplexo, e Charity deu uma risada exasperada, balançando a cabeça.

— Oh, Kit, ele é um visconde. Eles casam-se com filhas de nobres e passam metade do ano na cidade, indo a festas e ao teatro e quem sabe o que mais pessoas assim fazem. Olhe só para mim. — Ela acenou com um braço para abranger seu rosto bronzeado, suas roupas bem gastas e suas mãos já ásperas pelo trabalho, que ficariam vermelhas e rachadas no inverno. — Eu não fui feita para esse mundo, Kit. Não pertenço a ele e... e não quero pertencer. Consegue me imaginar passando metade da minha vida aqui?

Kit sentou-se, franzindo a testa para ela enquanto cruzava as pernas. — Você não duraria um mês — disse ele, as palavras cheias de compreensão. — Seria como enjaular um pássaro.

Charity sorriu e soltou um pequeno suspiro. — Bem, nada tão romântico assim, mas sim. Mas se essa fosse a única razão, então eu tentaria, Kit. Por ele, eu tentaria. — Ela estendeu a mão e ele a pegou, a pena em seus olhos fazendo seu coração doer. — Eles nunca me aceitariam. Sabe como as pessoas podem ser cruéis, Kit. Eles iriam ignorá-lo, ridicularizá-lo e, se isso acontecesse, ele se ressentiria comigo. Mesmo que não o fizesse, eu... saberia tudo o que ele teria perdido por minha causa e não suportaria.

Charity começou a chorar e Kit ficou de joelhos, abraçando-a.

— Sinto muito — sussurrou ele, segurando-a com força. — Droga, isso é tudo culpa minha. Vi como era entre vocês, vi como olhavam para ele desde o início. Devia tê-lo feito ir embora antes mesmo disso começar.

Havia angústia na sua voz e Charity olhou para ele, atônita.

— Como *você* pode, dentre todas as pessoas, dizer isso para mim? — indagou ela, empurrando seu ombro e olhando para ele. — Eu o amo, Kit. Eu o amo com todo o coração, tanto que a dor disso está me despedaçando, mas eu vou deixá-lo ir *porque* eu o amo. Vou deixá-lo ir, porque é melhor para ele se assim o fizer. Não é disso que tratam os seus poemas? — disse ela, tornando-se estridente agora que os olhos de Kit brilhavam de emoção. — Não é esse o grande amor pelo qual as pessoas morrem? A emoção avassaladora pela qual *você* tanto ansiava? Encontrei-a, Kit. *Eu!* Charity Kendall, que nunca pôs os pés além de Tillforth. — Charity soltou um suspiro, um sorriso trêmulo em seus lábios. — Você deveria comemorar por mim, sabe.

Kit riu, embora soubesse que seu coração estava sangrando por

ela. Ela podia ver a dor em seus olhos, e talvez um pouco de inveja por ter encontrado o que ele sempre procurou.

— Charity — disse ele, com a voz baixa —, ele sabia que você diria “não” antes de...?

— Antes de me levar para a cama? — perguntou ela, fazendo-o suspirar ao falar tão abertamente. — Não, eu não lhe dei uma resposta, eu apenas... — Ela evitou o olhar de Kit, sabendo que ele sabia quando ela estava mentindo. — hesitei, e então eu saí enquanto ele ainda estava dormindo.

Kit praguejou e esfregou a mão no rosto. Ela sabia que o desejo dele de quebrar o nariz de seu amante conflitava com suas próprias crenças sobre o amor e a vida. Era claramente mais difícil garantir a aplicação dessas regras quando se aplicavam à irmã.

— Diga-me que ele foi gentil, pelo menos — disse ele, com a voz rosnada enquanto olhava para ela.

Charity abriu a boca e sentiu o rubor aquecendo as bochechas.

Oh.

Ela estava tão envolvida no momento que nem tinha considerado... Isso que dava ser a prática.

— Oh, pelo amor de Deus! — exclamou Kit, levantando as mãos agora. — *Charity* !

Charity abriu e fechou a boca, chocada demais para responder.

— Eu vou matá-lo — disse Kit, levantando-se, sua boca se fechando em uma linha dura que não combinava em nada com seu belo rosto.

— Não, você não vai — disse Charity, de pé e segurando sua mão. — Ele não sabia que eu recusaria me casar com ele ou que fugiria dele. Isso foi obra minha, Kit. Minha escolha, não dele. Eu queria estar com ele, apenas uma vez antes... antes.... — Sua voz tremeu e o rosto de Kit suavizou, o entendimento em seus olhos.

— Oh, Charity. — Ele a puxou em seus braços e acariciou seus cabelos. — Meu coração está partido por você, na verdade, mas se e se você estiver grávida? Isso mudaria tudo. Teria que mudar.

Charity deu de ombros, sabendo que se estivesse carregando seu bebê, Luke moveria céus e a terras. Ele não pararia por nada antes até que ela concordasse em se casar com ele. No entanto, ela poderia criar um filho sozinha, se isso acontecesse. Ela guardou esses pensamentos para si mesma, sabendo que Kit não seria tão compreensivo se um bebê estivesse envolvido.

— Bem, eu vou lidar com esse problema quando ele aparecer —

disse ela, dando-lhe um sorriso torto antes de deixar de lado o que restava de seu controle e chorar copiosamente.

Seria a única vez que ela demonstraria tal fraqueza, prometeu a si mesma. De agora em diante, ela seria forte, determinada. Ela precisaria ser, pois sabia que ele estaria batendo à sua porta em breve, exigindo que eles se casassem. Esse era apenas o começo de sua luta, e ela tinha que ser forte o suficiente para vencer, para o bem de ambos.

Kit a acompanhou até Brasted Farm e certificou-se de que ela estivesse calma antes de retornar a Londres uma semana depois. Charity estava preocupada com ele, com o cansaço da viagem em sua saúde e com o fato de que ele ficaria sozinho em Londres, sem ninguém para garantir que ele estivesse cuidando de si mesmo. Sua editora havia solicitado que ele comparecesse a uma reunião, e Kit estava cheio de entusiasmo, mas com medo de deixá-la sozinha. Era sua grande chance de fazer verdadeiro sucesso, tornar-se um poeta famoso, e Charity sabia que ele não poderia desperdiçá-la, não importava o que custasse.

— Vá! — disse ela, exasperada, enquanto Kit hesitava na porta.

— Mas... — começou ele, ciente de que ela havia chorado até dormir todas as noites desde que deixaram Londres. — Eu posso ficar. Você pode precisar de mim caso...

— Kit! — disse ela, com um tom de advertência em sua voz agora. — Este é o seu grande momento, e devo lembrá-lo de que precisamos do dinheiro que você traz. Não se atreva a arruinar isso agora. — Ela se aproximou e beijou sua bochecha. — Saia. Estarei aqui quando você retornar e não estarei pior por sua ausência, eu lhe prometo. Vá ser famoso, Kit, eu sei que vai, e vou estar muito orgulhosa de você. Então, vá agora, e certifique-se de se cuidar. Nada de andar na chuva ou dormir em lençóis úmidos. Certifique-se de que sua cama esteja arejada e mantenha o peito aquecido.

Kit gemeu e revirou os olhos como ela sabia que ele faria.

— Tudo bem — resmungou ele, antes de ficar com o dedo em riste, estreitando os olhos. — Mas pare de chorar agora, está me ouvindo?

Charity assentiu, sua expressão solene, embora fosse uma promessa que ela dificilmente cumpriria. — Eu vou.

Ela o viu ir embora, sentada no muro baixo de pedra ao redor da fazenda, enquanto sua figura ficava cada vez menor e finalmente desaparecia. A chuva tinha parado, pelo menos, e estava mais quente, embora úmido. As nuvens pairavam baixas no céu, prometendo que o

sol não voltaria a ser visto por algum tempo, e que mais chuva viria em breve. Ela rezou para que Kit fizesse o trajeto sem se molhar. A umidade era terrível para seu peito, e ela sabia muito bem que ele não daria ouvidos às suas palavras e não cuidaria de si mesmo.

Pelo menos o clima estava favorável para o cultivo, ela se tranquilizou. Por sua vez, ficou aliviada pelo fato de o sol ter deixado de brilhar. Seria muito fácil lembrar-se de Luke ali, trabalhando ao sol, parando o que estava fazendo para sorrir para ela, ou dar-lhe uma piscadela atrevida.

Para ser honesta, surpreendia-a o fato de ele ainda não ter aparecido. Não. Não a surpreendia, a chocava. Ela achou que ele viria logo após ela tê-lo deixado daquela maneira. Até agora, porém, não houve nenhum sinal dele. Nem sequer uma carta.

Talvez ele estivesse zangado com ela. Talvez ele estivesse tão zangado que não quisesse mais se casar com ela. Talvez, uma voz rancorosa murmurou, talvez ele não quisesse se casar com ela e não estivesse mais interessado agora que teve o que queria.

Não.

Ela não acreditava nisso. Era fácil acreditar que ele estava bravo, tão bravo que não queria vê-la novamente. Isso porque se não fosse por isso, por que ele não estava ali? Por que ele não tinha vindo exigir saber por que ela tinha ido embora?

Por que ele não estava lutando?

Charity franziu a testa, sem compreender. Não que isso importasse. Se ele não viesse, facilitaria a vida dela. Se ele não viesse, ela não teria que convencê-lo de todas as razões pelas quais eles não poderiam se casar. Ela poderia evitar a cena homérica que tanto temia. Isso deveria tranquilizá-la... só que, pelo contrário.

Dev sorriu para a criada e recusou uma segunda porção de guisado. Seu apetite o havia abandonado no momento em que havia acordado em uma cama vazia. A primeira porção que ele engoliu à força já estava pesando em seu estômago como chumbo. Ele olhou pela janela, com uma caneca de cerveja na mão. Charity estava a uma hora de viagem nessa direção. Se ele se apressasse, poderia estar lá antes de escurecer.

Com um longo suspiro, ele levantou a caneca e a esvaziou. Não fazia sentido vê-la por enquanto. Ele sabia disso, mas não conseguiu evitar o anseio, que o deixava com um aperto no peito.

Amanhã ele teria reuniões o dia todo novamente, e, pelo menos, isso manteria sua mente ocupada. Seus planos estavam se tornando

realidade, ainda que gradualmente. *De grão a grão enche a galinha o papo*, lembrou-se de si mesmo, e, então, sorriu ao imaginar a indignação de Charity por ser comparada a tal criatura. Raios, como ele sentia falta dela.

Em breve, prometeu a si mesmo, em breve ela veria que não havia como rejeitá-lo. Ela poderia teimar e listar quantas razões quisesse para que eles não se casassem, mas o raciocínio dele venceria. Ele a amava, ela o amava. Ele não dava a mínima se o mundo fosse para o inferno em um carrinho de mão. No entanto, se *ela* se importava com o que o mundo pensava, como parecia ser esse o caso a partir de sua carta, então ele construiria o mundo novamente com as próprias mãos, e se ela não acreditasse nele... ela poderia sentar para ver.

Luke. Seu nome verdadeiro em seus lábios era algo que o assombrava em momentos estranhos do dia e da noite. Ele tinha parado nas charnecas hoje, convencido de que o tinha ouvido ao vento, mas não havia nada nem ninguém ao seu redor. Ele sempre odiou ser chamado de Devlin; era o nome de seu pai. Então, seus amigos, do jeito que eram, o chamavam de Dev. Seu pai odiava esse nome, e isso tinha sido motivo suficiente para ele.

Durante seu tempo na fazenda, ele não sentia falta nenhuma dos amigos com quem passava seu tempo livre. Quando regressou a Londres, compreendeu um triste fato: nenhum deles tinha dado falta dele durante seu desaparecimento. Eles não se perguntaram onde ele estava, ou mostraram qualquer preocupação. Oh, os convites tinham recomeçado quando souberam que ele estava de volta à cidade, mas nenhum deles o tinha chamado para perguntar sobre sua ausência ou se estava bem.

Tinha sido culpa sua, ele raciocinou, uma vez que refletiu sobre o assunto. Ele não permitia que ninguém se aproximasse o suficiente para ser um amigo de verdade, e não compartilhava nada sobre si mesmo. Só quando fingiu ser alguém que não era. Que irônico que tenha sido preciso mentir sobre a sua identidade para descobrir quem ele realmente era. Ainda assim, não importava como isso aconteceu, *tinha* acontecido, e ele não iria ignorar a verdade do que tinha descoberto. Ele não voltaria a ser aquele homem, a viver aquela vida.

Não conseguia.

Com isso decidido em sua mente, ele se levantou e subiu as escadas para o quarto que havia reservado durante a estadia. O proprietário estava fora de si por conseguir uma reserva tão longa, especialmente vinda dele. O campo estava agitado com a notícia de que ele havia vendido Devlin Hall, e ele sabia que muitas pessoas achavam que ele estava falido. Ele pagou antecipadamente ao

proprietário para evitar que o homem se preocupasse com isso. A ideia divertia-o. Talvez, se Charity acreditasse que ele estivesse sem um tostão, ela se casaria com ele imediatamente? Ele contemplou a ideia, mas se recusou a começar sua vida de casado com uma mentira, e, além disso, o pensamento de ela se casar com ele por pena o irritava. Não. Ela se casaria com ele porque o amava e porque sabia que eles seriam felizes juntos. Ele a faria ver isso nem que fosse a última coisa que ele fizesse na vida.

Na manhã seguinte, Dev examinou os planos que seu topógrafo lhe trouxe.

— Tem certeza? — perguntou ele, com o entusiasmo fazendo seu coração disparar em seu peito.

— Todos os resultados das minhas investigações foram conclusivos, milorde. Este é o lugar.

Dev sorriu para ele e deu um tapa nas costas do homem. — Então, por que você ainda está aqui? — exigiu saber ele, embora estivesse rindo. — Comece! Comece de uma vez logo, quanto mais cedo, melhor.

O topógrafo, o Senhor Appledore, que era um homem de meia-idade com uma barriga grande e um brilho nos olhos, tinha ganhado a aprovação de Dev por ser o único homem que não o tinha bajulado. Ele havia dito a Dev o que era o que sem um vislumbre de desculpas, sem se deixar impressionar com o título de Dev ou seu saldo bancário.

As suas finanças tinham sido, de fato, algo que o Senhor Appledore tinha forçado Dev a provar, para seu desgosto, mas as histórias da sua falência e dos seus modos perdulários eram numerosas. Appledore era um homem local que sabia das fofocas, mas também conhecia a terra e sabia o que Dev estava procurando, e parecia que ele a havia encontrado.

Era perto de Plymouth, mas ainda à beira das amadas charnecas de Charity.

— Se não fizer diferença para você, milorde, eu gostaria que assinasse sua aprovação por escrito antes de eu entregar as terras e iniciar os procedimentos.

— Sim, sim — disse Dev, balançando a cabeça e assinando os papéis oferecidos. — Aí está, agora podemos começar logo com isso, maldição?

O Senhor Appledore suspirou e lançou a Dev um olhar reprovador. — Sim, milorde, agora vamos nos apressar. Posso perguntar quando é que o feliz acontecimento deve acontecer?

Dev levantou as sobrancelhas em questionamento.

— Eu sei que — respondeu Appledore, com o tom seco — quando há tanta pressão para começar as obras, há uma esposa impaciente ou um noivo frustrado na equação, e visto que você não é casado...

Rindo, Dev devolveu ao homem os documentos assinados. — Muito bem, Senhor Appledore. Não sou casado *ainda*.

Capítulo 22

“No qual Kit faz uma descoberta.”



Charity sentou-se encostada no muro e observou o horizonte. O outono estava no ar; ela podia sentir o seu cheiro. Ainda estava fraco, mas o ar estava mais frio, mais nítido, embora o sol ainda a aquecesse. O perfume de setembro atravessava as charnecas, remetendo a algo maduro e fértil, enquanto a terra dava o último de seus frutos antes que o inverno a deixasse estéril mais uma vez.

Ela passou a manhã colhendo amoras com John e Jane, tentando permitir que suas conversas animadas alegrassem seu coração, assim como suas constantes exigências de saber quando veriam David novamente despedaçava-o em pedaços menores. Charity suspirou e esfregou as mãos doloridas em seu vestido. Seus dedos estavam manchados de vermelho e ardiam onde os espinhos haviam espetado. Arranhões cobriam seus braços e ela tinha rasgado seu vestido em um espinho especialmente cruel, outro trabalho que teria naquela noite. Por que as frutas mais doces e tentadoras estavam sempre fora de alcance? Ela sempre tentava alcançá-las, algum teimoso senso de determinação recusando-se a ser frustrado, não importava o quanto os espinhos se cravassem em sua carne.

Ela suspirou, desejando que o rasgo em seu coração pudesse ser reparado tão facilmente quanto o de seu vestido. Só que estava mais despedaçado do que rasgado.

Não houve nenhuma carta. Nenhuma visita dramática implorando-lhe para mudar de ideia.

Nada.

Os dias se transformaram em semanas e forçaram Charity a aceitar que suas ações haviam ferido Luke tão profundamente que ele não podia perdoá-la, ou que ela estava errada sobre ele.

Ela não estava errada sobre ele. A verdade de seus sentimentos, o conhecimento de que ele a amava – ou a *tinha* amado – era algo que ela não permitiria que se duvidasse, o que significava que ele estava muito zangado e magoado para perdoá-la. O pensamento a fez murchar por dentro. Isso a fazia querer se enrolar em uma bola e se esconder, chafurdando em sua tristeza. Chafurdar não fazia parte de sua natureza. Havia animais para alimentar, a horta para cuidar, John precisava de sapatos novos... ela teria que ir até Tillforth no fim de semana, e a pequena Jane estava crescendo como uma erva daninha

também. Assim, não havia tempo para chafurdar, nem para lamentar, nem para duvidar sobre o que poderia ter acontecido.

No entanto, quando ela estava deitada na cama à noite e o mundo estava escuro e quieto, ela se lembrava do que tinha sido deitar em seus braços, como tinha sido ser amada por ele... e sua alma chorava por tudo o que ela havia desistido.

Pelo menos, Kit estaria de volta hoje. Sua última carta estava cheia de seu triunfo e entusiasmo, e ela ansiava por vê-lo. Ao menos, ela podia compartilhar as suas maravilhosas notícias e esperar que o seu bom humor a contagiasse e a forcesse a sair da escuridão que a envolvia, exaurindo a sua energia.

Uma figura apareceu no horizonte e Charity saltou do muro, levantando-se e acenando. A figura acenou de volta, e ela sorriu, correndo ao longo do caminho para encontrar seu irmão.

— Onde você esteve? — gritou ela, quando ele chegou perto o suficiente para ouvi-la. — Eu estou esperando você há horas. Batty vai te dar uma bronca.

— Que novidade — disse ele, sorrindo para ela e descendo do cavalo para lhe dar um abraço.

— Deixe-me olhar para você. — Charity o segurou pelos braços e o examinou. — Você parece bem — disse ela, com o tom cauteloso enquanto ele ria dela.

— Mas eu estou! — disse ele, revirando os olhos para ela. — Tão saudável quanto um cavalo, então pare de se preocupar comigo.

Ela sorriu, aliviada ao soltá-lo.

— Eu tenho novidades — disse ele, com os olhos brilhantes enquanto Charity ria dele.

— Bem, eu sei disso — disse ela, entrelaçando o braço no dele enquanto caminhavam pelo caminho de volta para a fazenda. — É por isso que estamos tão impacientes para vê-lo. Há carne de porco assada para o jantar e Batty fez um pudim de verão para você. Veja como o filho pródigo é recebido de volta ao lar — brincou.

Kit parou, voltando-se para ela. — Não estou falando disso — disse ele, balançando a cabeça. — Quero dizer, novidades que você não sabe. — Havia algo em sua expressão, ele estava louco para dizer a ela, mas não tinha certeza de como ela iria reagir. Ele parecia ansioso.

— É mesmo? — Charity ficou imóvel. Havia uma estranha sensação de formigamento percorrendo sua espinha que ela não conseguia explicar.

— Parei em Tillforth para comer algo no *Cabeça do Pangaré* — disse ele, com o tom indiferente.

Charity bufou, aliviada que era apenas fofoca local, afinal. — Uma cerveja, ou duas ou três, e uma boa dose de conversa fiada com os amigos, é isso que você quer dizer — disse ela, emitindo um som de desaprovação e fingindo estar chateada.

— Bem, é claro — disse ele, descartando o óbvio. — Mas o vilarejo está cheio de fofocas.

— Oh, vá em frente e me diga logo, Kit — disse ela, rindo dele agora. — Não suporto esse suspense!

— Ele está aqui. — Kit encarou-a, observando sua reação.

Charity enrijeceu, sabendo instantaneamente quem *ele* era. Ela olhou para as charnecas por um momento, dizendo ao seu coração para parar de ser tão tolo e se acalmar.

— Bem, e daí? — disse ela, afastando-se dele e encolhendo os ombros da maneira mais casual possível. — É um país livre. Afinal, ele nasceu aqui.

— *Você está aqui*, Charity — disse Kit, com a expressão impaciente agora. — E eu não acho nem por um minuto sequer que ele se esqueceu de você, ou que ele está com raiva, ou desistiu. Bem — acrescentou ele, com o tom pensativo. — Ele pode estar com raiva. Eu ficaria absolutamente furioso se minha amada tivesse me enganado desse jeito — acrescentou ele, com rispidez.

Charity lançou-lhe um olhar impaciente, lamentando agora que havia confiado seus medos em suas cartas para ele. Só que não havia mais ninguém com quem conversar. Ela se recusava a discutir o assunto com a Senhora Baxter, simplesmente dizendo que agradecia a Lorde Devlin e que eles se separaram como amigos. Batty tinha lhe lançado um olhar que dizia que ela não acreditava numa palavra sequer, mas pelo menos ficou quieta.

— Só porque ele está de volta aqui... não significa nada, Kit. — Ela balançou a cabeça, capaz de pensar em muitas razões pelas quais ele poderia ter retornado, nenhuma das quais tinha a ver com ela, embora seu coração estivesse martelando em seu peito mesmo assim. — Se ele está aqui por mim, por que não veio me ver? Por que não entrou em contato?

Kit bufou e levantou as mãos. — Porque você não vai ouvi-lo — disse ele, frustrado. — Você é uma cabeça dura, teimosa, obstinada.

— Nossa, obrigado, Kit — respondeu ela, as palavras ácidas, franzindo os lábios para ele. — Qualquer um desses insultos poderia descrevê-lo perfeitamente e você sabe disso.

— De nada — disse ele, encolhendo os ombros, antes de se virar e piscar para ela. — Você é minha irmã gêmea.

Ele estendeu a mão e puxou o cabelo dela e ela não conseguiu evitar sorrir para ele.

— Sério, Kit. Por favor, não tire conclusões precipitadas — disse ela, com a voz baixa e um apelo nas palavras, a qual ela esperava que ele atendesse. — Tenho certeza de que não tem nada a ver comigo. Essa parte da minha vida acabou. — Ela alisou a mão sobre a barriga lisa. Seu ciclo menstrual tinha recomeçado, para grande alívio dela. Ela não conseguia entender por que aquele alívio a fez chorar como se seu coração estivesse se partindo novamente. — Eu tenho que continuar com as coisas aqui, agora sabemos que vamos ficar. Não é como se não houvesse muito para me manter ocupado, não é? Eu estava pensando no telhado do celeiro menor — disse ela, determinada a levar a conversa para um terreno mais seguro. — Já está na hora...

— Ele está construindo uma casa.

Charity parou de repente, encarando seu irmão.

— Oh. — sussurrou ela. Não era da sua conta. Aquilo não era da sua conta. — Bem, bom para ele.

— É entre aqui e Plymouth.

De repente, seu coração saltou pela boca.

— O quê? — exigiu saber ela, sua voz ao mesmo tempo estridente e alarmada.

Kit assentiu, seus olhos brilhando. — A menos de uma hora daqui, eu acho. Boas terras cultiváveis que ele comprou, dizem. Ouvi dizer que ele estava com um topógrafo trabalhando sem parar. Ele instruiu o homem a encontrar boas terras cultiváveis e um local adequado para uma grande casa, mas tinha que ser dentro de uma hora de viagem de um determinado local.

Ela não conseguia respirar. Seu peito estava apertado e ela parecia não conseguir mais respirar.

— Quer saber onde fica? — indagou Kit, erguendo as sobrancelhas para ela.

Charity balançou a cabeça. Não. Ele não podia. Ele não podia fazer isso. Ela não conseguiria vê-lo todos os dias, não conseguiria encará-lo todos os dias e continuar a dizer-lhe não. Maldito homem. Ele sabia que ela estava apaixonada por ele, mas por que tinha que fazer um gesto tão grandioso? Ele iria odiá-la por isso sendo que ela nunca havia pedido isso a ele. Ela sabia que iria.

— Teremos que vender a fazenda — disse ela, com pânico percorrendo seu sangue, enquanto ofegava por ar.

— Como é que é? — disse Kit, com suas sobranceiras atingindo a altura do couro cabeludo. — Não seja ridícula! Você ama esse lugar, seu coração e alma estão aqui, assim como os meus. Para onde iríamos? Além disso, é ridículo, Charity. Você lutou para estar aqui, e agora ele está lutando por você.

Charity parou, balançando a cabeça. Ela estava tremendo e não sabia porquê. Esse tremor de raiva por ele estar virando sua vida de cabeça para baixo novamente era medo porque ela acreditava que *ele* estava bravo e a punindo, ou era excitação e esperança porque... porque ele não estava desistindo?

Ele não desistiria dela.

Ela respirou fundo e depois levantou as saias. — Ajude-me a subir, Kit — disse ela, levantando o pé até o estribo.

— O quê? — disse ele, com os olhos arregalados quando percebeu a intenção dela. — Não! Meu Deus, Charity. Eu te levo lá amanhã, bem cedinho.

— Não. — respondeu Charity, balançando a cabeça, tonta de ansiedade. — Eu vou ficar louca se tiver que esperar tanto tempo. Tenho de o ver. Agora. Preciso saber o que ele está fazendo, quais são os seus planos. Tenho de o fazer.

— Mas é a sela de um homem. Você terá que cavalgar com uma perna de cada lado — disse Kit, escandalizado, apesar de muitas vezes se declarar o mais aberto dos homens.

— Que assim seja. — Charity fulminou-o com o olhar. — Ajude-me a subir, droga.

Kit assim o fez, sabendo muito bem que Charity neste estado de espírito não poderia ser convencida do contrário.

— Mas você nem sabe se ele estará lá. O lugar estará cheio de trabalhadores. Não é lugar para uma dama, Charity.

— Eu não sou uma dama, Kit — respondeu Charity, balançando a cabeça. — É exatamente esse o ponto.

— Droga, Charity, eu vou para a fazenda pegar Golias e vou logo atrás de você, ouviu?

— Se é isso que você quer — disse ela, recolhendo as rédeas. — Agora, onde posso encontrar o local da construção?

— Sabe a velha cabana de pastor onde costumávamos fazer piquenique quando crianças?

Charity assentiu, lembrando-se bem do local.

— Cerca de cinco quilômetros mais adiante, como se você estivesse indo em direção a Plymouth. Siga a estrada e, se você se perder, volte para a cabana. Eu vou te encontrar.

Ela não esperou para ouvir mais instruções, com seu coração e emoções agitados demais para aguentar mais um momento parada. O cavalo de Kit pareceu perceber sua urgência e permitiu que ela cavalgasse rapidamente. Pelo menos, Kit não tinha vindo de muito longe hoje, e o cavalo estava bem-disposto e ansioso para esticar as pernas.

A cabana do pastor apareceu cerca de quarenta minutos depois e Charity parou para pensar no que deveria fazer a seguir. O que ela estava fazendo? Se ele estava ali por ela, por que não veio até ela? Por que não disse nada?

Porque você é cabeça dura, teimosa e obstinada.

Ela deu uma pequena risada, ouvindo a verdade nas palavras de Kit e dividida entre terror e esperança. No entanto, ela não sabia o que diria a ele, ou o que estava esperando, quando sabia que não *havia* esperança, mas ela devia vê-lo. Ela não suportava mais um dia sem saber. Então, reunindo sua coragem, ela encorajou o cavalo a prosseguir.

Capítulo 23

“No qual são feitas confissões... e uma proposta.”



Dev olhou para as centenas de homens trabalhando em suas terras. Os carrinhos se moviam de um lado para o outro, os cavalos agora cansados após um dia de transporte de toneladas de terra. Os trabalhadores suavam, o sol não queimasse mais, com uma brisa fresca mexendo a grama a seus pés.

Estava acontecendo. Com sua visão para o futuro começando a se concretizar, os alicerces estavam sendo estabelecidos não apenas para uma nova casa, mas para um novo começo. Ele apenas esperava que não se tornasse um monumento à sua tolice, com as esperanças e sonhos construídos sobre areia quando pensava que havia rocha sob seus pés. Dev soltou um fôlego, desejando saber que Charity acreditaria nele, que se arriscaria por ele e – como se ele a tivesse conjurado com o pensamento – notou uma figura cavalgando em sua direção.

Ele sabia quem era mesmo antes de ela estar perto o suficiente para ter certeza se era um homem ou uma mulher. Ela estava cavalgando com uma perna de cada lado, galopando pela extensão de terreno plano que o topógrafo havia escolhido para o local da construção. Seus cabelos voavam atrás dela, seu corpo em perfeita harmonia com o enorme cavalo irrompendo em sua direção. Ele devia saber que ela cavalgava assim, sem medo, com controle absoluto.

Dev observou enquanto ela diminuía a velocidade do cavalo de volta para um galope e depois parou bem na frente dele. Tanto o cavalo quanto a amazona respiravam com dificuldade, o cavalo resfolegando, as narinas se dilatando, ainda com excitação brilhando em seus olhos escuros. O peito de Charity subia e descia enquanto ela o encarava, suas bochechas coradas pelo esforço, alegria e algo em seus olhos que ele não conseguia ler.

Ele a encarou, e todas as palavras que esperava dizer quando ela finalmente viesse se enrolaram e ficaram presas, engasgadas em sua garganta.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, sem tirar os olhos do dele.

— Construindo uma casa para nós dois — disse ele, sem saber como dizer de forma menos direta.

Charity respirou fundo e olhou para o trabalho já realizado.

Carrinhos com pedras estavam sendo arrastados agora, as fundações começariam a ser construídas pela manhã.

— Mas... eu te abandonei — disse ela, e ele viu as lágrimas brilhando apesar da maneira como ela mantinha o maxilar tenso, tentando manter sua compostura. Ele também ouviu a angústia em sua voz. — Não é possível — disse ela, o tremor por trás das palavras audíveis agora. — Eu expliquei isso, você deve entender...

— Charity — disse ele, e sua voz estava mais dura agora. Ele não a deixaria descartá-lo novamente. — Você já falou. Faria a gentileza de me deixar falar agora?

Ela se irritou um pouco com o tom autoritário de sua voz, mas deu um aceno forte enquanto ele estendia a mão para ela. Ele a ajudou a desmontar, com um desejo avassalador atingindo-o forte e rapidamente, e as mãos repousando em sua cintura, com memórias da última vez que a tinha tocado sendo facilmente lembradas. O rubor que tingia as bochechas dizia-lhe que ela também se lembrava e ele sorriu, pegando-lhe a mão.

Uma vez que ele entregou seu cavalo aos cuidados de um de seus homens, ele a guiou para um afloramento rochoso onde eles podiam sentar e falar sem serem incomodados. Sentaram-se lado a lado, em silêncio, enquanto o coração de Dev saía pela boca. Ela não facilitaria a situação para ele, ele sabia disso, então ele seria direto. Ele iria fazê-la ver como tudo o que ela tinha dito e assumido estava errado.

— Você me machucou, indo embora daquele jeito. — As suas palavras eram cruas, expondo seu coração a ela e não tentou suavizá-las. Eram demasiado verdadeiras.

Ela lançou um olhar para ele, sua expressão horrorizada antes de se afastar novamente, escondendo seu rosto dele.

— Não mais do que eu me machuquei — disse ela, e ele sabia que isso também era verdade. — Mas não havia mais nada a ser feito, nada mais a se dizer. Ele sabia que ela pretendia que essas palavras soassem duras, fatalistas, mas ele não se deixaria enganar. Ela ansiava por uma maneira de seguir em frente tanto quanto ele.

— Oh, tenho muito mais a dizer, meu amor. — Ele estendeu o braço e colocou a mão na bochecha dela, virando-a para ele. Como ele suspeitava, suas lágrimas já haviam começado a rolar. Ele suspirou, esperando que ela ouvisse o que ele deveria ter dito quando ela veio a Londres, se ele não estivesse tão cego pelo desejo. — Você fez muitas suposições sobre a minha vida, do que eu seria forçado a desistir se me casasse com você. Então, agora eu gostaria de lhe dizer a verdade, e, então, você pode me dizer se ainda acredita que estou prestes a fazer algum sacrifício heroico no altar do nosso amor. Ele arqueou

uma sobranceira para ela e ela franziu a testa, mas assentiu, enxugando os olhos na manga. — Meu pai era um grande homem, mas eu acho que você já sabe disso — disse ele, observando-a assentir antes de continuar. — Ele fez muito bem ao país, lutando pelo bem-estar dos menos afortunados do que nós. Ele não apoiava tanto a sua própria família. Penso agora que todo o bem que ele fez foi incidental, se você quer a verdade nua e crua, e sim, eu estou ciente de como isso soa amargo e egoísta. No entanto, eu sei que é verdade, ele fez isso para ser bajulado, porque gostava de ouvir como ele era um homem bom e gentil e de grande coração, quando na verdade não tinha coração algum. — Dev esfregou o rosto com a mão. Ele nunca tinha falado de tais coisas, para ninguém, e era difícil manter sua raiva sob controle. — Minha mãe era a beldade da sociedade. Ela vivia para ser vista, para ir a festas e ser admirada. Com base em tudo que agora sei dela, ela era vivaz, divertida e cheia de vida. Meu pai casou-se com ela e enterrou-a aqui onde Judas perdeu as botas. Ela odiava isto aqui, mas ele tinha ciúmes de todos e, por isso, manteve-a isolada e ela não via ninguém. Eu acho que ela se rebelou contra ele e seu comportamento tornou-se errático e então... — Dev engoliu em seco, a bile e a amargura de sua emoção inundando-o. — Não posso provar isso, mas suspeito que meu pai lhe dava láudano, na esperança de controlá-la. No entanto, começou a... ela tornou-se viciada. Minha única e verdadeira lembrança dela é de seus gritos porque seu quarto estava cheio de aranhas. Acho que eu já tinha quatro anos. Ela morreu no ano seguinte.

— Oh, Luke. — Charity o observava, com os olhos cheios de compaixão enquanto entrelaçava os dedos nos dele. — Sinto muito.

Ele sorriu para ela. — Eu me sinto uma nova pessoa quando você me chama assim — disse ele, apertando a mão dela. — Como se eu pudesse começar de novo e ser alguém que vale a pena amar, por quem vale a pena lutar. Ela mordeu o lábio e ele desviou o olhar, com o desejo de beijá-la tão forte que ele teve que lutar para continuar falando, mas ela tinha que ouvir isso. Tudo isso. Ele não permitiria que ela o distraísse novamente. — Meu pai não sabia o que fazer comigo. Estava demasiado ocupado, era uma pessoa demasiada importante para ter tempo para o filho. Ele não acreditava em mimar as crianças, o que quer dizer que queria um controle absoluto sobre mim. Eu não deveria ser abraçado ou receber carinho, pois isso me tornaria fraco. Eu deveria apanhar se fosse desobediente ou desobedecesse a uma ordem. — Dev manteve seu olhar no chão, tentando falar a ela sem deixar a verdade de suas palavras penetrar em sua pele, para não sobrecarregar suas emoções. Ele já havia perdido tempo demais desperdiçando sua vida com raiva e arrependimento; ele resolveria isso e seguiria em frente, e então ela

veria que estava salvando-o, não arruinando-o. — Meu comportamento piorou, então ele me mandou para a escola. Eu tinha cinco anos. Na escola eu fui intimidado até que aprendi a revidar, e eu *acabei* revidando. Fui ameaçado de expulsão pelo menos uma vez por semestre, mas o meu pai simplesmente lhes pagava mais para me manter lá. Eu recebia um sermão dele sobre como eu lhe dava desgosto, que decepção eu era para ele, como eu nunca valeria nada. Logo percebi que não importava o que eu fizesse, nada mudaria. — Ele engoliu em seco, sabendo que esse tinha sido o momento crucial da sua vida, a única forma de recuperar algum controle. — Então, eu me tornei o garoto que os outros tinham medo e aprendi a usar esse medo. Se eu dava desgosto ao meu pai, decidi que *essa* seria a única maneira de atingi-lo, de o magoar. Era o único poder que eu tinha e usei-o. — Dev limpou a garganta, ciente de que suas esperanças de manter sua narração sem emoção estavam falhando miseravelmente. — Tornei-me um homem digno do seu desgosto. Eu era cruel e egoísta e satisfazia todos os meus instintos mais básicos. — Ele olhou para cima, perguntando-se o que Charity estava pensando sobre a sua confissão. Será que ela o desprezava por ser fraco? No entanto, só havia compaixão nos olhos dela, tanto carinho, tanto amor e compreensão que um nó se formou em sua garganta. Ele forçou-se a engoli-lo, precisando terminar isso, para garantir que ela compreendesse. — Eu não percebi o quanto eu me desprezava, no entanto. Eu nunca parei para me perguntar o que minha vida poderia ter sido se eu não tivesse sido tão determinado a machucá-lo, a destruir tudo o que o *bom* nome representava. — Ele estendeu a mão então, tocando no rosto dela. — Eu não percebi até te conhecer. Fingindo ser outra pessoa, isso... isso libertou-me. Isso me fez ver que eu poderia mudar, que eu poderia ser diferente... *melhor*. Se eu tivesse alguém que me desse a oportunidade de ser esse homem.

Charity abriu a boca para falar, mas ele pressionou um dedo nos lábios dela.

— Vender Devlin Hall foi o primeiro passo e foi como extirpar um câncer da minha alma. Nunca me arrependerei, Charity, nem por um momento sequer. — As palavras eram duras e cheias de certeza e ele encarou o olhar dela agora, querendo que ela reconhecesse a verdade do que lhe tinha dito. — Você acha que eu estaria desistindo da minha vida, que estaria perdendo amigos, perdendo minha autoestima. — Ele deu uma risada, balançando a cabeça com a ideia. — Eu não tinha vida antes de você. Você sabe que ninguém... *ninguém* foi procurar por mim quando desapareci? Ninguém se importou, e não posso culpá-los por isso. Se você se casasse comigo, não estaria condenado a uma vida da qual me arrependeria, meu amor, você estaria me dando uma vida. Se não fosse por você, teria bebido até morrer em um ano ou dois ou

teria sido morto em um duelo ou em uma briga de rua.

Ele a ouviu soluçar, e ela cobriu a boca com a mão enquanto ele a alcançava, agarrando seus braços e acenando para a casa que ele estava construindo. — Estou construindo um futuro para nós aqui, Charity. A terra é boa, mandei examiná-la. É rica e também há pastagens férteis. Isto vai ser uma fazenda, só que... só que mal sei como é uma maldita batata e não posso fazer isso sem você. Eu não *quero* fazer isso sem você. Não quero fazer sem você, ou John e Jane e Kit e o Senhor e a Senhora Baxter. Por favor, meu amor, diga que vai se casar comigo. Não me condene a essa vida outra vez. Não vou sobreviver.

Ela não respondeu, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto o encarava. Dev prendeu a respiração, esperando, desejando e rezando para não ter apenas exposto seu coração e alma apenas para tê-los pisoteados por ela.

Charity se lançou sobre ele, jogando seus braços ao redor dele e desequilibrando-o, fazendo com que ele escorregasse da pedra e caísse de maneira desajeitada no chão. Ela estava rindo, chorando e se agarrando a ele e Dev se viu incapaz de falar, de perguntar se isso era um sim. Ele a fez tombar de costas, afastando os cachos que haviam caído sobre seu rosto para poder olhá-la.

— Espero que isso seja um sim, meu amor — disse ele, com as palavras ofegantes e ansiosas. — Já que você está em uma posição muito comprometedora agora, e completamente arruinada.

Ela riu, um som um pouco histérico, uma mistura de solução e diversão.

— Sim — disse ela, estendendo a mão e puxando a nuca dele. — Sim, sim, eu aceito, porque se você é tolo o suficiente para querer se casar com uma criatura tão cabeça dura, teimosa e obstinada quanto eu, então a culpa é toda sua.

Dev emitiu um som de triunfo que ecoou através do terreno, e se alguém não os tivesse visto caídos juntos no chão, certamente teriam notado agora. Determinado a não lhe dar nenhum motivo para escapar de sua aceitação, Dev cedeu à pressão em seu pescoço e se inclinou para beijá-la.

— *Ei!* — Um grito de raiva o fez olhar para cima, encontrando o semblante furioso de Kit acima deles enquanto ele descia de seu cavalo. — Tire as mãos da minha irmã, seu maldito bastardo. Em que raio está pensando? Você não tem senso de honra, decoro?

Dev olhou para Kit com cautela e ficou de pé, puxando Charity com ele e segurando-a perto. — Vamos nos casar — disse ele, com

pressa, não querendo começar a vida com Charity com seu irmão gêmeo enfurecido com ele. — Ela acabou de dizer sim.

— Oh. — O rosto de Kit relaxou e ele sorriu para eles. — Bem, tudo bem, então. Só para deixar claro, ela tem um temperamento chocante.

— Kit! — exclamou Charity, olhando fixamente para o irmão, que apenas piscou para ela.

— Agora é tarde demais, querido, ele já está comprometido.

Dev riu e soltou Charity por tempo suficiente para estender a mão ao irmão dela. Kit se aproximou, sorrindo, até que ele não estivesse mais. O golpe veio do nada e Dev cambaleou para trás, caindo sentado com um baque.

— Kit! — gritou Charity.

— O quê...? — Dev tocou uma mão hesitante no nariz, encontrando-o ensanguentado enquanto Charity caía de joelhos ao lado dele. — Por que diabos você fez isso? — exigiu saber ele.

— Isso foi pelo que aconteceu em Londres — respondeu Kit, com a voz sombria. Ele limpou a garganta, esfregando os nós dos dedos com uma carranca. — Droga, você tem uma cabeça dura — murmurou ele, antes de oferecer uma mão a Dev. — Está tudo bem, velho amigo, sinto-me muito melhor agora.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo — observou Dev, tomando a mão dele com cautela. — Você tem um grande soco para um poeta.

Kit retribuiu um sorriso bastante feroz. — Nunca julgue um livro pela capa, nem um poeta. Só porque eu escrevo sobre amor e romance, não significa que eu não possa dar conta de uma briga.

— Eu acredito em você — disse Dev, estancando o fluxo de sangue com a manga.

— Oh, Luke, você está sangrando — gritou Charity, procurando um lenço. — Kit, como você pôde?

— Luke? — indagou Kit, parecendo confuso.

Dev estendeu a mão mais uma vez. — Luke Linton — disse ele, sentindo-se um pouco ridículo. — Sou um novo homem — acrescentou, com um sorriso. — Espero ser um que você fique feliz em ter como cunhado. Eu certamente vou tentar ficar.

Kit bufou e pegou sua mão desta vez, sacudindo-a e dando-lhe um sorriso caloroso. — Acho que vamos nos dar muito bem — disse ele, assentindo. — Sei que você consegue suportar Charity, mas eu sou fácil de conviver. Sou o gêmeo mais simpático.

Dev riu quando Charity bateu no braço do irmão e Kit gritou como se ela tivesse feito mais do que apenas bater nele.

Ele a afastou de seu irmão e a puxou para seus braços mais uma vez, incapaz de parar de tocá-la. A felicidade irradiava em seu peito, a emoção tão nova e avassaladora que ele não sabia o que fazer ou dizer a seguir.

— Venham, dois pombinhos, logo estará escuro — disse Kit, gesticulando para os céus que já haviam escurecido. — Charity, você não disse algo sobre porco assado e pudim de verão?

Charity assentiu, sorrindo para ele. — Batty ficará furiosa conosco por estragar sua refeição de boas-vindas — disse ela, lançando a Dev um olhar que fez seu coração dar cambalhotas no peito. — É melhor nos apressarmos.

— Eu também? — perguntou ele, não querendo ser atrevido, embora ela parecesse convidá-lo.

— Claro, você também — disse ela, puxando a mão dele. — Você faz parte da família agora.

Dev desfrutou do choque e o prazer de suas palavras o atingirem. Ele *era* parte da família agora. Ele nunca mais teria de ficar sozinho. Ele pertencia a algum lugar e a alguém. As pessoas cuidariam dele, se importariam com ele e ele com elas. Se alguma vez se perdesse nas charnecas, se alguma vez não voltasse para casa, haveria pessoas que se preocupariam, que o procurariam e não parariam até que fosse encontrado. O conhecimento se apoderou de seu peito, penetrado em seu cerne e enchendo seu coração até que ele não conseguia respirar com a maravilha disso.

Ele pertencia.

— Você vem então? — disse Charity, com a voz suave ao olhar para ele, talvez agora entendendo a enormidade do que havia acontecido com sua vida. — Eu não vou a lugar algum sem você — acrescentou ela, aproximando-se e pressionando um beijo em seus lábios. — Nunca mais.

Capítulo 24

“No qual há um retorno à casa e um casamento.”



Batty o recebeu de braços abertos quando saiu para o quintal para cumprimentá-lo. Ela o abraçou com força ao ouvir a notícia, corando com sua própria audácia. Dev sorriu enquanto ela enxugava os olhos no avental, fungando. — E já era hora, eu diria — repreendeu ela, balançando a cabeça para Charity, que abriu a boca para protestar, mas decidiu não o fazer. — Honestamente, eu não lhe disse que os Kendalls eram as criaturas mais teimosas da face da Terra?

— Você disse isso mesmo, Senhora Baxter — respondeu Dev, sorrindo para ela. — E não estava errada.

Charity deu-lhe uma cotovelada, franzindo os lábios de indignação. — Estamos noivos, isso significa que você deve ser gentil comigo.

— Mas eu não sou um homem gentil — respondeu Dev, piscando para ela. — Eu disse isso desde o início. Além disso, se o fosse, você não teria concordado em se casar comigo. Afinal, com quem mais você discutiria?

— É verdade — respondeu ela, com um suspiro feliz, inclinando-se para ele.

— Senhor David!

Dev levou um susto quando o grito agudo quase estourou seus tímpanos e Jane passou os braços ao redor de suas pernas. — Você voltou! Sabia que voltaria. Charity disse que não, mas eu *sabia* que não nos abandonaria, nem os gatinhos.

Dev abaixou-se e levantou a menina, sentindo seu coração se contrair enquanto ela se agarrava a ele, com os braços segurando firmemente o pescoço dele. — Claro que não, querida. Eu nunca abandonaria você, nem os gatinhos.

Jane apertou seus braços magros ao redor do pescoço dele e beijou sua bochecha, rindo. — Você vai ficar desta vez? — perguntou ela, com a voz um pouco tímida.

— Sim, querida — respondeu ele, sorrindo para ela, enquanto esperava que sua voz não falhasse, pois ele estava perigosamente perto de chorar. Sentia-se virado do avesso, as suas emoções demasiadas à flor da pele, como se a sua pele fosse demasiado frágil para conter tanta ferocidade. Era uma sensação esmagadora. — Estou

construindo uma casa para nós, uma nova casa com muito terreno e todos vocês podem morar lá, se quiserem — acrescentou ele, ansioso de repente com a expressão assustada nos olhos da menina.

— Uma casa grande? — perguntou ela, piscando para ele.

— Muito grande — respondeu ele, cauteloso agora. — Não tão grande quanto Devlin Hall, era muito grande. Você podia se perder nela. Mas tem o tamanho certo, eu acho. Com um lindo quarto só para você.

A boca de Jane formou um pequeno “o” e Dev limpou a garganta. — Está... está tudo bem?

— Sim! — gritou a menininha, agarrando-se a ele. — Podemos ir agora?

— Agora não — respondeu Charity, rindo enquanto desenrolava os braços da irmã do pescoço de Dev e a fazia descer. — Ainda não foi construída, mas mostraremos onde será amanhã. Temos de nos casar primeiro.

Outro grito estridente saudou essa notícia, enquanto Jane abraçava Charity com alegria.

Dev se virou e percebeu por que Charity o havia soltado da irmã. John hesitou no quintal, ansioso para ver do que se tratava o barulho, mas olhando para Dev com cautela, à espera.

— Olá, Lorde Devlin — disse ele, incerto agora.

Dev olhou para cima e viu que Charity tinha levado todos para a cozinha, parando apenas para lhe dar um sorriso ao deixá-lo com John.

— Olá, John — disse ele, imaginando o que deveria dizer. Depois de pensar a respeito, percebeu que aquilo era fácil. A verdade. — Estou tão feliz em vê-lo novamente, e sinto muito por todo aborrecimento que causei a todos, por fingir que era alguém que não sou. Mas... mas aprendi uma lição valiosa quando estive aqui. Uma lição que você me ensinou, e sou mais grato do que você poderia imaginar.

— E-eu fiz isso? — respondeu John, franzindo a testa.

Dev colocou o braço em volta dos ombros estreitos do menino. — Você fez. Lembra-se de como enfrentou os rapazes ciganos?

— Sim, senhor.

— Luke — corrigiu Dev. — Meu nome é Luke e gostaria que você o usasse.

— Sim, milorde, eu... eu quero dizer, Luke. — John assentiu,

ainda parecendo perplexo, então Dev continuou.

— Meu pai era um valentão, John, e eu nunca o enfrentei. Tentei puni-lo de outras maneiras, sendo o mais perverso que pude, sendo uma vergonha para ele. Eu nunca percebi que estava apenas me machucando ao corresponder às suas piores expectativas. — Ele se virou para fitar John, encarando seu olhar, esperando que o menino pudesse ver que não eram apenas palavras, mas que ele estava falando sério. — Eu não era tão corajoso quanto você, defendendo-me e dando o meu melhor para ser um homem em vez de um menino mal-humorado. Eu mudei, no entanto, por causa de você, de Charity e de Jane, de todos vocês. Espero que me dê outra oportunidade.

O rosto de John relaxou e um sorriso hesitante substituiu a carranca. — Você realmente vai se casar com Charity?

— Eu vou — disse Dev, a felicidade borbulhando em seu peito com aquela declaração extraordinária.

— E você está construindo uma nova casa para nós? — Ele parecia um pouco incrédulo agora, talvez esperando que Dev tirasse sua irmã deles. — *Todos nós?*

— Todos vocês — respondeu Dev, apertando o ombro do rapaz. — Será uma fazenda, John, e vou precisar de sua ajuda.

Os olhos de John se arregalaram e ele riu disso. — Já imaginava — exclamou ele. — Charity disse que você nunca tinha visto uma batata que não tivesse sido assada antes.

Os lábios de Dev se contraíram e ele respondeu com uma expressão triste. — Isso é verdade — admitiu, esfregando a nuca. — Então, você vê o quanto precisa me ensinar?

— Tudo — respondeu John, acenando gravemente. — Mas tudo bem, eu vou te ensinar sobre agricultura e você pode me ensinar a boxear. — Ele franziu a testa, olhando para o rosto de Dev. — O que aconteceu com o seu nariz?

— Seu irmão me pegou de surpresa — disse Dev, tocando com um dedo no lugar machucado e estremecendo. — O maldito quase quebrou meu nariz.

— *Kit?* — exclamou John, atônito. — *Kit* te derrubou? — Ele fitou o boquiaberto, tendo problemas para digerir essa informação. — Ele nunca fez isso.

— Ah, ele fez sim — respondeu Dev, guiando o jovem em direção à cozinha enquanto seu estômago roncava e os aromas deliciosos de um jantar assado estavam se tornando difíceis de ignorar. — Devo dizer que ele foi muito pouco cavalheiresco também. Pegou-me completamente desprevenido.

John fitou-o boquiaberto, surpreso com essa informação, e Dev aproveitou a oportunidade para apressá-lo a entrar.

Eles se casaram na Igreja de Tillforth. Sem o conhecimento de Charity, Dev tinha adquirido a licença semanas atrás. Ele a carregava com ele desde então, o papel cada vez mais amassado e queimando um buraco em seu bolso.

A noiva usava seu melhor vestido de algodão e um simples bonnet de palha.

Luke Linton, o Visconde Devlin, que havia percorrido vários salões de baile da alta sociedade e tido à sua disposição as mais belas mulheres, agora estava sem palavras, tropeçando nas próprias palavras diante do vigário e suando através da camisa. Ele segurou firmemente a mão de Charity para impedir que a sua tremesse, com as palmas das mãos suadas e o coração cheio da enormidade do que estava fazendo. Quando, finalmente, foram declarados marido e mulher, ele voltou-se para ela e foi presenteado com um sorriso alegre que roubou o seu fôlego e fez seus olhos arderem de orgulho e felicidade.

Claro, a história se espalhou e logo todos da região sabiam que Charity Kendall era a nova Lady Devlin. Dev prendeu a respiração na primeira vez em que ela foi abordada como tal, mas, além de um leve rubor em suas bochechas e um olhar de surpresa, ela parecia aceitar o que era ela agora. Ambos tinham novos nomes, afinal, novas vidas para recomeçarem e crescerem como pessoas.

O café da manhã do casamento *não* foi um evento tranquilo, embora houvesse apenas Kit, John e Jane, e o Senhor e a Senhora Baxter presentes com os recém-casados.

Todos estavam de bom humor. A Senhora Baxter tinha se superado e proporcionado um banquete que poderia ter alimentado um exército durante vários dias em marcha. As crianças não paravam de rir, superanimadas e cheias de atrevimento. Kit entregou-se ao champanhe que Dev havia fornecido e enchia a taça da Senhora Baxter sempre que ela não estava olhando.

Isso resultou em algumas piadas surpreendentemente obscenas e uma interpretação entusiasmada de uma música que ela aprendeu em sua juventude que fez Charity corar e enviar as crianças para buscar um jarro de água.

As celebrações continuaram até tarde, ninguém tinha pressa em ir para a cama... exceto Dev, e – ele esperava – a sua nova esposa. No entanto, foi uma bênção ser incluído nessa família calorosa e vibrante,

sentir-se tão bem-vindo e com um sentimento de pertencimento. Então, Dev decidiu que poderia esperar um pouco mais para ficar sozinho com sua noiva. Não muito, mas um pouco mais.

Kit pôs John e Jane para dormir, pois a Senhora Baxter tinha adormecido à mesa. Com surpreendente destreza, o Senhor Baxter tinha retirado a sua fatia de bolo meio comida momentos antes de ela a ter usado como almofada.

— Ela sempre adorou uma boa festa — comentou ele, sorrindo com carinho para sua esposa, cujos suaves roncos agora enchiam o ambiente. — Vou cuidar dos animais e depois voltar e acordá-la. — Ele se levantou, dando a ambos um sorriso malicioso. — Desejo a vocês dois muita felicidade — disse ele, e ambos prenderam a respiração enquanto esperavam por sua inevitável previsão de desgraça. — Vocês dois não gostarão de dar a última palavra um ao outro, mas... eu acho que vão conseguir. — Ele piscou para eles e saiu da sala, assobiando uma melodia alegre.

— Meu Deus — disse Charity, com os olhos arregalados ao serem deixados sozinhos. — Isso foi quase...

— Otimista? — completou Dev para ela.

Seus lábios se curvaram quando ela percebeu que ele havia completado a última palavra por ela.

— Bastante — acrescentou ela, seu tom azedo, embora seus olhos dançassem de tanto rir.

Houve um estrondo e Charity engasgou quando uma voz do corredor gritou: — Estou bem!

Um momento depois, Kit entrou cambaleando na sala.

— Caí das escadas — disse ele, dando um enorme sorriso para eles, um pouco abalado agora. Charity balançou a cabeça para ele.

— Você está bêbado — disse ela, rindo.

— De modo algum. — Kit fungou discretamente. — Perdi o meu equilíbrio, só isso. Ele se contradisse ao quase sentar no chão em vez de em uma cadeira, e Dev soltou um riso divertido.

— Oh, a propósito, Batty preparou o quarto principal para vocês — disse ele, pegando uma garrafa de champanhe quase vazia e enchendo seu copo.

— Oh — disse Charity, surpresa.

Dev virou-se para ela, sabendo que nem ela nem o irmão gostavam de ocupar aquele quarto, mas Kit ergueu a mão antes que ela pudesse se opor.

— Faça um favor a este homem aqui, Charity. O seu quarto fica ao lado do meu, o quarto principal fica do outro lado da casa. Não pretendo passar o tempo que irá levar para construir sua casa dormindo no escritório.

Charity corou enquanto Dev abafava a boca com a mão. Ele limpou a garganta e ficou de pé, puxando Charity com ele. Dev estendeu a mão para Kit.

— É bom fazer parte da família, Kit. Você pode ter certeza de que vou cuidar bem deles... de todos vocês — corrigiu ele, lembrando-se do médico que havia contatado em Londres.

Kit parecia um pouco irritado. — Você vai se casar com minha irmã, não comigo. Não preciso de cuidados.

Charity revirou os olhos e murmurou algo contrário a essa afirmação pelas costas de Dev.

— Ainda assim — disse Kit, magnânimo agora. —, aprecio o sentimento. — Ele apertou a mão de Dev e depois os afastou. — Corram agora, meus filhos. Estou bem ébrio e minha musa está me chamando.

Charity lançou-lhe um olhar de pena, mas inclinou-se para beijar o topo de sua cabeça. — Boa noite, idiota — disse ela, com carinho.

— Boa noite, megera — respondeu ele, igualmente jovial.

Dev subiu as escadas, com a mão de Charity na sua e sentindo-se subitamente nervoso, o que parecia absurdo, mas para seu desgosto, era verdade. Ele abriu a porta do quarto principal, mas antes que Charity pudesse atravessar o limiar, ele a ergueu em seus braços.

— Não podemos ir contra a tradição, certo? — disse ele, sorrindo para ela enquanto ela agarrava seu pescoço, surpresa.

— Acho que já o fizemos — murmurou ela, corando um pouco enquanto ele a carregava para o quarto e fechava a porta com um chute. — Sinto-me uma impostora.

Dev franziu a testa, balançando a cabeça. — Não diga isso, meu amor. Faz com que eu pense que você se arrepende.

— Oh, não, isso nunca — disse ela, com pressa, enquanto ele a colocava no chão novamente. — Como eu poderia?

— Fico contente. — Ele a puxou para mais perto, com uma mão se movendo para embalar sua cabeça. — Você ainda é um pouco inocente, sabe — disse ele, com a voz baixa e divertida agora. — E eu vou mostrar o quanto você ainda tem que aprender.

— É mesmo? — respondeu ela, com os olhos arregalados, a voz um pouco estridente agora.

— *Mm-hm* — disse ele, inclinando a cabeça para beijar seu pescoço. — Serei muito didático.

Ele a conduziu para a cama até que seus joelhos encontrassem o colchão e ela se sentasse com um leve baque.

Ele olhou para baixo, satisfeito com o rápido subir e descer de seus seios que pressionavam o recatado decote de seu vestido. Dev ajoelhou-se diante dela, pegando-lhe as mãos.

— Você realmente é minha agora — disse ele, ainda sentindo uma sensação peculiar de choque e deleite percorrendo-o quando a verdade disso penetrava se âmago.

Charity riu dele, apertando seus dedos. — Eu sempre fui, seu bobo. Embora nem sempre tivesse a certeza se queria dar-lhe um tapa ou um beijo.

— Talvez ambos? — sugeriu ele, sorrindo para ela.

Ela assentiu, com o rosto grave. — Oh, certamente.

— Talvez apenas me beije esta noite, acabe comigo gentilmente.

Havia uma nota provocadora em sua voz e Charity franziu os lábios, considerando a ideia.

— Bem — disse ela, parecendo um tanto relutante. — Só por esta noite, mas não faço promessas para o futuro.

— Justo — murmurou contra os lábios dela.

Ele pressionou a boca sobre a dela, o coração e o corpo vivos e tensos de amor e desejo, enquanto ela se abria para ele, acolhendo-o. Suas mãos deslizaram para o cabelo dele enquanto ele a puxava para mais perto, e Dev se perguntou sobre todos os encontros sem significado que ele havia experimentado nos anos antes de Charity entrar em sua vida. Ele nunca tinha entendido como as coisas poderiam ser diferentes com alguém que possuía o seu coração.

Dev afastou-se dela com uma última e suave pressão de sua boca contra a dela. Lançando-lhe um olhar perverso com a intenção de fazê-la se perguntar o que veria a seguir, ele se recostou e segurou o pé dela para tirar o seu sapato. Ele acariciou o arco de seu pé e ela suspirou, um som de êxtase que o fez sorrir enquanto ele tirava o outro sapato e fazia o mesmo.

— Deite-se — orientou-a.

Ela lançou-lhe um olhar duvidoso, mas fez o que ele pediu, e Dev deslizou as mãos pelos tornozelos dela, passando as palmas ao redor das pernas, curvando-se em torno das panturrilhas antes de encontrar a pele macia das coxas no topo de suas meias. Ele fez uma pausa,

empurrando as saias dela para cima, ouvindo-a recuperar o fôlego.

— Nada de ceroulas, meu amor — disse ele, satisfeito ao ver que esse tipo de moda ainda não havia chegado em Dartmoor.

Ela ergueu-se sobre os cotovelos, olhando para ele e parecendo arrogante como uma duquesa, sem se importar em ser uma viscondessa.

— Certamente não — disse ela, escandalizada. — Elas não são adequadas.

Dev riu, curtindo o arrepio que a percorria enquanto sua respiração roçava em sua pele. — Concordo plenamente — murmurou, estendendo a mão para desatar as ligas. Ele primeiro deslizou uma meia da perna dela, e então a outra, suas mãos alisando sua pele enquanto o fazia, antes de pressionar um beijo na pele sedosa de sua coxa interna.

Sua respiração falhou, e Dev olhou para cima, vendo os olhos de sua esposa se arregalarem enquanto seu choque só aumentava. — O-o q-que você está fazendo? — perguntou ela, com as palavras trêmulas e um pouco assustadas.

Dev encarou seu olhar e afastou mais um poucos os seus joelhos. — Se eu lhe dissesse... estragaria a surpresa — disse ele, fracassando em manter a diversão longe de sua voz. — Você pode me parar a qualquer momento — acrescentou, antes de beijá-la um pouco mais acima na perna. Ele duvidava que ela tenha deixado passar o tom confiante em sua voz, aquele que sugeria que ela não o interromperia tão cedo.

Para seu prazer, ela provou que ele estava correto e deitou-se novamente, sua respiração se tornando errática enquanto ele se aproximava do ápice de suas coxas e do pequeno ninho de cachos que escondia o local que ele procurava. Enquanto ele passava a língua sobre o dobra entre o quadril e a coxa, ela deu um suspiro assustado e seu próprio desejo fez seu sangue ferver. De repente, ele estava tão impaciente quanto um menino inexperiente. Foi preciso uma grande força de vontade para não parar e afundar-se no calor do seu corpo acolhedor, ao lembrar-se dos prazeres que ali se encontravam. Em vez disso, ele aproveitou o momento para se estabilizar, sorrindo enquanto o toque de sua respiração fazia seu corpo se contrair.

Dev deslizou as mãos até os quadris dela e a puxou um pouco mais para a beira do colchão. Ele flagrou o olhar dela enquanto ela levantava a cabeça para o olhar e não desviou o olhar enquanto ele abaixava a boca para ela. A expressão de choque atordoado, o desejo cintilante em seus olhos escurecendo enquanto sua língua percorria sobre ela, era algo que ele sabia que ficaria gravado em sua memória

para todo o sempre. Sua cabeça tombou para trás enquanto ela agarrava os lençóis debaixo dela, arqueando-se, impotente, enquanto ele a provocava e acariciava com a boca, as mãos e a língua. O som que ela emitiu momentos depois, quando o prazer a dominou, foi quase suficiente para levá-lo ao limite em seu encaicho.

Ela jazia atordoada, ofegante e sem fôlego, enquanto ele arrancava as roupas que de repente pareciam pequenas demais, apertadas, irritando sua pele e sufocando-a. Ele arrancou a própria gravata, jogando tudo em uma pilha desorganizada, enquanto um sorriso divertido se curvava sobre a boca adorável de sua esposa.

— Com pressa? — perguntou ela, sua voz uma mistura tentadora de inocência e o tom rouco que permanecia do prazer que ele acabara de lhe proporcionar.

— Você poderia dizer isso — conseguiu dizer Dev, jogando primeiro uma bota e depois uma segunda no chão de uma maneira que teria feito seu valete chorar. Charity deu uma gargalhada enquanto ele, decidindo ficar com a calça, apenas a empurrou para baixo antes de cair na cama com um estrondo tão alto que ambos quicaram no colchão.

— Acho que foi uma decisão sábia escolher este quarto, afinal — disse Charity, com diversão na voz, enquanto Dev praguejava, empurrando, frustrado, muitas saias e anáguas para fora do caminho. Ele sorriu para ela e se inclinou para outro beijo.

— Eu pretendo mostrar-lhe o quão sábio — disse ele, juntando-se a eles com um movimento rápido que a fez arquear e gritar abaixo dele. Ela agarrou-se às costas dele, encarando-o.

— Eu acredito em você — sussurrou ela.

Não disseram mais uma palavra sequer durante muito tempo depois disso, pelo menos nada mais do que murmúrios sussurrados de amor e prazer.

Mais tarde, com sua esposa dormindo em seus braços, Dev ficou acordado, ouvindo o som suave de sua respiração e o grito solitário de uma raposa caçando nas charnecas. Ele sentiu um sorriso incontrolável se formar em sua boca. Toda a raiva, todo ódio profundo, a fúria e o arrependimento que ele nutria em relação aos seus pais se dissiparam à luz de sua felicidade. Esses sentimentos ainda estavam lá, e ele suspeitava que nunca o deixariam completamente, mas eles não tinham mais poder sobre ele. Ele não sentia mais a necessidade de destruir o que seu pai havia criado, nem destruir seu bom nome até virar pó.

Talvez este Visconde Devlin não fosse conhecido em todo o país

pelo seu zelo pela reforma e mudança, mas seria conhecido como um bom homem que amava a sua família acima de tudo ,e em quem todos que ele se importava podiam confiar: amigos, vizinhos e inquilinos, da mesma forma. Seu mundo poderia ser menor do que o de seu pai, mas seria mais completo e feliz, e talvez, à sua maneira, ele pudesse fazer algum bem ao mundo.

Dev virou a cabeça, pressionando um beijo na testa de Charity, e foi dormir.

Epílogo

“No qual há uma nova casa, novo bebê, novos começos.”



— Ele está aqui, ele está aqui! — gritou Jane, saltando de sua posição na janela e correndo para fora do cômodo.

Charity levantou-se apressadamente, embora fosse uma espécie de pressa relativa, já que o peso da criança que ela carregava a deixava mais pesada.

— Acalme-se, meu amor — disse Dev, atravessando a sala para ajudá-la a se levantar enquanto ela se sentava novamente com um pesado baque. — Ele vai passar todo o verão aqui, não precisa ter pressa.

Charity bufou de impaciência e Dev puxou-a para um abraço enquanto ela tentava encontrar seu equilíbrio.

— Você vai lhe dizer o quanto está orgulhosa dele? — perguntou ele, observando seu rosto com diversão. — Ou simplesmente irá repreendê-lo severamente por todos os escândalos em que esteve envolvido?

Sua esposa deu uma fungada altiva e respondeu com um olhar imperioso. — Ainda não decidi — respondeu ela, antes de sair cambaleando da sala.

Não que Dev estivesse prestes a dizer a ela que andava cambaleando. O bebê chegaria a qualquer momento e sua paciência estava se esgotando, já que ela ficava cansada e frustrada com o próprio sedentarismo. Ele não era tolo e não tinha desejo de morte, então ele mantinha tais observações para si mesmo.

Seu irmão gêmeo havia se tornado uma espécie de figura pública no ano passado. Um famoso poeta procurado pela sociedade e acolhido nas suas altas-rodas. Pensando bem, infame talvez fosse o termo mais preciso. Como Dev havia previsto ao conhecê-lo pela primeira vez, a beleza bastante etérea de Kit, o conhecimento de que sua saúde era um tanto frágil e o fato de ele ser um poeta... bem, as mulheres se jogavam a seus pés a torto e a direito, e ao centro.

O presunçoso diabo estava se divertindo muito.

Não que Dev o invejasse. Ele se perguntou quanto tempo levaria até que tal vida perdesse seu brilho e se mostrasse dourada apenas por fora, em vez de por dentro. Não muito tempo, ele suspeitava. Kit era

muito mais inteligente do que jamais afirmaria ser e, ele suspeitava, um pouco mais tímido.

Ele chegou ao hall de entrada e encontrou Charity agarrada ao irmão gêmeo, a quem ela não via há muitos meses e tinha sentido mais falta do que gostaria de admitir.

— Droga, Charity, quando você ficou tão gorda? — indagou Kit, enquanto Dev gemia. Ele não poderia ter esperado até depois do jantar, pelo menos? Ela estava sempre com um humor melhor depois do jantar.

Dev prendeu a respiração enquanto Charity olhava para o irmão e soltava um bufo. — Estou muito cansada e muito satisfeita em vê-lo para deixá-lo me incitar a uma discussão, seu desgraçado — disse ela, entrelaçando o braço ao dele. — E é cruel zombar dos que sofrem. É o seu sobrinho ou sobrinha que eu carrego, lembre-se disso. Eu acho que você pode ser agradável comigo por cinco minutos, pelo menos.

Kit sorriu e se inclinou, beijando sua bochecha. — Verdade, velhota. Perdoe-me. Senti tanto a tua falta que não pude resistir.

Charity olhou para ele e, em seguida, ela agitou as mãos perto dos olhos que se enchiam. Dev procurou em seu bolso por seu lenço e o entregou a ela enquanto Kit olhava para ele, chocado.

— Não se preocupe — respondeu Dev, abraçando Charity enquanto ela soluçava. — Ela faz muito isso agora. Francamente, é melhor ser rude com ela, os resultados são menos alarmantes.

— Cale a boca. — Charity fungou, assoando o nariz em seu lenço. — Eu *estou* bem aqui — disse ela, encarando o marido, embora não houvesse real irritação nos olhos. — Agora venha, Kit. Batty está morrendo de vontade de te ver.

— Morrendo de vontade de me repreender, você quer dizer — murmurou Kit, com o tom seco enquanto levantava Jane em seus braços. — Puxa, você também cresceu bastante. Quando é que ficou tão grande?

— Ainda não tão grande quanto John — disse sua irmãzinha, com um suspiro frustrado.

Dev sorriu enquanto observava John seguir seu irmão mais velho até a cozinha com um olhar de pura admiração. John tinha espichado nos últimos seis meses. Ele tinha a aparência desajeitada de um rapaz oscilando no limiar entre a adolescência e a idade adulta e estava crescendo para ser um jovem muito promissor. Dev sentia um brilho de orgulho por ele. Ambos haviam cumprido sua palavra e Dev o havia ensinado a boxear e a esgrimir, e embora ele não apreciasse tanto seus tutores de latim e grego, teve a gentileza de não expressar

isso. Em troca, John e o resto da família ensinavam Dev sobre o funcionamento de uma fazenda, embora ele também tenha contratado um administrador novo, pois sua propriedade era muito maior do que a Fazenda Brasted.

Charity havia presenteado a antiga fazenda a Kit, um lugar para ele retornar uma vez que o brilho e o esplendor de Londres tivessem diminuído e ele quisesse voltar para casa e escrever em paz e em um ambiente familiar. Era óbvio que ela esperava que ele voltasse em breve com uma esposa e se estabelecesse, mas Kit não mostrava sinais de querer fazer algo desse tipo por um tempo ainda.

A casa que eles construíram para si mesmos – pois Dev descobriu que Charity tinha fortes ideias sobre o projeto – era exatamente o que eles esperavam que fosse. Grande, elegante e espaçosa, era calorosa e acolhedora e uma casa de família onde todos tinham a certeza de uma recepção incondicional. Eles tinham muitos amigos na região, agricultores e proprietários de terras locais ficaram encantados ao descobrir que o visconde não era formal. Se agora pensavam que os rumores sobre sua devassidão e crueldade tinham sido falsamente relatados, Dev não fez nada para corrigir suas suposições. Essa parte de sua vida estava encerrada, mas ele sempre sentiria uma onda de vergonha dela.

Eles sentaram-se para jantar na cozinha naquele dia, a pedido de Dev, e mesmo que a nova criadagem necessária para uma casa grande achasse estranho que o visconde e a sua mulher jantassem com o Senhor e a Senhora Baxter, não importava.

A mesa gemeu sob o peso de uma enorme torta de frango e presunto, um enorme bife de presunto decorado com cravos, e um prato cheio de frios fatiados. Potes dos chutneys e cebolas em conserva da Senhora Baxter disputavam espaço com frescas batatas amanteigadas adornadas com raminhos de hortelã, e tigelas coloridas de ervilhas frescas e vagens fatiadas.

O estômago de Dev roncou de expectativa. De todos os jantares que a senhora Baxter servia, esse era o seu favorito. Era verdade que ele tinha passado a tarde com ela descascando ervilhas e fuxicando sobre a mais recente fofoca de Londres, mas era algo que ele negaria fervorosamente a quem perguntasse. Não que isso importasse. Ele já havia ganhado a reputação de excêntrico e descobriu que muito sobre ele não havia mudado. Ele ainda não se importava com o que alguém pensava.

— Que história é essa entre você e uma tal de Senhora Dashton?

Kit engasgou-se com a sua cerveja diante do inquérito bastante contundente da Senhora Baxter. Pelo menos ela tinha esperado,

enviando John e Jane para pegar a torta de maçã e nata antes de perguntar a ele.

Kit lançou-lhe um olhar apelativo, um tanto em pânico, para o qual Dev apenas deu de ombros. Ele conhecia a Senhora Dashton, ou *Dasher*, como era conhecida em certos círculos. Sendo uma bela cortesã, ela buscava escândalo e adorava jovens bonitos. Kit era o tipo de homem ideal que chamava sua atenção. Havia uma história circulando que alguém havia descoberto Kit com ela no jardim do Duque de Ware em uma festa, e em uma posição bastante comprometedora.

— Ela não me parece ser tão inocente quanto deveria, se é que me entende — resmungou Batty, cruzando os braços sobre o seio volumoso e estreitando os olhos para Kit, que corou, para a diversão de sua irmã gêmea. — Não é o tipo de mulher com quem você deveria estar se associando. De qualquer forma, já disse o que tinha para dizer — resmungou, apertando os lábios com desaprovação. — Então, não direi mais nada.

— Graças a Deus por isso — murmurou Kit, apenas alto o suficiente para Dev ouvir enquanto Charity sufocava uma risada. A Senhora Baxter levantou-se e se apressou, servindo a torta de maçã com uma dose saudável de nata coalhada.

Para espanto de todos, Charity recusou a sua parte e teve dificuldade para se levantar. — Sinto muito — disse ela, olhando para a sobremesa com óbvio pesar. — Não estou me sentindo muito bem. Se me derem licença. Acho que quero deitar-me.

Dev se levantou, colocando o braço ao redor dela. — Há alguma coisa errada? — perguntou ele, com o medo percorrendo sua espinha. A única coisa que estragava sua paz de espírito ultimamente era a preocupação por ela e o medo por seu filho. Ele sabia tão bem quanto qualquer um como o parto era perigoso, e o terror de perder qualquer um deles lhe tirara muitas noites de sono ultimamente.

— Estou bem — disse ela, acariciando sua mão de maneira indulgente. — Apenas um pouco cansada. — Ela beijou sua bochecha e depois se inclinou para abraçar Kit. — Não tenho palavras para dizer o quanto estou feliz por ter você em casa, Kit. Senti saudades suas.

Kit a abraçou e beijou sua bochecha, por sua vez. — E eu de você. Agora corra e cuide de si e da minha sobrinha ou sobrinho. Não vou a lugar algum.

— Eu irei com você — disse Dev, movendo-se para acompanhá-la para cima.

— Não! — Charity riu, balançando a cabeça. — Acabe de comer o

seu pudim. Estou muito bem e só vou tirar uma soneca. Vejo você mais tarde. — Dev hesitou, ainda inseguro enquanto ela revirava os olhos para ele. — Sente-se — ordenou ela, embora seus olhos estivessem cheios de gratidão por sua preocupação.

Dev fez o que ela lhe disse, sabendo que era melhor não discutir naquele momento. Ele sentou-se franzindo o cenho para a tigela de sobremesa até que a Senhora Baxter se moveu ao redor da mesa para colocar uma mão em seu braço.

— Ela está bem. Pare de se preocupar. O momento do nascimento está próximo, é só isso. Acredito que você terá um filho ou filha nos braços antes do fim de semana.

Dev fitou-a boquiaberto e foi se levantar e correr atrás de sua esposa, mas a Senhora Baxter o empurrou de volta para baixo. — Fique! — instruiu ela. — Já lhe disseram uma vez. Deixe-a dormir em paz. Ela vai gritar se precisar de nós.

— Vi duas pega-rabudas esta manhã — disse o Senhor Baxter, com a voz atravessando a mesa como uma profecia enquanto Dev e Kit prendiam a respiração. — Vi três também esta tarde. — Ele tomou um longo gole da cerveja antes de se sentar em sua cadeira, com um sorriso. — Uma para tristeza, *duas* para a alegria... três para uma menina.

Ambos os homens soltaram um fôlego e Kit deu um tapa nas costas dele, sorrindo agora. — Que tal uma pequena aposta sobre isso? Cinco guinéus que é uma menina.

Dev estalou a língua e balançou a cabeça. — Não é possível — disse ele, assentindo para Baxter. — Você tem informações privilegiadas. O que você acha que eu sou?

O restante da refeição transcorreu com boa companhia e conversa, e durante todo o tempo um clima de expectativa pairava sobre a casa.

Lucinda Felicity Linton nasceu dois dias depois.

Charity suspirou, exausta, mas exultante, quando Dev olhou para sua filha. Ele estava encantado, e quando o bebê envolveu sua mãozinha em torno de seu dedo, sabia que Lucy poderia reverter a situação em pouco tempo. Ela teria seu pai comendo em sua mão antes mesmo de poder falar, e ele nem mesmo ofereceria resistência.

Uma batida silenciosa na porta fez com que os dois olhassem para cima enquanto Charity pedia que quem quer que fosse entrasse.

Kit permaneceu lá, sorrindo, com Jane segurando sua mão enquanto John hesitava atrás dele, tentando não parecer muito

ansioso para ver sua sobrinha.

Dev sorriu, enquanto rostos ansiosos se aglomeravam ao seu redor para ver a recém-nascida.

— Passa logo ela para aqui — disse Kit, estendendo os braços. Dev franziu um pouco o cenho, sem estar totalmente pronto para entregá-la, mas seu tio parecia tão encantado em cumprimentá-la que ele não pôde recusar.

— Ela é linda, Charity — disse Kit, olhando de relance para ela com tanto prazer que viu Charity suspirar. Ela estava certa de que Kit seria um pai maravilhoso se ao menos parasse de trabalhar tanto, como parecia estar fazendo. Dev sabia que ela queria que ele conversasse com Kit, para impedi-lo de se meter em confusão e aconselhá-lo a se acalmar antes que sua saúde se deteriorasse. Dev tinha que admitir que seu irmão parecia pálido e cansado, e ele sabia como Charity se preocupava com ele.

Kit levou o bebê para a janela, com a voz baixa, enquanto falava. — O que é belo há de ser eternamente uma alegria e há de seguir presente. Não morre; onde quer que a vida breve nos leve, há de nos dar um sono leve, cheio de sonhos e de calmo alento.

— Oh, Kit — exclamou Charity, piscando, tentando frear as lágrimas. — Isso é tão bonito. Você que escreveu?

— Não — respondeu Kit, com decepção, enquanto olhava para a sobrinha. — Infelizmente não. Um rival meu. Terrivelmente deselegante recitar meu próprio trabalho em um momento como esse, mas mesmo assim. Eu *vou ter* que escrever alguma coisa agora, só para Lucinda. Algo requintado para lembrá-la de que seu velho tio estava terrivelmente orgulhoso dela muito depois de ter partido.

— Oh, Kit, não fale assim — respondeu Charity, zangada com ele agora enquanto pegava um lenço e assoava o nariz.

— O que foi? — exigiu saber Kit, olhando para cima. — Oh, Charity — exclamou ele, rindo dela. — Não pretendo bater as botas ainda. Quero dizer, só quando ela já estiver crescida com os seus próprios filhos.

— *Hmph* — disse ela, ainda franzindo um pouco a testa, mas apaziguada por enquanto.

Kit virou-se para Dev e devolveu Lucy a ele. — Parabéns — disse ele, com a voz baixa, e por um momento Dev pensou ter visto anseio em seus olhos.

Dev levou o bebê de volta para a cama e sentou-se ao lado de Charity, repousando Lucy em seus braços com cuidado e, em seguida, colocou o braço em volta da esposa e segurando-a com força. Jane

subiu na cama e se aconchegou ao lado de Charity. John sentou-se perto também, inclinando-se para acariciar o cabelo macio na cabeça de sua sobrinha.

De repente, Dev sentiu seus olhos arderem quando a felicidade o dominou. Esta era a sua família, sua para cuidar e proteger, e ele faria isso. Eles nunca teriam nada com que se preocupar ou chorar, se ele pudesse evitar. Dev olhou de relance para Kit, parado na beira da cama, muito pálido e magro para seu próprio bem. Ele falaria com ele como Charity lhe pedira, e asseguraria que Kit também prestasse atenção às suas palavras. Dev sabia o que era desperdiçar a vida que lhe foi dada, jogar fora os presentes que o amor e o pertencimento a uma família poderiam lhe trazer. Kit também o saberia. Se não para o seu próprio bem, então para o de Charity.

A pequena Jane suspirou, dando um enorme sorriso para ele e estendendo a mão para agarrar sua.

— Estou tão feliz que sinto que poderia explodir — exclamou ela, sorrindo para ele.

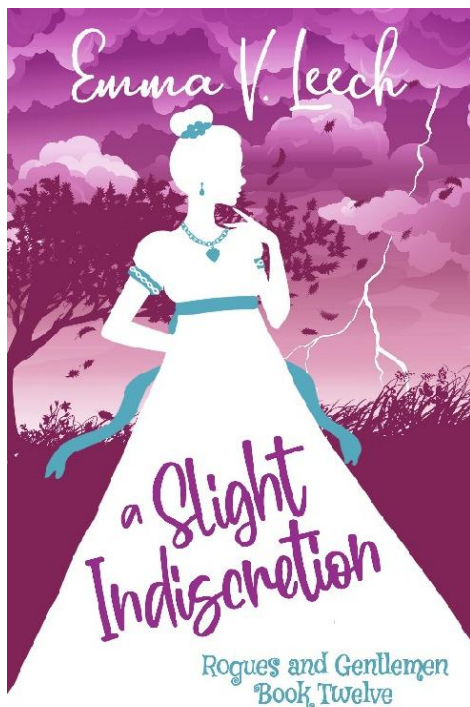
John resmungou, seu tom seco enquanto retrucava como só um irmão mais velho poderia fazer. — Eu acho que você vai descobrir que é o seu terceiro pedaço de torta de merengue de limão falando.

A sala explodiu em gargalhadas e Dev só conseguiu ecoar o sentimento dela, e ele tinha certeza de que, no caso dele, certamente não era a torta.

Para dar uma olhada no próximo livro da série Patifes & Cavalheiros, continue lendo.

Uma Leve Indiscrição

Patifes & Cavalheiros – Livro 12



Quando seu irmão mais velho e seu pai morrem em rápida sucessão, Fitzwilliam ‘Will’ Lancaster herda o título de Marquês de Henshaw. É o papel ao qual ele secretamente almejava e passou toda a sua vida se preparando para alcançar. Ao contrário de seus antecessores, ele decidiu que seu nome fosse digno de respeito, sem sombra de vergonha, nem mesmo o mais leve indício de algo escandaloso.

Então, a Senhorita Selina Darling entra abruptamente em sua vida.

A Senhorita Darling faz parte dos círculos artísticos, os seus amigos são poetas, pintores e escritores, e personagens glamourosas que não são inteiramente respeitáveis. A Senhorita Darling também tem o infeliz hábito de dizer exatamente o que pensa, sem ponderar sobre que está dizendo. O único homem em sua vida que a adora sem reservas é o seu escandaloso pai, o Senhor ‘Bertie’ Darling, amado por cantoras de ópera e belas moças de Londres.

Quando o marquês age de forma cavalheiresca e resgata Selina de uma situação delicada, as coisas rapidamente saem do controle. A

única maneira de evitar ser o escândalo do século é casar com a maldita criatura, embora seja a última coisa que ele quisesse. Antes que perceba, Will se descobre casado com uma garota sem um pinga de decoro e uma propensão para envergonhá-lo em público com seu terrível amigo.

Por mais que tente, Selina não consegue ficar longe de problemas nem encontrar qualquer maneira de agradar seu severo, determinado e desanimado marido. No entanto, ela tem certeza de que há outro homem escondido sob suas vestes impecavelmente costuradas, apenas ansioso para se libertar... se ao menos ela pudesse alcançá-lo.

Capítulo 1

“No qual conhecemos os jogadores, cada um dos quais sonha com personagens totalmente diferentes.”



Era março, e uma noite fria e úmida pressionava contra as janelas da elegante casa em Cheyne Walk. Às quatro da manhã, poderia se supor que cada alma em Chelsea estivesse dormindo, de tão silencioso como estava. No entanto, no número dezesseis, algumas criaturas resistentes ainda estavam acordadas, apesar de uma noite agradável de convívio social, vinho, música e discussão animada. Em recantos isolados, as conversas mais adormecidas e filosóficas ainda era audíveis, mas mesmo ali, o som da respiração suave e o ronco ocasional era tudo o que perturbava a escuridão.

A Senhorita Selina Darling, cujo pai era dono do número dezesseis, olhava ao redor do lugar com um suspiro. Tinha sido uma festa maravilhosa. As sempre populares festas de Bertie Darling geralmente eram, mas esta tinha sido especialmente divertida. Limpar tudo depois não era tão divertido, mas não se podia ter um sem o outro.

Com um sorriso afetuoso, ela olhou para os sofás idênticos em sua elegante sala de estar. De um lado, Kit Kendall estava esparramado. Ele era um poeta promissor de crescente renome, embora parecesse devasso e um tanto dissoluto desse ângulo. Seus olhos estavam fechados e Selina admirava a extensão de seus longos cílios escuros contra sua pele pálida. Um homem bonito para os padrões de qualquer um. Ao lado dele, o pintor Jack Mills roncava, com os braços servindo de travesseiro para sua cabeça. Ele passou a maior parte da noite discutindo com Kit sobre a verdadeira natureza da arte e tentando persuadir o homem a sentar-se para ele.

No sofá oposto, mais três artistas. Rupert Drake estava com a boca aberta, com a cabeça no colo de sua irmã Lizzie. Ela formava uma bela imagem em repouso, com seus cabelos escuros derramando-se sobre o veludo azul do sofá. Ao lado dela, e com os pés de Rupert no colo, Erasmus Ponsonby era um dos poucos ainda acordados, com o nariz enterrado em um livro. Um grande homem loiro de talvez trinta e cinco anos com a tez avermelhada de um homem que gostava de estar ao ar livre – ele era um gigante bonito e amigável. Ele olhou para cima e deu a Selina um sorriso cansado.

— Que festa fabulosa, querida — disse ele, largando o livro e alongando as longas pernas. Erasmus era um homem grande e Selina

reprimiu o nervosismo de ver ele e aos irmãos Drake no elegante sofá. Parecia improvável que as pernas finas do móvel fossem capazes de suportar o peso de Erasmus. — Seu pai se divertiu?

Selina deu um bufo. — Ele desapareceu por volta da meia-noite, então acho que podemos supor que sim — respondeu ela, com o tom seco. Ela se curvou e pegou uma linda sapatilha de cetim verde, olhando ao redor para procurar pelo seu par, mas sem sucesso. Quem estava vestido de verde? Ela não se lembrava agora. Tantas damas glamourosas haviam passado pela casa ontem à noite.

— Dasher ainda está aqui?

Selina esticou a mão para pegar uma vela e se ajoelhou, esticando o pescoço para olhar embaixo de primeiro um sofá e depois do outro. — Não — disse ela, com a voz um pouco abafada. Ela suspirou quando nenhuma sapatilha foi encontrada e sentou-se direito. — Ela foi embora há mais ou menos uma hora.

— E deixou Kit aqui? — perguntou Erasmus, com um tom de voz pensativo.

Ela sorriu para ele e ficou de pé. — Isso nunca vai acontecer como você deseja, Ras, querido. Eles gostam muito um do outro, mas Kit está procurando por seu amor verdadeiro, e não tenho certeza se Dolly irá criar raízes de vez. Não importa o quanto deseje que ela o faça.

Erasmus suspirou e Selina lançou-lhe um olhar de simpatia. O homem tinha um coração romântico e queria ver todos felizes com seus pares. Ele nunca perdia uma oportunidade de ser um casamenteiro.

— E você, linda Luna? — perguntou ele, chamando-a pelo apelido carinhoso. Seu pai também a chamava de Luna, ou Lua, pois esse era o significado de seu nome. — Nenhum príncipe encantado para roubar o seu coração esta noite?

— Infelizmente, não — respondeu ela, balançando a cabeça ao se levantar. — Temo que as minhas exigências sejam demasiado numerosas e complexas para serem cumpridas. Estou resignada a ser uma dama escandalosa com uma série de jovens amantes bonitos em meu nome. Parece que se adequa suficientemente bem à Senhora Dashton. — Ela disse as palavras levemente. Erasmus conhecia-a suficientemente bem para saber que não era o que ela realmente desejava, embora parecesse ser um destino que se aproximava cada vez mais. Os homens eram uma grande decepção, em geral.

Erasmus se inclinou para frente, intrigado, e Selina recriminou-se por dizer aquilo. Ele sempre estava apresentando homens elegíveis para ela, como era de se esperar. — O que você quer, então? —

perguntou ele. — Como esse modelo de masculinidade se apresenta?

Ela bufou e foi sentar-se no braço do sofá ao lado dele antes de pensar melhor. Em vez disso, ela se curvou e empurrou uma dúzia de copos de vinho vazios para um lado da mesa de centro e se acomodou ali. — Deixe-me ver — disse ela, marcando cada item em seus dedos. Se Erasmus fosse bancar o casamenteiro — e certamente não havia como impedi-lo disso — ele poderia muito bem ter algo para se basear. — Ele precisaria ter a mente aberta e não tirar de forma alguma a minha liberdade. Eu não suportaria casar com um homem que ditasse para sempre quem eu veria e para onde eu poderia ir.

— Naturalmente — respondeu Erasmus, sentado em seu assento e assentindo. — Então, talvez um homem criativo que encoraje o seu amor pelas artes.

— Talvez — disse ela, considerando a ideia com uma carranca. — Não é importante para mim que ele tenha fortuna, embora estar sem um tostão furado não me atraia, mas ele também deve ser seguro de si e confiável. Nenhum pintor ou poeta irresponsável, por mais romântico que seja. Não quero morrer de fome num sótão sombrio. Sem ofensas.

— Não me ofendeu — disse Erasmus, com a voz séria, embora seus lábios tenham se contraído um pouco.

Selina assentiu e continuou com sua lista. — Eu quero alguém que também seja um bom amigo e companheiro, não apenas um amante. Não alguém que gastará todo o nosso dinheiro em tintas e telas sem pensar nos meus sentimentos ou se trancar durante meses enquanto comunga com a sua musa. Ele também deve ser totalmente fiel — acrescentou, com a voz severa, enquanto as grossas sobranceiras loiras de Erasmus se juntavam. — Isso *não* é negociável.

— Verdade, querida.

— Eu quero alguém que seja forte, mas que possa ser doce. Inteligente e seguro de si mesmo, com uma veia romântica, é claro. Um homem que possa curvar-se, adaptar-se e desfrutar do inesperado, mas que estará sempre presente quando eu precisar dele. Ele deve amar a arte e a poesia, ler e divertir-se, oh, e ser um bom pai para os nossos filhos. O tipo de homem que se deite no chão e brinque com eles sem temer parecer um tolo.

— Um verdadeiro modelo de homem — disse Erasmus, com o tom pensativo.

Selina soltou um suspiro. — Eu sei disso — respondeu ela. — Eu tenho seis e vinte anos e não é à toa que ainda não sou casada, sabe. — Ela lançou-lhe um sorriso irônico e ele estendeu a mão para ela.

Selina estendeu a mão e ele deu um suave beijo em seus dedos. — Vou pensar no assunto, linda Luna. Ele deve existir em algum lugar. Não descansarei até ver você feliz. Amar e ser amado é o único objetivo da vida para a minha mente.

— Sua grande manteiga derretida — disse ela, carinhosamente, para o homem grande.

Ele não negou e apenas apertou os dedos dela. — Vá para a cama, querida. Esqueça a arrumação. A confusão ainda estará aqui de manhã.

— É disso que tenho medo. — Selina deu-lhe um sorriso triste e ele riu, emitindo um som grave e caloroso que fez o sorriso dela se ampliar ainda mais.

— Eu vou ajudá-la, e Lizzie e Rupert também. Ajudaremos você a expulsar essas criaturas inúteis neste cruel amanhecer, eu prometo.

— E quem expulsará você? — perguntou ela, levantando as sobrancelhas para ele, com um tom de voz divertido.

— Oh — respondeu Erasmus, pressionando uma mão teatral contra o peito como se tivesse sido atingido por uma flecha. — Isso doeu, querida.

— Criatura ridícula — disse ela, rindo de seus dramas. — Muito bem, vou para a cama. Embora eu não tenha a menor ideia de quem ou do que possa estar espreitando a casa agora. Parece haver corpos por todo o lado.

— Tranque a porta — disse Erasmus, assentindo. Ele não estava brincando desta vez e Selina se inclinou para beijar sua testa.

— Eu vou. Boa noite, Ras.

— Boa noite, querida. Bons sonhos.

Lorde Fitzwilliam Lancaster, o quinto Marquês de Henshaw, olhou-se no espelho com um ar crítico. Não era a vaidade que o fazia inspecionar o próprio reflexo, mas sim a necessidade de garantir que tinha feito o melhor que podia. Seu cabelo era escuro, espesso e cortado de maneira impecável. Nada de estilo devasso *à la Brutus* para o marquês. Simplicidade, asseio, uma ausência de exagero e enfeites, esses eram ideais para um homem que não gostava de ostentação. Usar um colete chamativo ou amarrar sua gravata de alguma maneira complexa era um anátema para Will, que preferia ser discreto a ser notado.

— Isso será tudo, Button, obrigado — disse ele, convencido de que não poderia fazer mais melhorias em relação à sua pessoa.

— Muito bem, milorde.

Button curvou-se, um pouco rigidamente, e deixou seu patrão em paz. Will suspeitou que o ar úmido, após uma noite de chuva forte, estava fazendo a artrite do sujeito se manifestar. Nunca que Button admitiria que tinha artrite. O clima frio e úmido da primavera, combinado com o número vertiginoso de degraus no Castelo Hadley, em Dorset, seria um desafio para um homem muito mais jovem do que ele, no entanto.

Will sabia que devia levantar a questão da sua aposentadoria, mas Button dava-lhe uma sensação de segurança. O homem tinha sido valete de seu pai por muitas décadas, e embora apenas a serviço de Will por alguns meses, ele parecia saber muito sobre os assuntos relacionados a um marquês e muitas vezes acalmava as dúvidas de Will com uma palavra tranquila de segurança. Fazia-o sempre com tanta sutileza que nem sequer parecia um conselho. Um valete nunca ousaria dar opiniões ao seu patrão, é claro, mas Button o fazia, de uma forma indireta. Will não era nem arrogante nem tão obtuso a ponto de não perceber isso, pelo contrário, e ele era grato.

Os últimos meses tinham sido repletos de numerosos altos e baixos, suas emoções tenso sido golpeadas por todos os lados, deixando-o se sentindo mais velho, mais grisalho e consideravelmente menos confiante do que antes.

Tudo começou com a morte inesperada de seu irmão mais velho Hugo, o Conde de Dreighton. Tinha sido um choque terrível. Hugo tinha apenas quarenta e dois anos, embora seus anos de excessos o tivessem deixado gordo e ruborizado. Apesar do conselho de seu médico para seguir uma dieta mais leve e evitar emoções exacerbadas, ele não fez nada disso. Ele continuou a comer e beber como se cada refeição fosse sua última... até que acabou sendo.

Sua morte chocou profundamente Will. Não que tenham sido amigos. Hugh era um valentão arrogante e sempre foi filho e herdeiro de seu pai, enquanto ele e seu irmão mais novo, Ben, eram apenas peças sobressalentes. Enquanto o pai deles mimava Hugh em todos os sentidos, ele os ignorava. Ben distinguia-se por ser o mais escandaloso possível. Antes de seu recente casamento, ele era conhecido como um mulherengo e libertino de primeira ordem, ganhando assim o orgulho de seu pai como um homem que o velho marquês juraria ser a própria imagem dele.

Will instintivamente temia a notoriedade. O pensamento de pessoas falando sobre ele por qualquer motivo era suficiente para fazê-lo suar, com uma sensação doentia revolvendo suas entranhas.

Assim, Will começou a ganhar o respeito de seu pai sendo o filho

calmo e aprendendo tudo o que podia sobre o funcionamento das propriedades. Seu pai e seus irmãos podiam gastar dinheiro como se não houvesse amanhã, mas Will planejava e economizava. Ele seguia as regras da sociedade, nunca se desviando daquelas que faziam um cavalheiro, um cavalheiro. No entanto, tudo o que ele ganhou foi a falta de interesse de seu pai, que o considerava maçante, e o desprezo de seu irmão mais velho. Ele e seu irmão mais novo, Ben, sempre se deram bem, embora soubesse que Ben o considerava um arrogante também.

Será que ele estava certo?

Então, quando Hugo morreu, por alguns breves dias, Will tinha sido Conde de Dreighton. Seu pai, que estava acamado há anos, o seguiu ao túmulo em pouco tempo, tornando Will, Marquês de Henshaw.

Desde que se lembrava, Will cobiçava ambos os títulos. Ao contrário de muitos que poderiam admitir o mesmo, não era para lhe dar poder ou superioridade, muito menos que ele pudesse se impor sobre aqueles que não eram seus iguais. Ele simplesmente queria fazer o trabalho como deveria ser feito como ele *sabia* que tinha de ser feito. Era um trabalho, em sua mente, uma responsabilidade que deveria ser um fardo.

Era um fardo do qual tanto o pai como o irmão mais velho tinham fugido a vida inteira. No entanto, milhares de pessoas confiavam na gestão de suas muitas e vastas propriedades, e ele sentia o peso de suas vidas em suas mãos. Ele seria tudo o que um homem de sua posição deveria ser. Honestidade e integridade seriam a base sobre a qual ele construiria seu legado. Não haveria cantoras de ópera, nem dançarinas, nem jogos de azar, prostituição ou devassidão. O nome da família perderia sua notoriedade, as histórias escandalosas que seus irmãos e pai haviam alimentado nos rumores seriam enterradas sob o peso de sua reputação como homem de força moral e honra inquestionável.

Era seu destino restaurar o brilho a um nome há muitos anos maculado, e ele não permitiria que nada o desviasse desse caminho.

Era meio da tarde quando a carruagem do irmão mais novo de Will chegou ao Castelo Hadley. Lorde Ben Lancaster saltou da carruagem dando um sorriso a Will antes de se virar para ajudar sua esposa a descer. Dinah era uma criatura glamourosa, bonita demais para a paz de espírito de qualquer homem na opinião de Will, embora ele a respeitasse. No começo, ele ficara horrorizado ao saber do casamento de Ben com uma mulher que não fazia parte de uma

família ilustre e estava longe de ser bem-vista pela alta sociedade.

Seus ânimos foram ainda mais afetados quando seu irmão mais novo se tornou ainda mais notório ao abrir um salão de jogos, dentre todas as coisas! O conhecimento havia causado muitas noites sem dormir a Will. Isso ia contra suas intenções para o futuro, mas as mortes de seu pai e irmão mais velho ainda estavam frescas em sua memória. A vida de Ben era dele para viver, ele decidiu após dias de angustiante busca interior, e como Will realmente gostava dele, sabia que o excluir de sua vida seria algo que ele nunca poderia fazer. Além disso, parte de ser o homem honesto e moral que ele esperava ser era liderar pelo exemplo em vez de censurar os outros por comportamentos que ele não podia controlar.

Will cumprimentou ambos com prazer genuíno. Ele não via Ben desde os funerais de Hugh e seu pai, e ele aguardava ansiosamente por um período mais amigável para se reaproximar de um homem com quem tivera pouco contato nos últimos anos.

— Dinah, você está radiante como sempre — disse Will, sorrindo. As palavras também não eram bajulação. Seu irmão lhe havia confidenciado que Dinah estava grávida, e a mulher parecia brilhar por causa disso. Era óbvio que os dois não poderiam estar mais felizes e Will suprimiu uma pontada surpreendente de ciúme. Ultimamente, ele vinha pensando muito em encontrar uma esposa, e ver a felicidade evidente de Ben e Dinah apenas o deixava ainda mais inquieto.

— É bom vê-lo, Will — disse Ben, apertando sua mão com entusiasmo. — Devo chamá-lo de Henshaw agora?

Will bufou e revirou os olhos. — Como se você fosse fazê-lo, mesmo que eu o exigisse — retrucou ele, enquanto Ben lhe dava um tapa nas costas e ria.

— Bem, eu sei que você é um defensor das regras, meu irmão.

Ben piscou e Will balançou a cabeça. Ele não cairia na provocação de Ben, estava ansioso demais para vê-lo, além disso, ele era grande o suficiente para não se ofender com as brincadeiras de seu irmão. Uma imagem de si mesmo como o chefe benevolente de uma família grande e feliz preencheu sua mente por um momento e o agradou tanto que ele deu um sorriso caloroso para Ben e sua esposa.

— Estou tão feliz que vocês dois vieram. Quero que saibam que são sempre bem-vindos aqui sempre que quiserem vir.

Ben fez uma pausa e respondeu com um sorriso igualmente caloroso. — Obrigado, Will. Isso significa muito para nós.

Inundando com uma sensação de imenso bem-estar, Will conduziu-os ao enorme e extenso edifício que era o Castelo Hadley.

Chegando em português em 30 de agosto de 2024

Uma Leve Indiscrição

Sobre Mim!



Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A Chave Para Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já fez isso, saberá que publicar seu primeiro título é uma coisa terrivelmente assustadora! Eu ainda fico nervosa quando um novo título é lançado, mas agora esse terror diminuiu, finalmente. Agora, o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade suficiente para lê-los.

Que pesadelo! (Para ambas as partes, na minha opinião).

No ano de 2017, fiz minha primeira incursão no Romance Histórico e no mundo do Romance Regencial. Meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e mal posso esperar para adicionar mais títulos. Os leitores de Romance Paranormal não precisam se desesperar, pois há muito mais por vir também. Escrever tornou-se um vício e, assim que um livro termina, fico extremamente animada para começar o próximo.

Como muitas das minhas obras refletem, sou muito influenciada pela bela paisagem francesa em que vivo... Moro aqui no Sudoeste desde 1998, embora tenha nascido e crescido na Inglaterra. Minhas três lindas filhas são todas bilíngues, e eu, meu marido – Pat – e nossos quatro gatos nos consideramos extremamente afortunados por termos feito deste lugar tão lindo o nosso lar.

CONTINUE LENDO PARA DESCOBRIR MEUS OUTROS LIVROS!

Outras obras de Emma V. Leech

Patifes & Cavalheiros



Série – Patifes & Cavalheiros

Damas Ousadas



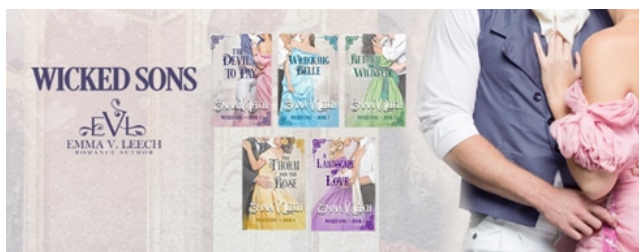
Série – Damas Ousadas

Filhas Ousadas



Série – Filhas Ousadas

Filhos Ousados



Série – Filhos Ousados

Romances Regenciais de Mistério



Série – Romances Regenciais de Mistério

A Lenda Francesa dos Vampiros



Série – A Lenda Francesa dos Vampiros

A Lenda Francesa dos Fae



Série – A Lenda Francesa dos Fae

Livros Independentes

[A Amante de Livros](#) (uma novela paranormal)

[A Menina não está para o Natal](#) (romance regencial)

Audiobooks (títulos disponíveis apenas em inglês)

Não tem tempo para ler, mas ainda precisa de uma dose de romance? A espera acabou...

Depois de muitos pedidos, garanta alguns de seus livros favoritos de Romance Regencial de Emma V. Leech em áudio, interpretados pelos incomparáveis Philip Battley e Gerard Marzilli. Vários títulos disponíveis e mais adicionados a cada mês!

Encontre-os na sua loja de audiobook favorita!



chirp



Agradecimentos

Obrigada, obviamente, à minha editora maravilhosa, Kezia Cole da [Magpie Literary Services](#)

Para Victoria Cooper, por todo o seu trabalho duro, sua obra de arte é incrível e, acima de tudo, sua paciência sem fim!!! Muito obrigada. Você é incrível!

À minha melhor amiga, assistente pessoal, torcedora de carteirinha e provedora de chocolate, Varsi Appel, pelo apoio moral, por aumentar minha confiança e por ler o meu trabalho, mais vezes do que eu. Eu te amo muito!

Muito obrigada a todas as minhas leitoras beta e apoiadoras! Vocês são as melhores!

Eu fico sempre tão feliz em ouvi-los. Por isso, sintam-se à vontade para enviar um e-mail ou uma mensagem :)

emmavleech@orange.fr

Ao meu marido Pat e à minha família... por sempre se orgulharem de mim.

As Damas Ousadas que deram início a tudo...

Damas Ousadas — A nova série emocionante de Emma V. Leech, a multipremiada escritora de romances top 10 da Amazon, por trás da série Patifes & Cavalheiros.

Dentro de cada jovem tímida e isolada, pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Doze Mulheres – Doze Desafios Inesperados. Quem ousará arriscar tudo?

Desafiando um Duque

Damas Ousadas – Livro 1



Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar o seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Tendo experimentado o sucesso escrevendo sob um nome falso na revista semanal *The Ladies*, seu alter ego está alcançando notoriedade e fama e Prue gosta bastante disso.

Um dever deve ser suportado

Robert Adolphus, o Duque de Bedwin, não tinha pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Uma esposa precisa ser encontrada. Uma esposa que não seja nem bonita nem vivaz, mas doce e sem graça, e que com certeza fique longe de problemas.

Desafiado a fazer algo drástico

O súbito interesse de um certo duque covarde é tão desconcertante como indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha agora que seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Mostrar claramente ao homem que ela não é a juvenzinha tímida que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, parece ser a oportunidade perfeita para resolver dois problemas com uma só solução.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o patife que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até hoje.

Desafiando um Duque

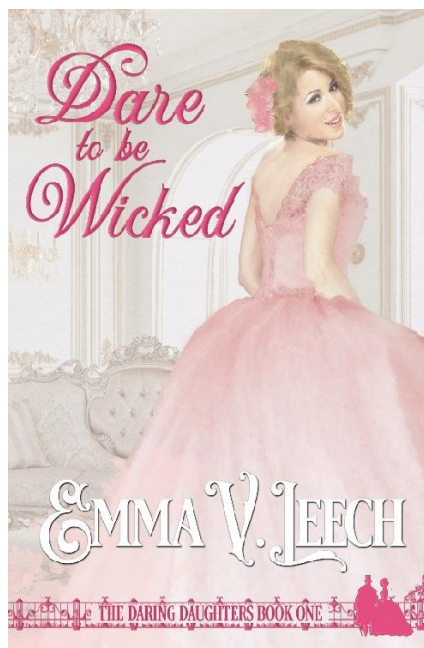
Da autora da série best-seller Damas Ousadas – Uma nova série empolgante com as filhas das Damas Ousadas...

As histórias do **Clube do Livro de Damas Peculiares** e seus desafios se tornaram lendas entre seus filhos. Quando o chapéu é redescoberto, empoeirado e abandonado, as demais ousam desencadear uma série de eventos que ecoarão por todas as famílias... e suas **Filhas Ousadas**

Excitante! Em 19 de julho de 2024, o primeiro livro da série Filhas Ousadas... pré-encomenda disponível em breve

Ousando Seduzir

Filhas Ousadas – Livro 1



Duas filhas ousadas...

Lady Elizabeth e Lady Charlotte são filhas do Duque e da Duquesa de Bedwin. Criadas por uma mãe nada convencional e um pai indulgente, um tanto superprotetor, ambas se esforçam contra a rígida moralidade da época.

A imagem elegante de uma jovem mansa e fraca, propensa a desmaiar pelo menos por provocação, é aquela que a faz ferver de frustração.

O belo amigo de infância...

Cassius Cadogen, Visconde Oakley, é o único filho do Conde e Condessa St. Clair. Amado e indulgente, ele é popular, gloriosamente bonito, e um artista talentoso.

Retornando de dois anos de estudo na França, sua amizade com as duas irmãs fica tensa quando o ciúme aumenta. Uma situação não ajudada pelos dois misteriosos franceses que o acompanharam para casa.

E a rivalidade entre irmãs...

Paixão, arte e segredos provam ser uma combinação inflamável, e alguém sem dúvida pegará fogo.

[Ousando Seduzir](#)

E apresentando a mais nova série de Emma V Leech, Filhos Ousados, seguindo as vidas e amores dos filhos das Damas Ousadas.

Aproveite mais uma incursão no mundo das Damas Ousadas e de sua prole.

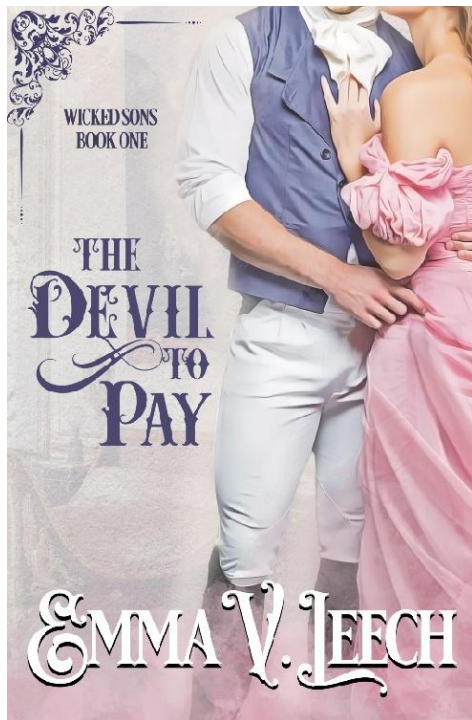
Suas mães ousaram tudo por amor.

Suas filhas fizeram o mesmo.

Algo ousado se aproxima...

Acertando as Contas com o Diabo

Filhos Ousados – Livro 1



Um Filho Ousado...

Alto, moreno e bonito, ridiculamente rico e herdeiro de um título. Com tantas bênçãos em sua vida, para este Filho Ousado, não há muito sentido em ser mais do que um enfeite. Ou pelo menos... é isso que todos acreditam, mas esse homem tem um segredo. Sendo um homem de sua posição, se alguém descobrisse que ele é o misterioso autor de *Os Fantasmas do Castelo Madruzzo*, seria motivo de chacota.

Seu primeiro romance foi um tremendo sucesso, e embora as vendas tinham sido excelentes, ele está ciente de que nunca mais atingiu completamente a dinâmica daquele primeiro livro. Seus leitores parecem não se importar e clamam por mais, mas uma certa

crítica continua a atormentá-lo com críticas ruins. De alguma forma, ela adivinhou que ele é um nobre e se deleita em encontrar falhas em seus personagens menos afortunados.

Passar um tempinho disfarçado deve resolver o problema, para provar a si mesmo e à dama que ele é nada menos que dedicado à sua arte.

Uma dama a ser levada em consideração...

Como a mais velha – e única sensata – em uma família abarrotada, Selina Davenport está lutando para manter a sanidade. A última coisa que ela precisa é da presença em sua vida de um nobre privilegiado fingindo ser algo que não é. Até parece que ela não tinha percebido à primeira vista que ele não era o simples jardineiro que tinha fingindo ser. Que palerma.

Isso não significa que ela não esteja preparada para se divertir um pouco à custa dele.

Um jogo que sai do controle...

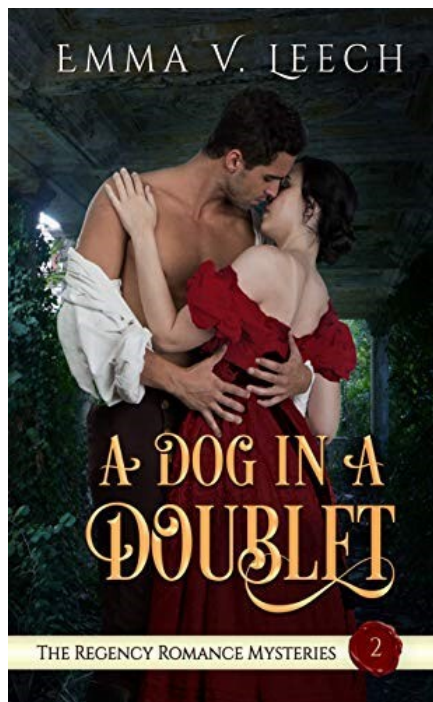
Mas quando um objeto imóvel encontra um desafio irresistível, as faíscas estão destinadas a voar, mas será que elas irão incendiar tudo ao seu redor?

[**Acertando as Contas com o Diabo**](#)

Gosta de Romances Regenciais com reviravoltas?

O Lorde Indomável

Romances Regenciais de Mistério – Livro 2



Um homem com um passado

Harry Browning era uma criança de rua órfã, e na manhã em que se deparou com o idoso Alexander Preston, o Visconde Stamford, agarrado a uma parede rochosa íngreme, ele não acreditou no destino. Mas os destinos têm planos para Harry, quer ele acredite ou não, e ele não está inteiramente certo se os aprecia.

Como recompensa por sua bravura, e em um momento incomum de caridade, o avaro Lorde Stamford o acolhe. Ele é ensinado a ler, a administrar a vasta e deteriorada propriedade, e a se comportar como um cavalheiro, mas Harry sabe que isso é algo que ele nunca será verdadeiramente.

Fugindo de um passado sombrio, seu futuro está se tornando cada vez mais complexo quando ele se vê preso em uma teia de ciúme e vingança.

Uma jovem intrépida

A tentação, na forma da encantadora Senhorita Clarinda Bow, é uma ameaça constante à sua paz de espírito, tentando-o a ser algo que ele não é. Mas quando o velho morre, seu testamento tem uma

exigência surpreendente, e os destinos podem dar a Harry a chance de ter tudo o que sempre desejou, incluindo Clara, se ele ousar.

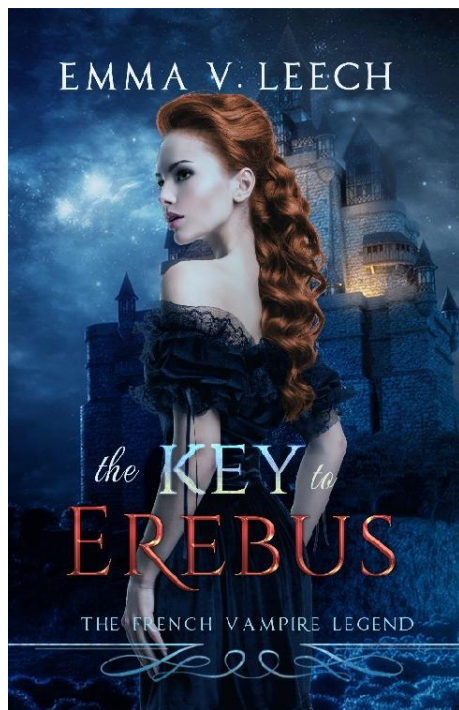
E à medida que aqueles próximos à família Preston começam a morrer, Harry pode não ter escolha.

O Lorde Indomável

Perca-se no mundo paranormal de Emma com a série A Lenda Francesa do Vampiro...

A Chave para Erebus

A Lenda Francesa do Vampiro – Livro 1



A verdade pode matar você.

Quando criança, é levada para longe para uma vida em que os vampiros, faes e outras criaturas míticas são reais e traiçoeiras. Ao regressar à França rural, Jéhenne Corbeaux, a bela jovem bruxa, está totalmente despreparada para viver com a sua excêntrica avó.

Lançada de cabeça em um mundo sobre o qual ela nada sabe, procura descobrir a verdade sobre si mesma. Nessa jornada, descobre segredos mais chocantes do que qualquer coisa que jamais poderia ter imaginado e conclui que não é, de forma alguma, impotente para proteger aqueles que ama.

No entanto, apesar das terríveis advertências de sua avó, é inexoravelmente atraída pela figura sombria e aterrorizante de Corvus, um antigo vampiro e mestre da vasta família Albinus.

Jéhenne está prestes a encontrar as respostas que buscava e a descobrir que Corvus não somente é muito mais perigoso do que ela jamais poderia imaginar, mas também que ele detém muito mais do que a chave do seu coração...

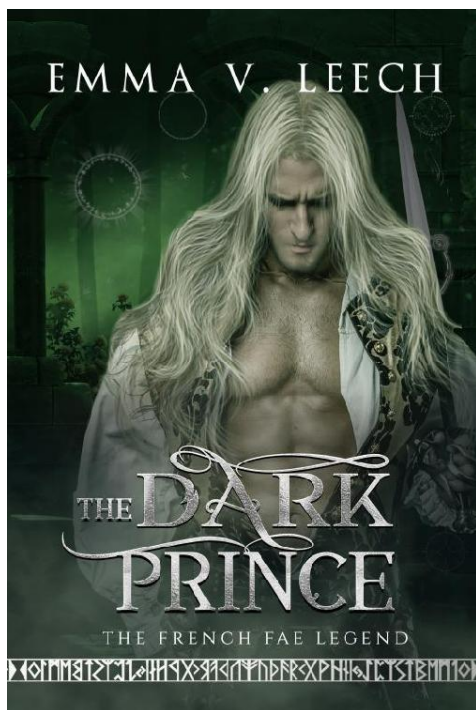
disponível em seu revendedor favorito

A Chave para Erebus

Confira a emocionante série de fantasia de Emma, aclamada pelo Kirkus Reviews como “*uma fantasia encantadora com uma heroína simpática, intriga romântica, e floreios narrativos inteligentes*”.

O Príncipe Sombrio

A Lenda Francesa dos Fae – Livro 1



Dois Príncipes Fae

Uma Mulher Humana

E um mundo pronto para separá-los.

Laen Braed é o Príncipe dos Dark Fae, com um temperamento e uma reputação que combinam com seus olhos negros e um coração que despreza a raça humana. Quando é enviado de volta, através dos portões sagrados entre os reinos, para recuperar um antigo artefato Fae, ele volta para casa com muito mais do que esperava.

Corin Albrecht, o mais poderoso príncipe Fae já nascido. Dizem que seus olhos dourados são uma dádiva dos deuses, e o destino o chama. Com um amor profundo pelo mundo humano, seu relacionamento com Laen está sendo destruído pelos preconceitos de seu amigo.

Océane DeBeauvoir é uma artista e encadernadora que sempre confiou em sua imaginação fértil para superar uma vida infeliz e sem aventuras. Um punhal com joias exposto em um museu próximo chega

às manchetes com especulações sobre uma outra raça, os Fae. Mas a descoberta também inspira Océane a criar uma extraordinária obra de arte que não pode ser confinada às páginas de um livro.

Com dois homens poderosos disputando sua atenção e a amizade deles chegando ao limite, Océane precisa decidir em quem confiar... e qual deles é realmente o Príncipe Sombrio.

O homem dos seus sonhos está chegando... ou são os seus pesadelos que ele visita? Descubra no primeiro livro da Lenda Francesa dos Fae.

disponível em seu revendedor favorito

[O Príncipe Sombrio](#)

Quer mais Emma?

Se você gostou deste livro, por favor, apoie essa autora independente e reserve um momento para deixar algumas palavras em uma avaliação.

Obrigada!

Para manter-se informado sobre ofertas especiais e ofertas gratuitas (o que faço regularmente), siga-me em: <https://www.bookbub.com/authors/emma-v-leech>

Para saber mais e receber notícias prévias do primeiro capítulo dos meus próximos trabalhos, entre no meu site e inscreva-se na newsletter:

<http://www.emmavleech.com/>

Ou siga-me aqui:

<http://viewauthor.at/EmmaVLeechAmazon>